

SÃO PEDRO DE MOEL

UM REFÚGIO MODERNO . Volume 1



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Apresentada ao

Departamento de Arquitectura da FCTUC

Orientador: Professor Doutor Pedro Maurício Borges

Emmanuella Silva da Quinta

Coimbra, Julho de 2010



Fig. 01. Vista geral de S. Pedro de Moel, 1947.



Fig. 02. Trecho da Rua Dr. Adolfo Leitão, 1950.

Onde a terra se acaba e o mar começa

*Onde a terra se acaba e o mar começa
é Portugal;
simples pretexto para o litoral,
verde nau que ao mar se arremessa.*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
a Estremadura está,
com o verde pino que em glória floresça,
mosteiros, castelos, tanta pátria ali há!*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, 'té que o sol esmoreça,
novas da minha Pátria – além, além!...¹*

¹ Poema de Afonso Lopes Vieira em AZAMBUJA, João Rosa - *Cidade da Marinha Grande: subsídios para a sua história*. 1998. p. 60-1.

AGRADECIMENTOS

Ao Rui por me ter acendido a paixão por S. Pedro de Moel e por estar sempre e incondicionalmente do meu lado.

À família, pai, mãe, irmãs, cunhadinhos, Nelinha e “avós” Adriano, La-Sallete e Gracinda, pela força e apoio constante. Um agradecimento especial ao Carlos pela paciência.

Ao Francisco pelos sorrisos.

Ao Professor Doutor Pedro Maurício Borges pela orientação neste trabalho.

À Susana Lobo pelas conversas esclarecedoras e pela preciosa ajuda.

A todos os Amigos do Darq, em especial à Catarina, Cátia, Daniela, Filipa, Gil, Helena, Isabel, Mari, Mini e Nucha. Agradecimento particular à Ju e à Teresa pela ajuda.

À Câmara Municipal da Marinha Grande, nomeadamente ao Arquivo e ao Miguel Afonso, à Divisão de Ordenamento e Planeamento Urbanístico - Helena Godinho e ao departamento de cópias, pois sem estes apoios nunca teria sido possível a execução desta dissertação.

Aos arquitectos Frederico Barosa e Marco Clemente por me facultarem os seus levantamentos.

Ao Sr. José Ferreira da Papelaria “Alibaba” pelo serviço prestado na digitalização dos desenhos.

À D. Arméne Baroseiro e à Nô (Maria Leonor) por me terem aberto o seu álbum de memórias e deixarem conhecer um pouco da vida e obra do Sr. António Baroseiro.

Ao arquitecto José Luís Tinoco.

A todas as pessoas que com a sua hospitalidade me abriram as portas das suas casas, nomeadamente:

Ao Arquitecto Gonçalo Sousa Byrne.

À D. Maria Helena Birne Freire Gameiro e ao marido Sr. Heinz-Josef Ulrich.

Ao Sr. Fernando Ferreira Real e à D. M^a João.

À D. Maria Helena Rodrigues Lopes Rosa e ao arquitecto Raul Rosa.

Ao Sr. Manuel Mateus Frazão.

Ao Sr. José Dinis Rodrigues.

À D. Orlanda Marlene de Jesus Brás e aos filhos.

À D. Natália Moreira Duarte Carvalhal de Abreu Oliveira e aos filhos.

Ao Sr. Falkenberg Santos e D. Teresa Santos.

À D. Francisca e Júlio Ferreira.

À D. Sílvia Shruballs.

Ao arquitecto Luís Marçal Grilo e à D. Maria Filomena Quilhó Marçal Carrega.

Ao Sr. António Soares e à esposa Dina Silva.

Ao Sr. Eduardo Silva e D. Célia Ramadas.

Ao Sr. François Etienne Font e à D. M^a do Rosário Morais Font.

Introdução	
Motivações e objectivos	9
Estado da arte	13
Metodologia	15
1. O moderno em Portugal, contextualização	
1.1. Contexto geral	21
1.2. Contexto da casa de férias	27
2. São Pedro de Moel, apresentação	
2.1. Enquadramento Geográfico	33
2.2. Enquadramento Histórico	35
2.3. Evolução urbana	
2.3.1. Instrumentos de planeamento	41
2.3.2. As fases de maior evolução	43
3. São Pedro de Moel, a Arquitectura Moderna	
3.1. Introdução	49
3.2. Os dados das fichas	55
3.3. Representação	
3.3.1. Os próprios desenhos	67
3.3.2. Desenho do espaço	71
3.4. Programa: redução, concentração e simplificação	77
3.5. Espaço	
3.5.1. Abertura da casa para o exterior e valorização do tempo de lazer	85
3.5.2. Movimento emotivo - espacial ou <i>promenade architecturale</i>	93
3.5.3. Movimento funcional - prático	97
3.6. Composição	
3.6.1. Volumetrias e contornos	99
3.6.2. Vãos e protecções	111
3.7. Os anos 60: evolução crítica	121
Considerações finais	141
Bibliografia	155
Proveniência de imagens	167
Anexos	173

MOTIVAÇÕES E OBJECTIVOS

As minhas raízes, próximas da praia de S. Pedro de Moel, fizeram com que desde pequena visitasse esta povoação, sem no entanto me aperceber do que me fazia gostar tanto daquele local. Ao longo dos anos desenvolvi uma aproximação, quase familiar, com esta praia e com as suas construções. Quando numa aula de projecto do primeiro ano, do curso de arquitectura da FCTUC, se fala do traçado urbano deste aglomerado, aumenta o interesse em estudar melhor este pequeno centro. À medida que fui avançando no curso e os meus conhecimentos arquitectónicos foram ficando mais consolidados comecei a aperceber-me que parte da “magia” de S. Pedro se devia ao facto de se poderem identificar vários exemplos de arquitectura reveladores daquilo que foi a arquitectura portuguesa no último século.

Inicialmente, o objectivo deste trabalho passaria por um estudo urbanístico com o intuito de perceber a evolução do aglomerado urbano, tal como, estudar vários exemplos de arquitectura presentes nesta povoação. Este trabalho revelar-se-ia muito extenso e tive que escolher apenas um dos temas. Para isso, ajudou ler uma prova final sobre o assunto que já analisava intensamente o estudo urbanístico do aglomerado.

Assim sendo, o tema específico da tese centrar-se-á nas habitações construídas dentro do “Estilo² Moderno” edificadas em S. Pedro de Moel no período decorrido entre 1947, data da execução do antepiano de urbanização, e 1974, ano em termina o regime do Estado Novo, o que coincide com uma mudança no rumo da arquitectura. Os casos que se analisarão com maior detalhe serão aqueles que fizeram parte do perí-

² Estilo: por extensão, significa o conjunto de formas ou modos estéticos caracterizando uma dada época (ex.: estilo gótico ou estilo romântico). Definição em RODRIGUES, Maria João Madeira [et al.] - *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. 2005. p. 127.

odo de grande construção e desenvolvimento do aglomerado entre as décadas de 50 e 70. Esses serão os exemplos que, de certa forma, vão ao encontro da arquitectura que os arquitectos defenderam no *I Congresso Nacional de Arquitectura* em 1948.

Talvez pelo atrofamento político e pela situação de periferia que se vive em Portugal (no período estudado), este tipo de arquitectura ficou conhecido por ‘moderno escondido’.³ Na realidade, a catalogação dos edifícios em que se aplicou uma linguagem moderna é ainda reduzida e resume-se, na sua maioria, aos casos já destacados em meios de comunicação da época (revista *Arquitectura*, por exemplo). Daí o interesse especial em se fazer a análise desses edifícios Modernos que se encontram em S. Pedro de Moel, revelando a identidade do ‘moderno escondido’ que por este país continua à espera de ser encontrado.

A análise destas obras tem como objectivo perceber até que ponto se pode reconhecer uma Arquitectura Moderna em S. Pedro de Moel. Associado a este tema pretende-se perceber, através da elaboração de fichas de análise, o funcionamento da habitação de férias e fim-de-semana, numa altura em que as preocupações com o turismo e a arquitectura de lazer começam a surgir no panorama Nacional.

3 Expressão usada por CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima (no título da exposição editada em livro) - *Moderno escondido: arquitectura das centrais hidroeléctricas do Douro 1953-1964: Picote, Miranda, Bemposta*. 1997. capa.

ESTADO DA ARTE

Sobre a arquitectura, propriamente dita, em S. Pedro de Moel, pouco tem sido escrito ou tratado. As obras encontradas fazem referência à história deste aglomerado nomeadamente, o autor Artur Barros escreve em 1989 *Subsídios para uma monografia de S. Pedro de Moel*, onde enumera um conjunto de dados históricos importantes para perceber a evolução do aglomerado, tal como conhecer melhor a sua população. Noutras obras como, *Cidade da Marinha Grande - Subsídios para a sua história*, de João Rosa Azambuja, ou *Memórias da Marinha Grande*, de Joaquim Barosa, fazem-se referências pontuais, também à história e geografia do aglomerado.

Relativamente ao planeamento urbano, a arquitecta Ana Filipa Ferreira, na sua prova final (FAUP 2002), faz um estudo exaustivo sobre a evolução do traçado urbano deste aglomerado, deixando em aberto o tema da arquitectura em S. Pedro.

O tema da arquitectura Moderna em Portugal encontra-se analisado em diversas obras importantes no estudo da arte e arquitectura portuguesa do século XX. A consulta dessas obras será relevante para contextualizar o fenómeno do Movimento Moderno ou Estilo Internacional em Portugal e para poder fundamentar as possíveis conclusões decorridas, aquando da análise dos casos de estudo escolhidos. As obras de maior referência para a análise da arquitectura (Moderna) executada nas décadas de 50 e 60 são: *Os Verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*, de Ana Tostões, *Percurso - arquitectura portuguesa - 1930-1974* de Sérgio Fernandez e a tese de doutoramento apresentada à Universidade de Arquitectura do Porto por Rui Jorge Garcia Ramos intitulada *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa - mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. Deste modo, estas obras vão acompanhar toda a análise que se faz dos casos de estudo seleccionados em S. Pedro de Moel.

METODOLOGIA

A dissertação será elaborada considerando essencialmente a pesquisa bibliográfica e a produção de material gráfico (método documental e de campo), de forma a analisar especificamente as habitações construídas dentro do “Estilo Moderno”, em S. Pedro de Moel.

Para se conseguir estudar objectivamente estes edifícios foi indispensável consultar os seus processos, disponíveis no Arquivo Municipal da Marinha Grande. Aqui, consultaram-se cerca de duzentos processos que deram entrada na Câmara Municipal da Marinha Grande para a construção de casas em S. Pedro de Moel no período de tempo já referido (1947-1974). Da mesma forma, acedeu-se ao antepiano de urbanização de 1947 e a sua revisão de 1962.⁴ Destes cento e noventa e seis processos, apontou-se, sempre que possível, o seu requerente e localização.⁵ Desses projectos, apenas se seleccionaram os que poderiam ter algumas características ligadas ao vocabulário moderno, para que mais tarde se pudessem escolher os exemplos que melhor identificassem o tema da arquitectura moderna. Assim, chegou-se aos 27 casos de estudo finais, sendo estes que complementam a análise desenvolvida.

Para analisar estes casos equitativamente, foi executada uma ficha onde se identifica o edifício, através do seu requerente, autor, data de projecto e de construção, área de implantação do edifício e área da propriedade. Seguidamente passou-se à caracterização arquitectónica onde se recolheram dados como: localização, tipo de implantação, tipologia, distribuição funcional e caracterização relativa ao número de pisos, à cobertura, às aberturas e aos materiais. Nessa ficha apresentam-se os desenhos (planas, cortes e alçados) essenciais para uma análise mais aprofundada destas habitações.

4 Ver anexos 2, 3 e 4.

5 Ver anexo 5.

Essas fichas apresentar-se-ão num segundo volume para que estejam acessíveis mais facilmente no decurso da leitura desta monografia.

De forma a complementar a análise tiraram-se fotografias do exterior das casas e sempre que possível visitou-se o interior. Em breves conversas com os actuais proprietários, abriram-se portas a curiosidades e esclarecimentos que, de certa forma, ajudaram a uma melhor compreensão dos edifícios e das histórias que contam. Algumas dessas fotografias ficaram registadas na ficha de análise e outras foram inseridas ao longo da dissertação.

Efectivamente, estes propósitos resultam da subdivisão do trabalho em três capítulos principais. O primeiro contextualiza o Movimento Moderno entre os arquitectos portugueses, principalmente, a fase de maior maturidade após o Congresso Nacional de Arquitectura em 1948. A casa de férias aparece aqui com destaque especial, por se tratar da tipologia (maioritariamente) analisada nas moradias de S. Pedro de Moel. O segundo capítulo trata do enquadramento geográfico, histórico e urbano do aglomerado. O capítulo fundamental (terceiro) será então dedicado ao estudo das casas que se enquadram no estilo moderno edificadas na década de 50 e 60.

1. O MODERNO EM PORTUGAL, CONTEXTUALIZAÇÃO

A CARTA DE ATENAS

A quarta reunião dos urbanistas e arquitectos que, de todo o Mundo, deram a sua adesão ao C. I. A. M. (Com. gresias Internacional de Arquitectura Moderna) realizou-se em 1932 a bordo de um navio, em cruzeiro pelo Mediterrâneo e tendo Atenas como porto de destino.

Dessa reunião, em que se levou a cabo o trabalho extenso de analisar trinta e três cidades de dezasseis países, sob os mais diversos aspectos, através de plantas, gráficos, etc., resultou um documento notável, cuja publicação iniciamos neste número.

Trata-se das conclusões tiradas dessa análise e das medidas de ordem geral propostas para fazer face ao lamentável estado de coisas a que se chegou nos núcleos urbanos, em matéria de condições de vida.

Ja vão decorridos mais de quinze anos desde a elaboração da «Carta de Atenas» e a sua actualidade e o seu interesse aparecem cada vez maiores.

«A Carta de Atenas», como se fez numa recente publicação francesa de onde traçámos o respectivo texto e os comentários com que o grupo C. I. A. M. - FRANÇA o fez acompanhar — sobre todas as portas do urbanismo dos tempos modernos». É uma resposta ao presente caso das cidades. Nas mãos das autoridades, porventura, esclarecidas e suficientemente, é o instrumento com o qual o destino das cidades será refundido.

A CIDADE NÃO É MAIS DO QUE UMA PARTE DO CONJUNTO ECONÓMICO, SOCIAL E POLÍTICO, QUE CONSTITUI A REGIÃO.

A unidade administrativa coincide raramente com a unidade geográfica, isto é, com a região.

A demarcação territorial administrativa das cidades tem podido ser arbitrária desde o começo, ou tendo vindo a ser ulteriormente quando, por continuidade de crescimento, alcançou e depois englobou outras comunas.

Esta demarcação artificial opõe-se a uma boa administração do nosso conjunto. De facto, certas comunas suburbanas puderam adquirir inesperadamente um valor, positivo ou negativo, imprevisível, não só tomando-se a sede de residências lúxuosas, como acolhendo centros industriais intensos, ou ainda amontoando populações trabalhadoras miseráveis.

Os limites administrativos que compartimentam o complexo urbano, tornam-se então paralisantes.

Um aglomerado constitui o núcleo vital de uma extensão geográfica, cujo limite é constituído pela zona de influência de um outro aglomerado. As suas condições de vida estão determinadas pelas vias de comunicação que asseguram as trocas e o ligam intimamente a sua zona particular.

NÃO SE PODE ENCARAR UM PROBLEMA DE URBANISMO SENÃO REPORTANDO SE CONSTANTEMENTE AOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA REGIÃO e principalmente à sua geografia, chamada a desempenhar nessa tarefa um papel determinante: linhas de divisão das águas, camadas virinhas desenhando um contorno natural que confirme as vias de circulação naturalmente inscritas no solo.

Nenhum empreendimento pode ser considerado se não se adaptar aos destinos harmoniosos da região.

O PLANO DA CIDADE NÃO É MAIS DO QUE UM DOS ELEMENTOS DESTA TODO QUE CONSTITUI O PLANO REGIONAL.

2 JUSTAPOSTOS AO ECONÓMICO, AO SOCIAL E AO POLÍTICO, VALORES DE ORDEM PSICOLÓGICA, LIGADA À PESSOA HUMANA, INTRODUZEM NA DISCUSSÃO PREOCCUPAÇÕES DE ORDEM INDIVIDUAL E ORDEM COLECTIVO - A VIDA SÓ SE ALARGA NA MEDIDA EM QUE SE CONCILIAM OS DOIS PRINCÍPIOS CONTRADITÓRIOS QUE REGEM A PERSONALIDADE HUMANA: O INDIVIDUAL E O COLECTIVO.

Isolado, o homem sente-se desarmado; por isso se prende sempre, espontaneamente, a um grupo.

Abandonado às suas próprias forças, não constrói mais do que a sua cabana e levava, na insegurança, uma vida sujeita a perigos e fadigas, agravadas com todas as angústias da solidão.

Incorporado no grupo, sente passar sobre si a regulação de regras inevitáveis, mas, em troca, está seguro, em certa medida, contra a violência, a doença, a fome; pode sonhar em melhorar a sua habitação e saciar também a necessidade profunda da vida social.

Tornado elemento constitutivo de uma sociedade que o mantém, colabora directa ou indirectamente nos mil empreendimentos que asseguram a vida física e desenvolvem a vida espiritual.

As suas iniciativas acabam por ser mais frutuosas e a sua liberdade, melhor defendida, não se detém senão onde ela pode ameaçar a dos outros.

Fig. 03. Primeira parte da tradução da Carta de Atenas pela revista Arquitectura, 1948.

1.1. CONTEXTO GERAL

Os primeiros arquitectos de expressão moderna, formados no ambiente cultural da República, foram aqueles que, no final dos anos 20 e início dos anos 30 levaram a cabo as primeiras obras que adaptam exemplos importados, como o futurismo, o expressionismo ou o racionalismo. Ao mesmo tempo, eram responsáveis por edifícios que evocam a via historicista da “Casa Portuguesa”, enunciada por Raul Lino.

Inicialmente, o Movimento Moderno internacional (anos 20) começou por interessar ao regime, mas rapidamente os valores classizantes e nacionalistas ganham força. Assim, durante a consolidação do poder (durante a década de 30), a arquitectura representativa do Estado adoptou a via dos nacionalismos europeus, nomeadamente da ditadura alemã e italiana.

O final da década de 40 é significativo para a reflexão da arquitectura em Portugal. Algumas organizações, como as *Gerais*, o *ICAT* e a *ODAM*, foram essenciais para a divulgação da “nova” arquitectura, tornando-se depois fundamentais para o sucesso da realização do *I Congresso Nacional de Arquitectura* em 1948. Assim, as *Gerais* comportaram o papel fundamental na análise da arquitectura e na sua relação com outras artes, numa luta contra o formalismo e compromisso por um desenho funcional, directo e simples. O *ICAT* (Iniciativas Culturais Arte Técnica) adquire a revista *Arquitectura*, que se converteu num instrumento de divulgação do que de novo se produzia, sendo Keil do Amaral a figura dinamizante. Uma série de novos projectos da nova geração são aí publicados, tal como novos planos de urbanismo e ainda a tradução da “Carta de Atenas”. A *ODAM* (Organização Dos Arquitectos Modernos) assume-se claramente do lado da arquitectura moderna, onde se discute a adopção ideológica dos cânones do Movimento Moderno.

O Movimento Moderno na Arquitectura portuguesa define-se no quadro da

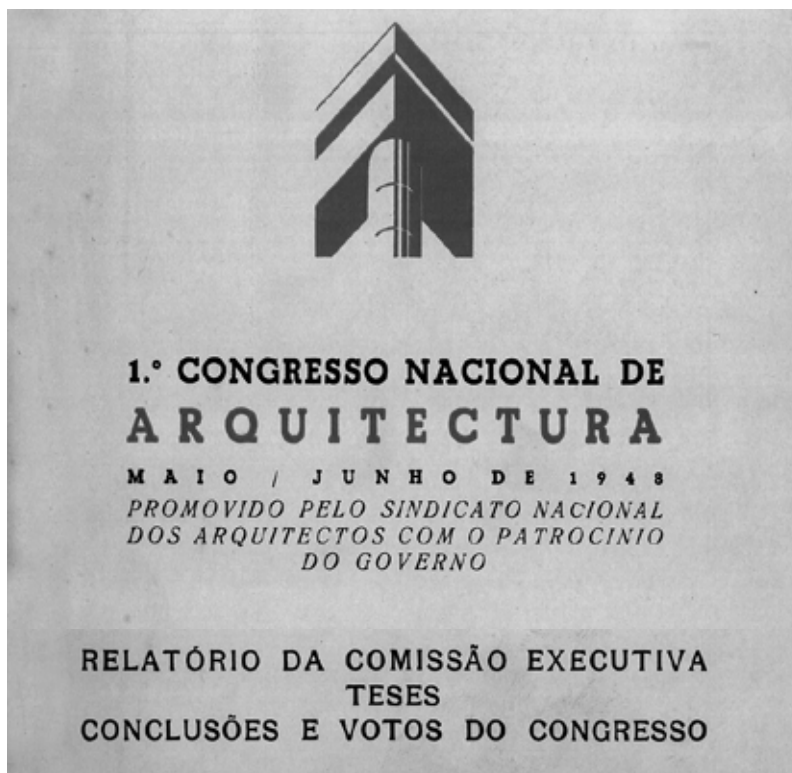


Fig. 04. Relatório do I Congresso Nacional de Arquitectura, 1948.

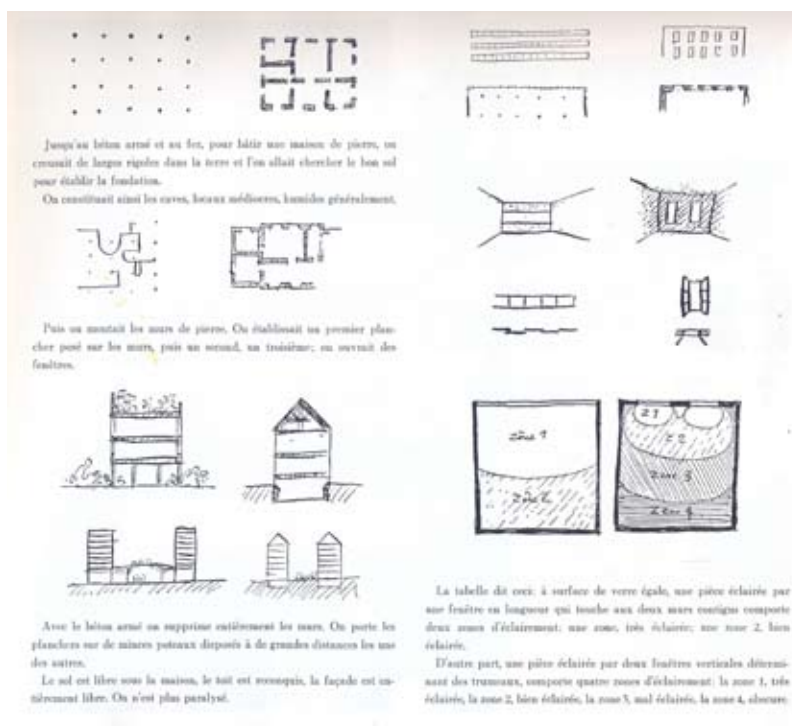


Fig. 05. Explicação dos Cinco Pontos para uma Nova Arquitectura, enunciados por Le Corbusier.

utopia social, constituindo-se essencialmente como uma frente moderna de oposição ao regime. É neste quadro de luta que se afirma o conjunto de princípios do movimento moderno no *I Congresso Nacional de Arquitectura* em 1948. Este foi um momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos. Jorge Segurado defende a arquitectura como condensador social, explicitando as vantagens sociais da “Unidade de Habitação”. Já Teotónio Pereira defende que, a arquitectura deve servir toda a população, abrangendo todo o mundo de formas desde o desenho do quarto ao das cidades. Começa-se a ter então consciência da necessidade da figura do plano director. “*Para centena e meia de arquitectos reunidos neste congresso a tarefa era clara: o arquitecto tinha a responsabilidade e a função social de manter o equilíbrio da sociedade*”.⁶ Uma das conclusões a que se chega no final do congresso é que, a arquitectura se deve exprimir por uma linguagem internacional, sendo a arquitectura e urbanismo modernos a solução do problema da habitação em Portugal.

Depois do congresso assiste-se à aceitação do Movimento Moderno, e na primeira metade da década de 50, uma pequena parcela da arquitectura que se ergue em Portugal baseia-se formalmente no “Estilo Internacional” e ideologicamente no funcionalismo. A arquitectura moderna revela-se um instrumento de contestação ao regime e ao regionalismo, o qual vinha sendo incentivado pelo Estado. No entanto, esta arquitectura não perdeu os valores da tradição e das raízes da arquitectura portuguesa, e os modelos importados são recriados com alguma originalidade. Os anos 50 revelam-se um período rico na produção arquitectónica em Portugal. Por um lado, adoptam-se os princípios do Movimento Moderno e por outro retoma-se o valor da memória dos utentes, num processo de identidade, numa tendente superação do “Mito Modernista”, dos anos 20/30.

Os *Cinco Pontos para uma Nova Arquitectura*, tal como a *Carta de Atenas*, marcaram profundamente a geração do pós-guerra, mas, mais uma vez, esta geração assi-

6 TOSTÕES, Ana - *Os Verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*. 1997. p. 38.

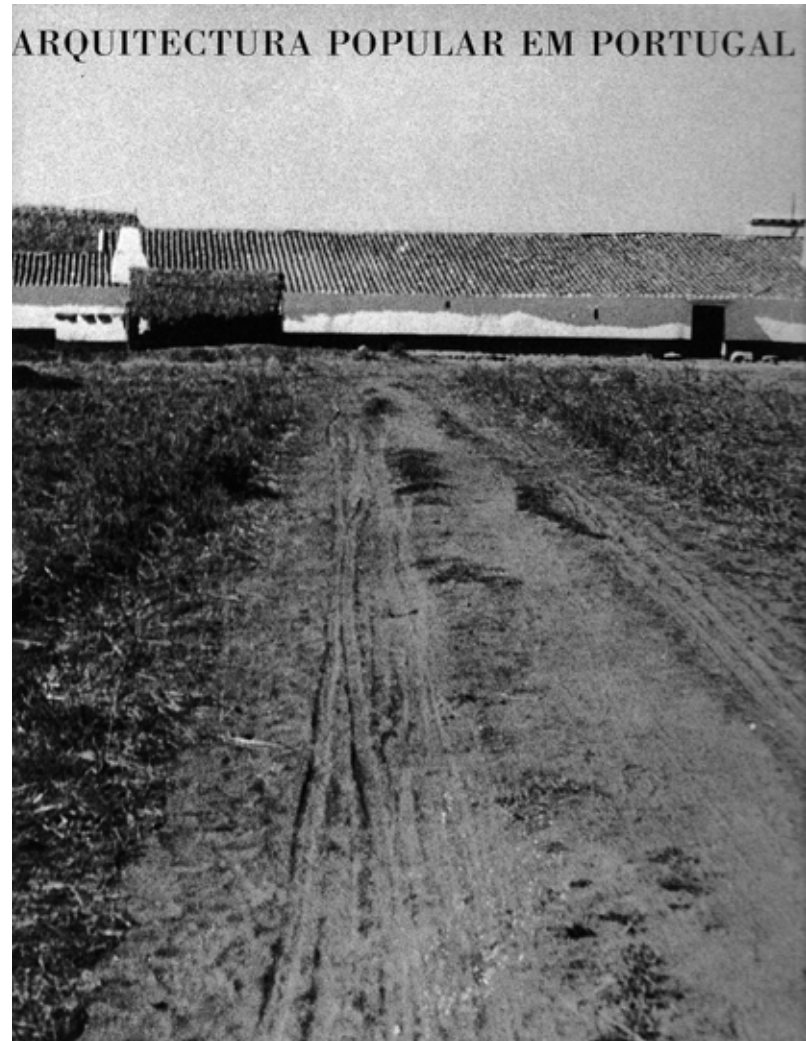


Fig. 06. Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, 1961.

milou de forma crítica estas premissas, adaptando-as aos meios tecnológicos nacionais e à realidade cultural portuguesa.

Os últimos anos da década de 50 são anos de revisão do Movimento Moderno ou Estilo Internacional. O arquitecto racionalista vai dar lugar a um arquitecto com maior sensibilidade pelo meio, criando uma linguagem própria. A fusão dos desígnios modernos com a cultura, contexto e identidade nacional, levou à concretização de uma obra fundamental - o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*. Este, veio a revelar-se o evento disciplinar mais importante da década, uma vez que veio dar a conhecer a história real, o saber popular e os valores intemporais da arquitectura portuguesa. Ao visitarem os sítios, os arquitectos observam as formas de povoamento, os modos de apropriação do espaço na diversidade do território nacional, constituindo a base para a estruturação de um movimento capaz de vencer o racionalismo funcionalista. O Inquérito permitiu reflexões sobre o espaço interno na concepção da forma, a recuperação da morfologia do tecido urbano, na visão mais sociológica e também interdisciplinar dos programas da casa, dos equipamentos, em suma, da arquitectura. Na sequência do Inquérito, a partir da década de 60, novas correntes europeias começam a ser difundidas, nomeadamente, o “brutalismo”, o “organicismo” italiano, na sua variante de “neo-liberty” e ainda o “neo-empirismo” nórdico.

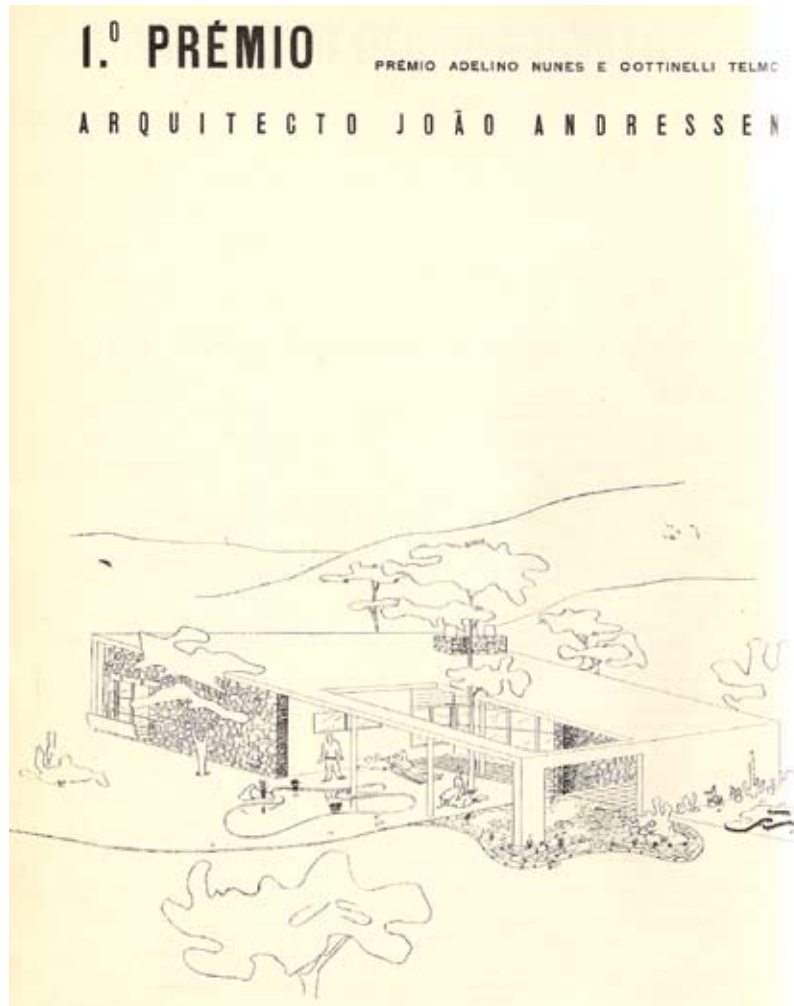


Fig. 07. 1.º prémio do concurso para uma casa de férias no Alto do Rodízio, João Andressen, 1948.

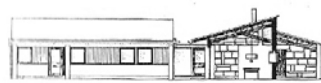


Fig. 08 e 09. Casa Dr. Ribeiro da Silva, Fernando Távora, Ofir, 1957. Vista (em cima).
Corte (em baixo)

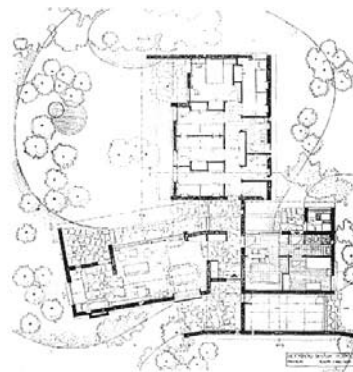


Fig. 10. Casa Dr. Ribeiro da Silva, Fernando Távora, Ofir, 1957. Planta.

1.2. CONTEXTO DA CASA DE FÉRIAS

“A casa de veraneio ou de fim de semana, destinada a pequenas estadias, diferencia-se da vivenda de sentido urbano por não se tratar de uma residência de permanência, por isso com uma maior simplicidade ao mesmo tempo que se procura, como objectivo primeiro, a integração na Natureza, valorizando sentido de sitio, genius locci”.⁷

Numa altura em que a grande casa de veraneio já não fazia sentido, procurava-se o modelo de casa mínima como novidade programática. A vontade de encontrar modelos para a tipologia da casa de férias levou a que a revista *Arquitectura*, no ano de 1947 publicasse um concurso para jovens arquitectos, que João Andressen vence com uma casa de férias “portuguesa” e “moderna”.

Na casa de veraneio são adoptados os modelos internacionais, especialmente os da arquitectura modernista brasileira. Este modelo é copiado do Algarve a Aveiro.

A casa Dr. Ribeiro da Silva (1957) em Ofir, da autoria de Fernando Távora, anuncia “[...] sinais de diferente entendimento, que têm a ver com a arquitectura que se faz em contexto nortenho e com preocupações de sentido mais regional, ligadas aos valores vernáculos numa atitude dialogante baseada numa posição racionalista e simultaneamente crítica, num desejo de reconciliar a tradição com a modernidade, acusando uma sensibilidade aos valores das tradições locais, para ensaiar uma renovação do vocabulário e das ideias em nome da modernidade”.⁸ Esta casa é uma proposta de reconciliação entre a tradição e o moderno, onde Távora ensaia uma linguagem própria, próxima da arquitectura espontânea da região, não deixando de obedecer às premissas de uma casa

7 TOSTÕES, Ana - *Os verdes anos na arquitectura Portuguesa dos anos 50*. 1997. p. 66.

8 TOSTÕES, Ana - *Os verdes anos na arquitectura Portuguesa dos anos 50*. 1997. p. 68.

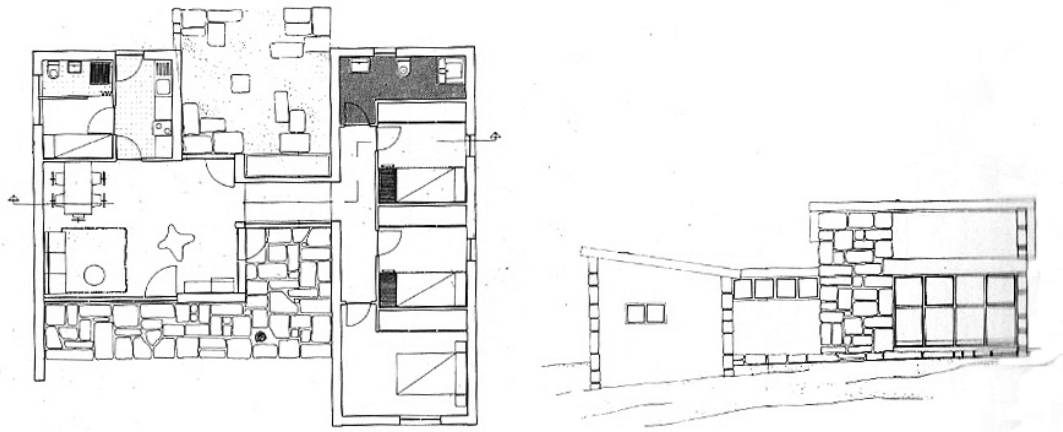


Fig. 11. Casa em Moledo do Minho, prova de CODA, Carlos Carvalho Dias, 1957. Planta e alçado.

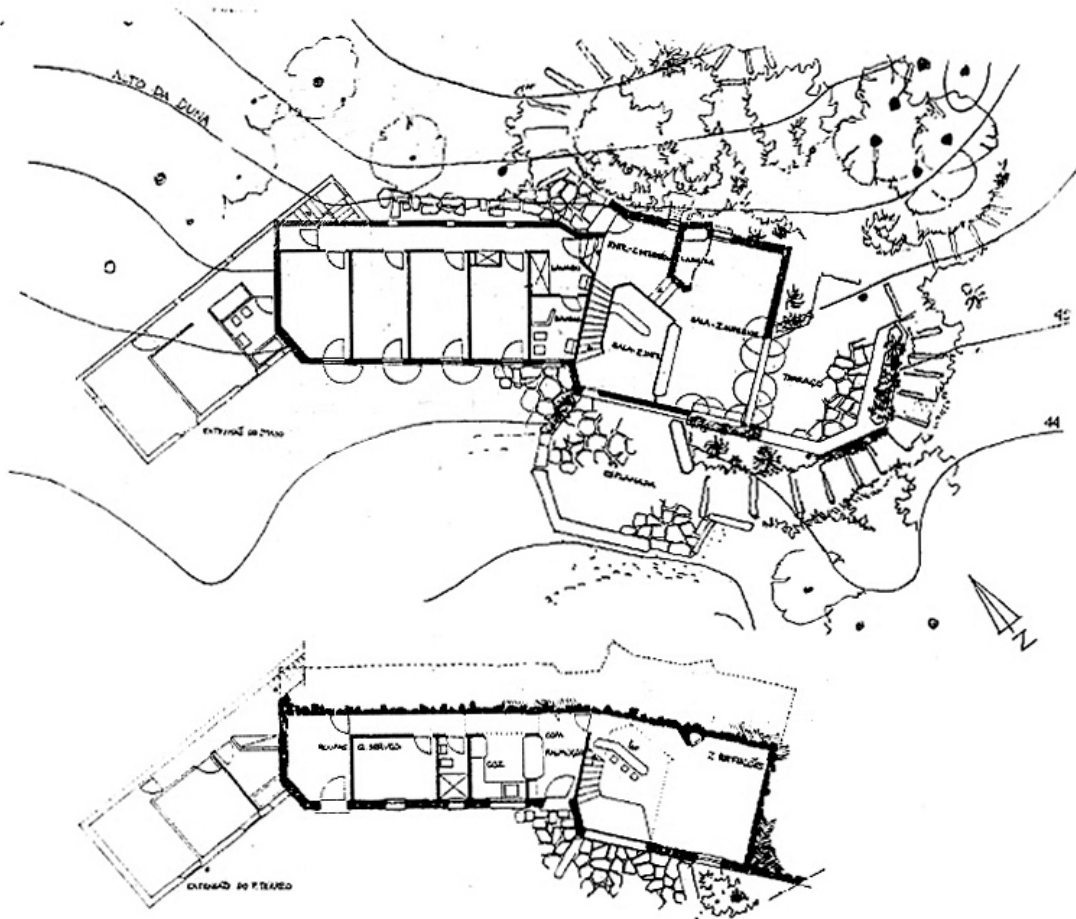


Fig. 12. Casa da praia das Maças, Nuno Teotónio Pereira / Nuno Portas, 1957-1959. Planta do piso térreo e do 1.º piso.

moderna de férias. Inicia-se aqui a busca da terceira via, a mais autêntica e a possível arquitectura moderna portuguesa.

O sentido de simplicidade aliado à integração na Natureza é retomado por Carlos Carvalho Dias, num conjunto de casas “mínimas” para a praia do Moledo, onde utiliza o terreno de forma natural, respeitando a vegetação e o relevo, de forma a deixar o mais intacto possível o ambiente pré-existente.

A Sul, a inspiração tradicional era contaminada pela influência dos italianos via organicismo wrigthiano, como na casa de Sesimbra ou nas casas da Praia da Maçãs, ambas da autoria de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.

2. SÃO PEDRO DE MOEL, APRESENTAÇÃO



Fig. 13. Praia da Concha, finais da década de 70.



Fig. 14. Vale do Ribeiro "Ôlho".

2.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O aglomerado faz parte do distrito de Leiria, concelho e freguesia da Marinha Grande. Está incluído na costa atlântica, na linha de contacto entre o mar (Oceano Atlântico) e a terra (Pinhal de Leiria), inserindo-se numa zona caracterizada topograficamente por ser pouco acidentada, onde as areias, arenitos e argilas predominam. No entanto S. Pedro é uma excepção, uma vez que se encontra numa área de terreno escarpado, em que pequenas praias se descobrem em recantos “escavados” no rochedo.

O aglomerado é atravessado por um vale fluvial, o Ribeiro “Ôlho”, que nasce já na povoação e desagua na praia, próximo da Praça Afonso Lopes Vieira. Neste vale, de pequenas dimensões, a prática da agricultura era recorrente, e era possível encontrar-se pequenas hortas familiares. Actualmente, esta zona faz parte da Reserva Agrícola Nacional, sendo que uma fracção da sua área, a Oeste, foi reconvertida em jardim público em 2009.

Os ventos fortes de Norte, que se verificam neste aglomerado, tanto de inverno como de verão, deixam a sua marca na vegetação, em especial na inclinação dos pinheiros, que aqui desenvolvem formas singulares.

A povoação está rodeada e pulverizada pelo Pinhal de Leiria, característica importante para o seu desenvolvimento desde que esta ali se estabelece. Na vegetação envolvente predomina o pinheiro bravo, mas também se podem encontrar, embora em menores quantidades, outras espécies de pinheiro e arbustos como, o tojo, a camarinheira, o medronheiro, a morganiça, fetos, etc.

2.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

As primeiras referências a S. Pedro de Moel aparecem na carta de doação (1153) de D. Afonso Henriques ao Mosteiro de Alcobaça. Por essa altura esta povoação era o limite dos “Coutos de Alcobaça”.

No tempo de D. Fernando, S. Pedro de Moel era porto, a partir do qual se embarcavam madeiras do Pinhal de Leiria, mais tarde usadas na construção das naus dos Descobrimentos.

Os Marqueses de Vila Real foram, talvez, os primeiros a possuir casa secundária nesta povoação, quando em 1463, D. Afonso V doa a povoação ao então Conde de Vila Real.

Já em inícios do séc. XVII, devido à abundância que existia nesta terra, por um lado o pinhal, onde se podiam caçar veados, por outro, o mar rico em peixe e marisco, havia referência à presença de aristocratas que tinham casa em S. Pedro de Moel.

Em 1641 a povoação passa a ser incorporada pela Casa do Infantado, na sequência da conspiração da família dos Marqueses de Vila Real contra D. João IV. Após a extinção da Casa do Infantado, em 1834, S. Pedro de Moel passa a fazer parte do património nacional.

Em finais do século XVIII existiam neste povoado, uma serração de madeira, uma fábrica de “pez” e vários armazéns em frente ao porto. O auge destas actividades económicas dá-se quando o Ministro Martinho de Melo e Castro ordena que os embarques de madeira do Pinhal de Leiria se façam pelo porto de S. Pedro de Moel, em detrimento dos portos da Figueira da Foz e de S. Martinho do Porto.⁹

A importância desta terra foi diminuindo à medida que o relevo da costa se foi

9 BARROS, Artur Neto de - *Subsídios para uma monografia de S. Pedro de Moel*. 1989. p. 21.



Fig. 15. Farol do Penedo da Saudade, 1921.



Fig.16. Casa - Museu Afonso Lopes Vieira.

alterando, o que foi tornando o porto impraticável. Também o incêndio, que em 1824 destruiu a área florestal em torno de S. Pedro, lesou a economia local.

Em meados do séc. XIX, veraneantes procuram este local pelas suas praias, zonas de merendas no pinhal e pela nascente de água (benéfica para o tratamento de algumas doenças), sendo que os seus frequentadores mais usuais eram provenientes da Marinha Grande e de Leiria. A população residente era reduzida devido ao isolamento geográfico, sendo que, desde cedo, este aglomerado se caracteriza pelo abandono de inverno e pela chegada de entusiastas populações no verão.

Por essa época começaram a surgir pedidos para a construção de casas, junto à zona dos antigos armazéns. Face a estes pedidos, a administração florestal, liderada por Luciano António Migueis, elabora em 1860 um “plano das edificações a erigir”¹⁰. Em 1880 inicia-se a estrada que liga S. Pedro de Moel à Marinha Grande.

Progressivamente vão aparecendo novas casas, muitas delas caracterizadas pelos típicos balcões corridos de tábua pintada. Estas edificações testemunham o crescimento desta povoação nos finais do século XIX, início do séc. XX, quando famílias da Marinha Grande, Leiria, Lisboa e Coimbra, passavam aí as suas férias de Verão.

Em 1909, dá-se início à construção do farol do Penedo da Saudade, equipamento que veio a dar fama ao aglomerado, uma vez que este servia, não só de aviso à navegação, mas também, para detectar fogos no Pinhal.

Por volta de 1910, existiam já cerca de duzentas casas em S. Pedro.

Uma das personalidades que se “apaixonou” por esta praia, foi o poeta e escritor Afonso Lopes Vieira, que matinha a sua casa de praia, onde se julga, ter existido antes, a casa dos Marqueses de Vila Real. Por vontade do poeta, mais tarde, esta mesma casa foi transformada em Colónia Balnear, para que as crianças, filhos de trabalhadores da Marinha Grande, ali pudessem gozar férias.

A iluminação pública, feita a partir de candeeiros de petróleo, chegava a este aglomerado em 1922. Finalmente, em 1936 é instalada a central eléctrica.

10 BARROS, Artur Neto de - *Subsídios para uma monografia de S. Pedro de Moel*. 1989. p. 22.



Fig. 17. Casa representativa da arquitectura popular em S. Pedro de Moel.



Fig. 18. Casino.



Fig. 19. Casas na Rua Pôr do Sol de Charters Monteiro, 2009.



Fig. 20. Capela de Nossa Senhora da Piedade, 2007.

Por volta de 1950 S. Pedro de Moel vê o seu aglomerado crescer, em grande parte, devido à elaboração e construção do antepiano de urbanização.

Os elegantes, os endinheirados, comerciantes abastados, artistas bem sucedidos, mas principalmente os industriais da Marinha Grande começaram a interessar-se pela praia de S. Pedro de Moel. Estes novos inquilinos trouxeram os seus gostos e edificaram as suas casas, abrindo um autêntico catálogo de arquitectura. Para além das casas alpendradas, com a varanda corrida, reflexo da arquitectura popular e da “Casa Portuguesa”, como a casa Afonso Lopes Vieira, podem ainda verificar-se outros estilos. As linhas depuradas do movimento moderno, também aqui encontraram lugar, tal como casas de autor, casas de arquitectos reconhecidos a nível nacional, como é o exemplo da Casa Gallo do arquitecto Manuel Taíinha e das casas na Rua Pôr do Sol da autoria de Charters Monteiro.

Na igreja construída em 1955, da autoria do arquitecto Manuel Raposo, podem encontrar-se esculturas de Joaquim Correia e ainda pinturas de Bartolomeu Cid dos Santos.

A Promoel e as suas piscinas tornaram-se uma realidade em 1967, o que levou a um novo pólo de desenvolvimento do aglomerado, a sul. No entanto a abertura dos acessos para o referido equipamento, fez com que fosse inevitável a destruição do “Casino”, único centro recreativo e cultural da povoação que funcionava desde 1931.

No fim da década de 80 podiam contabilizar-se dois hotéis, duas pensões, quatro residenciais, dois parques de campismo e ainda uma pousada da juventude, acrescentando assim a oferta para os veraneantes que procuravam gozar as suas férias em S. Pedro.

Já nos anos 90, os banhistas distribuem-se por cerca de novecentos alojamentos, número que não se deve ter alterado muito nos últimos anos, devido à estagnação da construção neste aglomerado.



Fig. 21. Praia e casas, 1890.



Fig. 22. Rua dos Naturais.

2.3. EVOLUÇÃO URBANA

2.3.1. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO

O primeiro instrumento de urbanização conhecido para o aglomerado é o “plano das edificações a erguer” de 1860, levado a cabo pelo então administrador do Pinhal de Leiria, Luciano António Migueis. Este plano impunha algumas condições, como o pagamento de uma renda anual e a demolição das construções, para quando os terrenos fossem necessários, o que fez com que este nunca fosse avante.¹¹

Em 1923 a praia de S. Pedro de Moel é concedida à Câmara da Marinha Grande. No ano seguinte é elaborado o “plano ou projecto de traçado da povoação” e em 1927 a povoação é considerada “centro urbano”.

Assim, em 1930, inicia-se a construção do Bairro Novo, hoje conhecido como Bairro dos Naturais, primeiro grande passo para o desenvolvimento urbano de S. Pedro.

Em 1947 é aprovado novo projecto de urbanismo, da autoria do arquitecto Lima Franco.

Em 1962, devido aos inúmeros pedidos para a construção de moradias de veraneio, procede-se à ampliação do anterior plano de urbanização. No sentido de legalizar alguns lotes vendidos pela câmara, em 1973 procedeu-se à alteração pontual do plano anteriormente aprovado.

Estes instrumentos de planeamento que, apesar de tudo, foram cumpridos, permitiram o crescimento adequado do povoamento. Porém, o antepiano de urbanização de 1947 com revisão em 1962, foi dos poucos que na época das grandes obras públicas de Duarte Pacheco se executaram, uma vez que estes, não obtiveram validade jurídica.

No PDM (Plano Director Municipal) de 1991 a zona em estudo corresponde à

11 BARROS, Artur Neto de - *Subsídios para uma monografia de S. Pedro de Moel*. 1989. p. 22.

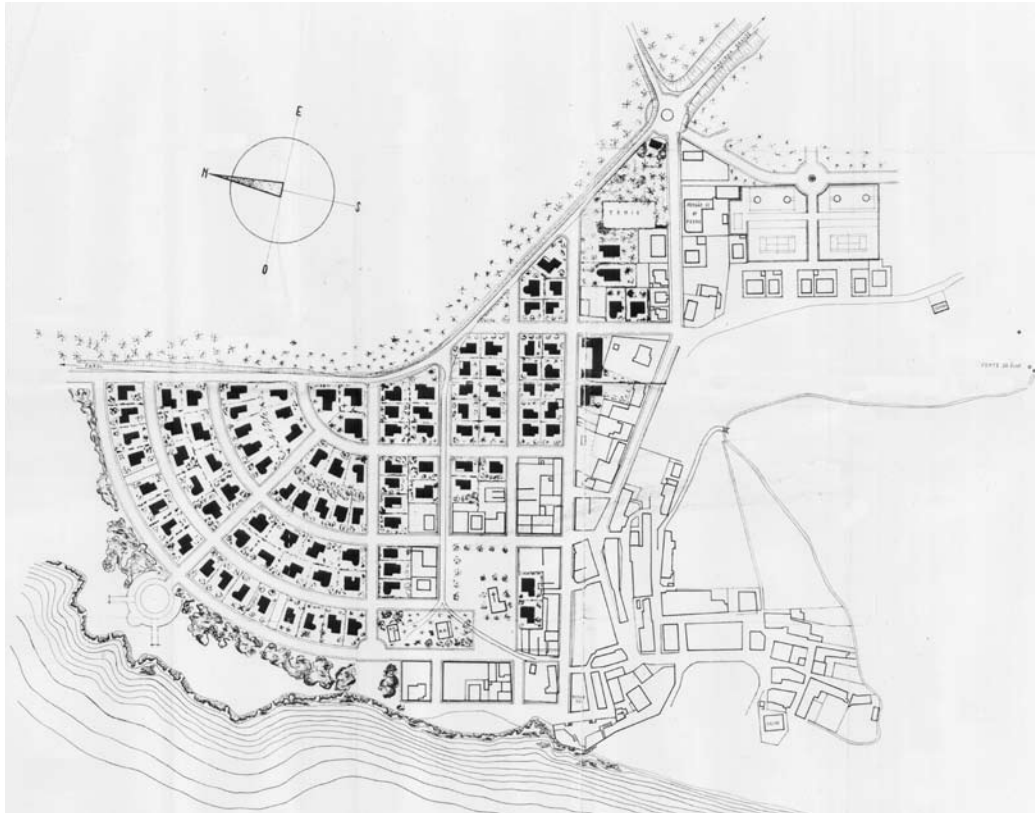


Fig. 23. Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947. Planta de Apresentação.



Fig. 24. Ante Plano Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1962. Planta de Apresentação.

sub-zona A1 do litoral, defendendo-se no mesmo documento a expansão do núcleo, com a instalação de novos equipamentos de apoio ao lazer e tempos livres.

2.3.2. AS FASES DE MAIOR EVOLUÇÃO

Grande parte desta povoação cresceu segundo um modelo de traçado radiocêntrico, desenho vinculado ao Ante-plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, aprovado em 1947. Este tipo de traçado teve origem nas colónias britânicas, particularmente em Nova Inglaterra, onde ao longo do século XVII cresceu a implantação de residências isoladas que, praticamente e de forma exclusiva, edificaram os aglomerados urbanos. Este tipo de casa foi desenvolvido durante o século XIX nos países anglo-saxónicos com repercussão no modelo de cidade-jardim.¹²

O plano de urbanização visava entre outros objectivos adaptar ao terreno, tanto quanto possível, os novos arruamentos, a fim de evitar grandes movimentos de terra e ainda criar uma artéria de penetração que facilmente distribuísse a circulação por todas as outras. Pretendia-se deste modo que um novo traçado, cuja composição ligada à zona pré-existente, estabelecesse um conjunto agradável. Assim, na ocupação dos lotes privilegiou-se a moradia unifamiliar isolada, circundada por um jardim que, na maior parte das vezes, aproveitava a vegetação já existente nos terrenos ou no qual se plantava o mínimo de três árvores, como se anunciava na memória descritiva do antepiano de urbanização.¹³

O aglomerado pode dividir-se (genericamente) em três zonas, correspondentes a várias fases de crescimento e desenvolvimento. A primeira, é o sítio primitivo correspondendo às construções mais antigas que estão implantadas ao fundo do vale, junto à

12 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 100.

13 FRANCO, Lima – Câmara Municipal da Marinha Grande: Urbanização de S. Pedro de Moel: ante-plano: regu-lamento das construções: artigo 16.º. 1947. p. 12.



- 1ª Fase - Zona mais antiga
- Bairro dos Naturais
- 2ª Fase - Zona de expansão a Norte e a Este
- 3ª Fase - Zona de expansão a Sul

Fig. 25. Cartografia de S. Pedro de Moel, 2008. Diferentes fases de desenvolvimento.

praia e na encosta Norte. Antes do plano construiu-se na parte superior da encosta, o Bairro Novo, onde o terreno era mais favorável. A segunda fase equivale ao modelo radiocêntrico da cidade-jardim, na zona a norte da parte antiga do aglomerado, cuja área constitui “uma clareira aberta no pinhal, virada ao mar”. Por fim, a partir de meados da década de 60 anuncia-se um novo sentido de expansão urbana, o que se pode designar de terceira fase de desenvolvimento. Esta fase consolida-se com o início da construção (em 1972) do complexo das piscinas PROMOEL a Sul. Surgem então a Rua do Pôr do Sol e a Av. das Piscinas, sem semelhança com o anterior traçado (radiocêntrico), sendo esta a zona que nos últimos anos vê maior crescimento.¹⁴

O crescimento urbano verificado ao longo do século passado, na praia de S. Pedro de Moel, decorreu da necessidade crescente de dar resposta aos veraneantes que ali queriam passar as suas férias. A grande expansão verificada entre 1959 e 1989 deve-se efectivamente à difusão que se registou neste período, do fenómeno da casa de férias ou de fim-de-semana.

O crescimento em S. Pedro foi gradual e abrandou nos últimos anos, devido à falta de terrenos, o que levou a uma mudança na tipologia dos alojamentos. As vivendas isoladas foram sendo substituídas por blocos de apartamentos.

Está ultrapassado o tempo em que S. Pedro primava pelos seus *chalets* de madeira pintada de várias cores, mas apesar de tudo, nesta localidade conseguiu-se manter alguma harmonia e equilíbrio, devido à proveniência sócio-económica da maioria dos seus habitantes e da inserção das moradias no pinhal.

14 Para saber mais sobre as diferentes fases de desenvolvimento do aglomerado de S. Pedro de Moel, consultar prova final para licenciatura em arquitectura de FERREIRA, Ana Filipa Faustino da Silva - *São Pedro de Moel: estudo de um aglomerado urbano*. 2002.

3. SÃO PEDRO DE MOEL, A ARQUITECTURA MODERNA

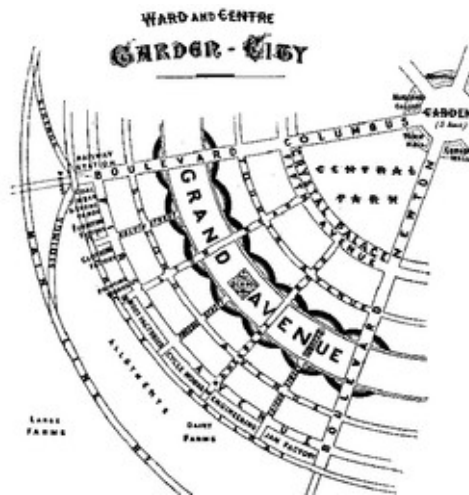


Fig. 26. Diagrama cidade-jardim, Ebenezer Howard.

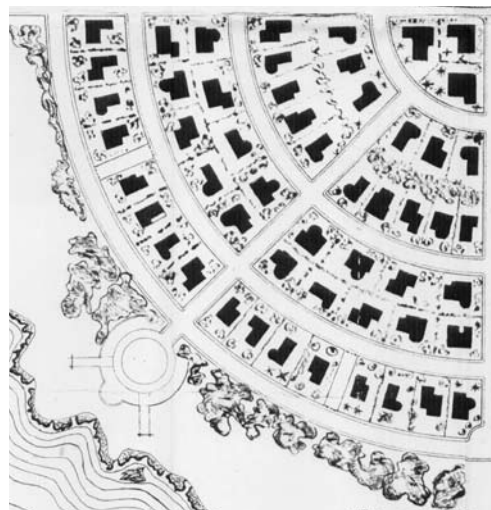


Fig. 27. Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947. Secção da planta de apresentação.

3.1. INTRODUÇÃO

À semelhança do que aconteceu noutros locais espalhados ao longo da costa portuguesa, a edificação em S. Pedro do Moel (no período estudado), surge da vontade crescente de usufruir dos tempos de ócio e lazer, que remetem para um novo estilo de vida, mais “moderno”, informal, mais próximo da natureza.

Perante o panorama nacional, esta localidade é privilegiada, uma vez que foi alvo de uma política de Fomento Turístico, patrocinada pelo Estado, que aplicou a legislação que tornava obrigatórios os Planos Gerais de Urbanização para aglomerados com mais de dois mil e quinhentos habitantes.¹⁵ Esta legislação seria colocada em vigor em 1934, mas é apenas na década de quarenta que estes planos começam a ser postos em prática. Na sua sequência é levado a cabo o “Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel”, pelo arquitecto Lima Franco em 1947. Ao contrário de muitos outros planos de urbanização projectados na mesma altura, o antepiano para S. Pedro de Moel foi executado e respeitado ao longo dos anos pela Câmara Municipal da Marinha Grande. O seu traçado radiocêntrico inspirado no modelo da *cidade-jardim*, permitiu um planeamento igualitário que se adaptou à difícil topografia local e à edificação pré-existente. O plano impôs uma série de condicionantes que levaram à construção de moradias isoladas que não ultrapassam o limite imposto de dois pisos acima da cota do terreno. Para além de uma série de restrições relativas à construção, na memória descritiva do “Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel”, pode ler-se: “*Os espaços que constituem os logradouros de frente e laterais serão obrigatoriamente ajardinados, não sendo neles permitida qualquer construção. Em cada talhão é obrigatória a plantação de, pelo menos, três árvores.*”¹⁶ Estas disposições permitiram, então, uma construção mais dis-

15 LÓBO, Margarida Sousa - *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. 1995. p. 38-47

16 FRANCO, Lima - Câmara Municipal da Marinha Grande: Urbanização de S. Pedro de Moel: ante-plano: regulamento das construções: artigo 16.º. 1947. p. 12.



Fig. 28. Casa de férias no Rodízio, Keil Amaral.

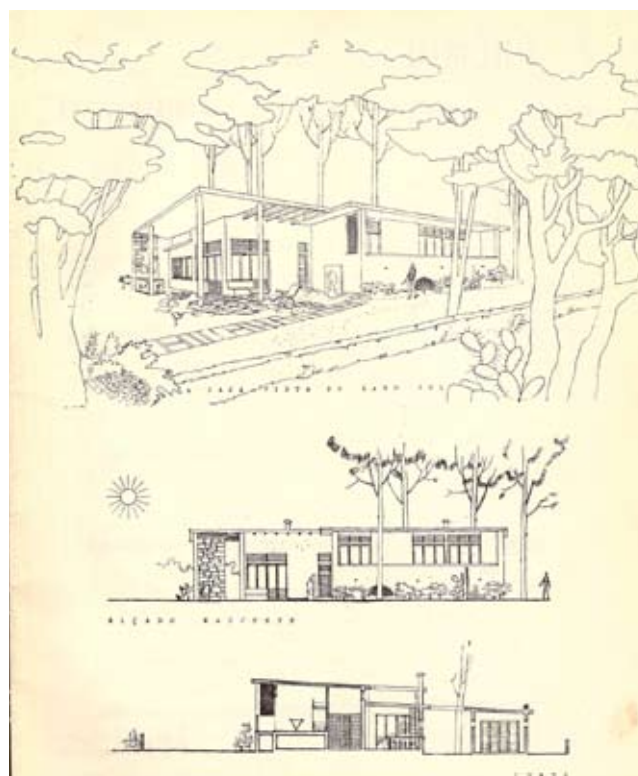


Fig. 29. 2º prémio do concurso para uma casa de férias no Alto do Rodízio, Victor Palla, 1948.

simulada na natureza que as envolve, indo de encontro a uma mudança que se fazia sentir nas mentalidades, ou seja, a uma aceitação da necessidade de usufruir os tempos de lazer e descanso, fora do ambiente quotidiano, ao ar livre, próximo da natureza.

Também no seio da classe dos arquitectos a casa de veraneio começa a suscitar algum interesse. Na revista *Arquitectura* publicam-se algumas casas de férias, e é organizado, inclusivamente, um concurso para a elaboração de um projecto para uma casa de férias no Rodízio. O concurso lançado no número de Junho de 1947¹⁷, é vencido por João Andressen. Examinando os desenhos do projecto vencedor, ou mesmo os outros projectos levados a concurso, pode observar-se a exploração do tema da casa mínima e económica, tal como vai acontecer na década seguinte nos exemplos analisados em S. Pedro de Moel.

*“O mais significativo para a arquitectura destas casas, é a oportunidade de aceitar o lazer como algo indispensável, proporcionando um novo campo a ser explorado pelos arquitectos ao proporem diferentes formas de articulação entre partes da casa, de estabelecerem diferentes níveis de segregação e de privacidade, de simplificarem e reduzirem as exigências do programa doméstico, tudo isto em condições excepcionais, que não seriam aceites na casa de todos os dias.”*¹⁸

Em S. Pedro de Moel, tal como noutras zonas balneares ou pinhais, encontra-se um vasto conjunto de casas que, embora de sinal diverso, não perderam a oportunidade de expressar a modernidade da sua intervenção. Essa modernidade é marcada por sinais que se vão repetindo: pelo telhado “borboleta” com duas águas convergentes, pelo desenho e integração do mobiliário na construção de equipamento fixo, pelo uso de brises-soleil e grelhas, pela marcação da horizontalidade dos vãos ou ainda pela

17 Concurso casa de férias. *Arquitectura*. Lisboa. Junho 1947, nº 16. pp. 4-5.

18 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 580.

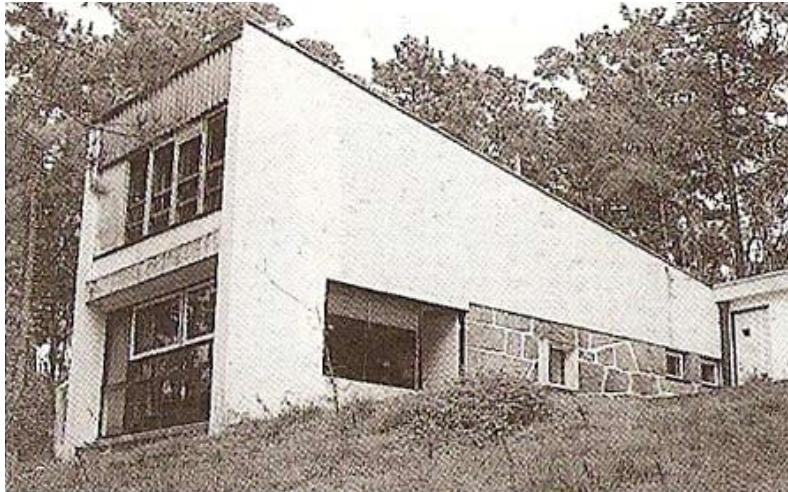


Fig. 30. Casa de Férias no Pinhal do Carreço, de João Andressen, 1948. Vista.



Fig. 31. Casa de Férias no Pinhal do Carreço, de João Andressen, 1948. Plantas.

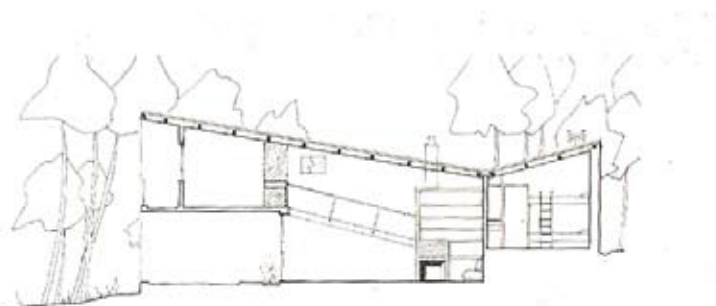


Fig. 32. Casa de Férias no Pinhal do Carreço, de João Andressen, 1948. Corte.

introdução de uma nova espacialidade, nomeadamente com a generalização do uso da “sala comum”. Esses sinais de modernidade são reconhecíveis em muitas outras obras emblemáticas da época, como na Casa de Férias no Pinhal do Carreço, de João Andrezen, que é um dos exemplos mais conseguidos da redução e simplificação do programa doméstico à sua essência.

Apesar dos elementos que se encontram nas casas analisadas remeterem para o vocabulário Moderno, não se pode dizer que a arquitectura moderna em S. Pedro de Moel é uma arquitectura moderna “pura”, directamente referenciada ao Estilo Internacional. Os volumes puros, a cobertura plana, os *pilotis* e o alçado livre não chegaram aqui, mas o ‘moderno revisto’, o moderno modificado, ganharam lugar neste aglomerado. Tradição e moderno não são valores opostos, mas antes, valores que se cruzam para, da melhor forma, edificarem uma cultura moderna que ao mesmo tempo, absorve e acolhe os valores tradicionais do contexto a que pertence. Este entendimento de valores faz com que a par de um vocabulário moderno coexistam signos de uma aproximação ao local e à construção tradicional. Tal como veremos, nos exemplos estudados na década de 50, e principalmente, na década de 60, esta preocupação vai colocar-se com um maior protagonismo, para informar uma produção arquitectónica mais atenta a valores especificamente locais, ao património edificado, ao tipo de cliente, aos seus costumes, à construção e às tecnologias disponíveis no local.

3.2. OS DADOS DAS FICHAS

Os casos de estudo apresentados são moradias unifamiliares para habitação secundária e foram projectadas (na sua maioria) inicialmente para este efeito. A maioria dos processos de projecto indica, na memória descritiva e até mesmo nos desenhos, que se trata de uma “ [...] casa de férias que o Exmo. Senhor [tal] pretende mandar construir em S. Pedro de Muel.”

Requerente

Relativamente aos requerentes originais pouco se sabe, uma vez que, na generalidade dos casos, os actuais proprietários das habitações, já as tinham herdado ou eram segundos ou terceiros donos. Apenas se pode constatar que, na sua maioria, os possuidores originais dos edifícios eram da Marinha Grande. Outros tantos eram oriundos de localidades pertencentes ao distrito de Leiria. Existem, ainda, requerentes naturais de Tomar, do concelho de Castelo Branco e alguns de Lisboa.

Autor

O autor da maioria das casas estudadas é António Dinis Baroseiro Júnior, um projectista da Marinha Grande, que na época era bastante requisitado em S. Pedro de Moel e arredores para tudo o que fosse edifícios em “estilo moderno”. O seu desenho característico, de inspiração moderna, espalha-se por todo o distrito de Leiria (e não só) mas com particular incidência na Marinha Grande e em S. Pedro de Moel, onde se identificam numa breve passagem as casas da sua autoria.¹⁹ Para além dos trabalhos de projectistas, que executavam grande parte dos trabalhos de arquitectura, encontram-se projectos levados a cabo pelos arquitectos António Abrantes, António Egêa, Frederico

¹⁹ Consultar biografia do autor no anexo 1.

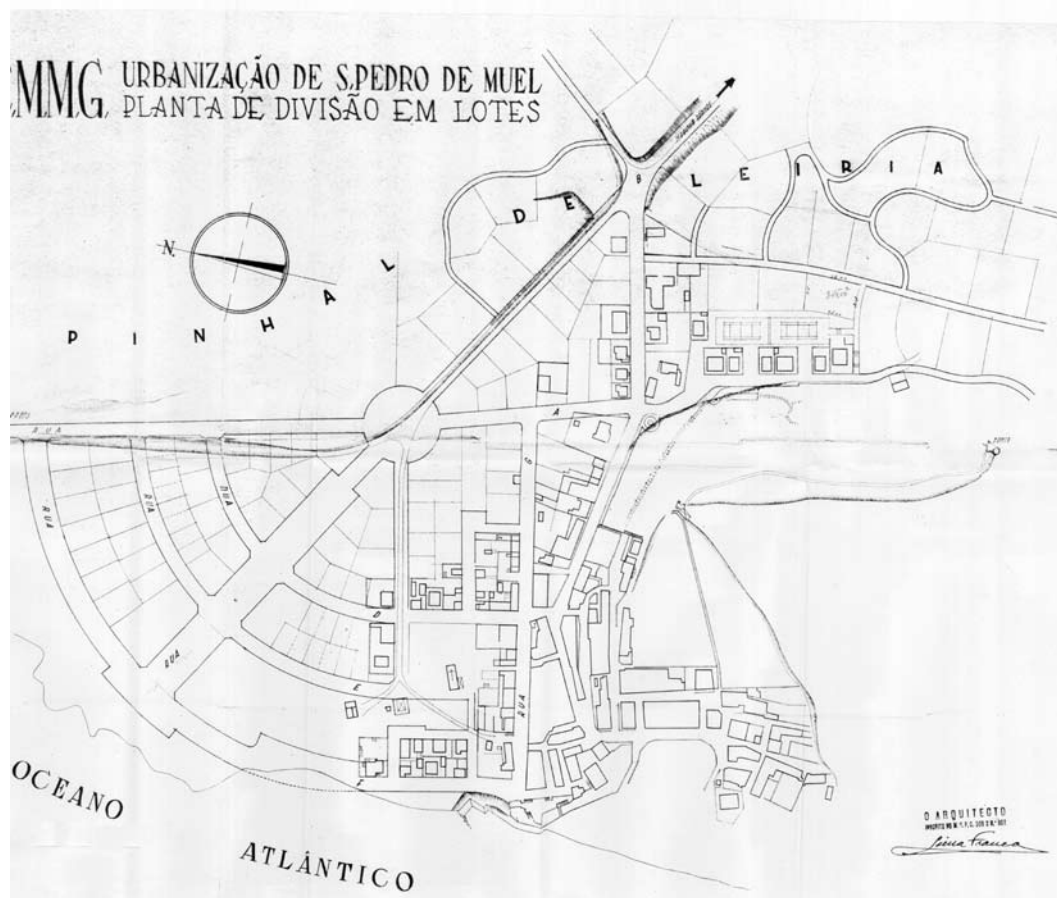


Fig. 33. Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947. Planta de divisão em lotes.

George, João José Tinoco, José Luís Tinoco, João Pedro Mota Lima, a solo e em parceria com Pinto e Cunha, Manuel Alzina de Menezes em parceria com Erich M. Corsépius e Manuel Tainha. Na mesma época, o arquitecto Camilo Korrodi, para além dos projectos “modernos” edificados em Leiria, também cria projectos para S. Pedro de Moel, onde as características modernas se confundem com a temática da casa de praia, como se verifica na casa Joaquim Silva²⁰. Os fiscais responsáveis pelo acompanhamento de obra eram muitas das vezes os construtores civis responsáveis pela execução dos trabalhos, mas (pelo menos) no caso dos projectos de António Baroseiro, a construção era por ele acompanhada até à sua conclusão.

Data de projecto e de construção

Os projectos seleccionados foram quase todos projectados e construídos durante as décadas de 50 e 60. Alguns dos casos originais foram sujeitos a projectos de alterações (pontuais), o que poderia prolongar o tempo decorrido entre o projecto e a respectiva construção. Grande parte dos projectos era aprovada em poucos meses pela Câmara Municipal da Marinha Grande e construídos (pelo menos no que referem os processos) em três, seis ou nove meses. Os primeiros projectos apresentados são aprovados pelo próprio arquitecto Lima Franco, responsável pelo antepiano de urbanização para S. Pedro de Moel, de 1947.

Lotes

A divisão dos lotes resulta do traçado proposto pelo antepiano de 1947, sendo que há uma tentativa de igualar as áreas dos lotes, principalmente dos que se encontram a norte da Praceta Pinhal do Rei. Os lotes a sul desta praceta, têm áreas mais generosas. Assim, as propriedades a norte, inseridas no modelo de urbanização radiocêntrico têm áreas que rondam os 500m², nunca ultrapassando os 1000m², salvo a excepção do quarteirão em que estão inseridas as casas João Franco Frazão e João Simões. Na zona

²⁰ Ver ficha A no volume 2.

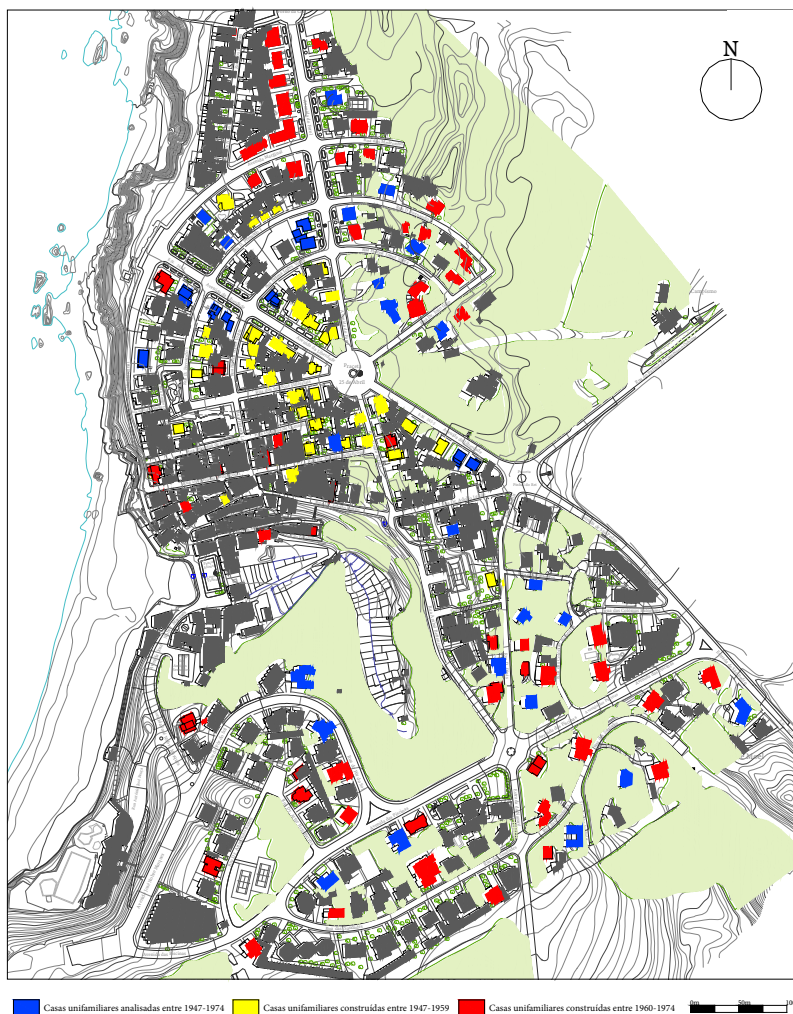


Fig. 34. Cartografia de S. Pedro de Moel com a identificação das casas construídas entre 1947 e 1974, Planta tratada pela autora



Fig. 35. Casa Marques Roldão, João José Tinoco, 1952. Esquema de funções.

de expansão do plano, a sul e sudeste, em que os lotes estão distribuídos com menor rigor geométrico, as propriedades têm sempre áreas superiores aos 1000m², chegando a atingir áreas de 3500m².

Implantação das casas

A área de implantação dos edifícios é reduzida, rondando entre os 100m² e os 150m². Apenas em casos pontuais, nos edifícios projectados mais tarde na década de 60, se verificam casas com maior área de implantação (entre 250m² e 350m²), o que permite mais compartimentos com melhores áreas.

Localização

As casas analisadas situam-se preferencialmente nas novas zonas contempladas no antepiano de urbanização aprovado e no seu sucessor, de 1962, ou seja, não incluem construções na zona mais antiga junto ao vale da Ribeira do “Ôlho”, nem no Bairro dos Naturais. E no que se refere à área de incidência do plano, nota-se uma predominância de construções ao longo da Avenida da Liberdade e da Avenida do Farol.

Implantação e tipologia

A implantação dos edifícios é sempre isolada, sendo que na maior parte dos casos é isolada ao meio do lote, uma vez que a intenção é beneficiar da envolvente ajardinada e arborizada já existente no local. As tipologias variam entre a compacta, em L, em T e em U com pátio, sendo que a maioria das habitações são compactas, no sentido de concentrar o programa e de minimizar a área de implantação dos edifícios, tirando assim, maior partido da envolvente ajardinada em lotes que muitas vezes são mais exíguos.

Distribuição funcional

Na maior parte dos casos analisados, existe uma divisão funcional clara entre as

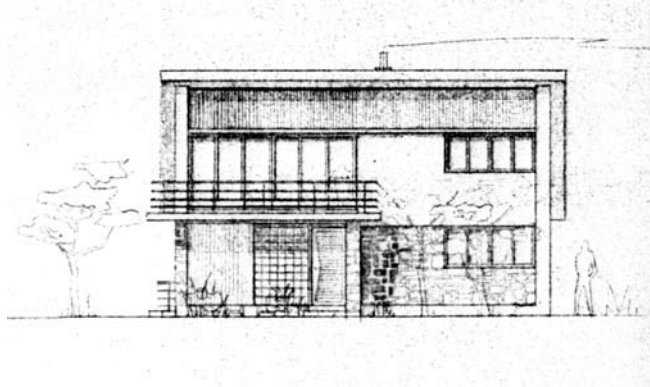


Fig. 36. Casa Floriano Silva, António Baroseiro, 1952. Alçado principal.

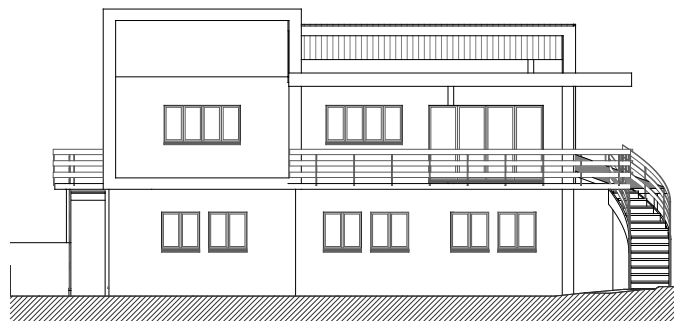


Fig. 37. Casa Alberto Barreto, Frederico Barosa e Marco Clemente, 2008. Levantamento do alçado principal.

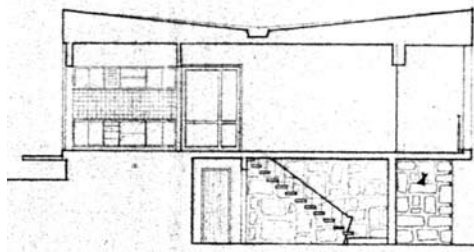


Fig. 38. Casa Helena Gameiro, António Baroseiro, 1954. Corte AB.

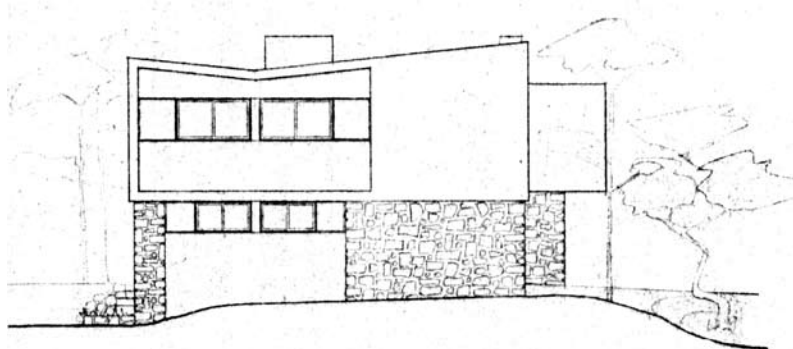


Fig. 39. Casa João Franco Frazão, António Baroseiro, 1954. Alçado lateral Norte.

diferentes áreas que compõem a habitação. É possível delimitar e isolar perfeitamente a zona comum, que se associa pela sua aproximação à cozinha e por isso à zona de serviço, da zona íntima. As zonas de serviço, por sua vez, estendem-se através de circulações e acessos próprios para os pisos inferiores. Numa tentativa de tirar maior partido da área disponível no piso principal para os habitantes, as áreas de serviço tendem a ocupar o piso inferior da habitação, aproveitando as opções que o desnivelamento do terreno proporciona. Nota-se uma grande propensão para a organização dos compartimentos em torno de circulações centralizadas, quer nos edifícios com tipologia mais compacta, quer nos que são constituídos por dois volumes.

Número de pisos

As casas são compostas na sua maioria por dois pisos. Existem vários tipos de casa de dois pisos: umas em que o piso inferior está semi-enterrado, outras em que apenas parte deste são aproveitadas para garagem e compartimentos complementares, como o quarto e casa de banho da “criada”, arrecadação ou despensa. A maior parte destes pisos semi-enterrados surgem pela opção de aproveitamento dos desníveis existentes nos terrenos. Muitas vezes a volumetria destas habitações assume apenas um piso, mas na realidade têm quase sempre dois. Surgem em menor quantidade os edifícios em que os dois pisos assumem funções da mesma importância, ou seja, os compartimentos como a cozinha e sala comum situam-se no piso de entrada e os quartos no piso superior. Encontram-se, ainda, habitações de dois pisos em que o acesso principal se faz a partir do nível térreo e ainda as que se acede pelo exterior ao piso superior.

Cobertura

As coberturas aplicadas nestes casos de estudo, de maneira geral, permitem ampliar a dimensão das fachadas. Nas casas de cobertura de uma água, a cumeeira, ou a parte mais elevada da cobertura fica sempre do lado do alçado principal. Este esquema, não só amplia a altura das fachadas, como, visto de frente, parece tratar-se de uma co-

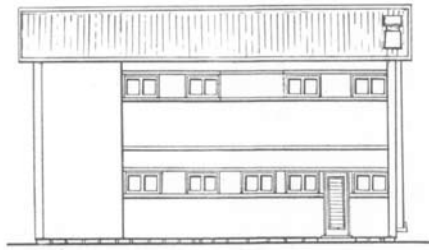


Fig. 40. Casa Luiz Olavo Oliveira, 1960. Alçado posterior.

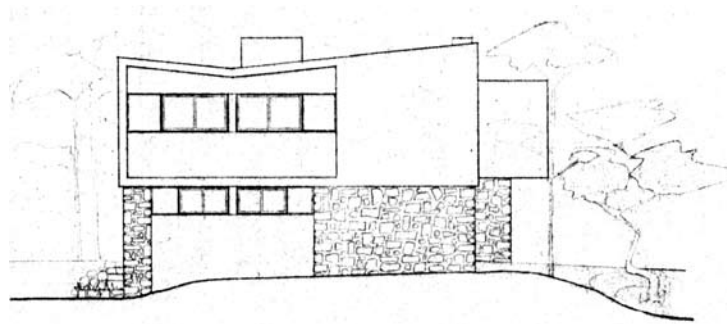


Fig. 41. Casa João Franco Frazão, António Baroseiro, 1954. Alçado lateral norte.



Fig. 42. Casa Augusto Roldão. Alçado principal.



Fig. 43. Casa Edilásio Silva. Alçado principal.

bertura plana. Nas habitações em que a cobertura tem duas águas inclinadas a convergir para uma caleira central, as fachadas principal e posterior parecem prolongar-se e, por sua vez os alçados laterais atingem formas de grande expressividade. Noutros exemplos, o recurso a estas coberturas de duas águas com caleira central é uma forma de, subtilmente, ou por outros meios, ter uma menor inclinação de cobertura, fazendo-a passar, com platibandas laterais, por uma cobertura plana, como se verifica nas casas Joaquim Byrne e Edilásio Silva. O recurso à cobertura plana foi experimentado poucas vezes, provavelmente pela falta de meios técnicos na época da sua construção. Este tipo de cobertura foi apenas ensaiado em dois dos exemplos analisados neste estudo.

Aberturas

No que toca às aberturas, predominam os amplos envidraçados que permitem a expansão das zonas comuns para o exterior. As fenestraçãoes horizontais, embora muitas vezes tenham dimensões “tradicionais”, tentam, através de recortes nas fachadas, reproduzir janelas em comprimento (*fenêtre en longueur*). Não obstante, descobrem-se vários exemplos de janelas em comprimento. Nos espaços de circulação ou de serviço, encontram-se diferentes tipos de iluminação natural com o recurso ao tijolo de vidro que filtra parte da luminosidade. Pequenas aberturas de forma circular ou quadrangular compõem jogos dinâmicos no manuseamento da entrada de luz nestes espaços.

Materiais

A estrutura dos edifícios em questão segue ainda uma tradição regional, apesar do betão armado já ser uma possibilidade. A maior parte dos casos estudados usa-o apenas em situações pontuais, ou seja, em lintéis, cintas, cimalkhas, varandas em balanço, escadas, rampas, etc. Assim, a alvenaria em pedra da região é o recurso mais usual no que toca às fundações dos edifícios e às paredes de suporte.

Para além da sua função estrutural, a pedra é muitas vezes usada para marcar elementos de destaque nas casas, como uma empena voltada à rua ou uma chaminé da



Fig. 44. Casa José Malta. Placas de “lusalite” aplicadas na fachada Este.

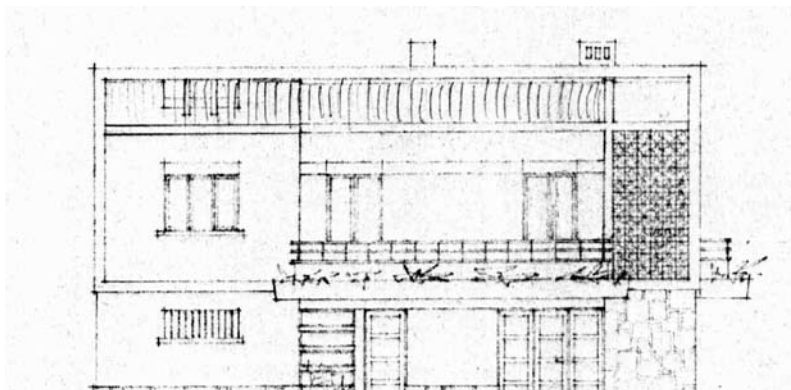


Fig. 45. Casa Mª Madalena Carrega , António Egêa, 1958. Alçado principal.

lareira. Este material tem ainda um valor plástico, uma vez que é usado para diferenciar diferentes planos nas fachadas, que desta forma ganham profundidade.

As placas “lusalite” de fibrocimento são usadas nas mais diversas situações, em coberturas ou sobre as aberturas nas fachadas, sublinhando a sua horizontalidade. As coberturas inclinadas eram, então, revestidas de uma destas duas formas: em placas de fibrocimento onduladas ou com telha cerâmica.

Várias grelhas cerâmicas ou em betão protegem varandas ou entradas mais expostas a sul ou a poente.

Estes dados apresentados nas fichas de análise são importantes para se tomar um primeiro contacto com os casos de estudo, mas a sua modernidade só é possível de ser “comprovada” se examinarmos melhor outros valores, como faremos nos subcapítulos seguintes.

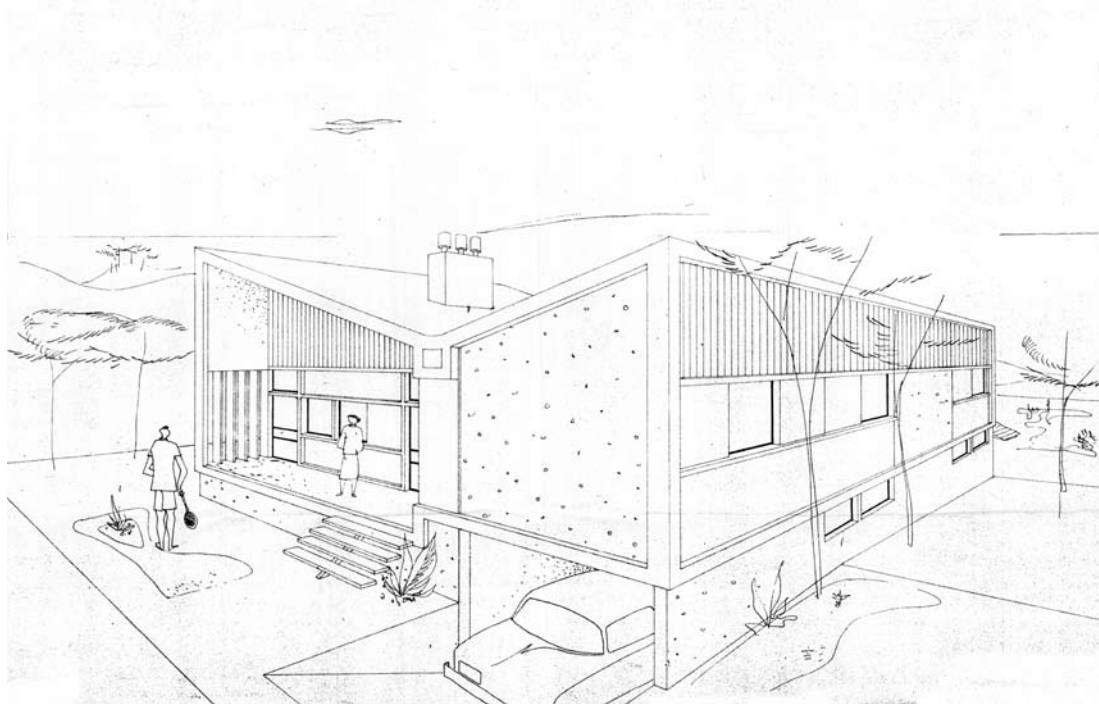


Fig. 46. Casa Marques Roldão, João José Tinoco, 1952. Axonometria.

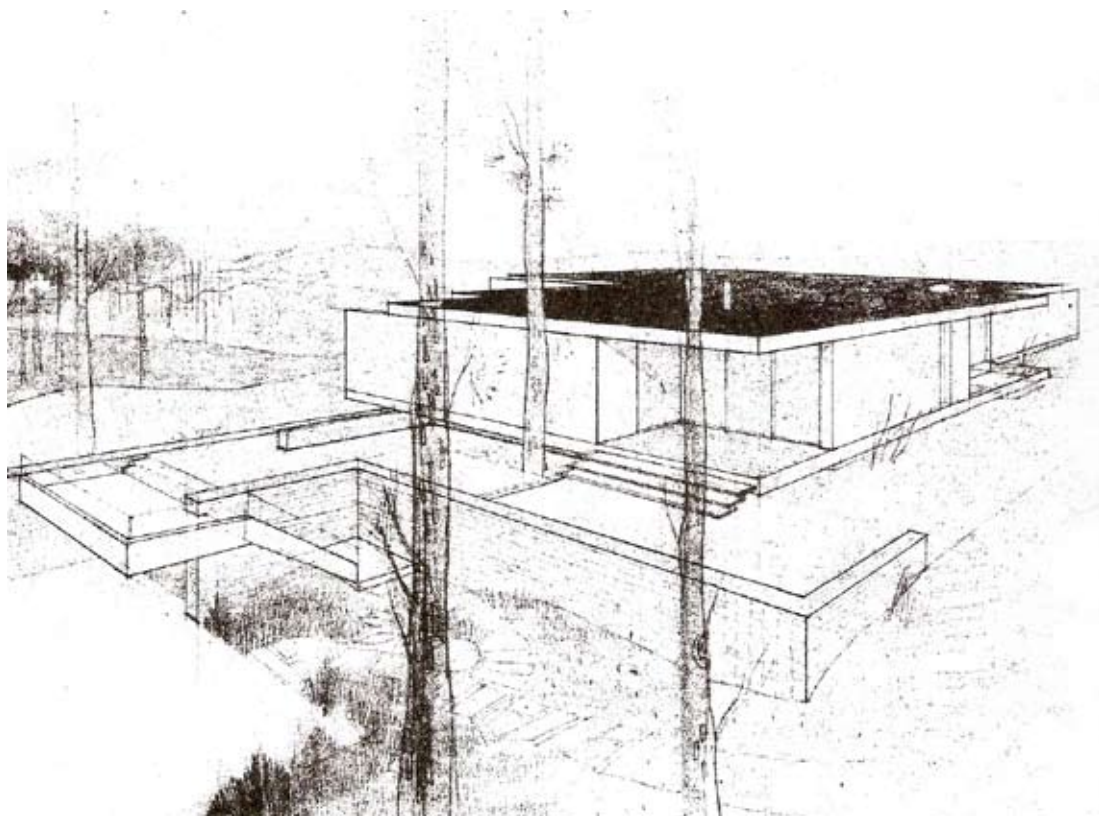


Fig. 47. Casa João Matos e Silva, José Luís Tinoco, 1959. Axonometria.

3.3. REPRESENTAÇÃO

3.3.1. OS PRÓPRIOS DESENHOS

“Também Le Corbusier procura com desenhos e fotografias, plenas de detalhe, expor a vida doméstica moderna apresentando as suas vantagens e esclarecendo a forma de utilização dos novos equipamentos e utensílios industriais disponíveis. Esta narrativa projectual, informativa e pedagógica revela uma nova utilização e ocupação do espaço da casa, mais informal e onde se passa o tempo não só de trabalho doméstico, mas também de lazer.”²¹

Os autores que melhor se destacam, pela expressividade dos seus desenhos nas moradias que projectam em S. Pedro de Moel, são os irmãos Tinoco. No processo que João José Tinoco apresenta na Câmara Municipal da Marinha Grande, inclui axonometrias, onde representa a vida moderna e os seus momentos de lazer, como se verifica no processo da casa Marques Roldão. Aqui, representa o carro como elemento ligado ao estilo de vida moderno, e figuras humanas que, para além de darem escala ao desenho, parecem possuir os acessórios e estar vestidos para uma partida de ténis. Na casa João Matos e Silva, de José Luís Tinoco, não importa tanto mostrar o estilo de vida moderno, mas antes a ideia de percurso que está subjacente neste projecto e a forma como se vencem os declives do terreno. Na axonometria e planta do piso 0, a depuração horizontal do volume, a sua inserção suave na paisagem envolvente, os patamares e as escadas de acesso, sugerem uma influência do desenho de Frank Lloyd Wright ou de Mies Van der Rohe.

21 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 518

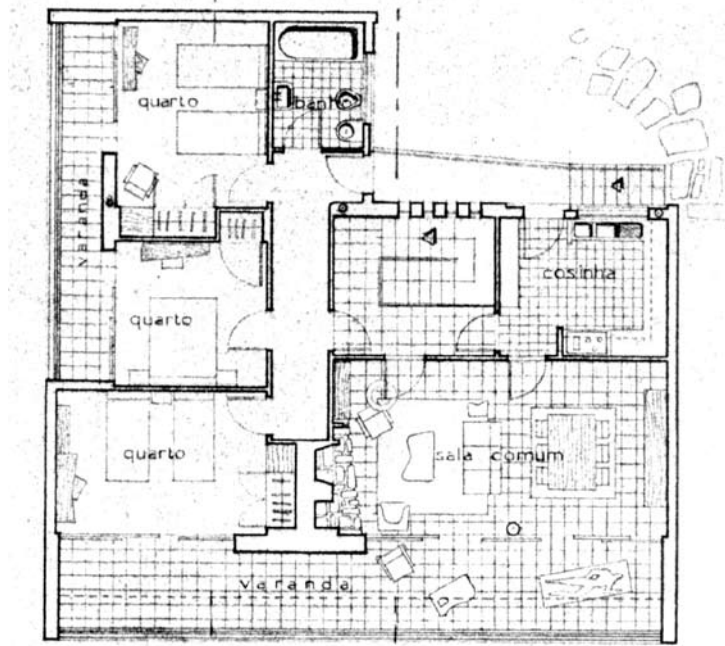


Fig. 48. Casa Augusto Roldão, António Baroseiro, 1953. Planta piso 1.

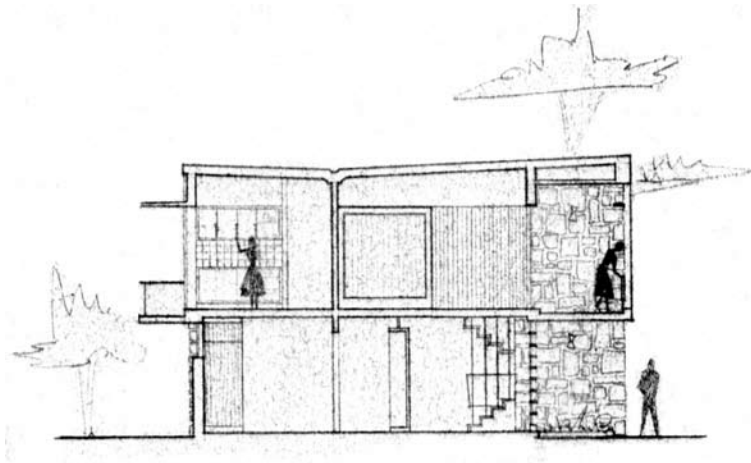


Fig. 49. Casa Joaquim Byrne, António Baroseiro, 1957. Corte CD.

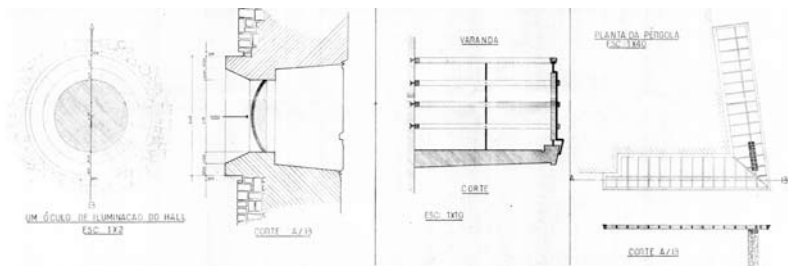


Fig. 50. Casa Armando Santos Alho, José Bernardino Barros, 1957. Pormenores construtivos.

As referências ao desenho do mestre do Movimento Moderno, Le Corbusier, não podem ser negadas nos desenhos da casa Augusto Roldão, quer seja pela representação da figura humana, em planta e corte, quer pela utilização de sombras, nos cortes e alçados, ou mesmo no desenho das árvores. O autor chega mesmo a colocar várias figuras humanas a exhibir a forma como se pode usufruir dos diferentes espaços. Na memória descritiva deste processo há quase um assumir de um novo estilo usado na concepção do edifício, ou seja, o estilo “moderno”. Também na casa Joaquim Byrne é feita essa referência: *“Este edifício de linhas modernas será valorizado [sic] pelo emprego de diferentes materiais, grelha cerâmica e pintura em três tons estudados oportunamente.”*²²

Nos cortes e alçados é representada a figura humana. O habitante que se debruça sobre o pé-direito duplo entre as salas, como se pode ver no corte AB da casa Floriano Silva, ou que se apoia na guarda da varanda no corte CD da casa Joaquim Byrne, explicam as possibilidades de uso destes espaços modernos.

Com o intuito de informar detalhadamente o construtor e a Câmara Municipal, para pormenores da construção mais delicados ou menos usuais, juntam-se muitas vezes pormenores construtivos das soluções propostas a diferentes escalas. Estes pormenores construtivos encontram-se, por exemplo, no processo da casa João Franco Frazão, em que são desenhados com maior detalhe elementos como o fogão de sala, a caleira convergente da cobertura “borboleta”, ou as caixilharias. Também na casa Armando Santos Alho, são desenhados pormenores construtivos, a diferentes escalas. Na escala 1:2 é representado o óculo de iluminação do hall, em alçado e em corte. A escala diminui para 1:10 quando se representa o corte da varanda, passando-se à apresentação da planta e corte da pérgola à escala 1:40.

22 BAROSEIRO, António Dinis - Joaquim Sousa Byrne: processo de obras, nº 1176. 1959.

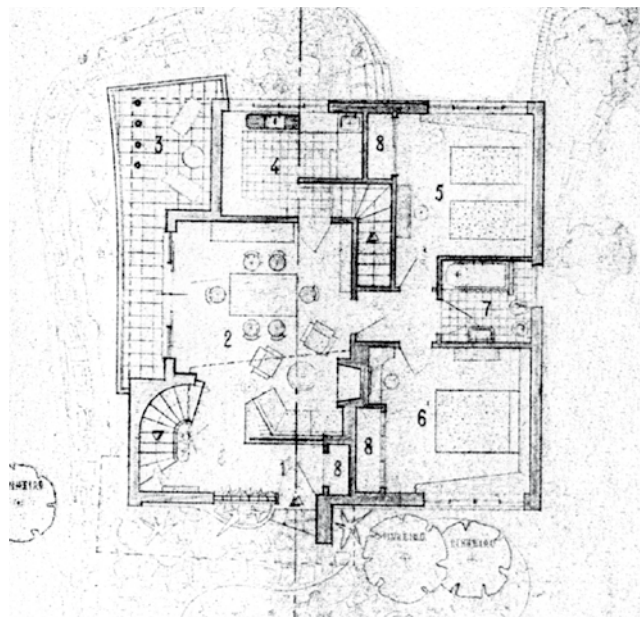


Fig. 51. Casa Floriano Silva, António Baroseiro, 1952. Planta piso 0.



Fig. 52. Casa Manuel Augusto Rosa. Aparador na sala comum.



Fig. 53. Casa Manuel Augusto Rosa. Conjunto de mesa e cadeiras.

3.3.2. DESENHO DO ESPAÇO

As peças de mobiliário e a sua representação são factores indispensáveis para se comunicar uma nova forma de habitar, moderna.

A divulgação do livro *Brazil Builds*, de revistas de decoração ou de colecções dedicadas ao estilo moderno, vão influenciar os autores portugueses. Numa breve pesquisa à bibliografia consultada pelo autor da maior parte das casas analisadas em S. Pedro de Moel, António Baroseiro, encontram-se desde revistas de decoração como a *Casa Cláudia* ou a *Art et Decoration*, a vários livros da colecção “Éditions Charles Massin, Paris”, como *En couleur... mille idées pour réaliser en moderne votre pièce à vivre*, o que demonstra grande interesse pela forma de habitar moderna, não descurando nos desenhos dos seus projectos, sugestões para uma nova forma de viver o espaço.

A representação do mobiliário nos desenhos e o próprio estilo²³ do desenho, vão ser elementos explorados nestas habitações dedicadas aos tempos livres e de lazer. Em casas, por vezes, com uma área muito restrita, o desenho do mobiliário é importante para se perceber como deverá ser colocado, de forma a retirar o melhor partido da superfície disponível.

No desenho das salas comuns, a localização do mobiliário é essencial para se perceberem as diferentes zonas funcionais. Uma mesa rodeada de cadeiras e um aparador, junto ao acesso para a cozinha determina a zona de refeições, ao passo que sofás e uma pequena mesa, junto à lareira, indicam uma zona de estar e de relaxamento, próximo da fonte de calor.²⁴

Nas casas Manuel Augusto Rosa e João Simões, ambas do mesmo autor, podem encontrar-se peças de mobiliário onde a influência moderna internacional não pode ser negada - predominam as linhas direitas, o uso de figuras geométricas e dos tons

23 Estilo: em sentido figurado, o estilo consiste na individualidade do movimento do espírito, movimento e individualidade que são perceptíveis na escolha da palavra, da imagem e no processo de combinar sintagmaticamente as ordens imaginárias e formais. Definição em RODRIGUES, Maria João Madeira [et al.] - Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura. 2005. p. 127.

24 Exemplos nos desenhos das fichas D, G, P, T, U, entre outras.



Fig. 54. Casa João Simões. Sala Comum.

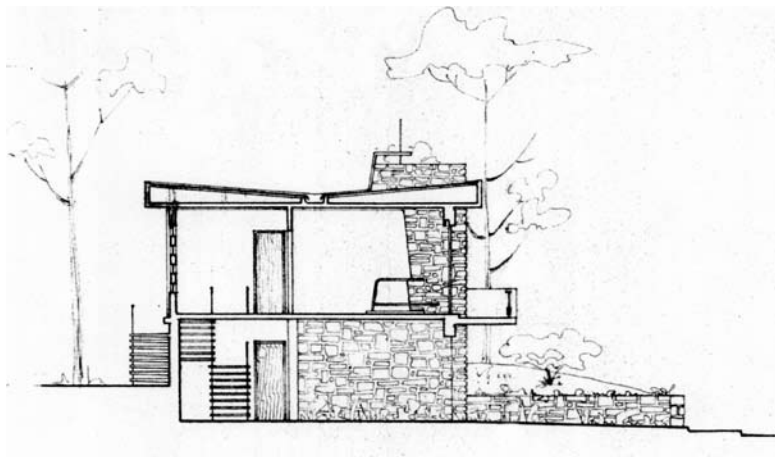


Fig. 55. Casa Joaquim Lourenço, António Baroseiro, 1960. Corte CD.

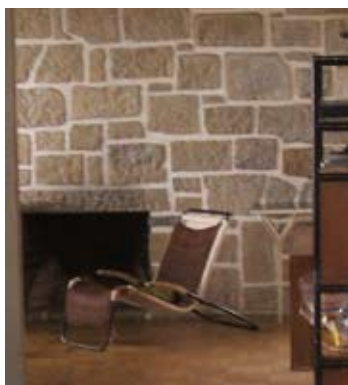


Fig. 56. Casa Joaquim Byrne. Lareira.



Fig. 57. Casa Edilásio Silva. Lareira.

fortes. Na casa João Simões, o proprietário da casa ou o autor chega mesmo a desenhar uma planta em que aponta a forma como o mobiliário há-de ser executado e colocado, sendo que as camas chegam mesmo a ser construídas com uma base em betão. De entre todas as peças que compõem a sala pode destacar-se a lareira, por causa do seu desenho geométrico, quase escultural. Devido à sua profissão e área de interesse pessoal, o proprietário, incorporou algumas obras de azulejaria na casa, tornando-a num exemplo admirável de como o azulejo pode ser integrado na arquitectura.²⁵

O desenho do fogão de sala ou lareira revela-se um elemento em que o autor pode deixar expressa a sua marca. Tal como acontece na casa João Simões e também, na de Joaquim Lourenço, o desenho da lareira e respectiva chaminé vai ser bastante expressivo. Nesta última, o volume liso da lareira contrasta com a parede posterior em pedra rústica aparelhada, à qual se encosta. Este jogo vai permitir que a boca da lareira se abra não só frontalmente, como lateralmente, adoptando uma forma bastante plástica.

Apesar de na casa Joaquim Byrne a lareira não ter sido construída como consta nos desenhos, ou seja “escultural” e com uma chaminé “minimalista”, a sua presença é minimizada. Aqui, a boca da lareira é escavada na espessa parede, de aparelho rústico, onde se insere. Em oposição, na casa Edilásio Silva, encontra-se uma lareira que pretende uma presença mais marcante. O seu desenho mais orgânico e a sua materialização em cobre fazem com que esta se destaque no espaço da sala comum.

25 João Miguel dos Santos Simões nasceu na cidade de Lisboa em 1907.

Em jovem, contactou com figuras importantes do mundo da História da Arte como Garcez Teixeira e Vergílio Correia. No entanto, a personalidade que o marcou foi José Queiroz, notável ceramólogo, por quem nutria especial afeição e que, em conjunto com o pai, o sensibilizou para as questões artísticas.

Devido ao negócio de família, em Tomar, onde possuíam uma fábrica de fição têxtil, formou-se em Engenharia Têxtil na École Supérieure de Filature et Tissage de Mulhouse em 1929.

Em 1942 publicou o primeiro estudo sobre azulejaria na revista *A Cidade de Évora*. O ano de 1944 foi marcante no seu percurso de investigador da azulejaria, o que o influenciou a construir na sua casa, em Tomar, um pequeno laboratório para exame de pastas cerâmicas. De 1944 em diante fez vários estudos sobre azulejaria portuguesa, evidenciando-se internacionalmente pela publicação de várias obras relacionadas com esta área.

Organizou, no Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), uma secção que esteve na origem do Museu Nacional do Azulejo (Lisboa), museu que dirigiu até 1972.

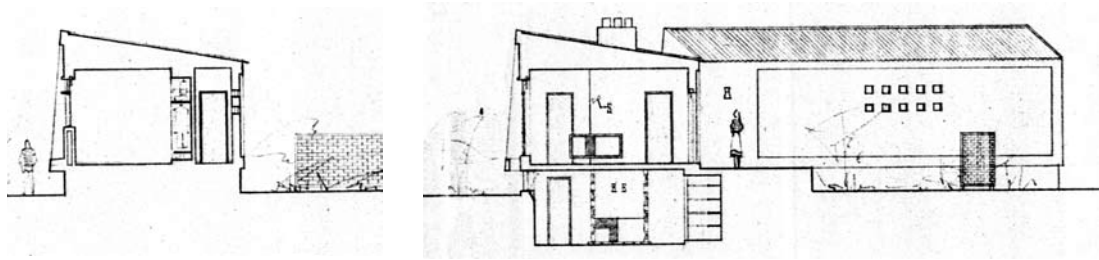


Fig. 58 e 59. Casa José Malta, António Baroseiro, 1956. Cortes AB - quarto (à esquerda) e CD - sala comum (à direita).

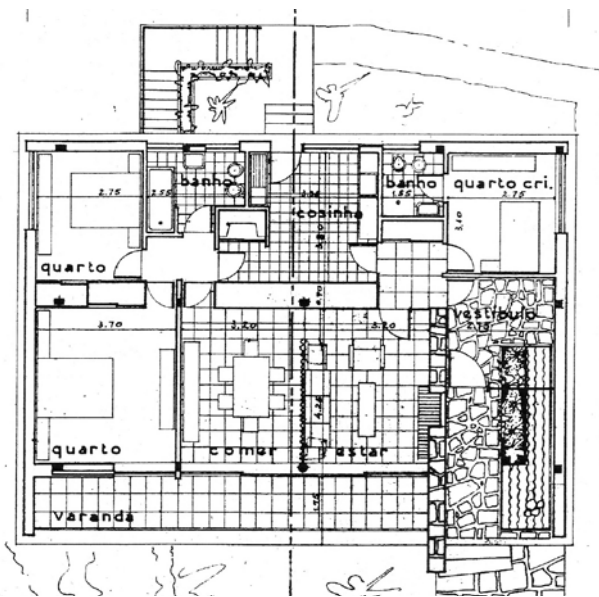


Fig. 60. Casa Edilásio Silva, António Baroseiro, 1960. Planta piso 0.



Fig. 61. Casa Mª Filomena Carrega. Mobiliário fixo da cozinha.

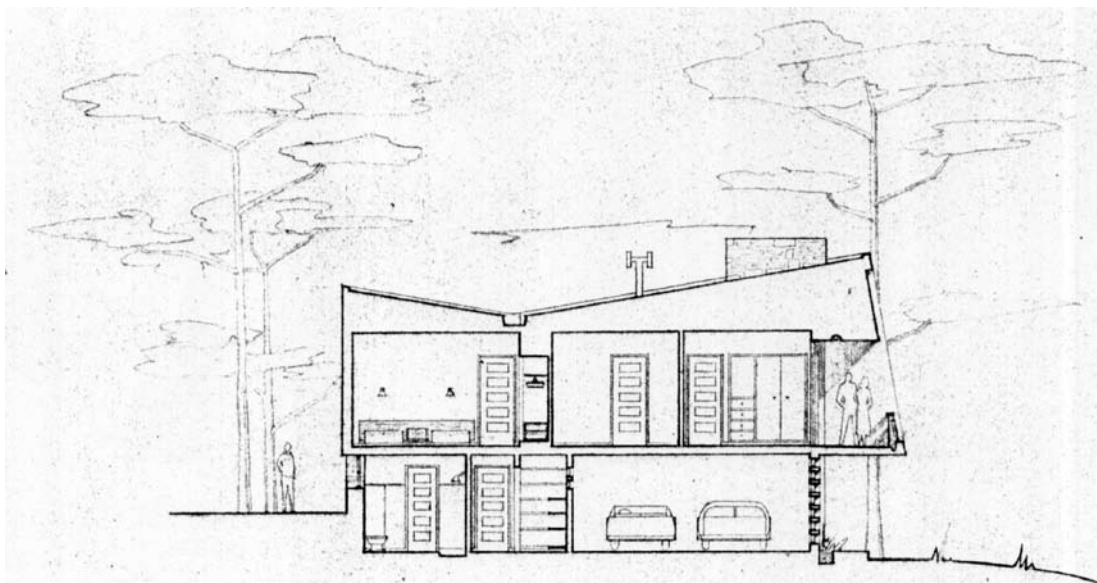


Fig. 62. Casa Augusto Roldão, António Baroseiro, 1953. Corte AB.

Os detalhes do desenho do mobiliário, na casa Augusto Roldão, passam pelo desenho pormenorizado do fogão de sala que é construído em pedra aparelhada e no qual se inserem molduras e prateleiras de mármore. Esta marca é perceptível não só no desenho das plantas, como nos cortes, que incluem o mobiliário desenhado ao pormenor, com linhas “modernas” da época, tal como se pode verificar nos cortes desta moradia e da casa José Malta.

Tal como será descrito novamente no subcapítulo **Programa**, a inclusão do mobiliário na construção da casa vai ser uma das formas de responder à ideia de *casa-máquina*, enunciada por Le Corbusier e adoptada pelo Movimento Moderno. Nos casos em estudo, os armários e roupeiros embutidos vão representar essa premissa. Em quase todos eles é identificada a presença destes mecanismos, mas destacam-se os da casa Edilásio Silva, pelo seu desenho detalhado e por serem capazes, por si só, de equipar e ao mesmo tempo dividir os compartimentos.

Nas cozinhas, com áreas muito reduzidas, vamos encontrar os seus armários encastrados de forma a maximizar a utilização do espaço. Mas, em casos distintos, como nas casas M^a Filomena Carrega ou João Simões, podemos encontrar formas de organização e peças de mobiliário únicas. Na primeira, encontra-se um escaparate singular com recorte curvo que é uma pequena “ilha” para servir refeições e ao mesmo tempo armazenar utensílios e alimentos. Já na cozinha da casa João Simões, um pouco mais espaçosa que as das restantes casas estudadas, encontra-se um balcão que separa a zona de confecção de uma pequena zona de refeições.

Também a presença do automóvel, em quase todas as moradias analisadas em S. Pedro de Moel, é um sinal dos tempos modernos, assimilado pelos seus habitantes e transcrito na execução dos projectos. A programação das casas vai incluir, no volume da habitação, o espaço destinado à garagem e nos desenhos das fichas E, G e H, verificam-se instalações para albergar o motorista. O veículo é representado nos desenhos dos processos (plantas e cortes e alçados), como se verifica, por exemplo, na casa João Franco Frazão.

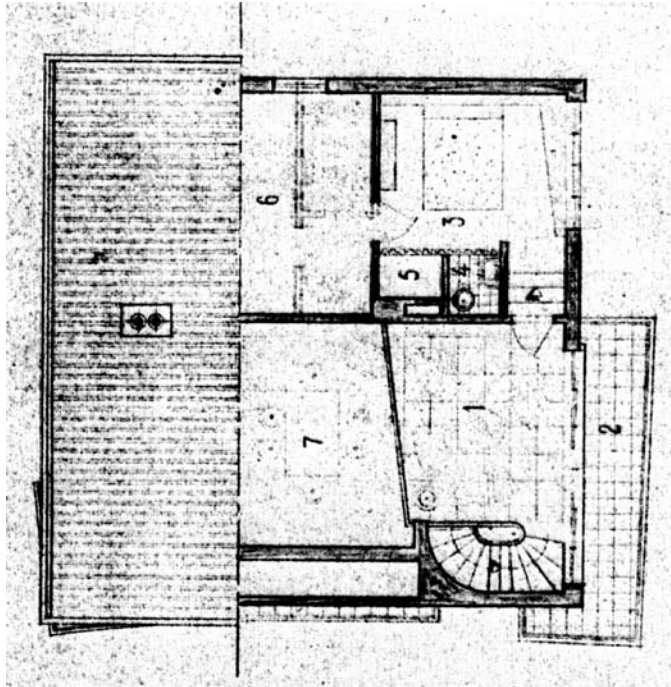


Fig. 63. Casa Floriano Silva, António Baroseiro, 1952. Planta piso 1.

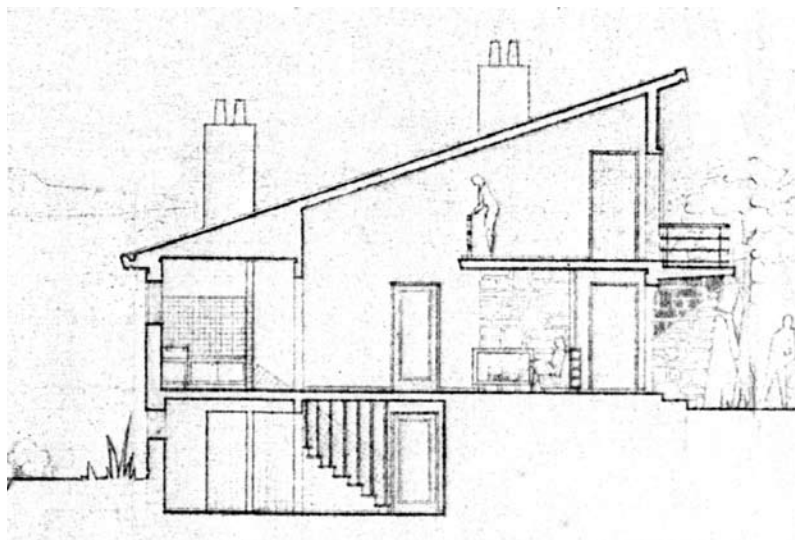


Fig. 64. Casa Floriano Silva, António Baroseiro, 1952. Corte AB.

3.4. PROGRAMA: REDUÇÃO, CONCENTRAÇÃO E SIMPLIFICAÇÃO

“A ideia de casa-máquina, vai desenvolver uma organização interna dos fogos estritamente funcional, forçando uma diferenciação mais rigorosa entre os espaços comuns e as zonas privadas.”²⁶

A concretização desta ideia de *casa-máquina* vai ser feita através de um cuidadoso trabalho de concentração de funções e de simplificação das actividades, garantindo ao mesmo tempo a continuidade entre diferentes zonas funcionais, que se integram num mesmo espaço. A separação e marcação das diferentes áreas da casa vão ser aspectos recorrentes nas edificações em S. Pedro de Moel nas décadas de 50 e 60. A diferenciação entre zona social, zona de serviços e zona íntima é bastante clara e empregam-se os mais diferentes recursos arquitectónicos para a alcançar.²⁷

As ideias de redução, concentração e simplificação do programa residencial vão ser dos aspectos mais recorrentes nestas casas, uma vez que se destinam a uma estadia sazonal e, por isso, as necessidades de todos os dias são aqui menos importantes. Também os meios financeiros geralmente disponíveis para a sua construção levam a que as áreas e a maneira como os compartimentos se interligam sejam, de certa forma, simplificadas e reduzidas, com a ajuda de muita imaginação por parte dos seus autores, respondendo, assim, a uma nova maneira de habitar os espaços.

Na casa Floriano Silva a sala de estar no piso superior é um pequeno *mezanine* sobre a sala comum, com varandim virado para a zona de jantar. Esta solução cria uma situação de pé-direito total que aproveita o espaço criado pela inclinação da cobertura.

²⁶ RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 566.

²⁷ Acerca da distinção entre as diferentes zonas funcionais da casa, falaremos (também) mais à frente no subcapítulo **Composição** - volumetrias e contornos.

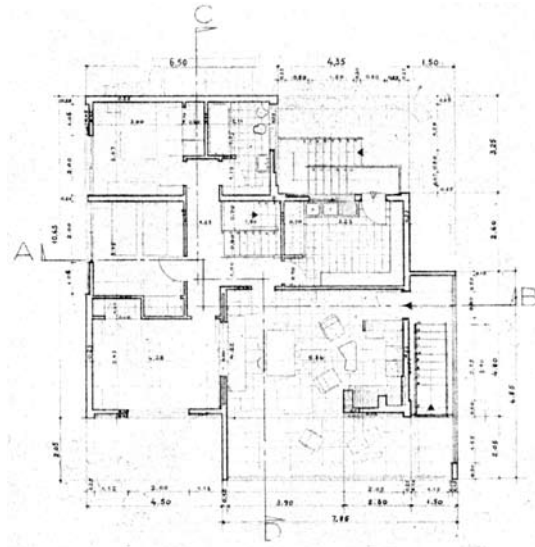


Fig. 65. Casa João Franco Frazão, António Baroseiro, 1954. Planta piso 1.

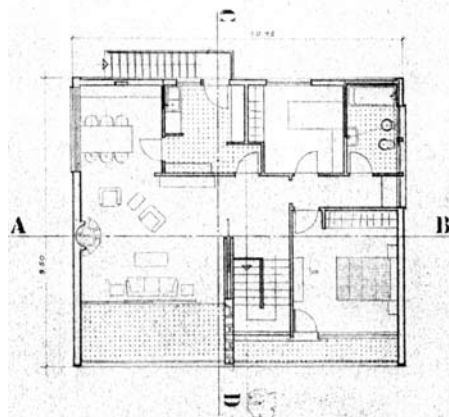


Fig. 66. Casa Joaquim Byrne, António Baroseiro, 1957. Planta piso 1.

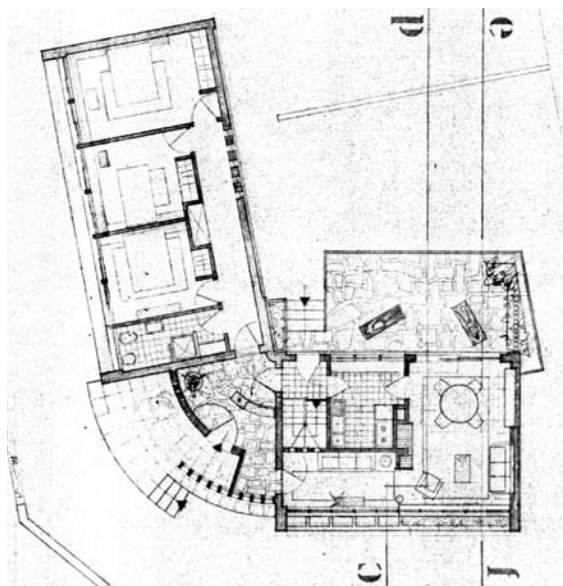


Fig. 67. Casa José Malta, António Baroseiro, 1956. Planta piso 0.

Neste sentido, a sala comum não deixa de ser um grande espaço organizado horizontal e verticalmente, tirando partido de todos os elementos da construção. Mais uma vez, nesta casa, a simplificação e concentração espacial são manipuladas. Para além de todos os acontecimentos já descritos na sala comum, esta, ainda abarca o momento de entrada na casa. A separação entre este primeiro contacto com a residência e a restante sala é feita por um painel “leve”.

A sala comum tende a albergar diversas funções e a ser um espaço polivalente/flexível, na qual são usados os mais diversos meios para manter a continuidade espacial, mas ao mesmo tempo permitir a privatização dos espaços, como acontece na casa João Franco Frazão. Aqui, a sala está separada do quarto, que lhe é adjacente, por portas de correr, para o caso de se querer expandir a sala em caso de necessidade. Este tema é também explorado na casa Joaquim Byrne, onde uma grande porta de correr divide a zona social da área que envolve a caixa de escadas, no piso 1, permitindo a expansão da sala comum.²⁸ Também na planta do projecto inicial da casa Alberto Barreto é possível detectar um elemento que poderá ser uma cortina que permite dividir ou abrir a sala comum. O mesmo acontece na casa Edilásio Silva, onde na sala comum existe a possibilidade desta ser um espaço amplo e único ou então optar-se por dividir as duas zonas, de estar e comer, através de uma cortina.

Como temos vindo a registar, a sala é o espaço central da casa, e embora as suas diferentes áreas, de estar e de jantar, tendam a ser espaços ligados formando a sala comum, persiste um conjunto de marcações que permite identificar a autonomia dessas zonas. Nos casos analisados, podem detectar-se as marcações do mobiliário, que distinguem as diferentes áreas da sala. Em casos mais inventivos, como na casa José Malta, os diferentes espaços da sala comum distinguem-se pela colocação do mobiliário e pela sua forma em L, capaz de, por si só, criar zonas distintas. Podem identificar-se três recantos diferentes - o de estar, o da lareira e o de jantar. O mesmo acontece na

28 Os cortes mostram bem esta duplicidade de funções e a continuidade versus separação de espaços. Ver ficha L.

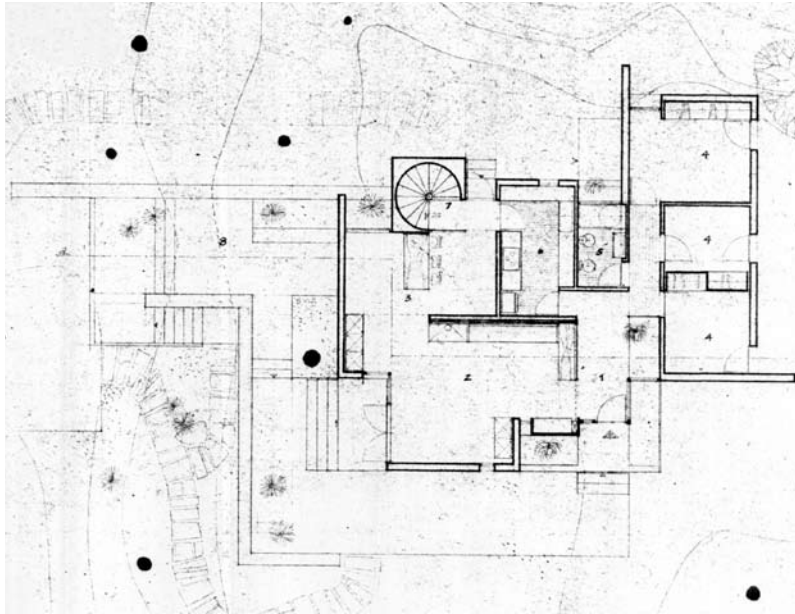


Fig. 68. Casa João Matos e Silva, José Luís Tinoco, 1959. Planta piso 0.

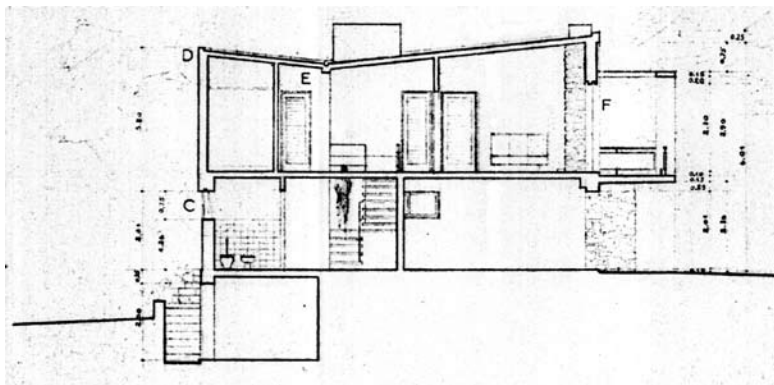


Fig. 69. Casa João Franco Frazão, António Baroseiro, 1954. Corte CD.

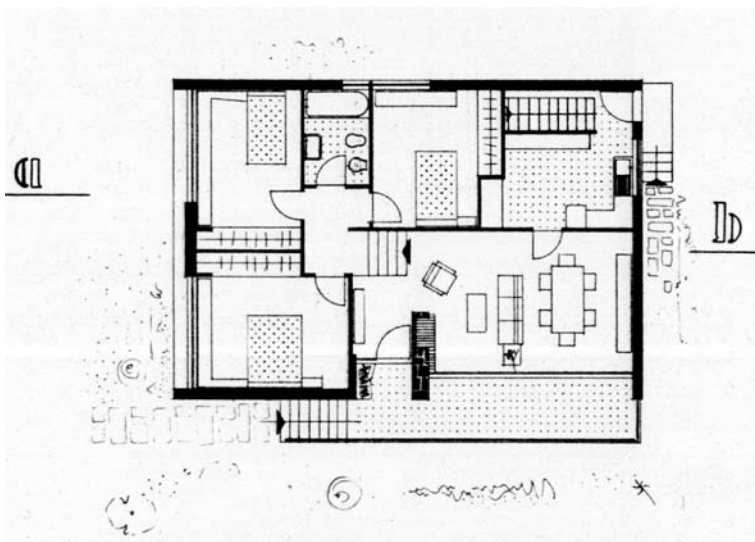


Fig. 70. Casa Henrique Marques, António Baroseiro, 1958. Planta piso 1.

casa Joaquim Byrne, também da autoria de António Baroseiro, em que as diferentes áreas da sala comum se diferenciam pelo desenho do mobiliário e pelo facto da zona de refeições resultar de um recanto mais pequeno dentro da sala. Já na casa João Matos e Silva, a sala comum (coração da casa) comunica de forma particular com todos os outros espaços adjacentes, como a entrada, a cozinha ou a entrada de serviço. Aqui as diferentes zonas da sala comum diferenciam-se pelas diferentes direcções que esta toma, pela colocação de paredes portantes em diferentes direcções e também pela localização do mobiliário.

Muitas vezes, a forma de expandir o espaço, já reduzido, da sala comum é recorrendo ao aproveitamento máximo do pé-direito resultante da inclinação da cobertura, como acontece nas casas Joaquim Correia, Floriano Silva, Manuel Augusto Rosa, Henrique Marques, Edilásio Silva, Joaquim Byrne e João Franco Frazão.

Um dos meios mais utilizados para concentrar, reduzir e simplificar o espaço, é a inclusão do hall de entrada na área da sala comum. Na casa Henrique Marques a divisão destes dois momentos é marcada pela expressiva parede da lareira/chaminé.

Devido à área limitada dos lotes, numa tentativa de concentrar a massa construída, recorre-se muitas vezes à centralização e redução das áreas de circulação. A maioria dos casos analisados recorre a uma circulação centralizada. Dá-se o exemplo, mais uma vez, da casa Henrique Marques, onde o núcleo dos quartos e casa de banho se distribuem em redor de um pequeno hall central. Este núcleo é mais elevado do que o social e, para se passar de uma zona para a outra tem que se utilizar uma pequena escada que separa estas duas. Neste caso, é de valorizar a forma como recorrendo a um vestíbulo tão pequeno se faz a distribuição de toda a zona íntima, sendo este (vestíbulo) a única forma de distribuição que se encontra no piso 1. Na casa Marques Roldão verifica-se a mesma circulação centralizada e o recurso a uma pequena escada para separar e desnivelar as diferentes zonas, social e íntima. Aqui, o conceito de centralização das circulações é levado ao limite e todas as movimentações na casa estão colocadas num bloco central, ou seja, escadas de acesso à zona íntima, corredor de distribuição



Fig. 71. Casa Edilásio Silva. Vista do armário/divisória a partir da cozinha.



Fig. 72. Casa Edilásio Silva. Vista do armário/divisória a partir da sala comum.

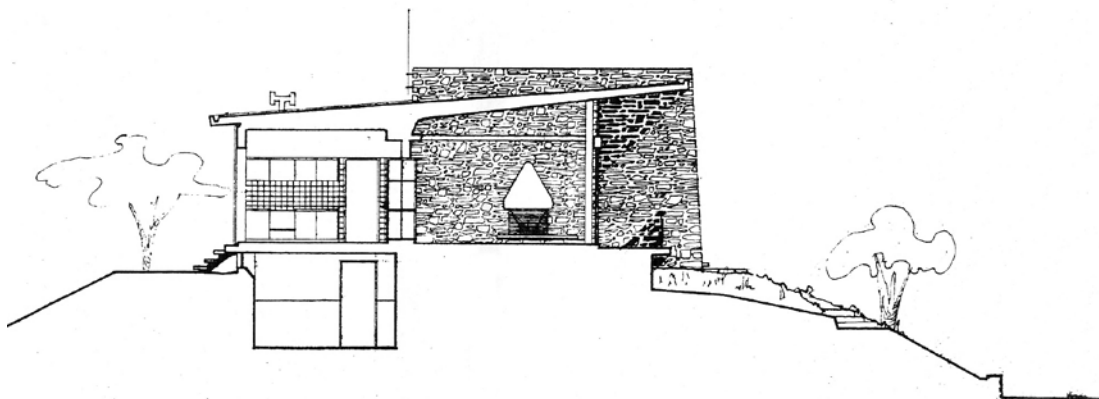


Fig. 73. Casa Edilásio Silva, António Baroseiro, 1960. Corte AB.

desta, e escada de serviço para o piso inferior, formam um bloco central e compacto no edifício.

Nas casas João Simões, Aníbal Abrantes e José Malta, a concentração dos quartos num corpo próprio é ditada pela eficácia prática do seu funcionamento, quer pela autonomia e privacidade requeridas, quer pela sua protecção relativamente ao ruído da vida nas restantes áreas da casa.

As cozinhas, zonas de comer e de estar são bastante funcionais, onde se observam novos mecanismos para facilitar as lides domésticas. A construção é racionalizada ao pormenor, os armários são encastrados, os roupeiros fixos, entre outros. Isto mesmo se pode observar na casa Edilásio Silva, onde quase todo o mobiliário da cozinha, sala e quartos é encastrado. Exemplificando, a sala comum está separada da cozinha por um móvel que tanto serve de aparador para a sala como de armário para a cozinha. Ambas comunicam directamente entre si através de um passa pratos. O mesmo jogo duplo encontra-se nos quartos principais. Os roupeiros fixos dividem os quartos, ficando metade do roupeiro a servir um dos quartos e a outra metade serve o outro. Em ambos os casos não existem paredes divisórias, sendo apenas os armários que dividem os compartimentos.

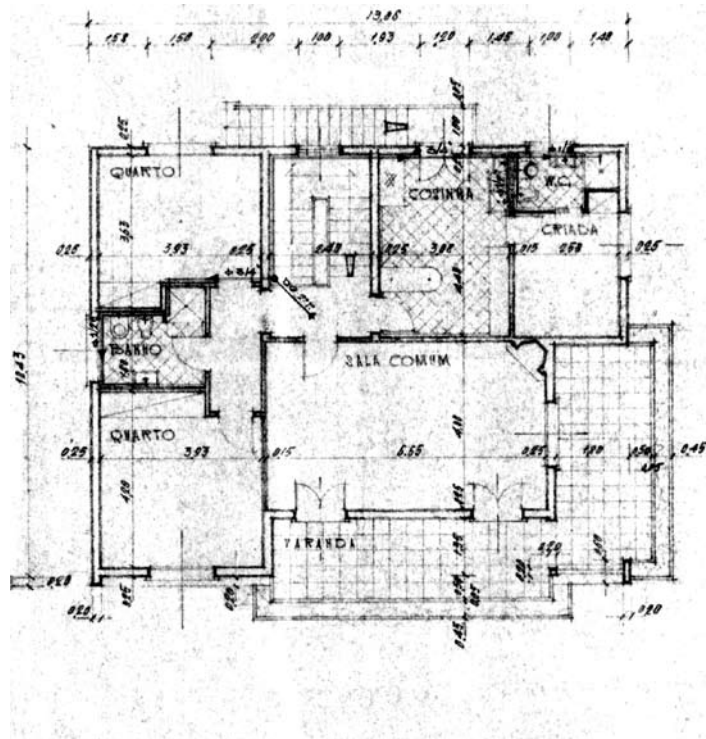


Fig. 74. Casa Mª Filomena Carrega , António Egêa, 1958. Planta piso 1.

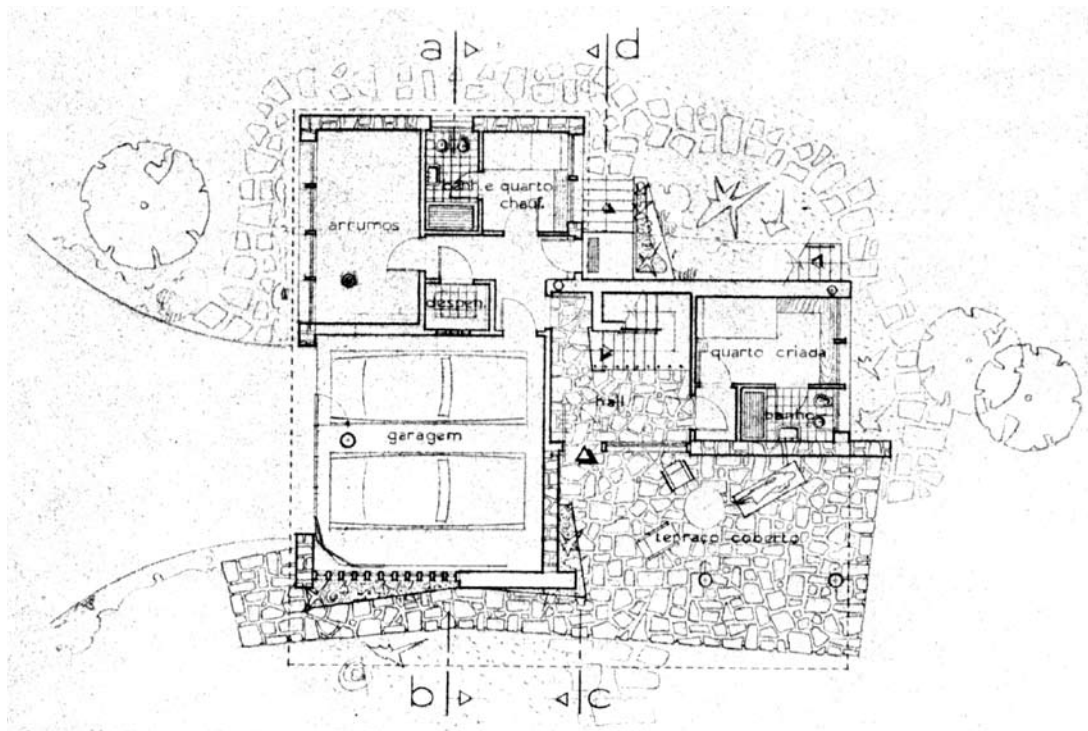


Fig. 75. Casa Augusto Roldão, António Baroseiro, 1953. Planta piso 0.

3.5. ESPAÇO

3.5.1. ABERTURA DA CASA PARA O EXTERIOR E VALORIZAÇÃO DO TEMPO DE LAZER

Na procura de uma nova modernidade, estas casas mantêm uma relação aberta com o exterior, seja através de grandes vãos, ou da continuidade dos materiais, que dilatam o espaço da casa para além dos seus limites físicos. A junção dos espaços de estar e de jantar num espaço único e amplo, tende a propor uma relação de continuidade entre interior e exterior, sendo que a solução adoptada para este efeito passa muitas vezes pela minimização dos elementos construídos, reduzindo-os até à presença de um plano de vidro como única separação entre interior e exterior.

A presença de varandas e terraços adjacentes ao espaço da sala comum vai facilitar essa expansão espacial (do interior para o exterior), como acontece em grande parte dos exemplos estudados. Na casa Marques Roldão, a sala comum, que ocupa toda a lateral sudeste do edifício, prolonga-se para as duas varandas adjacentes a Nordeste e a Sudoeste, formando um conjunto coerente com os restantes compartimentos da zona social da casa, dedicada aos tempos de lazer.

Algumas das varandas chegam a atingir áreas próximas das salas comuns que servem, demonstrando essa vontade de usufruir de uma vivência no exterior. Na casa M^a Filomena Carrega, em termos espaciais, a varanda ganha quase tanta importância como a sala comum, visto que ambas têm quase a mesma área (sala=26m² e varanda=23m²). Nesta habitação, a passagem da zona social para a varanda é feita com o recurso a um método mais tradicional, com duas janelas de sacadas/verticais.

Na casa Augusto Roldão os novos dispositivos de abertura da casa ao exterior vão ser bastante explorados. Neste exemplo, todos os compartimentos do piso 1 são



Fig. 76. Casa Helena Gameiro. Vista a partir do quarto principal.



Fig. 77. Casa João Simões. Vista a partir da varanda do atelier.



Fig. 78. Casa François Font. Vista a partir da varanda da sala comum.

prolongados para o exterior sob a forma de terraços e de varandas, através de grandes envidraçados. No piso 0, o terraço coberto penetra no interior do edifício pelo hall de entrada, sob a forma de um pavimento contínuo. Aqui, acontece o oposto e é o exterior que invade o interior. Nesta casa, a absorção dos valores modernos de comunhão com o ar livre e de desfrute dos tempos de lazer são nítidos até nos desenhos, onde o autor representa várias figuras humanas para ilustrar a forma como se pode usufruir dos espaços. Nos desenhos das plantas do piso 0 e 1 identificam-se pessoas deitadas, quer na varanda, quer no terraço, a apanhar banhos de sol, rodeados do mobiliário mais conveniente. É de notar a forma como o autor desenha a planta do piso 0, reforçando a ideia de que a construção faz parte do jardim. A minimização dos panos de parede, o uso de *pilotis* e a continuidade dos pavimentos faz com que a casa se insira discretamente na sua envolvente arborizada e ajardinada.

Para além desta nova forma de aproveitar os espaços para uma maneira de estar mais descontraída, as varandas, principalmente as que se situam no piso superior da habitação, servem para desfrutar da paisagem, nomeadamente, das vistas sobre o oceano que se vislumbra no horizonte, umas vezes mais próximo, outras vezes mais afastado. Nomeadamente na memória descritiva da casa Joaquim Byrne pode ler-se: “*A sala prolonga-se para o exterior através de um amplo terraço que servirá de zona de estar defendida dos raios solares e dos ventos dominantes e donde se desfruta um belo panorama.*”²⁹ O desfrute da panorâmica a partir de grandes varandas que se debruçam sobre a paisagem acontece igualmente nas casas Helena Gameiro, João Franco Frazão, Manuel Augusto Rosa, João Simões, François Font e Henrique Marques, mas nestas últimas, todos os espaços têm uma vista privilegiada sobre o mar, uma vez que à sua frente não há construções que obstruam a vista sobre o imenso oceano.

Se, na maior parte dos casos, as varandas e terraços servem para expandir o espaço virtual da casa e desfrutar da paisagem envolvente, também é possível encontrar situações opostas, como na casa José Malta. Aqui, também a sala comum que ocupa

29 BAROSEIRO, António Dinis - *Joaquim Sousa Byrne: processo de obras, nº 1176*. 1959.



Fig. 79. Casa Aníbal Abrantes. Jardim e moradia.

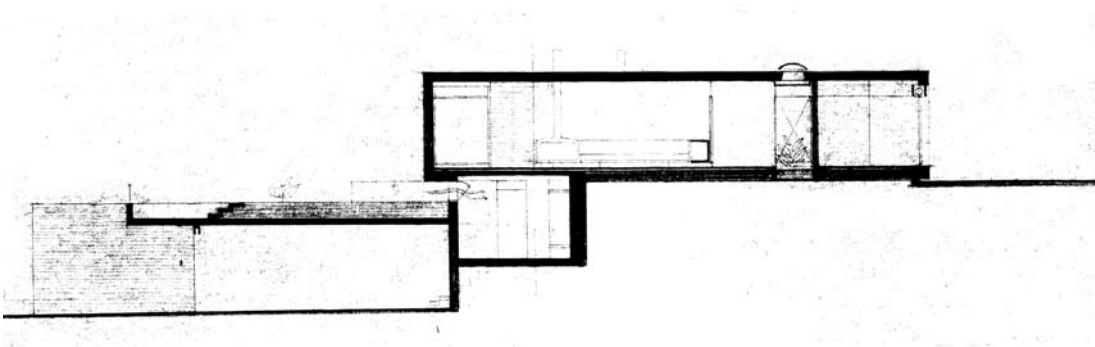


Fig. 80. Casa João Matos e Silva, José Luís Tinoco, 1959. Corte AB.

toda a fachada principal a norte, prolonga-se para sul no recanto oposto, ou seja, um grande envidraçado abre-se para o terraço que lhe é adjacente, mas este está resguardado não só dos ventos, como dos olhares alheios, como se pode ler na memória descritiva: “A sala comum propriamente dita tem uma porta envidraçada que abre para um terraço, que resguardado dos ventos dominantes e dos olhares indiscretos se presta ao repouso mesmo com fatos ligeiros”³⁰.

Como já foi dito anteriormente, e muito devido às imposições do plano de urbanização para este aglomerado, todas as casas aqui construídas têm um jardim à sua volta, de maiores ou menores dimensões, consoante o lote onde se inserem. Este elemento é tão importante para os habitantes e para os autores, que estes fazem questão de salientar nas memórias descritivas a sua execução, manutenção da arborização existente, ou mesmo da participação do jardim na vida diária, como se verifica no processo da casa Floriano Silva: “Distribuição conveniente das dependências tendo em conta: primeiro, a orientação; segundo, a adaptação ao terreno; terceiro, o aproveitamento das vistas sobre a paisagem; quarto, a participação do jardim na vida cotidiana [sic].”³¹ Nesta moradia, o projecto do jardim, que mantém os pinheiros pré-existentes no terreno, surge como uma continuação da casa. Também na casa Aníbal Abrantes, o jardim foi tido em conta como um prolongamento da habitação. Este é um recinto de recreio onde se pode apreciar as sombras oferecidas pelas árvores.

Na casa João Matos e Silva, a dissimulação dos volumes na sua envolvente arborizada é levada ao limite. Num efeito de autêntica *promenade architecturale*, os acesos exteriores são feitos por meio de escadas ou caminhos abertos na vegetação, que se manteve tal como era inicialmente. Os sucessivos patamares, que se encontram ao longo do espaço exterior, misturam-se com os volumes construídos da casa. Estes, com a sua volumetria reduzida, graças à utilização de uma cobertura plana, integram-se no terreno arborizado e escalonado, numa tentativa de dissimular o acentuado declive do

30 BAROSEIRO, António Dinis - José Malta Júnior: processo de obras, nº 196. 1958.

31 BAROSEIRO, António Dinis - Floriano Ferreira Silva: processo de obras, nº 395/53. 1952.



Fig. 81. Casa Joaquim Lourenço. Hall de entrada.

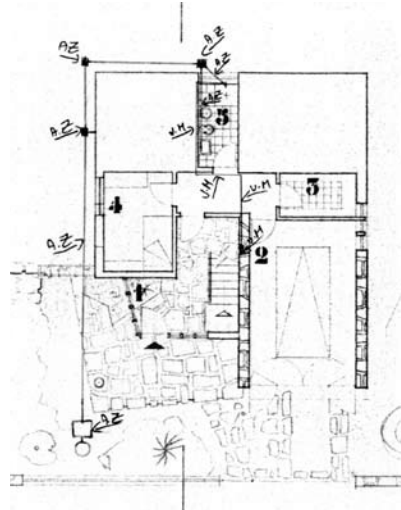


Fig. 82. Casa Helena Gameiro, António Barroso, 1954. Planta piso 0.



Fig. 83. Casa João Simões. Vista da moradia entre a arborização.



Fig. 84. Casa Joaquim Byrne. Vista da moradia entre a arborização.

terreno. Se nesta casa o interior se prolonga para o exterior, como acontece na sala em que um grande envidraçado se abre sobre a varanda, por outro lado, o exterior também invade o interior do edifício. Na planta do piso 0 e no corte AB pode verificar-se a forma como pontualmente se encontram marcas dessa invasão. A colocação de vegetação em pontos estratégicos do limite exterior da casa, em frente aos envidraçados, ou mesmo a manutenção de um pequeno canteiro no hall de entrada, mostram essa intenção de interior e exterior se relacionarem.

Tal como se anunciou no parágrafo anterior, uma outra forma de estreitar os laços entre habitação e natureza envolvente é através da continuidade dos materiais que, principalmente nos pisos térreos, vão aproximar interior com o exterior. Nas casas Helena Gameiro, Joaquim Lourenço e Edilásio Silva entre outras, os pavimentos exteriores, concretizados em materiais mais vulgares, vão ser continuados até ao interior, penetrando nos espaços de entrada e arrastando consigo elementos vegetais do exterior (os pequenos canteiros com plantas invadem estes espaços). Estes pavimentos contínuos são materializados com desperdícios de mármore nas duas primeiras e com pedra rústica, na última. Esta caracterização das zonas de entrada, perfeitamente iluminadas por vãos envidraçados que minimizam a separação entre interior e exterior, dá a sensação de ainda se tratar de um espaço externo, reforçando assim, a relação da casa com a sua implantação e terreno envolvente.

A conservação da arborização existente nos terrenos, muitas vezes bastante densa, permite que as construções se diluam mais facilmente no meio envolvente, minimizando, assim, o seu impacto na paisagem. Isto acontece constantemente e, por vezes um primeiro olhar não identifica imediatamente a presença de construções em determinadas zonas de pinhal mais cerrado. As casas que melhor beneficiam desta “camuflagem” são aquelas que estão inseridas em lotes de maiores dimensões, na vertente mais a Este do aglomerado. Aqui, construções como as casas Joaquim Byrne, João Franco Frazão e João Simões insinuam-se pelo meio do pinhal que as envolve, dissimulando a sua volumetria, por vezes mais marcada, como acontece na casa João Simões.

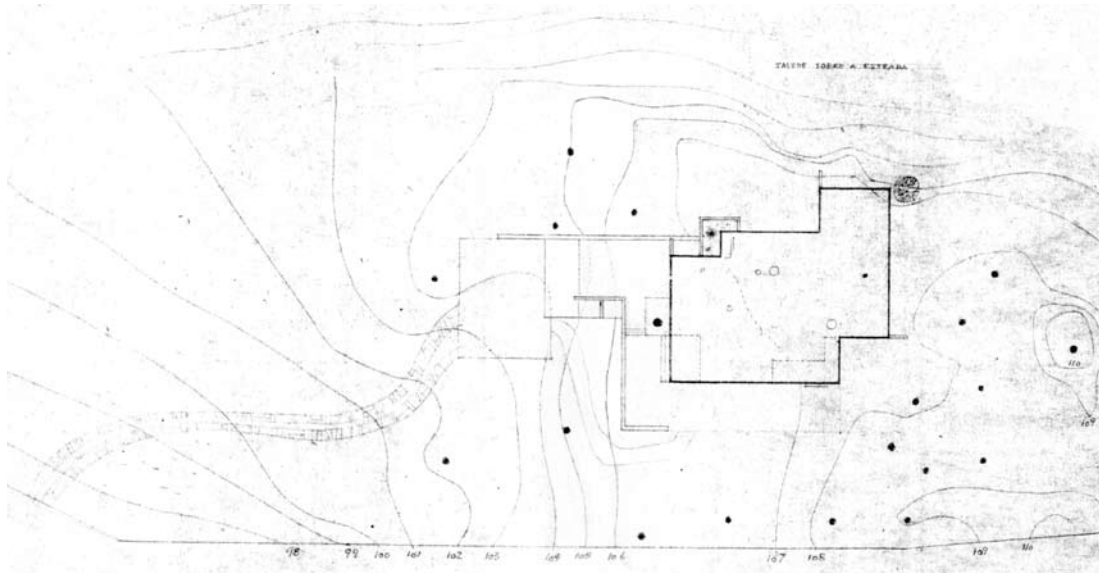


Fig. 85. Casa João Matos e Silva, José Luís Tinoco, 1959. Planta de localização.

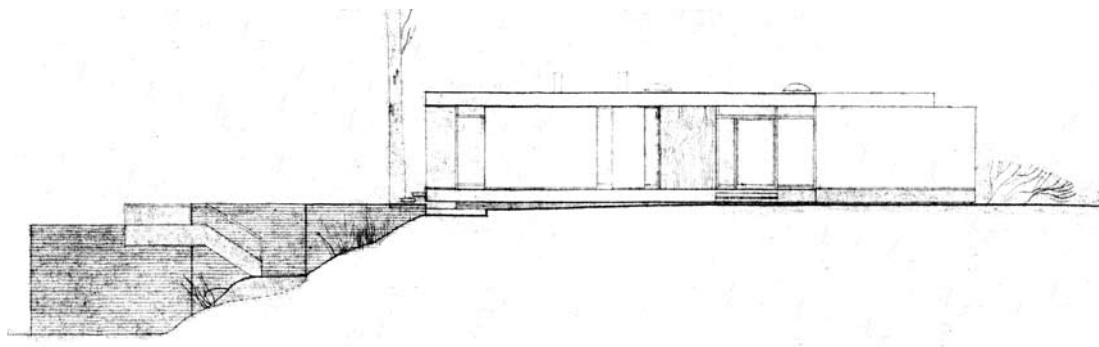


Fig. 86. Casa João Matos e Silva, José Luís Tinoco, 1959. Alçado sudoeste.

Esta fusão só é possível, pelo facto de nestas habitações a concepção do projecto ter tido a preocupação de se adaptar ao terreno e ter valorizado a arborização existente, mantendo-a.

3.5.2. MOVIMENTO EMOTIVO - ESPACIAL OU *PROMENADE ARCHITECTURALE*

“A promenade architecturale concebida como trajecto do exterior ao interior, através da passagem em movimento por espaços, escadas e rampas, numa sequência de luz e sombra, transforma-se numa experiência do espaço moderno, essencial para promoção da nova forma de habitar.”³²

A casa que melhor satisfaz esta premissa é a casa João Matos e Silva, onde os percursos exteriores são feitos por meio de escadas ou caminhos abertos na vegetação. O acesso à habitação é feito a partir de sucessivos patamares que envolvem o limite exterior da construção numa tentativa de vencer o acentuado declive do terreno. Alguns degraus oferecem a transição entre os patamares que, sustentados apenas por muros de suporte (construídos com pedra rústica local para, assim, se integrarem melhor na paisagem envolvente), abrem caminho para uma entrada indirecta no edifício. Esta ideia de movimento é transportada para o interior, onde o percurso pela casa é feito num movimento ondulante, conduzido pela colocação de panos de parede que dissimulam a transição entre diferentes espaços.

Devido à pequena dimensão das casas em questão, e porque a *promenade architecturale* implica o percorrer de um longo percurso entre as diferentes áreas sociais da casa, esta ideia vai ser concretizada através das circulações que vão valorizar o movimento e a perspectiva sobre o espaço.

32 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 438.



Fig. 87. Casa Helena Gameiro. Escada de acesso ao piso superior.



Fig. 88. Casa João Simões. Escada de acesso ao atelier.



Fig. 89. Casa José Rodrigues, Frederico Barosa e Marco Clemente, 2007. Levantamento do alçado principal.

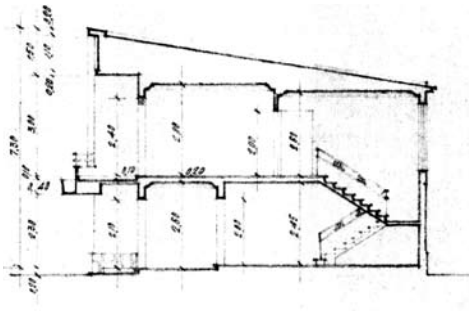


Fig. 90. Casa M^a Filomena Carrega , António Egêa, 1958. Corte AB.



Fig. 91. Casa Helena Gameiro. Espaço envolvente da escada.

O desenho da escada (ou circulação vertical) e a sua inserção no espaço da sala, duplicando assim o pé-direito, vai ser uma solução proposta na casa Helena Gameiro. A escada é apresentada na forma de degraus soltos, colocados em balanço e suspensos em finas barras de ferro que minimizam a densa estrutura normalmente associada às escadas. Assim, o acesso vertical e o dispositivo espacial que o envolve permitem esboçar uma ideia eficaz de continuidade espacial entre o rés-do-chão e o piso superior. A mesma situação é identificada na casa João Simões. Aqui, as escadas que fazem a ligação entre o piso de entrada e o piso superior, destacam-se por serem blocos rectangulares que furam e se prendem na parede. Os degraus em balanço permitem uma leitura contínua do espaço, convidando à exploração do piso superior da habitação.

Outras vezes, é através dos acessos no exterior da casa que a ideia de movimento é posta em prática. Nas casas Alberto Barreto e José Rodrigues, os acessos verticais adoptam formas mais orgânicas. Estes, vão ganhar maior valor plástico, graças às capacidades que o betão faculta. Na primeira, uma escada em curva transporta o habitante desde o jardim até ao piso principal, que se quer destacado. Já na segunda, encontra-se uma novidade construtiva, uma rampa de dois lances com dobra em curva oferece a transição entre o nível térreo do jardim e o da entrada, que se encontra cerca de dois metros acima da cota do chão. Num movimento dinâmico, em ambos os casos, o acesso vertical, visa vencer o espaço entre o jardim e o volume principal da habitação, que se quer libertado do chão.

A escada e a “esfera” que a envolve permitem uma leitura de continuidade espacial entre o piso de entrada e o piso principal, como se pode averiguar por exemplo nas casas Floriano Silva, Helena Gameiro e Joaquim Byrne. Esta zona, como se verifica também nas casas Joaquim Lourenço e M^a Filomena Carrega, faz parte da organização espacial do edifício, ao mesmo tempo que, através de sistemas de luminosidade vertical, dilata o seu espaço interior.

Os dispositivos de circulação, que impulsionam o movimento pela casa, promovem a continuidade espacial. Esta noção vai ser um aspecto importante para carac-



Fig. 92. Casa Joaquim Byrne. Escada de serviço.



Fig. 93. Casa Joaquim Lourenço. Escada de serviço.

terizar uma nova forma de organização que, ao reduzir os esforços diários, vai proporcionar um estilo de vida entregue ao repouso.

3.5.3. MOVIMENTO FUNCIONAL - PRÁTICO

As escadas tomam as mais diferentes formas e são adaptadas ao tipo de função/importância que desempenham. A escada interna da habitação João Matos e Silva, em forma de caracol, liga as duas zonas de serviço localizadas na cave e no piso principal. Escadas de um só lance, simples, minimizadas, servem áreas de serviço, quer a partir do interior da casa, quer a partir do exterior, como acontece na casa Joaquim Byrne, onde uma escada exterior permite a entrada directa na área de serviço da habitação. O mesmo se repete para a maior parte dos casos analisados. Uma solução prática é descrita na casa Augusto Roldão em que uma escada nas traseiras dá acesso directo ao corredor que serve a casa de banho para que depois de um dia de praia, se possa ir directamente para o banho sem ter que passar pelos restantes compartimentos.



Fig. 94. Casa Augusto Roldão. Terraço coberto.

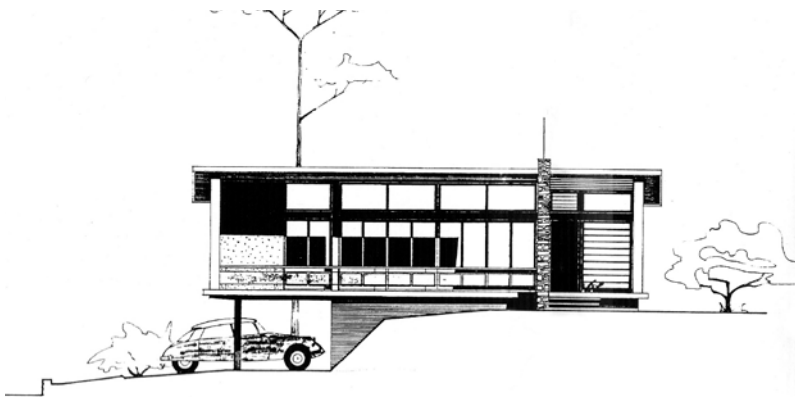


Fig. 95. Casa Edilásio Silva, António Baroseiro, 1960. Alçado principal.

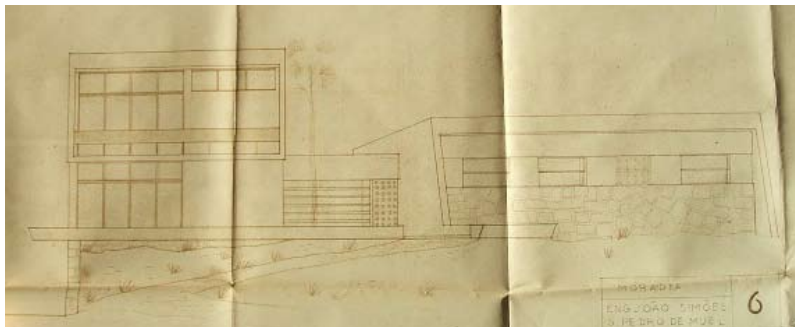


Fig. 96. Casa João Simões, João Pedro Mota Lima / Pinto e Cunha, [1953 ?] . Alçado.

3.6. COMPOSIÇÃO

3.6.1. VOLUMETRIAS E CONTORNOS

A concepção de fachada livre, que praticamente não passou pelos estiradores dos arquitectos portugueses, vai ser enriquecida pela exploração tridimensional e pela fragmentação dos volumes. (nos casos em análise)

Este paradigma está por vezes associado ao uso de *pilotis*, que libertam o espaço térreo para jardim, ou que suportam a estrutura da casa, libertando assim as fachadas. Este elemento estrutural, vai ser executado nas casas Augusto Roldão, José Rodrigues e Edilásio Silva, onde pilares circulares que sustentam o piso principal, vão libertar a zona térrea. No caso da casa José Rodrigues, este dispositivo permite expandir o jardim, por baixo do piso principal, o que torna o volume do edifício mais “solto”. O mesmo efeito é conseguido na casa Edilásio Silva, mas aqui a opção pelo uso de *pilotis* é forçada pelo desnível do terreno que se quer aproveitado para garagem e instalações de serviços. Assim, três portentosos pilares circulares suportam lateralmente o edifício, permitindo a passagem para os compartimentos que se ergueram na parte posterior deste.

A fragmentação dos volumes e a exploração tridimensional são elementos extraordinariamente explorados pelos autores das casas analisadas em S. Pedro de Moel. De forma a concretizar estes conceitos vão ser utilizadas as mais diferentes técnicas para criar edifícios mais dinâmicos e mais depurados na sua forma, se assim se entender.

Numa outra leitura, a fragmentação dos volumes vai estar associada ao movimento e à separação de diferentes áreas da casa. Essa leitura é-nos apresentada nas fichas C, H e I. O uso de dois volumes que se intersectam vai criar rótulas de ângulos agudos, que impregnam os edifícios de movimento. Estas zonas, que marcam a entrada

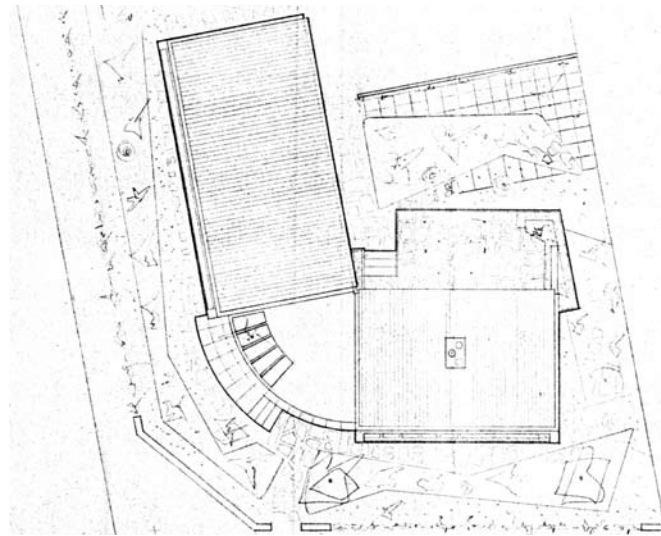


Fig. 97. Casa José Malta, António Baroseiro, 1956. Planta de cobertura.

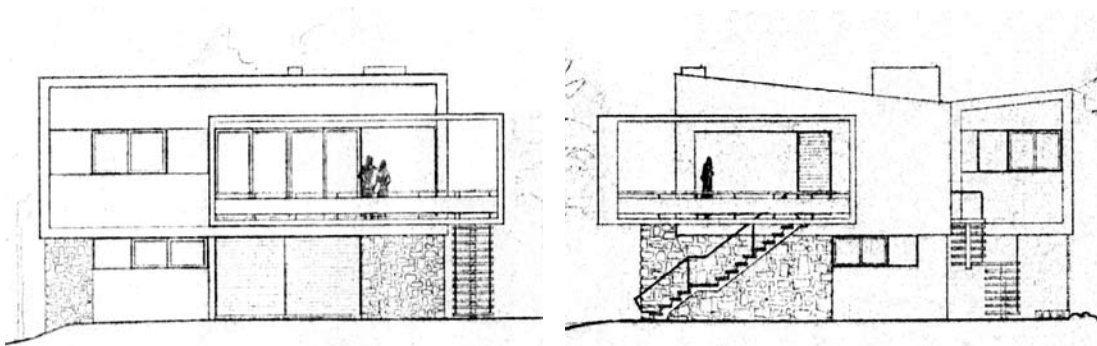


Fig. 98. e 99. Casa João Franco Frazão, António Baroseiro, 1954. Alçados principal (à esquerda) e lateral Sul (à direita)



Fig. 100. Casa Marques Roldão. Fachada para a rua.

na casa e que dividem o volume social e de serviços do volume íntimo, são verdadeiros elementos dinâmicos, quer pela solução da cobertura (plana) diferenciada dos restantes volumes, quer pela luminosidade que apresentam. O contraste entre diferentes materiais, cores e profundidades, coloca em confronto a leveza dos volumes trabalhados (depurados e lisos) com as suas raízes fixas à terra, materializadas pelo embasamento do edifício, no qual se emprega pedra rústica ou cores mais escuras.

A intersecção de volumes vai ser explorada, embora noutros parâmetros, na casa João Franco Frazão. Aqui, as escadas de acesso à entrada na habitação juntamente com a varanda, para a qual se expande a sala comum, vão ser argumentos para a inserção de um novo volume. Este volume dobra-se ajustando-se à esquina (SO) do edifício, de onde se destaca, por pertencer a outro plano com altura distinta das fachadas, como se de uma peça de *lego* se tratasse. Este elemento, juntamente com a plasticidade proporcionada pela cobertura “borboleta”³³ e as sucessivas molduras que envolvem o limite exterior das fachadas, vai criar um edifício extremamente dinâmico.

*“Coberturas inclinadas onde predominam as soluções de convergência para uma caleira central permitem ampliar a dimensão das fachadas, por um lado, e por outro, determinar nos alçados laterais formas de grande expressividade.”*³⁴ Isto é precisamente o que se verifica nos edifícios em que se emprega a cobertura “borboleta”.³⁵ Porém, na casa Marques Roldão, a ordem de apresentação inverte-se, e são os alçados principal e posterior que ganham maior expressividade com a ênfase do esquema de cobertura convergente para uma caleira central. Graças à proeminência desta cobertura, este edifício ganhou a alcunha de “Casa do Livro”, entre os frequentadores de S. Pedro de Moel.

É curioso constatar que em casas onde as plantas e os espaços são tão simples, na maior parte das vezes desenhados tendo como base a forma do quadrado e

33 Designação usada por alguns autores (Ana Tostões, Sérgio Fernandez e Rui Ramos) para definir uma cobertura inclinada de duas águas a convergir para uma caleira central.

34 FERNANDEZ, Sérgio - *Percurso : arquitectura portuguesa : 1930-1974* . 1988. p. 70

35 Ver fichas B, E, F, G, K e N.



Fig. 101. Casa Manuel Augusto Rosa. Fachada a Norte.

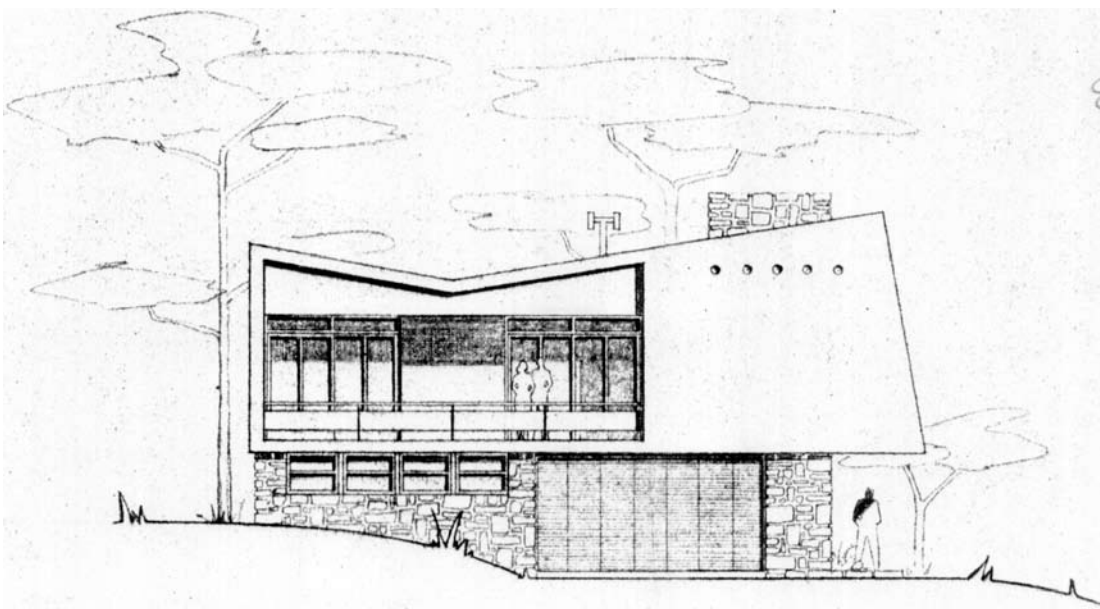


Fig. 102. Casa Augusto Roldão, António Baroseiro, 1953. Alçado lateral Norte.



Fig. 103. Casa Alberto Barreto. Perspectiva.



Fig. 104. Casa Helena Gameiro. Perspectiva.

suas variações, se vá encontrar soluções de exterior extremamente dinâmicas. A casa Manuel Augusto Rosa exprime bem esta ideia, e apesar de em planta o edifício estar consignado a um quadrado de 9,5m×9,5m, volumetricamente este surge com mais movimento, onde a introdução de linhas e paredes oblíquas, tal como o avanço e recuo dos diferentes panos de parede criam um efeito enérgico. Uma moldura “agarra” toda a casa, pegando nela no local onde se faz o contacto com o ponto mais alto do terreno e envolvendo o corpo da casa até se enterrar no ponto mais baixo de contacto com o solo. Desta forma, transpõem-se as diferentes cotas do terreno com um elemento forte que, em vez de se render ao declive acentuado, usa essa dificuldade para dar expressão ao edifício. Também a varanda se investe de forte presença expressiva. Bastante pronunciada, figura-se como um baloiço sustentado por dois braços de betão gigantes que conferem ao conjunto o aspecto de máquina/aranha que crava as suas pernas na terra.

A aparente oposição entre densidade e leveza flutuante é vencida pela utilização de pedra aparente no piso em contacto com o solo e de reboco no piso superior, confrontando a expressão tradicional e moderna dos materiais.³⁶ Esta noção vai ser aplicada em grande parte dos exemplos analisados, como se verifica nas fichas C, D, E, G, H, L, M, N, O, P, T e U. Destaca-se a casa Augusto Roldão, onde esta ideia é reforçada pela escala dos volumes e pela utilização da cor (as cores apresentadas nas fotografias já não são as originais, essas eram o branco, o verde claro e o escuro).

O destaque das fachadas fundamenta-se, muitas vezes, nos sucessivos avanços e recuos, onde a composição volumétrica recusa os ângulos rectos. Numa tentativa de destaque do piso principal, para que este pareça solto do solo, usam-se molduras salientes (por vezes pintadas em cores diferentes das utilizadas no plano mais recuado do alçado), que destacam o limite exterior das fachadas, dando unidade volumétrica às construções, ao mesmo tempo que lhes dá profundidade. Este jogo de molduras vai ser usado eficazmente nas casas Marques Roldão, João Franco Frazão, Alberto Barreto,

36 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 509.

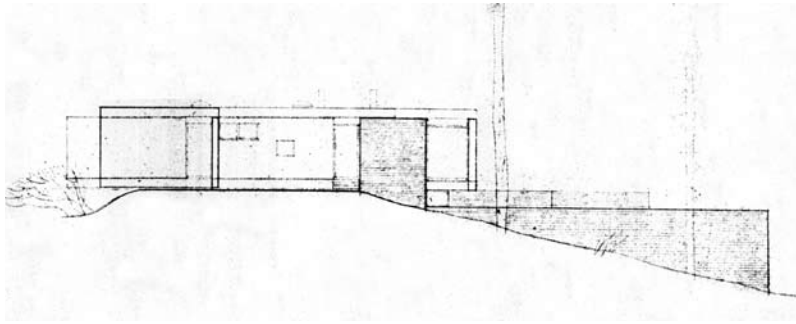


Fig. 105. Casa João Matos e Silva, José Luís Tinoco, 1959. Alçado Nordeste.

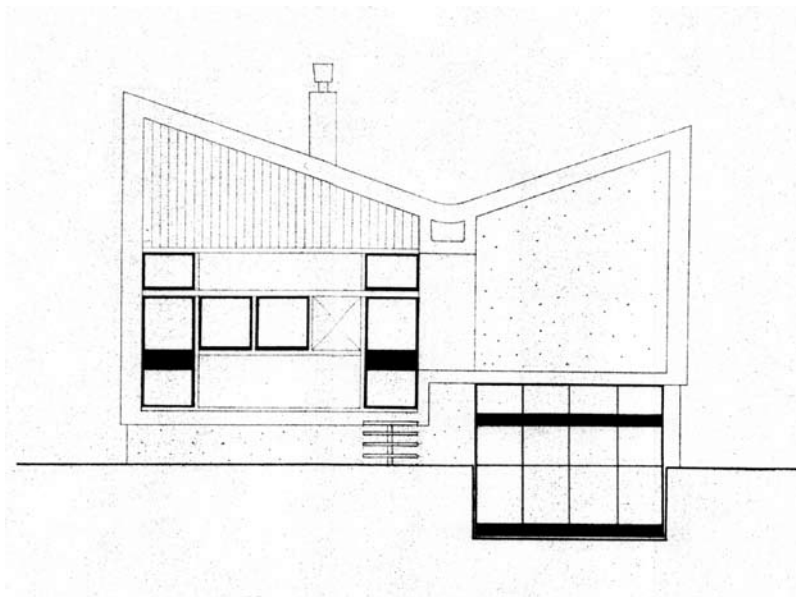


Fig. 106. Casa Marques Roldão, João José Tinoco, 1952. Alçado Nordeste.

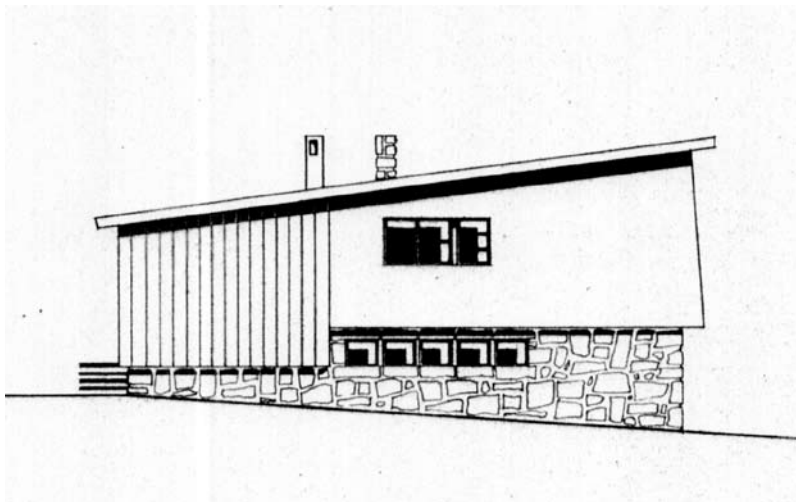


Fig. 107. Casa Henrique Marques, António Baroseiro, 1958. Alçado Norte.

Helena Gameiro, M^a Filomena Carrega, José Malta, entre outras.

Na casa João Matos e Silva, as fachadas são constituídas por sucessivos planos, a maioria com paramentos lisos que contrastam com os envidraçados mais recuados. No entanto, zonas que se pretendem destacar, como o volume da escada de serviço interior ou uma zona de sentar, na sala comum, são marcadas com diferentes texturas e materiais, como a pedra e o pinho tratado. O movimento contínuo, que se verifica nesta obra, é transferido para o exterior do edifício, onde não se pretende uma distinção entre alçados (não é ao acaso que na designação dos alçados se usa a sua orientação).

Como já se anunciou anteriormente no subcapítulo **Programa**, a diferenciação funcional entre áreas distintas que compõem a casa vai ser um gesto associado ao estilo de vida moderno, mais simples e descontraído. As mudanças de compasso, do espaço diurno para o nocturno, vão ser assinaladas no exterior dos edifícios das mais variadas formas.

A divisão funcional em três zonas, que correspondem ao mesmo número de níveis na casa Marques Roldão, vai reflectir-se na volumetria do edifício. Assim, cada lado da cobertura, que converge para uma caleira central, corresponde a uma área funcional, sendo que a zona de permanência diurna corresponde ao volume maior e a dos quartos ao menor. Distingue-se, aqui, pela massa dos volumes, a importância e o espaço oferecido à zona dedicada à sociabilidade da vida doméstica. Também no pormenor da moldura, que, desnivelada, contorna o edifício, é possível distinguir as diferentes áreas. A de serviço, quase toda enterrada no solo, a social, no contacto com o jardim, e a íntima, acima deste, mais isolada do contacto com o exterior. O interior reflecte-se assim no exterior, tal como acontece na casa Henrique Marques, onde os três níveis que a compõem se projectam no perímetro exterior das fachadas. A diferenciação dos espaços é, neste exemplo, realizada pelo recorte dos panos da fachada que contornam os dois níveis superiores (onde a vida doméstica se realiza), destacando-os do embasamento do edifício materializado em pedra aparente.



Fig. 108. Casa José Malta. Volume à esquerda - zona íntima e volume à direita - zona social.

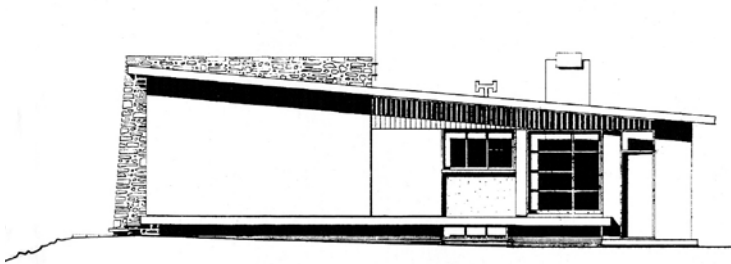


Fig. 109. Casa Edilásio Silva, António Baroseiro, 1964 (processo de alterações). Alçado lateral Sul.



Fig. 110. Casa Joaquim Lourenço. Fachada para a rua.

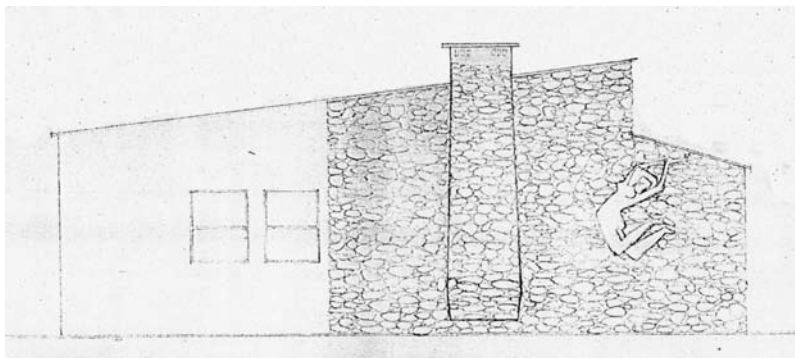


Fig. 111. Casa Joaquim Correia, Jorge Barradas Correia, 1956. Alçado lateral esquerdo.

A composição por diferentes corpos nas casas Aníbal Abrantes, José Malta e João Simões, por si só, determina a distinção funcional dos volumes. Assim, nas duas últimas, temos volumes de entrada na habitação diferenciados, quer pela cobertura plana, mais baixa relativamente à dos dois corpos que se conectam a ela, quer pela sua forma em curva. Num desses corpos encontram-se os compartimentos dedicados à sociabilidade, que pela sua natureza contactam mais com o exterior. No outro corpo, mais fechado, os quartos distribuem-se ao longo de um dos flancos do corredor, dedicando-se inteiramente à privacidade dos seus habitantes. Acerca deste tema, na memória descritiva da casa João Simões, pode ler-se: *“Portanto, o partido estético, resultou conforme é lógico, do partido adoptado em planta, traduzindo a função de cada zona.”*³⁷

Para além das várias manipulações que se fazem dos materiais de construção locais, já aqui tratadas, estes vão ser usados para enfatizar pontos importantes da habitação, ao mesmo tempo que aproveitam uma cultura de construção vernacular. Assim, vamos encontrar a pedra rústica aparente aplicada a empenas que marcam a separação entre diferentes momentos da habitação, como a zona social da zona íntima, o que se pode averiguar, por exemplo, nas casas Joaquim Byrne, Edilásio Silva e Joaquim Lourenço. Estes edifícios, afirmam-se com o recurso a portantes aparelhos de pedra que, associados à chaminé, atravessam perpendicularmente os volumes, marcando pontos de destaque na vertical.

Em exemplos como os da casa Joaquim Correia e Marques Roldão, o emprego de materiais inesperados, como os seixos rolados, aplicados em planos específicos das fachadas, vão colocar em contraste, a textura dos materiais com os volumes e molduras lisos e brancos. Este contraste entre materiais e planos, que ora avançam, ora recuam, enriquece a volumetria dos edifícios, destacando áreas mais importantes.

A marcação de pontos relevantes na estrutura das moradias, como a chaminé, vai ser mais um recurso usado pelos autores dos edifícios em S. Pedro de Moel, para

37 LIMA, João Pedro Mota; CUNHA, Pinto e – *Moradia Eng. João Simões: memória descritiva*. [1952/3 ?].



Fig. 112. Casa Manuel Rosa. Chaminé.

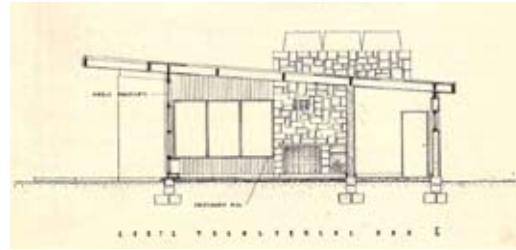


Fig. 113. Casa de férias no Alto do Rodízio - concurso, Manuel Rodrigues e António Machado, 1948.

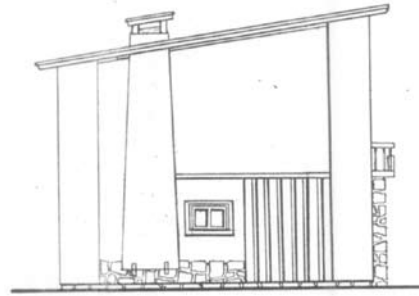


Fig. 114. Casa Luiz Olavo Oliveira, 1960. Alçado lateral esquerdo.

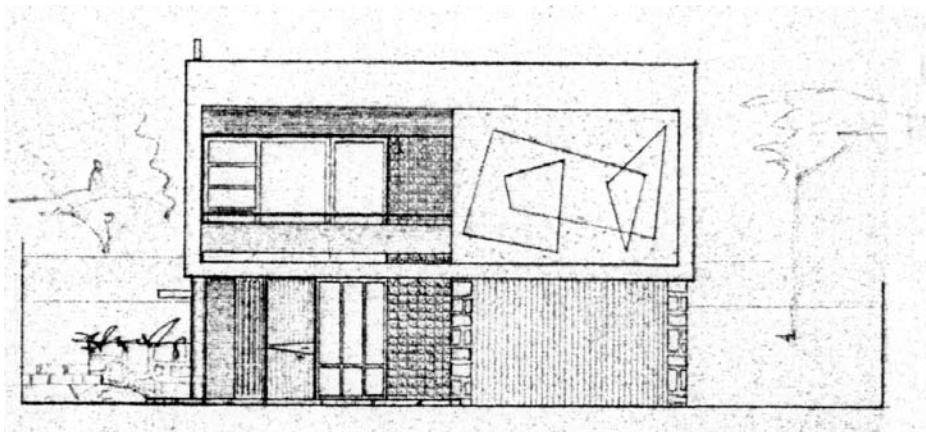


Fig. 115. Casa Helena Gameiro, António Baroseiro, 1954. Alçado principal.



Fig. 116. Casa Manuel Augusto Rosa. Representação de uma paisagem na fachada principal.



Fig. 117. Casa Anibal Abrantes. Escultura na fachada principal.

associarem os seus projectos às imagens do Moderno Português. Exemplos disto são as expressivas chaminés usadas nas casas Marques Roldão, Floriano Silva, José Malta e Manuel Augusto Rosa, que com uma depuração formal, às vezes, quase de valor plástico, nos transportam para projectos de outros arquitectos modernos portugueses. Exemplifica-se com os desenhos de João Andressen ou de Manuel Rodrigues e António Machado para o concurso de uma casa de férias no Alto do Rodízio, promovido pela revista *Arquitectura*. Na casa Luiz Olavo Oliveira, o corpo bastante proeminente da chaminé é o elemento que melhor se destaca e que associa este edifício a um carácter moderno.

A inclusão de elementos “decorativos” deve-se à intenção de destacar planos da parede, ao mesmo tempo que reforça a ideia de cruzamento das três artes: pintura, escultura e arquitectura. Na casa Joaquim Byrne, o paramento exterior da fachada principal é ornamentado com desenhos geométricos. Algo que o mesmo autor, António Baroseiro, já tinha ensaiado antes na casa Helena Gameiro, onde introduz, pela primeira vez, este tipo de painéis com traçados geométricos gravados no reboco.

Na fachada principal da casa Manuel Augusto Rosa é pintada uma paisagem marítima, quase *naif*, na qual simbolicamente é representado o sol, gaivotas, um barco, ondas e peixes. Por sua vez, as casas Aníbal Abrantes e Joaquim Correia, apresentam esculturas de ferro numa das suas fachadas. Na primeira, uma caravela portuguesa preenche o vazio na fachada principal do volume dos quartos. Na segunda, o proprietário, não perde a ocasião de incluir esculturas da sua autoria na fachada lateral da casa e no jardim.³⁸

38 Joaquim Correia nasceu na Marinha Grande a 26 de Julho de 1920.

Depois de ter realizado os estudos primários na sua terra natal, continuou os estudos secundários em Leiria, onde conviveu com bons professores e artistas. Em 1940 frequentou o 1º ano do curso superior de escultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto, tendo concluído os restantes anos do curso na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa onde foi discípulo do Prof. Escultor José Simões de Almeida. Completou a sua formação de escultor nas oficinas dos Mestres Francisco Franco, Salvador Barata Feyo e António Duarte. Em 1968 é nomeado director da ESBAL.

Em 1976 é encarregado, pelo ministério da cultura, de proceder à organização do Museu Nacional do vidro. Vinte anos mais tarde, a Câmara Municipal da Marinha Grande organiza uma exposição em sua homenagem e disponibiliza o actual edifício destinado ao Museu da sua obra. Esta, foi apresentada nos Museus Nacionais de Arte Contemporânea de Lisboa, de Soares dos Reis no Porto, no centro de arte moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e em várias colecções nacionais e estrangeiras.



Fig. 118. Casa Joaquim Byrne. Grandes envidraçados entre a sala e varanda.



Fig. 119. Casa Augusto Roldão. Grandes envidraçados entre a sala e varanda.



Fig. 120. Casa Edilásio Silva. Fachada principal.

O uso de diferentes cores, no exterior e no interior das moradias, como na casa Manuel Augusto Rosa e Joaquim Byrne, remete ao emprego dos tons primários defendidos por alguns modernistas famosos, como por exemplo Gerrit Rietveld. Nestas casas, esta técnica é usada para distinguir diferentes planos, tornando assim, edifícios aparentemente estáticos em planta, em verdadeiros espaços com profundidade.

3.6.2. VÃOS E PROTECÇÕES

As grandes aberturas permitem uma relação contígua entre interior e exterior. A faixa horizontal facultava uma luz mais homogénea em todo o espaço. O modo como estas aberturas são encaradas revela uma adaptação à realidade portuguesa, onde o sol mais abundante pode ser incómodo.

Num aglomerado à beira mar, como este, onde o sol de fim de tarde penetra no interior das habitações, há realmente uma necessidade de o filtrar. Estes filtros vão ser postos em prática em muitas das construções analisadas, recorrendo ao mais diverso tipo de soluções que se conotam com as propostas nos edifícios modernos brasileiros.

Como já se referiu anteriormente, nos estudos de caso analisados, constata-se uma predominância do uso de grandes envidraçados, principalmente nas zonas comuns, que se estendem para o exterior. Este tipo de vão vai dar origem a espaços sobejamente iluminados que se viram para o mar. São exemplos as casas, Helena Gameiro, Joaquim Byrne, Augusto Roldão, João Simões, Manuel Augusto Rosa, entre outras. A fachada principal da casa Edilásio Silva é praticamente toda envidraçada, sendo que o aproveitamento total do pé-direito gerado pela inclinação da cobertura é traduzido pela colocação de janelas junto ao tecto, ampliando assim o espaço e a iluminação natural na casa. Ainda que a exposição solar deste vão possa parecer excessiva, este é sombreado pela cobertura que se prolonga para além dos limites da varanda.

A manipulação do betão veio facilitar e dar outras possibilidades na abertura



Fig. 121. Casa Joaquim Byrne. Fachada a Sul.

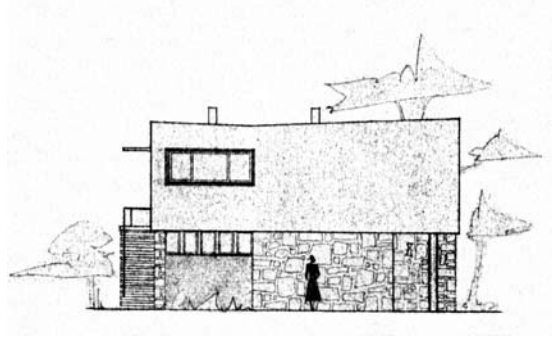


Fig. 122. Casa Joaquim Byrne, António Baroseiro, 1957. Alçado lateral Norte.



Fig. 123. Casa Joaquim Lourenço. Perspectiva.



Fig. 124. Casa José Malta. Placas de "lusalite" na fachada a Este.

dos vãos. Não obstante, estas construções, ligadas ainda a uma produção regional com meios mais económicos, não vão apresentar a abertura de extensas e contínuas *fenêtres en longuer*, como Le Corbusier enuncia nos *5 pontos para uma nova arquitectura*.³⁹ Vamos, antes, encontrar fenestranças horizontais que, mais compridas ou mais curtas, vão de encontro (de certa forma) a esta premissa.

Nas fachadas laterais da Casa Joaquim Byrne, as aberturas apresentam-se na forma de delicadas janelas em comprimento. Os vãos mais baixos, situados junto ao tecto do piso 0 e 1, iluminam zonas de circulação e de serviços. O vão mais alto ilumina a zona de jantar da sala comum. É de notar como as aberturas para diferentes compartimentos se conjugam para que, exteriormente não se identifiquem as paredes divisórias, como acontece por exemplo, com os vãos da casa de banho e do corredor.

Na casa Joaquim Lourenço, as janelas em comprimento, juntamente com os planos horizontais destacados por cores e profundidades distintas, reforçam a leitura horizontal que se tem do edifício. Noutros casos, como nas casas José Rodrigues, Floriano Silva, Augusto Roldão e José Malta, a horizontalidade da construção é assinalada, também, pelas fenestranças horizontais e pela utilização de bandas contínuas de “lusa-lite”, por cima dos vãos.

Nesta tentativa de responder ao efeito de *fenêtre en longuer*, vamos encontrar, em muitos edifícios, janelas que embora tenham as dimensões mais ou menos tradicionais, iludem o observador quanto à horizontalidade. Isto porque, na construção das fachadas, se recorre a um esquema de recortes no reboco que, acompanhando os limites superior e inferior do vão, dão a impressão de todas as janelas dessa fachada estarem integradas num conjunto único e por isso contínuo. Podem dar-se os exemplos das casas Marques Roldão, João Simões, Luiz Olavo Oliveira, Floriano Silva e Aníbal Abrantes. Nesta última, a horizontalidade e a ideia de conjunto são reforçadas pela execução das janelas dos quartos num jogo de três peças, como vem descrito no seu processo: “*Janelas dos quartos constituídas para jogos de três peças: um em madeira, ou-*

39 LE Corbusier - *Le Corbusier et Pierre Jeanneret: 1910-1929*. 1995. p. 128-9.

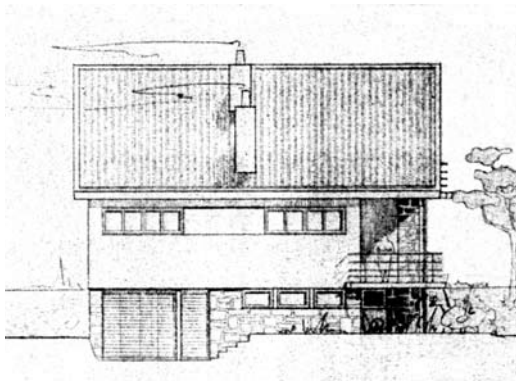


Fig. 125. Casa Floriano Silva, António Baroseiro, 1952. Alçado posterior.

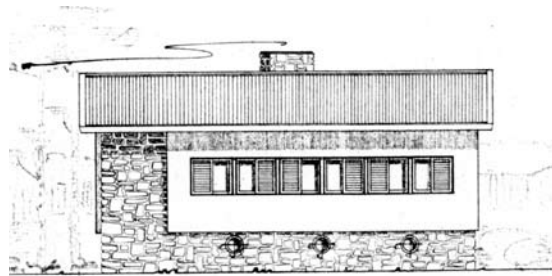


Fig. 126. Casa Aníbal Abrantes, António Baroseiro, 1952. Alçado lateral Oeste.



Fig. 127. Casa Augusto Roldão. Fachada posterior.



Fig. 128. Casa Mª Filomena Carrega. Tijolo de vidro na zona das escadas.

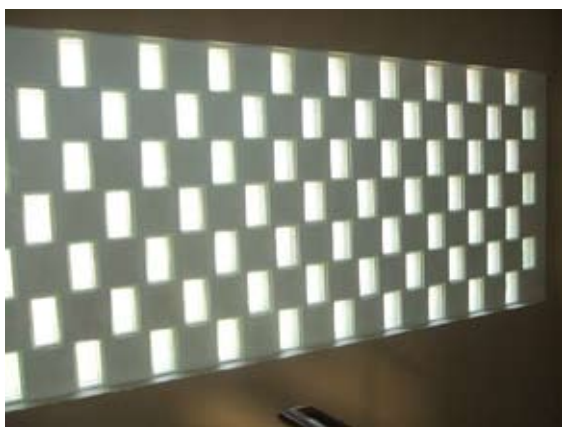


Fig. 129. Casa Joaquim Lourenço. Jogo de cheios/vazios na zona das escadas.



Fig. 130. Casa João Simões. Rasgos envidraçados na zona de transição para a sala comum.

*tro com réguas (serve de persiana) e outro envidraçado. Uma das peças é fixa e as outras de correr, dando a possibilidade de várias situações consoante a necessidade. Por exemplo: ter só luz, só aragem, os dois ao mesmo tempo ou nenhum.*⁴⁰

Como se pode verificar pelo parágrafo anterior, estas construções recorrem a verdadeiros sistemas multifuncionais e às práticas mais actuais da época. Em grande parte das habitações vamos encontrar janelas de correr em detrimento da tradicional janela de abrir de duas folhas. Encontram-se mesmo alguns sistemas inovadores, como um grande envidraçado que corre para dentro da parede, no quarto da casa Edilásio Silva.

Em espaços da habitação que não requerem excessiva luz natural, como nas caixas de escadas, circulações ou zonas de serviço, são aplicados sistemas de iluminação que filtram e controlam a luminosidade. Nas áreas de circulação das casas Augusto Roldão, José Malta, José Rodrigues, Joaquim Lourenço e M^a Filomena Carrega aplicam-se tijolos de vidro que, dispostos consecutivamente, como acontece naquela última, se aproximam da leitura de um grande vão ininterrupto. Já nos outros exemplos, os tijolos de vidro rompem alternadamente a parede, criando uma sucessão de cheios e vazios que, de certa forma, dão ritmo ao movimento desses espaços. É na casa Joaquim Lourenço que esse jogo de cheios e vazios se torna mais irreverente, pela disposição dos tijolos de vidro em xadrez. Por sua vez, nas casas Armando Santos Alho, João Franco Frazão e Aníbal Abrantes, este esquema de luminosidade filtrada, que “brinca” com a ideia de cheio/vazio, vai ser apresentado por um conjunto de pequenos óculos circulares. Rasgos envidraçados na parede clareiam a entrada da casa M^a Filomena Carrega, e o mesmo efeito é conseguido na zona comum da casa João Simões.

A execução de varandas recuadas, de coberturas avançadas que lembram palas, de *brises-soleil*, de grelhas, ou de pérgolas, vai ser determinante para o sombreamento dos vãos mais expostos nestas habitações, bem como lhes vai conferir uma leitura plás-

40 BAROSEIRO, António Dinis - Aníbal Henrique Abrantes: processo de obras, n.º 664/52. 1953.

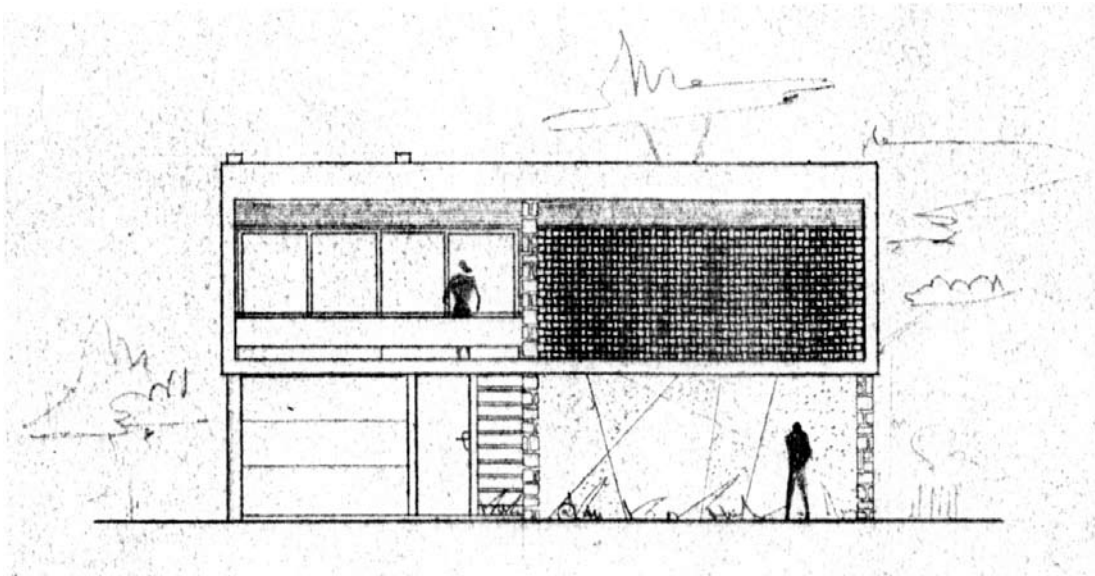


Fig. 131. Casa Joaquim Byrne, António Baroseiro, 1957. Alçado principal.



Fig. 132. Casa João Franco Frazão. Grelha na Fachada principal.



Fig. 133. Casa Luiz Olavo Oliveira. Lâminas verticais em betão na fachada lateral.



Fig. 134. Casa Alberto Barreto. Pérgola.



Fig. 135. Casa Manuel Augusto Rosa. Pérgola.

tica associada aos ícones modernos.

O edifício onde melhor se exemplifica a aplicação da *brise-soleil* é a casa Joaquim Byrne. Aqui, no piso superior da fachada principal, que é praticamente todo envidraçado, recorre-se a um plano vertical em grelha quadriculada em betão, que posicionada em frente dos vãos da caixa de escadas e dos quartos, filtra a luz que invadiria estes espaços. A mesma solução de grelha frontal vai ser executada, desta vez, em aparelho cerâmico na casa M^a Filomena Carrega e no projecto construído da casa João Franco Frazão.⁴¹ Um outro tipo de grelha vai ser usado nas casas Luiz Olavo Oliveira e José Malta. Um sistema de lâminas verticais em betão protege o alpendre de entrada na casa Luiz Olavo Oliveira, a Sudoeste. Já na casa José Malta encontram-se duas grelhas que sombreiam e protegem dos ventos e dos olhares indiscretos. Uma, situada em frente ao volume de entrada na habitação e, outra, que prolonga o paramento da fachada noroeste, protegendo assim o terraço dos ventos dominantes.

As pérgolas, já com alguma tradição na arquitectura mediterrânica, vão ser reutilizadas fazendo parte do vocabulário moderno. Com uma leitura mais vincadamente “moderna”, a pérgola aplicada na casa Alberto Barreto é a imagem forte que se retém deste edifício, principalmente para quem se aproxima vindo de sul. Isto graças ao imponente pilar de pedra, em forma de V, que, “brotando” do solo, atravessa a varanda e suporta a pérgola que se pronuncia sobre o volume da habitação. O mesmo acontece na casa Armando Santos Alho, onde este elemento é aquele que melhor identifica este edifício com as imagens do moderno. Na casa Manuel Augusto Rosa, opera-se uma situação diferente destas últimas,. Aqui, a pérgola surge incluída na moldura que envolve a habitação, dissimulando assim a sua presença. Por fim, a casa Aníbal Abrantes apresenta uma pérgola de desenho orgânico que, apoiada por uma grelha quadriculada, se molda ao volume da moradia seguindo o movimento da varanda.

O avanço de varandas sobre o volume da casa, no andar superior, vai provocar

41 A construção final desta casa (ligeiramente diferente da solução apresentada na ficha G) resulta do projecto de alterações apresentado em 1956.

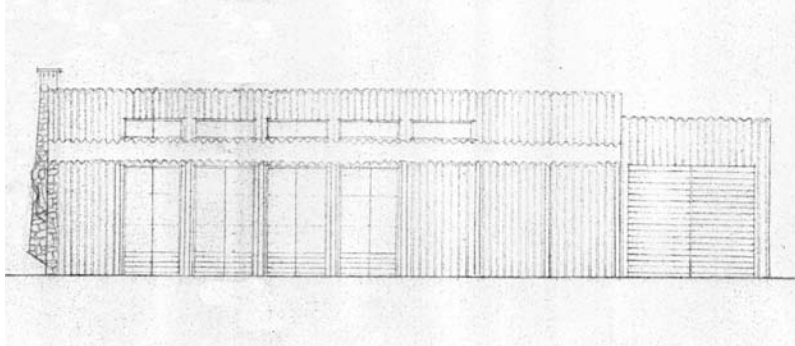


Fig. 136. Casa Joaquim Correia, Jorge Barradas Correia, 1956. Alçado principal.

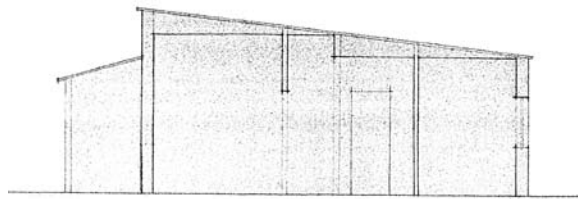


Fig. 137. Casa Joaquim Correia, Jorge Barradas Correia, 1956. Corte AB.



Fig. 138. Casa Edilásio Silva. Perspectiva.

condições de sombreamento nos espaços exteriores dos pisos térreos, ou seja, em entradas na habitação, quer para pessoas quer para carros, como se averigua em diversas casas.⁴² Na casa Edilásio Silva é o recuo da varanda, relativamente à cobertura e às paredes envolventes, que faz com que os vãos expostos da fachada principal sejam sombreados com alguma eficácia. Já na casa Joaquim Correia, a solução para sombreamento da fachada principal, fortemente envidraçada, passa pela construção de um alpendre que avança à frente do volume da habitação.

42 Ver fichas D, E, F, G e Q.



Fig. 139. Casa António Correia .



Fig. 140. Casa Jaime Clemente.



Fig. 141. Casa Floriano Arede.



Fig. 142. Casa Eugénio Noronha Oliveira.



Fig. 143. Casa Ernesto Borges.



Fig. 144. Casa Paulina Giralt Rius.



Fig. 145. Casa François Font.



Fig. 146. Casa António Costa.

3.7. OS ANOS 60: EVOLUÇÃO CRÍTICA

“Contudo nos anos sessenta, vive-se o paradoxo dos arquitectos que então lutaram por uma arquitectura moderna, se depararem com a crítica dos seus colegas mais novos, que pugnavam pela revisão do Moderno internacional e ortodoxo.”⁴³

Tal como acontece nas obras de outros arquitectos portugueses na década de 60, também em S. Pedro de Moel o trabalho dos autores vai reflectir a revisão dos postulados do Movimento Moderno. Esta revisão, que já vinha sendo expressa em alguns aspectos das obras na década de 50 (como por exemplo, nas casas João Matos e Silva, Edilásio Silva e Joaquim Lourenço, entre outras), vai ser mais explorada através da comunicação da linguagem exterior dos edifícios, do que nos conteúdos do espaço interior (que se mantém moderno). Ao recente formato de habitar (moderno) examinado nas habitações da década anterior, vão-se associar outros saberes e visões que retomam soluções antigas. As obras apresentadas em análise vão por isso comunicar uma grande hibridez, sendo que é aí que reside a modernidade dos projectos apresentados na década de 60.

A sincronização entre tradição e moderno permite manter aspectos estruturais da cultura moderna do espaço como: continuidade espacial, fluidez e flexibilidade do programa familiar, identificação de diferentes zonas da habitação. Estes aspectos já assimilados coexistem com formas tradicionais reflectidas na construção, no uso de telhados, na fragmentação do volume exterior (em corpos que traduzem partes do programa abandonando o volume único, geometricamente puro), assim como no uso da janela tradicional, em detrimento da janela horizontal, na decoração e no mobiliário.

43 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 193.

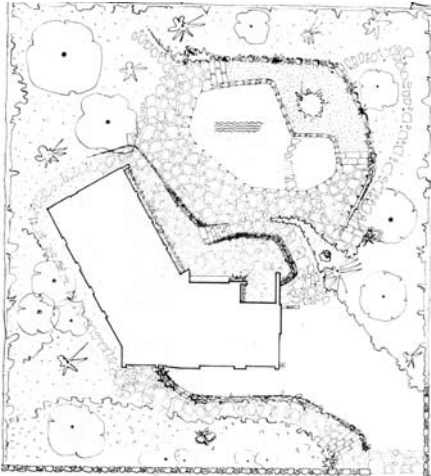


Fig. 147. Casa Paulina Giralt Rius, António Baroseiro, 1964. Planta de implantação.



Fig. 148. Casa Paulina Giralt Rius. Vista do jardim.

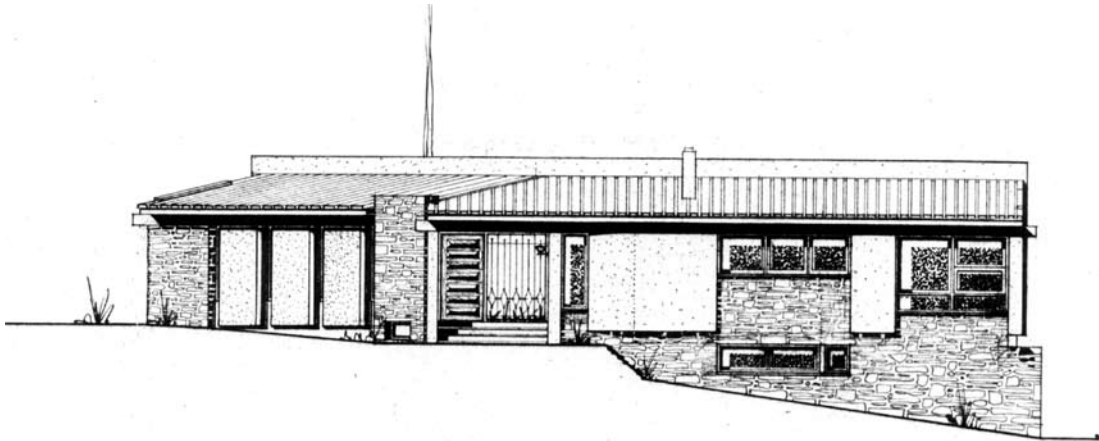


Fig. 149. Casa Paulina Giralt Rius, António Baroseiro, 1964. Alçado principal.

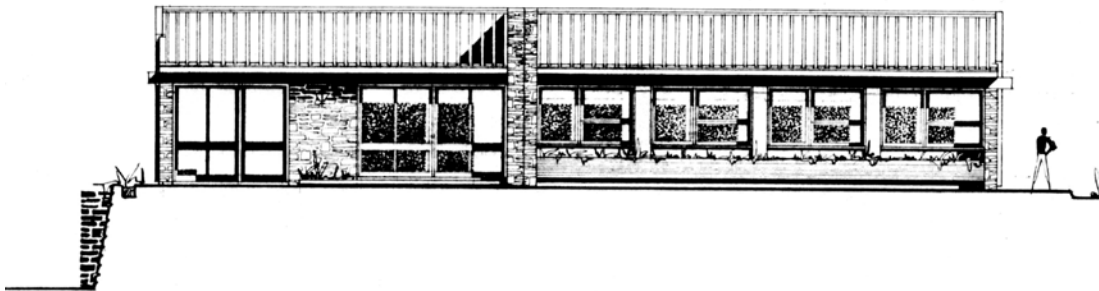


Fig. 150. Casa Paulina Giralt Rius, António Baroseiro, 1964. Alçado posterior.

Nos edifícios (como por exemplo a casa X, entre outras), que na década de 60 se constroem neste aglomerado, os quartos, serviços e salas organizam-se em fracções arquitectonicamente bem caracterizadas que enfatizam a segregação espacial como valor para diferenciar áreas com uso e funções distintas na casa. Contudo, a fragmentação dos volumes, o uso de telhado, dos materiais locais, ou ainda a adopção de janelas tradicionais simultaneamente com grandes superfícies de vidro, não põe em causa a espacialidade moderna destes projectos. Numa proposta de continuidade espacial, os diferentes espaços na zona social, organizam-se de formas distintas, desenvolvendo relações com os compartimentos que comunicam com estes. Os diferentes espaços das habitações são subtilmente segmentados e interligados por um jogo de articulações de volumes, de alturas variáveis e com diferentes formas de controlo da sua iluminação.

A casa Paulina Giralt Rius é um dos modelos que melhor exemplifica a cumplidade entre espacialidade e elementos “chave” modernos e os materiais, as técnicas e os saberes enraizados na cultura regional. Esta moradia é um exemplo da actualização dos “modelos” projectados por António Baroseiro na década de 60.

A casa compõe-se essencialmente por dois volumes que se intersectam formando um ângulo obtuso. Estes dois corpos abraçam a zona do jardim mais importante, ou seja, o espaço nas “traseiras” da habitação, para o qual se abrem as áreas de convívio. O arranjo deste recinto exterior manteve-se “rústico”, conservando os pinheiros existentes. Assim, vamos encontrar de um lado, uma fachada principal mais fechada com aberturas pontuais, e do outro, uma grande abertura dos espaços posteriores para o terraço e jardim, onde se pretende uma convivência mais privada. O terraço é um espaço de lazer para onde se prolonga a sala comum, graças à utilização de grandes envidraçados. Mantém-se aqui uma qualidade “moderna” que é a continuidade do espaço interior para o exterior. O desnível do terreno proporciona a solução para os diferentes compartimentos desejados e oferece um espaço exterior dinâmico, onde se abrem caminhos que exploram a envolvente ajardinada da casa.

No interior da casa assiste-se a uma segregação funcional por volumes. No vo-

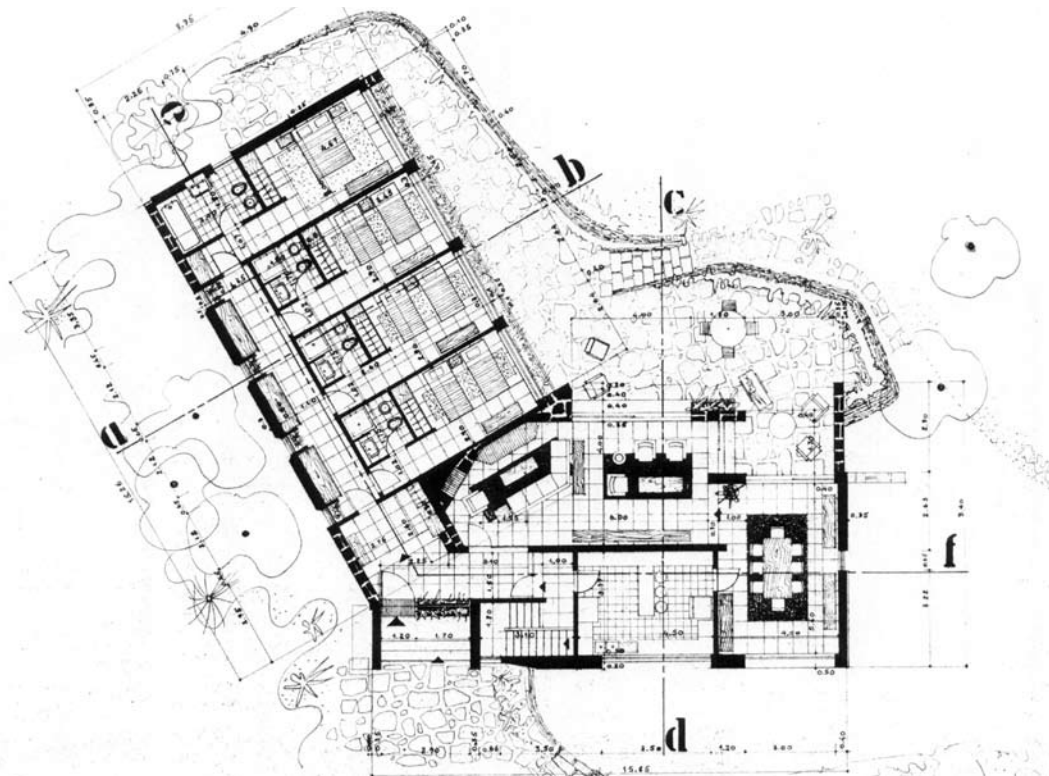


Fig. 151. Casa Paulina Giralt Rius, António Baroseiro, 1964. Planta piso 0.

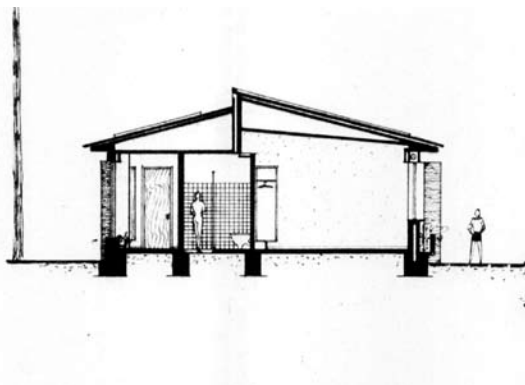


Fig. 152. Casa Paulina Giralt Rius, António Baroseiro, 1964. Corte AB.

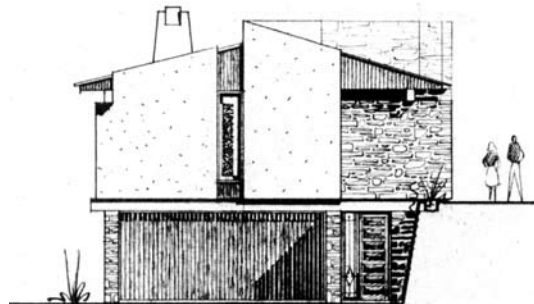


Fig. 153. Casa Paulina Giralt Rius, António Baroseiro, 1964. Alçado lateral Norte.



Fig. 154. Casa Paulina Giralt Rius. Fenestração vertical.



Fig. 155. Casa Paulina Giralt Rius. Fenestrações horizontais.

lume à esquerda da entrada encontram-se os quartos distribuídos ao longo da ala direita do corredor. Na ala esquerda deste, colocaram-se armários a aproveitar as zonas de parede sem janela. À direita da entrada acede-se ao espaço comum, onde se confeccionam/servem as refeições e onde se desfruta das diferentes zonas de estar. Nesta grande zona dedicada à sociabilidade doméstica, apenas a cozinha e a escada de serviço para o piso inferior são compartimentos mais fechados. Pequenos patamares subtis, entre a passagem da entrada para os quartos, e para a zona de estar e comer, acompanham o desnível do terreno.

A segregação funcional traduz-se nas fachadas e não é só pela separação em dois volumes. Na zona íntima, a estrutura da cobertura, por exemplo, distingue a zona de circulação e instalações sanitárias, do corpo dos quartos. Esta divisão é forçada pela cobertura de uma água, que cobre cada um dos corpos a diferentes alturas e pelo avanço dos paramentos lisos em contraste com a pedra rústica do embasamento. A utilização de planos que ora avançam, ora recuam, com acabamentos distintos, enfatizam o contraste entre a pedra rústica e o paramento rebocado e branco, conseguindo fachadas extremamente tridimensionais. A ideia de fachada livre é de certa forma materializada pela diferenciação entre planos lisos e brancos e planos rugosos em pedra rústica, em que os primeiros avançam sobre os segundos. As vigas, usadas de forma aparente, usando uma cor distinta, servem para marcar pontos de estrutura ou de passagem (como na transição da sala para o terraço).

O tipo de vãos que aqui vamos encontrar revela a recuperação de técnicas de construção regionais, ao mesmo tempo que os adequa a cada espaço, consoante as necessidades de iluminação destes. Assim, têm-se aberturas verticais nas zonas de circulação e horizontais nas áreas de serviço, sendo que estes compartimentos se encontram expostos a noroeste e nordeste. Já nos quartos e sala comum, usam-se grandes vãos envidraçados, virados para sul e para o jardim mais resguardado. Neste tipo de construção reconhece-se a sabedoria de implantar (com o conhecimento do terreno e do clima), conferindo-lhe uma inegável adaptabilidade entre as formas de habitar tra-

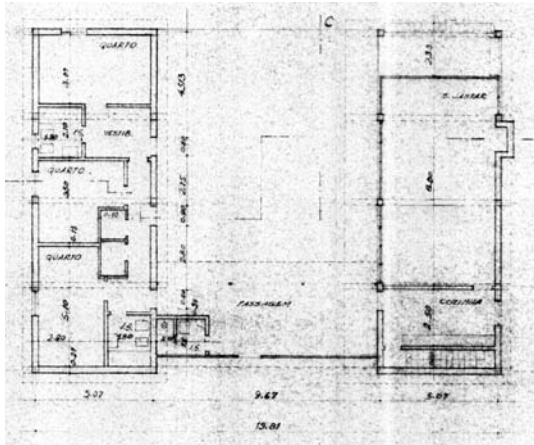


Fig. 156. Casa Ernesto Borges, Manuel Alzina de Menezes e Erich Corsépius, 1964. Planta piso 0.

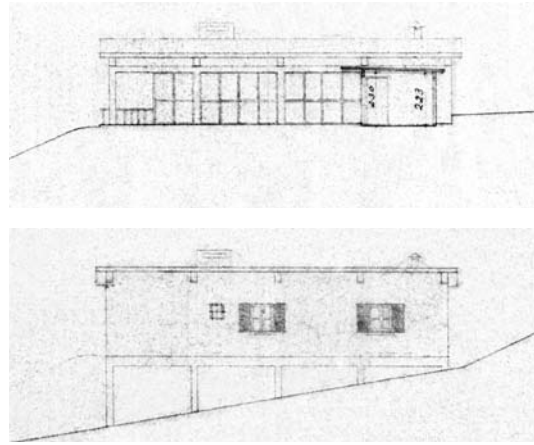


Fig. 157 e 158. Casa Ernesto Borges, Manuel Alzina de Menezes e Erich Corsépius, 1964. Corte CD (em cima) e alçado lateral esquerdo (em baixo).



Fig. 159. Casa Ernesto Borges. Vigamento aparente na sala comum.



Fig. 160. Casa Ernesto Borges. Perspectiva do pátio para os volumes da galeria e dos quartos.

dicionais e o conforto da casa moderna.

A casa Ernesto Borges é outro exemplo onde as técnicas e materiais de construção locais se combinam com a espacialidade e o novo entendimento dos momentos de lazer introduzido pela cultura moderna.

À modernidade da horizontalidade da construção (que forma um pátio em U), ao uso de grandes superfícies de vidro na sala, ao rasgamento da janela/prateleira horizontal no corredor e na sala, à funcionalidade da área de serviço e à organização tripartida do espaço, é contraposto, sem ruptura nem intenção substitutiva, o uso de telhado, o vigamento aparente na sala (embora construído em betão), a escolha de tijoleira como revestimento do chão e a aplicação da madeira nos caixilhos.

A habitação é constituída por dois corpos paralelos no mesmo piso e ligados entre si por uma galeria, que se abre para o pátio, sem qualquer compartimentação. Cada um dos volumes comporta funções distintas. À esquerda da entrada tem-se a zona íntima e à direita encontra-se a zona social (piso 0) e de serviços (piso -1). O pátio determina a forma de organização do espaço, sendo que ele é o centro primordial de aproveitamento dos tempos de lazer, e para onde se prolongam os compartimentos de socialização da casa. Deste modo, vamos encontrar uma sala comum que se abre francamente para o pátio através de amplos envidraçados, em contraste com um “invólucro” exterior (dos volumes), mais fechado, com aberturas pontuais, que dão maior privacidade aos seus habitantes.

Mais uma vez está em jogo o tradicional a par do moderno, no caixilho em madeira que emoldura a cortina de vidro, que por sua vez contrasta com as janelas “tradicionais” (de abrir em duas folhas), com portadas de madeira na zona dos quartos. Na utilização do travejamento aparente que é executado em vigas de betão pré-esforçado e preenchidas com blocos cerâmicos pré-fabricados. Ou ainda no telhado cerâmico que ao mesmo tempo utiliza inclinações reduzidas, fazendo-se passar por uma cobertura quase plana, que aliás, é executada na cobertura da galeria de entrada, sendo esta construída em madeira, contrasta com os corpos de betão e vidro, que se ligam a ela.



Fig. 161. Casa Ernesto Borges. Moradia envolvida pelo pinhal.



Fig. 162. Casa Ernesto Borges. *Pilotis* "camuflados" na fachada lateral.

Os exemplos de técnicas, materiais e culturas em que tradicional e moderno é uma simbiose única, não se esgotam.

Se por vezes estas duas “vertentes” (assim se podendo dizer) se combinam ou entram em contraste, uma coisa é certa: como disse Fernando Távora, “O «estilo» não conta; conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação.”⁴⁴ O mesmo se pode sentir nesta obra de Manuel Alzina de Menezes e Erich M. Corsépius que, com a intenção de criar um ambiente mais humanizado, modelaram terreno e edifício para que estes se integrassem perfeitamente na paisagem próxima. Recorrendo a *pilotis* (ícones do Movimento Moderno) elevaram a casa do solo nas zonas de maior declive do terreno, permitindo que o jardim fluísse por baixo e em redor da habitação, chegando a fazer com que se confundissem (como se pode verificar actualmente).

Apesar de, por vezes, os modelos que chegaram a S. Pedro de Moel estarem ligeiramente desfasados no tempo, a verdade é que os seus autores estavam informados e acompanhavam aquilo que se ia discutindo e fazendo na arquitectura nacional e internacional. As casas aqui projectadas nas décadas de 50 e 60 revelam isso mesmo. A inclusão de uma cultura e meios de produção popular/local, em leituras de espaços predominantemente modernos, revela a sensibilidade com que os autores erigiram as suas construções, principalmente na década de 60. Estas transformações revelam também a influência que a elaboração do Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa teve sobre os profissionais de arquitectura, alertando-os para a necessária correspondência com as diferentes culturas, através do ajuste das técnicas construtivas adoptadas e das respostas que devem estar em consonância com as condições geográficas e os meios de produção locais. O Inquérito vem, de certa forma, combater a estilização da Casa Portuguesa e “[...]sistemas que tendem a ser universais, indiferentes aos sítios geográficos [...]”⁴⁵ Se formos analisar os dados que se obtiveram em S. Pedro de Moel, relativos ao período pós Inquérito, sem se ser demasiado analítico, percebe-se que a pouco e pou-

44 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 360.

45 FERNANDEZ, Sérgio - *Percurso : arquitectura portuguesa : 1930-1974* . 1988. p. 108.



Fig. 163. Casa Victor Gallo. Vista a partir da Rua Pôr do Sol.



Fig. 164. Casa Victor Gallo. Vista a partir da encosta Norte do Vale do "Ólho".

co, a Casa Portuguesa ou Português Suave, foi sendo substituída por uma arquitectura moderna que reflecte o valor da cultura regional, ou por aquilo a que se chama vulgarmente arquitectura corrente.

É na emergência de uma nova linguagem, atenta às novas circunstâncias socioeconómicas e culturais que se apresentam as casas Waltraud Franz, Victor Gallo e António Reis. Embora cada uma destas obras tenha a sua individualidade, onde cada uma comunica uma ideia de projecto diferente, ambas encaram o problema da relação do edifício com o “lugar” de uma forma muito cuidada. Cada arquitecto, à sua maneira, resolve de modo distinto as dificuldades que os terrenos lhes impõem, quer ao nível da sua inclinação, quer na procura da melhor orientação solar. O que se pode constatar no que escreve Frederico George sobre a edificação da casa António Reis: *“Procurou-se que a composição arquitectónica fosse de molde a adaptar-se ao terreno e que estivesse de acordo com a paisagem e tradição naquilo que esta representa de constante e no tempo.”*⁴⁶ A consciência dos meios tradicionais, que estão à disponibilidade dos arquitectos em cada região, é mais uma vez sublinhada na memória descritiva da casa Waltraud Franz, onde o arquitecto António Abrantes enfatiza o facto de se usar a mão de obra local para a execução dos acabamentos (uma vez que estes são simples).

A busca por uma melhor adaptação na paisagem, numa solução que invista na correcção ou na amplificação dos factores climáticos é o que se faz na casa Victor Gallo, projectada por Manuel Tainha. Acerca desta casa, na memória descritiva, o próprio acrescenta: *“Visualmente, como objecto inscrito na paisagem, a sua presença, discreta em volumetria, afasta-nos de todo e qualquer efeito de impacto sensacionalista. A abundante existência de pinheiros, só por si, contribuirá fortemente para confirmar esta intenção: amanhã mais ainda do que hoje.”*⁴⁷ Como testemunho do seu desígnio, este edifício, permanece actualmente como foi pensado, em que a noção de sítio se sobrepôs à de casa. É necessário um olhar mais atento, quer a partir da rua por onde se acede à habi-

46 GEORGE, Frederico - António Marques Reis: processo de obras, nº 1247. 1964.

47 TAINHA, Manuel - Victor Manuel Noronha Santos Gallo: processo de obras, nº 1299. 1970.

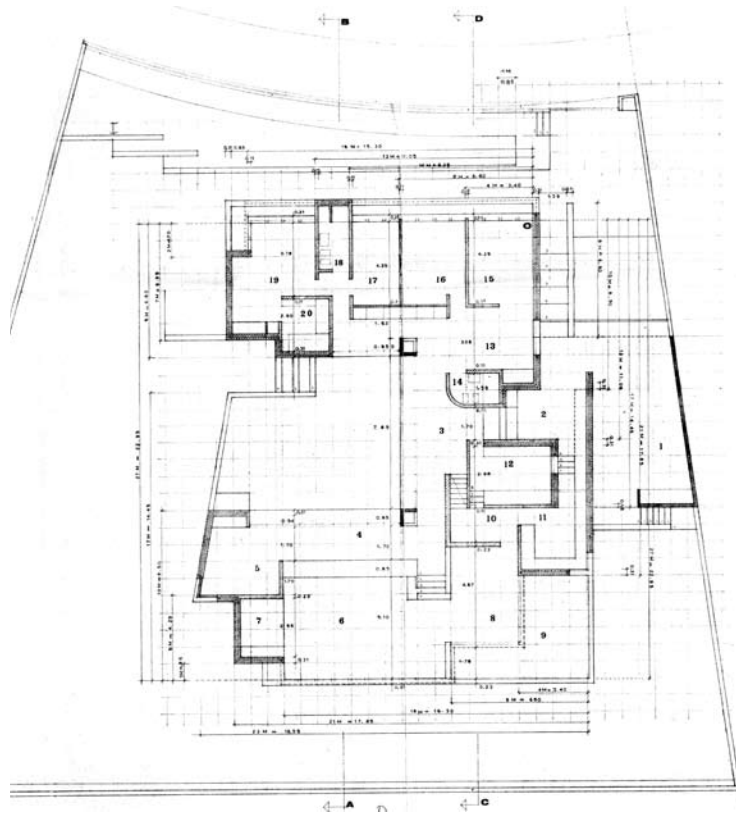


Fig. 165. Casa Victor Gallo, Manuel Tainha, 1969. Planta piso 0.

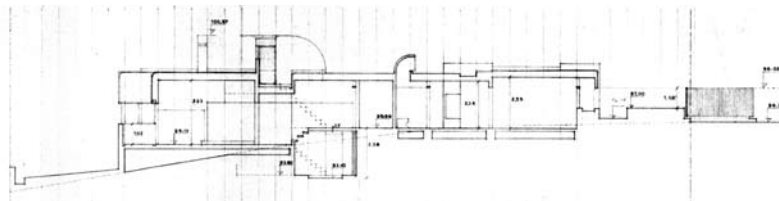


Fig. 166. Casa Victor Gallo, Manuel Tainha, 1969. Corte CD.

tação, quer a partir do outro lado do vale, sobre o qual esta se implanta (e a partir do qual dispõe de visão panorâmica sobre o povoado, a praia e o mar), para se identificar uma casa no meio da abundante vegetação que a rodeia e que ao mesmo tempo a integra (ao contrário da construção vizinha, edificada mais tarde).

A adaptação ao local só é possível graças à desmultiplicação das diferentes zonas da casa em fracções que vão pousando no terreno a diferentes níveis, acompanhando a sua topografia, que se inclina a partir da rua em direcção ao vale da ribeira. A organização dos quartos, dos serviços e das salas, em espaços arquitectonicamente bem caracterizados, parece destacar de novo a segregação espacial como valor para diferenciar áreas com uso e funções distintas na casa. Numa compartimentação, à primeira vista “labiríntica”, as diferentes áreas da casa, íntima, social e de serviços estão bem separadas e delimitadas quer em planta, quer em corte, onde pequenos desníveis fazem essa distinção revelando uma expressiva proposta de continuidade espacial. Este argumento vai ser explorado com maior interesse na organização dos diferentes espaços da zona social, que são subtilmente segmentados e interligados por um jogo de articulações de alturas variáveis e com diferentes formas de controlo da sua iluminação.

Na cobertura, à qual se pode aceder a partir de uma escada interior situada junto à copa, destacam-se algumas peças que dando um aspecto quase industrial à casa (como se fossem tubagens industriais a despontar na cobertura), marcam aspectos simbólicos do edifício, como as chaminés ou as clarabóias que propiciam uma iluminação indirecta no interior dos espaços.

Numa proposta de conformação com o sítio e lote disponível, distinta da que é projectada na casa Victor Gallo, apresenta-se a Casa Waltrand Franz. Num lote com mais confrontações que a sua vizinha (casa Victor Gallo), a moradia desenvolve-se de forma a resolver dois níveis diferentes: o do arruamento projectado para esta nova zona de expansão urbana, e o do terreno existente. Assim, o acesso à habitação é feito a partir da cota inferior (do arruamento), onde para além da escada que conduz ao piso superior, se encontram também, a garagem e uma ampla sala de jogos. A partir da



Fig. 167. Casa Waltrand Franz. Entrada/embasamento da moradia.

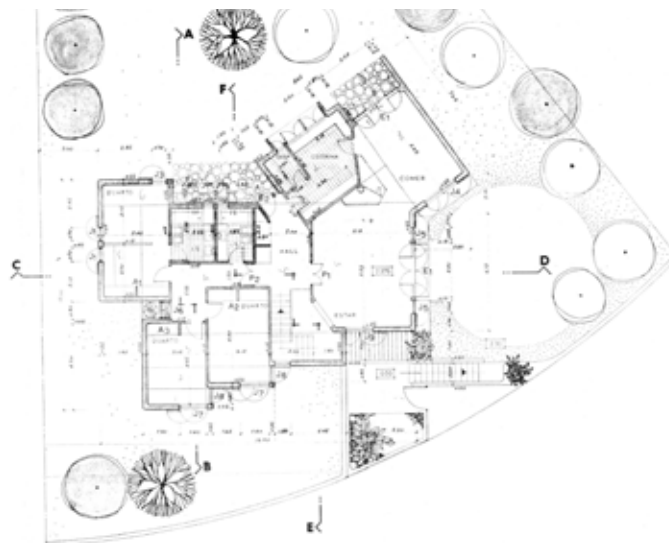


Fig. 168. Casa Waltrand Franz, António Abrantes, 1969. Planta piso 1.



Fig. 169. Casa Waltrand Franz, António Abrantes, 1969. Alçado Poente.

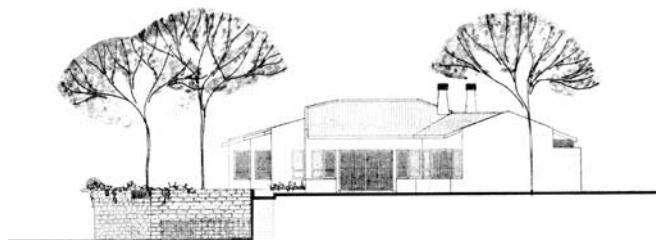


Fig. 170. Casa Waltrand Franz, António Abrantes, 1969. Alçado Norte.

entrada no recinto fechado da moradia é possível a movimentação em vários percursos, quer no interior, quer no exterior. A partir da rua, o piso 0 configura-se como um embasamento que, resolvendo o declive do lote, suporta a estrutura do piso principal (resolvido na cota superior do terreno), onde se usufrui, por excelência, dos espaços de lazer, seja no interior, seja no exterior ajardinado da habitação.

No interior, a zona dos quartos e a da sala comum, à qual se associa a cozinha, está separada pela área de circulação que é centralizada. É este elemento, juntamente com a sala comum, que aproveitando o pé-direito total, proporcionado pela inclinação da cobertura, conferem uma maior profundidade na espacialidade da casa.

O exterior da casa é marcado pelo constante movimento dos compartimentos, que ora avançam, ora recuam, consoante a disposição em planta. À organização complexa do interior da moradia é acrescentada uma cobertura igualmente intrincada, fruto da intersecção de cinco planos de telha inclinados. Aqui destacam-se, a marcação do espaço de circulação no piso superior, que é prolongado rompendo a cobertura, e as simbólicas chaminés.

Neste caso, como as melhores vistas a partir do terreno coincidem com a pior orientação solar, optou-se por dois tipos de vãos que permitam não só desfrutar da vista sobre o mar, como também, que recebam sol de Este, Sul e Oeste, consoante a função de cada zona. Assim, vamos encontrar desde grandes envidraçados, que prolongam o espaço da sala comum para o exterior, a janelas tradicionais (de abrir em duas folhas) ou até mesmo janelas verticais. No controlo da iluminação recorre-se a portadas aparentemente tradicionais, mas que se dobram, reduzindo a sua superfície para metade determinando um jogo de contraste com as aberturas de vidro. Sendo este mais um exemplo do diálogo entre tradicional e moderno, a que se assiste constantemente nestas casas projectadas na década de 60.

Como já se referiu anteriormente, acerca da casa António Reis, existe uma vontade de estar de acordo com a paisagem e com a tradição local.

Numa composição volumétrica que começa a recusar ângulos rectos, a habi-

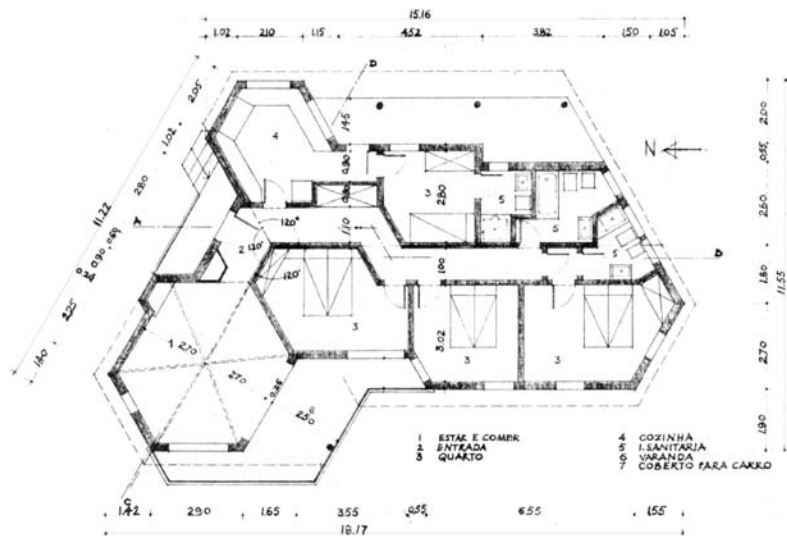


Fig. 171. Casa António Reis, Frederico George, 1964. Planta piso 0.

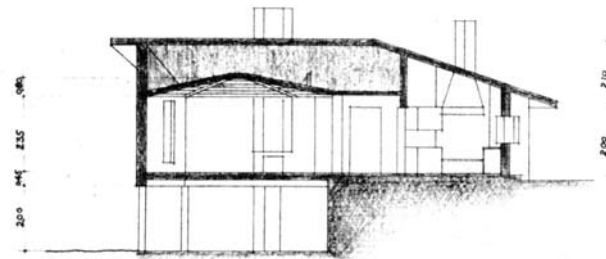


Fig. 172. Casa António Reis, Frederico George, 1964. Corte CD.

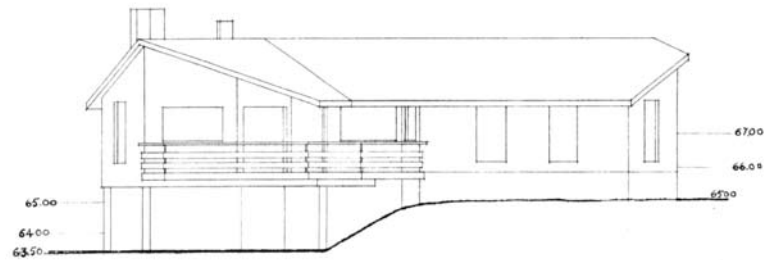


Fig. 173. Casa António Reis, Frederico George, 1964. Alçado Poente.



Fig. 174. Casa António Reis. Alpendre na entrada de serviço.

tação desenvolve-se em três zonas: social, íntima e de serviços, dispostas em torno de um corredor central. Este, ganha vida ao movimentar-se por entre uma sala e cozinha hexagonais e quartos e casas de banho que recusam a ortogonalidade. Mesmo assim, não deixa de existir uma distinção clara entre várias áreas, com funções distintas, o que transmite uma preferência pela organização espacial moderna.

A esta ideia de simplificação na organização do edifício, juntam-se outros princípios introduzidos pela arquitectura moderna, como por exemplo, a extensão espacial da casa, conseguida pela minimização da separação interior/exterior proporcionada pelo uso de um grande envidraçado, que prolonga o espaço da sala comum para a varanda coberta, que lhe é adjacente. Aproveita-se deste modo a melhor exposição solar a Sul. Ainda na sala comum, formatada num hexágono irregular, é introduzida uma noção de espacialidade diferente, pela inserção de uma espécie de tecto/cúpula que aproveita o pé-direito total criado pela inclinação da cobertura. O mesmo acontece sobre o hexágono regular adoptado na configuração da cozinha.

O recurso a dois *pilotis*, que suportam parte da estrutura da habitação, aponta para as novas técnicas de construção modernas. Estes elementos permitem resolver a inclinação do terreno, libertando solo, ao mesmo tempo que criam um abrigo para o automóvel. Esta elevação do piso em contacto com o solo é acentuada pelo uso da cor que distingue o piso principal do seu embasamento, elevando-se em todos os pontos de contacto com o terreno.

Ao mesmo tempo que esta casa se confirma Moderna, não se lhe pode negar a afinidade com a cultura popular, à qual vai buscar referências na execução dos alpendres ou do telhado. Ainda assim, mesmo na realização do telhado, denota-se uma reinterpretação desses valores vernaculares. A configuração da cobertura não se desliga da organização da moradia, que se reparte em três áreas com funções distintas, todas elas inseridas numa circunferência cuja rótula divide a cobertura e a organização interna em ângulos de 120°. Parece estar aqui subjacente um tema que domina vários aspectos do projecto.

A este edifício, volumetricamente dinâmico, acrescentam-se duas chaminés depuradas, que se destacam pelo recorte geométrico dos planos que as compreendem. Os diferentes tipos de vãos utilizados que se coadunam com as necessidades de cada compartimento, bem como a aplicação de inventivas clarabóias no corredor, vão criar efeitos luminosos que valorizam o interior do edifício.

Numa perspectiva de transformação do espaço na casa secundária, as moradias estudadas neste capítulo, confrontam-se sempre com a aferição e a interpretação dos valores da cultura moderna. Parafraseando Rui Ramos: “ [...] esta condição não impede que nos elementos analisados, compromisso entre tradição e relação espacial moderna – continuidade espacial, organização funcional, redução e simplificação do programa, novos equipamentos e materiais, abertura para o exterior – sejam inevitavelmente reconhecidos como uma interpretação, que molda a especificidade da arquitectura doméstica deste período.”⁴⁸

Esta sobreposição de valores tradicionais e modernos revela-se quer pelo uso de diferentes tipos de vãos, quer pela variação dos materiais empregados, onde tanto se usam materiais locais como a pedra, a tijoleira, a madeira e a telha cerâmica, como técnicas modernas, recorrendo à utilização do betão descoberto ou da cobertura plana. Estes elementos identificam-se em muitos dos edifícios analisados anteriormente, mas principalmente na casa Victor Gallo, que vai marcar ao mesmo tempo o fim de um período (em S. Pedro de Moel) e um ponto de viragem na cultura arquitectónica do país. Mas, tal como é o desígnio do seu autor, não se pretende rotular esta casa como moderna ou pós-moderna, interessa mais destacar a constante procura de uma arquitectura que encontra a sua expressão dentro da realidade onde vive, dando assim mais valor ao que existe de bom neste cantinho à beira-mar plantado, ou seja, a sua tradição arquitectónica, em que a pobreza levou a utilizar o que a terra oferecia.

48 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 336.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como no resto do país, também em S. Pedro de Moel, o Moderno não teve a eficácia instrumental, de domínio do mundo pela ciência e técnica, nem projecto de renovação social.⁴⁹ Esta forma de pensar transformou-se num trabalho individual, numa realidade política que ainda não estava preparada para essa nova mentalidade. Dispersas e sem impacto à grande escala, realizaram-se algumas obras de autor que vão apresentar uma mistura entre interpretação dos modelos do Moderno internacional e uma sensibilidade contextual.

Talvez pelo atrofamento político e pela situação de periferia que se vive em Portugal, este tipo de arquitectura ficou conhecido por “moderno escondido”⁵⁰. No entanto, será oportuno pronunciar que, embora esta interpretação seja comum para grande parte do país, nas casas em S. Pedro de Moel, a adopção de alguns princípios Modernos e do seu vocabulário foi realizada com algum impacto, o que se nota até na quantidade de obras apresentadas (apesar dos modelos do Movimento Moderno não serem exclusivos).

Nas obras analisadas dentro do contexto Moderno, que se apresentam no 2º volume, vamos encontrar constantemente um modelo aberto, que busca nas formas expressivas o valor do contexto, da cultura e da identidade, principalmente nos exemplos executados na década de 60. Apesar da evidente influência das formas geométricas e dos volumes lisos, a realidade e a economia da construção local faz com que os edifícios

49 RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa – mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. 2004. p. 304.

50 Expressão usada por CANNATA, Michele; FERNANDES, Fátima (no título da exposição editada em livro) - *Moderno escondido: arquitectura das centrais hidroeléctricas do Douro 1953-1964: Picote, Miranda, Bemposta*. 1997. capa.

mantenham uma ligação muito próxima à terra, evidenciada por exemplo, nos embaamentos de pedra rústica local. À excepção de “um sempre muito livre e expressivo Le Corbusier”, o “Estilo Internacional” era representado por uma arquitectura definida por volumes cúbicos, planos lisos, fachadas brancas, paramentos de metal ou de vidro, baseados numa cultura funcionalista. No entanto, permanecem nestas obras uma série de elementos ligados quer a uma ideologia, quer a um vocabulário Moderno.

A inclusão de mobiliário fixo, do carro e de figuras humanas nos desenhos é própria de uma nova forma de comunicar um estilo de vida associado ao Moderno. O tipo de informação que se encontra nos desenhos vai, de certa forma, ao encontro da ideia de *casa-máquina*, em que a organização interna dos edifícios é estritamente funcional, contendo as formas e as máquinas adequadas, para que se reduzam ao mínimo os esforços diários inúteis. O mobiliário encastrado, ou um passa-pratos entre a cozinha e a zona de refeições, vão ser exemplos da ideia de casa concebida como uma máquina. Como tal, não falta a inclusão do carro (ícone maquinista para Le Corbusier) como elemento essencial ao projecto Moderno, nem a informação de como os habitantes poderão usufruir de uma nova espacialidade.

Na década de 50 não há muitos arquitectos a projectar em S. Pedro de Moel. Neste panorama, quem se destaca é António Dinis Baroseiro a quem se reconhece um trabalho de autor, apesar de não ter formação académica de arquitecto.

O tipo de desenho e referências usadas por António Baroseiro, autor de grande parte dos projectos analisados, são muito idênticas às de outros autores seus contemporâneos, ligados ao Movimento Moderno português, como por exemplo, João Andrezen. Existe assim, no desenho das figuras humanas, na definição do espaço interior, na representação da vegetação e da zona de lazer exterior, um estilo de desenho associado à comunicação do modo de vida Moderno.

Para além da forma como os arquitectos João e José Tinoco comunicam os seus projectos, introduzindo axonometrias nos processos, é de notar o papel importante que as obras destes irmãos tiveram no desenvolvimento e na procura de uma nova ar-

quitectura em S. Pedro de Moel. A casa Marques Roldão, projectada em 1952 por João José Tinoco, foi uma obra pioneira nas construções de linguagem moderna em S. Pedro de Moel, desencadeando de certa forma a corrente da década de 50, onde predominaram os “caixotes corbusianos” (sucedâneos dos sistemas geométricos ou gestálticos do Estilo Internacional⁵¹) e a aplicação “pura dos materiais”. Já a casa João Matos e Silva⁵², projectada em 1959 por José Luís Tinoco, é uma obra de ruptura com essa mesma linguagem descrita anteriormente. Neste projecto volta-se a tratar do edifício como um elemento inscrito e dissolvido na sua envolvente natural. Retoma-se um espírito de comunhão com a paisagem, que vai ser desenvolvido, embora noutras direcções, a partir dos anos 60 nas casas analisadas em S. Pedro de Moel.

Retomando os princípios formais e espaciais, enunciadas por Le Corbusier e, adaptadas pelo Movimento Moderno, que de alguma forma estão presentes nas obras estudadas, a ideia de *casa-máquina* vai estar representada na organização interna das habitações, estritamente funcional, na qual se reduzem as áreas e os esforços, simplificando a forma de dispor os espaços, o que, conseqüentemente, se vai traduzir numa diferenciação mais rigorosa entre as zonas comuns e as privadas.

A continuidade espacial vai estar presente nas transformações que se assistem no programa da casa de férias, nomeadamente, pela circulação centralizada, pela noção de movimento como um valor espacial, evidenciado na ideia de *promenade architecturale*, pela simplificação do programa e a conseqüente unificação dos espaços com redução da área edificada, pela dilatação do interior sobre o espaço exterior reconsiderando valores naturais e paisagísticos, pela economia e racionalidade da construção.

A planta livre é reinterpretada em espaços fluidos, conjugados com a iluminação descontínua, criando espaços distintos. A noção de fachada livre é enriquecida com a exploração tridimensional e com a fragmentação dos volumes, sendo que, a

51 Zevi, Bruno - *História da arquitectura moderna*. 1970-1973. p. 11.

52 Após o falecimento do Sr. João Leal Matos e Silva, a propriedade foi vendida e destruíram a moradia que nesta monografia se analisa. Na mesma propriedade, hoje encontram-se uma série de apartamentos em banda, que em nada têm a ver com o projecto aqui apresentado.

articulação das fachadas fundamenta-se nos sucessivos avanços e recuos. As coberturas em terraço vão ser divulgadas na versão da cobertura em “borboleta” (influência brasileira),⁵³ não esquecendo o emprego de todo um vocabulário moderno, como a janela em comprimento, diversos tipos de grelhas de sombreamento, a casa assente em *pilotis* e o recuo da fachada relativamente às varandas que se balançam sobre estas. Soluções que recordam as utilizadas por Le Corbusier, embora com um resultado completamente diferente do alcançado nas obras do mestre do Movimento Moderno internacional. Esta reinterpretação dos modelos modernos em conjunto com uma cultura local deu origem a uma “3ª via”⁵⁴ da Arquitectura Moderna Portuguesa, identificada nas obras analisadas.

A Arquitectura Moderna (em Portugal) não obteve o impacto desejado, ou seja, a transformação social e a melhoria da qualidade de vida da população em geral (numa dimensão colectiva e institucional). Foi através da iniciativa privada que se difundiram alguns valores associados a um estilo de vida Moderno. Estes clientes, com um nível cultural diferenciado da população em geral, estavam abertos a novas sugestões vivenciais. A valorização dos tempos de lazer, das férias e dos fins-de-semana, vai ser então, o motor fundamental do deslocamento de uma população pendular para S. Pedro de Moel. Assim sendo, as habitações vão procurar uma relação com o meio natural envolvente, que proporciona um ambiente mais descontraído aos seus habitantes. A adequação dos espaços a estas novas exigências vai resultar numa abertura das casas para o exterior. O prolongamento da casa para o exterior e a relação que estas estabeleceram com a paisagem envolvente foi tão bem conseguida, que ainda hoje, os seus moradores usufruem tranquilamente dos seus tempos de lazer nas suas habitações, sem necessidade de descerem à praia e de se aproximarem do mar. Esta vivência do espaço só é possível porque a envolvência das suas moradias oferece tudo isto, a praia, o mar e o

53 TOSTÕES, Ana - *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 1997. p. 139-141.

54 Expressão usada pelo professor Dr. Mário Krüger (nas suas aulas de teoria da arquitectura II no ano lectivo 2005/6) ao falar da arquitectura que cruza Regionalismo e Moderno, como acontece em algumas obras de Manuel Tainha, nomeadamente na Casa do Freixial, Casa Gallo em S. Pedro de Moel ou Pousada de Santa Bárbara em Oliveira do Hospital.

pinhal. O que vai de encontro a uma forma de usufruir dos tempos livres, pronunciada por Le Corbusier e exposta sob a forma da cobertura jardim, que é um elemento de extensão da casa para o exterior.

Os valores modernos e a adequação prática e funcional do espaço às necessidades de uma sociedade moderna e transformada, não vão deixar de estar presentes, mesmo na década de 60, quando se assiste a uma reformulação da linguagem moderna em S. Pedro de Moel. A partir do início da década de 60, as construções começam a reflectir a revisão que então se fazia do Moderno a nível nacional. Deixa-se de lado os volumes geométricos e parte-se para um jogo de comunicação do exterior que procura, cada vez mais, os valores e técnicas regionais.

No entanto, a produção arquitectónica, edificada no período decorrido entre 1947 e 1974, oscila entre vários modelos. As obras actualizadas e influenciadas pelo Movimento Moderno internacional coexistem com modelos inspirados na Casa Portuguesa, reveladoras de um certo romantismo e de uma mentalidade conservadora, incentivada pelo poder local e nacional. Nesta circunstância, os autores produzem, consecutivamente, obras modernas e não modernas, que remontam à questão da *Casa Portuguesa*. António Baroseiro é um exemplo desta dicotomia que se vive na cultura portuguesa. Um autodidacta, como aqueles que o conheceram referem, a verdade é que apesar de não ter tirado o curso de arquitectura, o percurso deste projectista fala por si.⁵⁵ O seu interesse cultural, as viagens que fez e a bibliografia que possuía fazem crer que apesar das limitações, muitas vezes impostas pelos seus clientes, as suas obras apresentadas nesta monografia, contêm uma essência verdadeiramente moderna. A sua predilecção pelo estilo Moderno é evidente, e as casas que projecta de acordo com o tema da casa portuguesa, são sintomáticas da necessidade de trabalho. Isto, numa realidade cultural, em que o cliente ainda se dirigia ao arquitecto/desenhador e pedia o desenho de uma casa em estilo “moderno”, “tradicional português”, “romântico”, etc.

55 Consultar biografia no anexo 1.

Ao mesmo tempo edificam-se uma série de casas que cruzam elementos tradicionais e modernos, numa composição interna bastante compartimentada. A Casa Rogério Venâncio⁵⁶ vai ser um exemplo dessa oscilação entre um registo conservador, onde se perpetuam os padrões tradicionais e uma procura de modernidade, numa tentativa de recolocar a ideia de casa na sua contemporaneidade. Assim, não é de estranhar que no mesmo edifício se vá encontrar no exterior uma rampa, uma grelha ou até mesmo um painel com gatos desenhados, em conjunto com uma cobertura em lusalite inclinada ou um variado conjunto de aberturas de tamanhos distintos. Este tipo de arquitectura é essencialmente visual, sendo que a sua essência está directamente relacionada com a variação formal das fachadas.

A casa de cariz popular nunca perde o seu lugar na arquitectura do aglomerado, no entanto, este tipo de construções foram gradualmente deixando de ser executadas.

Neste sentido, constata-se que, na maior parte dos casos, o moderno é um Estilo⁵⁷, uma opção entre outras disponíveis e não uma consideração culturalmente mais comprometida. Para além das circunstâncias que já referimos, que nos chegam da história da arquitectura, julgamos que outras se devem referir directamente à vontade de fazer, ou melhor à possibilidade de fazer ou não fazer moderno. A importância de satisfazer o cliente e a atitude prática, que procura adaptar-se às circunstâncias e às dificuldades do seu tempo, vai ditar o entendimento do Moderno como um Estilo, em vez de um Movimento capaz de reflectir sobre os problemas postos pelas transformações sociais do *habitat* à escala e da cultura de massa e de traduzir nas formas as novas técnicas e materiais disponíveis.⁵⁸

No fundo, a Arquitectura Moderna, mais ou menos metodológica, conquistou o seu lugar em S. Pedro de Moel, e hoje, este lugar permanece como testemunho desse momento singular, disperso, pouco extenso e pouco reconhecido em Portugal. Para

56 Ver ficha V no volume 2.

57 Estilo: por extensão, significa o conjunto de formas ou modos estéticos caracterizando uma dada época (ex.: estilo gótico ou estilo romântico). Definição em RODRIGUES, Maria João Madeira [et al.] - Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura. 2005. p. 127.

58 ZEVI, Bruno - História da arquitectura moderna. 1970-1973. p. 9.

descobrir este ‘moderno escondido’ basta estar atento à arquitectura que nos rodeia, como se tentou fazer em S. Pedro de Moel.

O trabalho de catalogação dos edifícios, que se faz no 2º Volume, pretende apresentar com rigor e clareza os processos e suas interpretações, para que no futuro se possam desenvolver estudos mais avançados sobre os seus autores, de modo a compreender melhor a obra realizada nesta época, ainda pouco valorizada. As fichas de análise serão uma base de dados para futuros estudos sobre o Moderno em Portugal e ajudarão a valorizar este património arquitectónico que ainda não é reconhecido como tal. A herança e as novas perspectivas sobre o espaço introduzidas pela arquitectura Moderna, foi fundamental para a arquitectura que hoje se faz e reconhecê-lo abre caminhos para um melhor entendimento das dificuldades colocadas em cada época. Todas as fases da história da arquitectura são importantes, e seremos melhores profissionais se soubermos interpretar o passado para melhor construir o futuro.

BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS E REVISTAS

III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região: actas. Leiria : Câmara Municipal, 1999. ISBN 9728043252.

ANDREOLI, Elisabetta - **Arquitectura moderna brasileira.** London; New York : Phaidon, 2004. 239 p. ISBN 0714898309.

AZAMBUJA, João Rosa - **Cidade da Marinha Grande: subsídios para a sua história.** Marinha Grande : Câmara Municipal, 1998. 399 p. ISBN 9729804907.

AZEVEDO, Carlos Miguel da Luz Vicente - **Moderno Contaminado: a revisão do movimento moderno nos contextos nacional e internacional.** Coimbra : [s. n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentado à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 153 p.

BAROSA, Joaquim - **Memórias da Marinha Grande.** 3ª ed. Marinha Grande : Câmara Municipal, 1993. 178 p.

BARROS, Artur Neto de - **Subsídios para uma monografia de S. Pedro de Moel.** 2ª ed. Marinha Grande : A.N. de Barros, 1989. 127 p.

Casa de férias num pinhal. Arquitectura. Lisboa. Julho-Agosto 1947, nº 17-18.

Concurso casa de férias. Arquitectura. Lisboa. Junho 1947, nº 16.

FERNANDES, José Manuel - **Arquitectura modernista em Portugal (1890-1940).** Lisboa : Gradiva, 1993. 159 p.

FERNANDES, José Manuel - **Português suave: arquitecturas do Estado Novo.** Lisboa : IPPAR, 2003. 243 p. ISBN 9728736266.

FERNANDEZ, Sérgio - **Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974.** 2ª ed. Porto:

- Faculdade de Arquitectura da Universidade, 1988. 207 p.
- FERREIRA, Ana Filipa Faustino da Silva - **São Pedro de Moel: estudo de um aglomerado urbano**. Porto : [s. n.], 2002. Prova final de licenciatura apresentada à Faculdade de Arquitectura de Universidade do Porto. 94 p.
- FRANÇA, José Augusto - **A Arte em Portugal no século XX**. 3ª ed. Venda Nova : Bertrand, 1991. 660 p. ISBN 9722500457.
- GOODWIN, Philip Lippincott - **Brazil builds: architecture new and old 1652-1942: construção brasileira: arquitetura moderna e antiga**. 4ª ed. New York : The Museum of Modern Art, 1946. 198 p.
- GRILO, Patrícia Alexandra Balbino - **Imagens do século XX do concelho da Marinha Grande**. Marinha Grande : Câmara Municipal, 2001. 224 p.
- LE Corbusier - **Le Corbusier et Pierre Jeanneret: 1910-1929**. 14ª ed. Zurich : Architecture, 1995. 215 p. ISBN 3760880118.
- LISBOA 94: capital europeia da cultura. Departamento de Intervenção Urbana - **Anos 60, anos de ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta**. Lisboa : Livros Horizonte, cop. 1994. 152 p. ISBN 9722408666.
- LINO, Raul - **Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples**. Lisboa : Cotovia, 1992. 114 p. ISBN 9728028148.
- LÔBO, Margarida Sousa - **Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco**. 2ª ed. Porto : FAUP Publicações, 1995. 305 p. ISBN 9729483140.
- MENDES, José M. Amado - **História do Concelho da Marinha Grande: introdução e perspectivas**. Marinha Grande : Câmara Municipal, 1993. 248 p.
- PORTUGAL Instituto Português do Património Arquitectónico - **Arquitectura moderna portuguesa, 1920-1970**. Lisboa : IPPAR, cop. 2004. 391 p. ISBN 9728736355.
- RAMOS, Carlos - Concurso para uma casa de férias no Alto do Rodízio: relatório do júri pelo arquitecto Carlos Ramos. *Arquitectura*. Lisboa. Maio-Junho 1948, nº 23-24.
- RAMOS, Rui Jorge Garcia - **A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século**

XX. Porto : Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004. Tese de Doutoramento.

RODRIGUES, Maria João Madeira [et al.] - **Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura**. 4ª ed. Coimbra : Quimera, 2005. 287 p. ISBN 9725891457.

SANTOS, Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças - **A residência secundária no âmbito da geografia dos tempos livres: análise comparativa dos casos de S. Pedro de Moel e Praia da Vieira**. Coimbra : Comissão de Coordenação da Região Centro, 1996. 318 p. ISBN 9725690907.

SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS - **Arquitectura popular em Portugal**. Lisboa: S.N.A., 1961.

TAINHA, Manuel - **Textos do arquitecto Manuel Tainha**. Lisboa : Estar, 2000. 139 p. ISBN 9728095716.

TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto : Faculdade de Arquitectura, 1997. 349 p. ISBN 9729483302.

ZEVI, Bruno - **História da arquitectura moderna**. Lisboa : Arcádia, 1970-1973.

PROCESSOS DE OBRA

ABRANTES, António - Waltrand Paula Wiebke Franz: processo de obras, nº 1654. 1969. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande. _

BAROSA, Frederico; CLEMENTE, Marco - José Carreira Rodrigues: alteração de Casa em S. Pedro de Moel: levantamento do existente: plantas, alçados e implantação. Outubro 2007. Acessível no Arquivo dos autores.

BAROSA, Frederico; CLEMENTE, Marco - Orlanda Marlene de Jesus Braz: remodelação e ampliação de Casas na Av. do Farol, S. Pedro de Moel: levantamento do Existente: plantas, alçados e cortes. Fevereiro 2008. Acessível no Arquivo dos autores.

BAROSEIRO, António Dinis - Aníbal Henrique Abrantes: processo de obras, nº 664/52.

1953. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande. _
- BAROSEIRO, António Dinis - Augusto Roldão: processo de obras, nº 932. 1955. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande. _
- BAROSEIRO, António Dinis - Edilásio Carreira Silva: plantas, cortes alçados. 1960. Acessível no Arquivo do proprietário (Manuel Mateus Frazão).
- BAROSEIRO, António Dinis - Floriano Ferreira Silva: processo de obras, nº 395/53. 1952. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande. _
- BAROSEIRO, António Dinis - Henrique dos Santos Marques: processo de obras, nº 1122. 1958. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BAROSEIRO, António Dinis - João Carlos Costa Falcão Franco Frazão: processo de obras, nº 1115. 1956. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BAROSEIRO, António Dinis - Joaquim Silva Lourenço Júnior: processo de obras, nº 1362. 1962. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BAROSEIRO, António Dinis - Joaquim Sousa Byrne: processo de obras, nº 1176. 1959. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BAROSEIRO, António Dinis - José Malta Júnior: processo de obras, nº 196. 1958. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BAROSEIRO, António Dinis - Maria Helena Birne Freire Gameiro e Maria Luíza Lorenna Birne Gameiro-Viúva: processo de obras, nº 2025. 1958. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BAROSEIRO, António Dinis - Paulina Giralt Rius: processo de obras, nº 122. 1965. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- BARROS, José Bernardino - Armando Santos Alho: processo de obras, nº 1178. 1957. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- CORREIA, Maria Jesus; CORREIA, Jorge Barradas - Joaquim Emídio Oliveira Correia: processo de obras, nº 3155. 1957. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- EGÊA, António - Maria Filomena Quilho Marçal e Ana Maria Quilho Marçal: proces-

- so de obras, nº 1641. 1959. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- FRANCO, Lima – Câmara Municipal da Marinha Grande: Urbanização de S. Pedro de Moel: ante-plano. 1947. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- GEORGE, Frederico - António Marques Reis: processo de obras, nº 1247. 1964. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- LIMA, João Pedro Mota - Manuel Augusto Rosa: processo de ampliação, nº 1583. 1962. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- LIMA, João Pedro Mota; CUNHA, Pinto e – Moradia Eng. João Simões: plantas, cortes alçados e memória descritiva. [1952/3 ?]. Acessível no Arquivo dos proprietários (Fernando Ferreira Real e Maria João Simões).
- MENEZES, Manuel Alzina de; CORSEPIUS, Erich M. - Ernesto Borges: processo de obras, nº 785. 1964. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- [Moradia de Luiz Olavo Freire Cortês Abreu Oliveira] - Processo de obras, nº 1682-A. 1961. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- TAINHA, Manuel - Vítor Manuel Noronha Santos Gallo: processo de obras, nº 1299. 1970. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- TINOCO, João José - José Marques Roldão: processo de obras, nº 452/52. 1952. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.
- TINOCO, José Luís - João Leal de Matos e Silva: processo de obras, nº 1739. 1963. Acessível no Arquivo Municipal da Marinha Grande.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

- Museu Joaquim Correia - Joaquim Correia [Consult. 3 Julho 2010]. Disponível em:
WWW: <URL: <http://museujoaquimcorreia.home.sapo.pt/jcorreia.htm>>.
- Museu Nacional do Azulejo - João Miguel dos Santos Simões [Consult. 19 Maio 2010].

Disponível em: WWW: <URL: http://mnazulejo.imc-ip.pt/pt-PT/rede/rede_jmss/ContentList.aspx>.

Wikipédia, a enciclopédia livre - João Miguel dos Santos Simões [Consult. 3 Julho 2010]. Disponível em: WWW: <URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Miguel_dos_Santos_Sim%C3%B5es>.

Wikipédia, a enciclopédia livre - José Luís Tinoco [Consult. 7 Julho 2010]. Disponível em: WWW: <URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lu%C3%ADs_Tinoco>.

Wikipédia, a enciclopédia livre - Organização dos Arquitectos Modernos [Consult. 7 Julho 2010]. Disponível em: WWW: <URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_dos_Arquitectos_Modernos>.

XicoNhoca – Arquitectura: o moderno em África [Consult. 8 Setembro 2009]. Disponível em: WWW: <URL: <http://group.xiconhoca.com/2009/02/05/port-hist-arquitectura-o-moderno-em-africa/>>.

PROVENIÊNCIA DE IMAGENS

01. Bilhete postal gentilmente cedido pelo Sr. Adriano Pedro
02. Bilhete postal gentilmente cedido pelo Sr. Adriano Pedro
03. *Arquitetura*. Lisboa. Fevereiro 1948, nº 20. p. 23
04. AZEVEDO, Carlos Miguel da Luz Vicente - **Moderno Contaminado: a revisão do movimento moderno nos contextos nacional e internacional**. 2009. p. 94
05. Le Corbusier - **Le Corbusier et Pierre Jeanneret: 1910-1929**. 1995
06. AZEVEDO, Carlos Miguel da Luz Vicente - **Moderno Contaminado: a revisão do movimento moderno nos contextos nacional e internacional**. 2009. p. 96
07. *Arquitetura*. Lisboa. Maio-Junho 1948, nº 23-24. p. 4
- 08 e 09. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p 275
10. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p 275
11. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p 276
12. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p 277
13. GRILO, Patrícia Alexandra Balbino - **Imagens do século XX do concelho da Marinha Grande**. 2001. p. 196
14. Fotografia da autora
15. GRILO, Patrícia Alexandra Balbino - **Imagens do século XX do concelho da Marinha Grande**. 2001. p. 201
16. <http://ciid.ipleiria.pt/2008/06/16/a-casa-museu-afonso-lopes-vieira-em-s-pedro-de-moel-a-cultura-como-servico/>
17. SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS - **Arquitetura popular em Portugal**. 1961. p. 186
18. Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Heinz-Josef Ulrich
19. Fotografia da autora
20. <http://www.pbase.com/image/89500656>
21. GRILO, Patrícia Alexandra Balbino - **Imagens do século XX do concelho da Marinha Grande**. 2001. p. 197
22. Fotografia da autora
23. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
24. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
25. Planta tratada pela autora – base cedida pela Divisão de Ordenamento e Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal da Marinha Grande
[26.http://fotos.sapo.pt/Za6MpUJuynM9wpz1eYZr/](http://fotos.sapo.pt/Za6MpUJuynM9wpz1eYZr/)
27. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
28. *Arquitetura*. Lisboa. Julho-Agosto 1947, nº 17-18. p. 29
29. *Arquitetura*. Lisboa. Maio-Junho 1948, nº 23-24. p. 7
30. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p. 273
31. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p. 273
32. TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50**. 1997. p. 273
33. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
34. Planta tratada pela autora – base cedida pela Divisão de Ordenamento e Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal da Marinha Grande
35. Planta tratada pela autora – base cedida pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
36. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
37. Desenho cedido pelos arquitectos Frederico Barosa e Marco Clemente
38. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
39. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
40. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
41. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
42. Fotografia da autora
43. Fotografia da autora
44. Fotografia da autora
45. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande

46. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
47. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
48. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
49. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
50. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
51. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
52. Fotografia da autora
53. Fotografia da autora
54. Fotografia da autora
55. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
56. Fotografia da autora
57. Fotografia da autora
- 58 e 59. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
60. Desenho cedido pelo Sr. Manuel Mateus Frazão
61. Fotografia da autora
62. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
63. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
64. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
65. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
66. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
67. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
68. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
69. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
70. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
71. Fotografia da autora
72. Fotografia da autora
73. Desenho cedido pelo Sr. Manuel Mateus Frazão
74. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
75. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
76. Fotografia da autora
77. Fotografia da autora
78. Fotografia da autora
79. Fotografia da autora
80. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
81. Fotografia da autora
82. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
83. Fotografia da autora
84. Fotografia da autora
85. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
86. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
87. Fotografia da autora
88. Fotografia da autora
89. Desenho cedido pelos arquitectos Frederico Barosa e Marco Clemente
90. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
91. Fotografia da autora
92. Fotografia da autora
93. Fotografia da autora
94. Fotografia da autora
95. Desenho cedido pelo Sr. Manuel Mateus Frazão
96. Desenho cedido pelo Sr. Fernando Ferreira Real e D. M^a João
97. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
- 98 e 99. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
100. Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Heinz-Josef Ulrich
101. Fotografia da autora
102. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
103. Fotografia da autora
104. Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Heinz-Josef Ulrich
105. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
106. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
107. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
108. Fotografia da autora
109. Desenho cedido pelo Sr. Manuel Mateus Frazão

110. Fotografia da autora
111. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
112. Fotografia da autora
113. Arquitectura. Lisboa. Maio-Junho 1948, nº 23-24. p. 9
114. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
115. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
116. Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Heinz-Josef Ulrich
117. Fotografia da autora
118. Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Heinz-Josef Ulrich
119. Fotografia da autora
120. Fotografia da autora
121. Fotografia da autora
122. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
123. Fotografia da autora
124. Fotografia da autora
125. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
126. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
127. Fotografia da autora
128. Fotografia da autora
129. Fotografia da autora
130. Fotografia da autora
131. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
132. Fotografia da autora
133. Fotografia da autora
134. Fotografia da autora
135. Fotografia da autora
136. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
137. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
138. Fotografia da autora
139. Fotografia da autora
140. Fotografia da autora
141. Fotografia da autora
142. Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Heinz-Josef Ulrich
143. Fotografia da autora
144. Fotografia da autora
145. Fotografia da autora
146. Fotografia da autora
147. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
148. Fotografia da autora
149. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
150. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
151. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
152. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
153. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
154. Fotografia da autora
155. Fotografia da autora
156. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
- 157 e 158. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
159. Fotografia da autora
160. Fotografia da autora
161. Fotografia da autora
162. Fotografia da autora
163. Fotografia da autora
164. Fotografia da autora
165. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
166. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
167. Fotografia da autora
168. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
169. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
170. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
171. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
172. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
173. Desenho cedido pelo Arquivo Municipal da Marinha Grande
174. Fotografia da autora

ANEXOS

Anexo 1. Pequenos apontamentos da vida de António Dinis Baroseiro Júnior.

Anexo 2. Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947.

Planta de Apresentação .

Anexo 3. Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947.

Planta de Divisão em Lotes.

Anexo 4. Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1962.

Planta de Apresentação.

Anexo 5. Cartografia de S. Pedro de Moel com a identificação das casas unifamiliares construídas entre 1947 e 1974, Planta tratada pela autora – base cedida pela Câmara Municipal da Marinha Grande.



António Dinis Baroseiro Júnior

Pequenos apontamentos da vida de António Dinis Baroseiro Júnior

Filho de António Dinis Baroseiro e Luciana Rosa, nasceu na Ordem - Marinha Grande a 15 de Março de 1921 (registado a 25 de Março).

A sua formação vem do curso geral da Escola Industrial da Marinha Grande.

Casou com Arméne Domingues Guerra e embora não tenham sido os progenitores de Maria Elisa Pereira, o casal criou-a como filha.

Viveu a maior parte da sua vida na Marinha Grande, onde projectou a sua moradia.

Faleceu a 21 de Maio de 1993.

A convite do então director da Escola Industrial da Marinha Grande, Alberto Nery Capucho, leccionou durante alguns anos a disciplina de Desenho. A confiança no seu trabalho perfeccionista era tal que, sempre que o director precisava de algum trabalho de desenho, solicitava-o a António Baroseiro.

O reconhecimento do seu talento para o desenho fez com que Afonso Lopes Vieira (o poeta) e Alberto Nery Capucho o incentivassem a seguir o curso de arquitectura na universidade de Lisboa, mas a falta de apoio dos pais não tornou isso possível.

Apesar de, efectivamente, nunca ter feito o curso de arquitectura, a paixão e dedicação a esta área levou-o a uma constante descoberta e estudo da “matéria”. Depois de trabalhar algum tempo numa fábrica de vidro, a encomenda de trabalhos de arquitectura fez com que Baroseiro se dedicasse a tempo inteiro aos projectos e a abrir escritório como desenhador projectista.

A amizade que tinha com Camilo Korrodi, arquitecto de Leiria, influenciaram-

no certamente. Este amigo especial, autor de obras com grande reconhecimento em Leiria, apreciava bastante o seu trabalho, tratando-o como um “colega” de profissão.

O seu trabalho e fama espalharam-se por todo o distrito de Leiria e arredores. Fez projectos para moradias em Alcanena, Alcobaça, Barreira, Figueira da Foz, Leiria, Marinha Grande, Mira d’Aire, Praia da Vieira, Pedra do Ouro e S. Pedro de Moel. Dos inúmeros projectos que executou, destacam-se a primeira Fábrica de Faianças de Alcobaça e algumas igrejas como a de Mira d’Aire e a da Marinha Grande (ambas as igrejas têm vitrais assinados por António Baroseiro).

Homem humilde, culto, religioso e curioso, adorava viajar. Para essas viagens preparava sempre os roteiros antecipadamente, não deixando de visitar museus e igrejas, onde dedicava imenso tempo a observar todo o tipo de pormenores. Em todas as cidades que visitava tinha que entrar nas igrejas em que passava.

Da sua imensa lista de viagens contam-se destinos como Roma (onde, com a esposa foram os primeiros representantes da diocese de Leiria dos cursos de cristandade no Vaticano), Milão, Veneza, Pisa, Paris, Londres, várias cidades alemãs e espanholas, Rio de Janeiro, S. Paulo e Bauru (cidade brasileira onde viviam familiares).

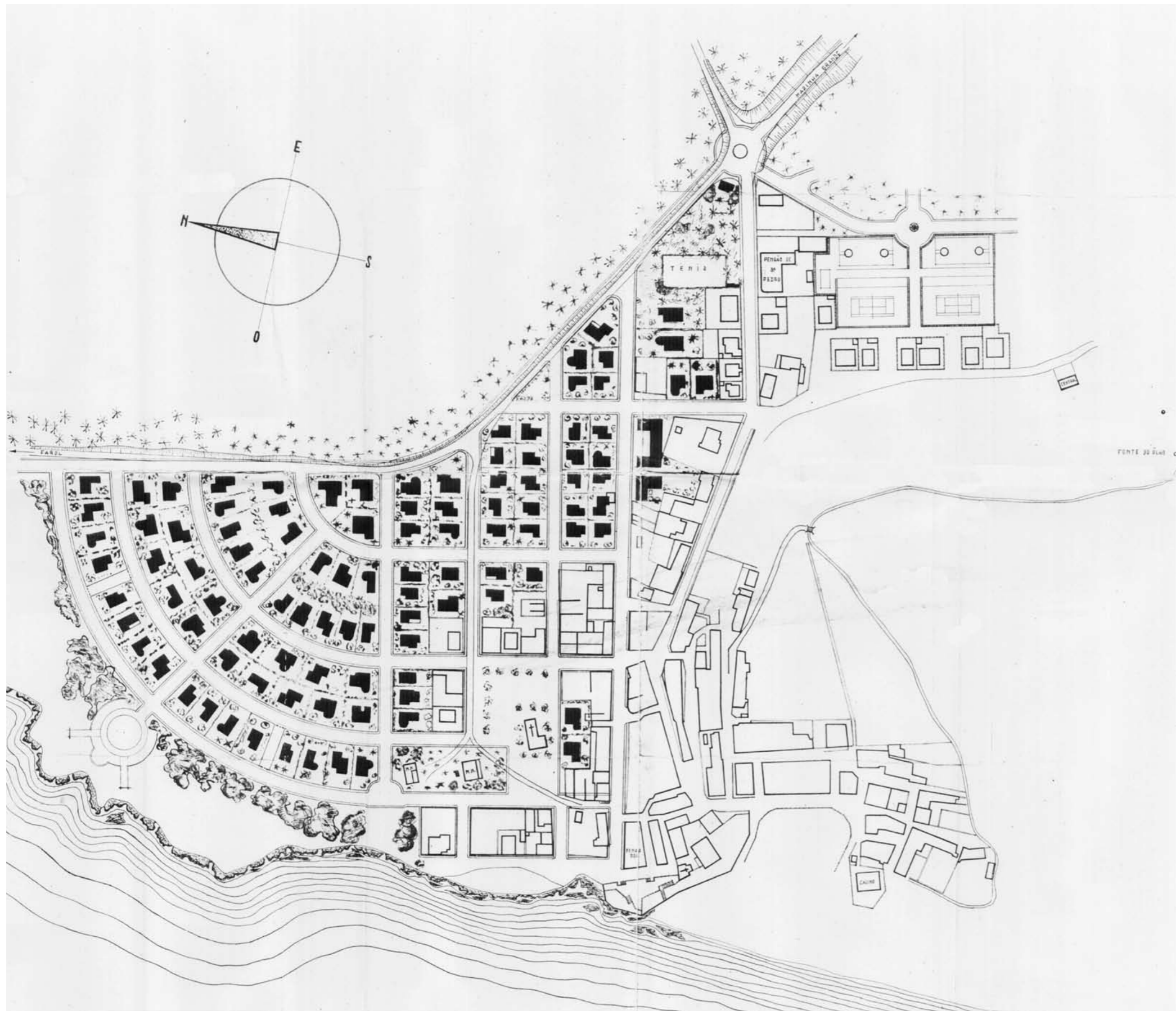
Homem dedicado às artes e à cultura, gostava de pintar a aguarela, fazer desenhos com a sua máquina de escrever, ouvir música clássica e ler obras de cariz informativo (não se perdia muito com leitura de novelas).

No seu escritório encontram-se diversos livros dedicados ao tema da arquitectura e construção, tal como o Manual de la construction prefabricada, vários livros da colecção “éditions Charles Massin, Paris”, como *En couleur... mille idées pour réaliser en moderne votre pièce à vivre*. A *História da Arte* editada pela Fundação Calouste Gulbenkian e algumas colecções da “Circulo de Leitores” são exemplos da sua sempre actualizada cultura geral. Tal como acontece com outros autores, a actualização das novidades na arquitectura chegava a partir de várias revistas que adquiria. São exemplos as revistas “Casa Cláudia”, “Details d’architecture”, “Art et Décoration”, “Construction blueprints available”, “Casa e decoração”, “Recherche et Architecture”, “Votre Maison”, entre outras.

Pertenceu durante muitos anos ao “Lions Clubs International”, de onde recebeu diversos prémios.

Foi presidente da Junta de Freguesia da Marinha Grande de 1955 a 1960.

Juntamente com Victor Gallo e Eugénio Noronha funda a Santa Casa da Misericórdia em 1948. Em 1990 era provedor da Santa Casa da Misericórdia quando se construiu o Lar dos Outeirinhos.

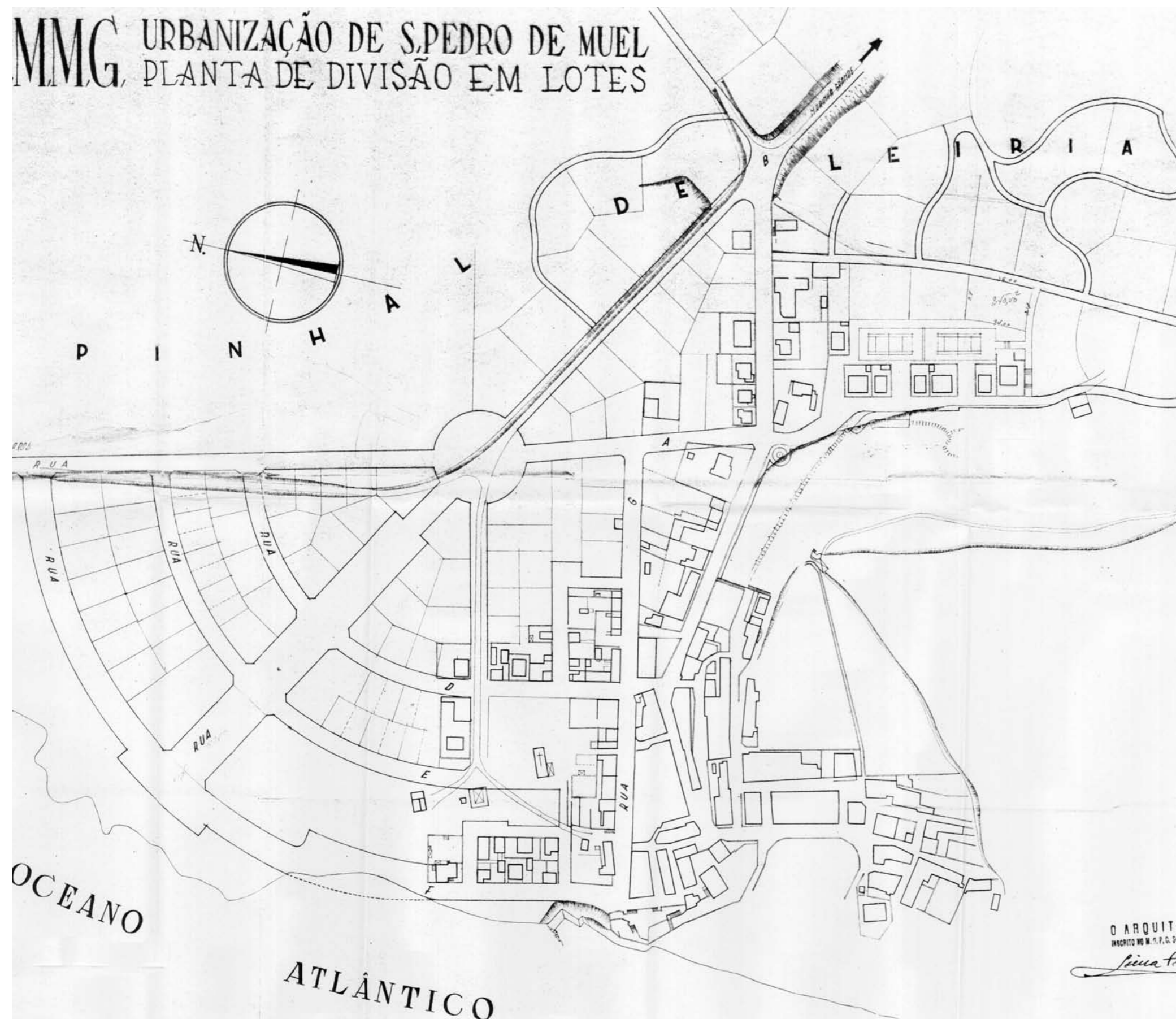


Anexo 2

Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947.
Planta de Apresentação .

0m 50m 100m

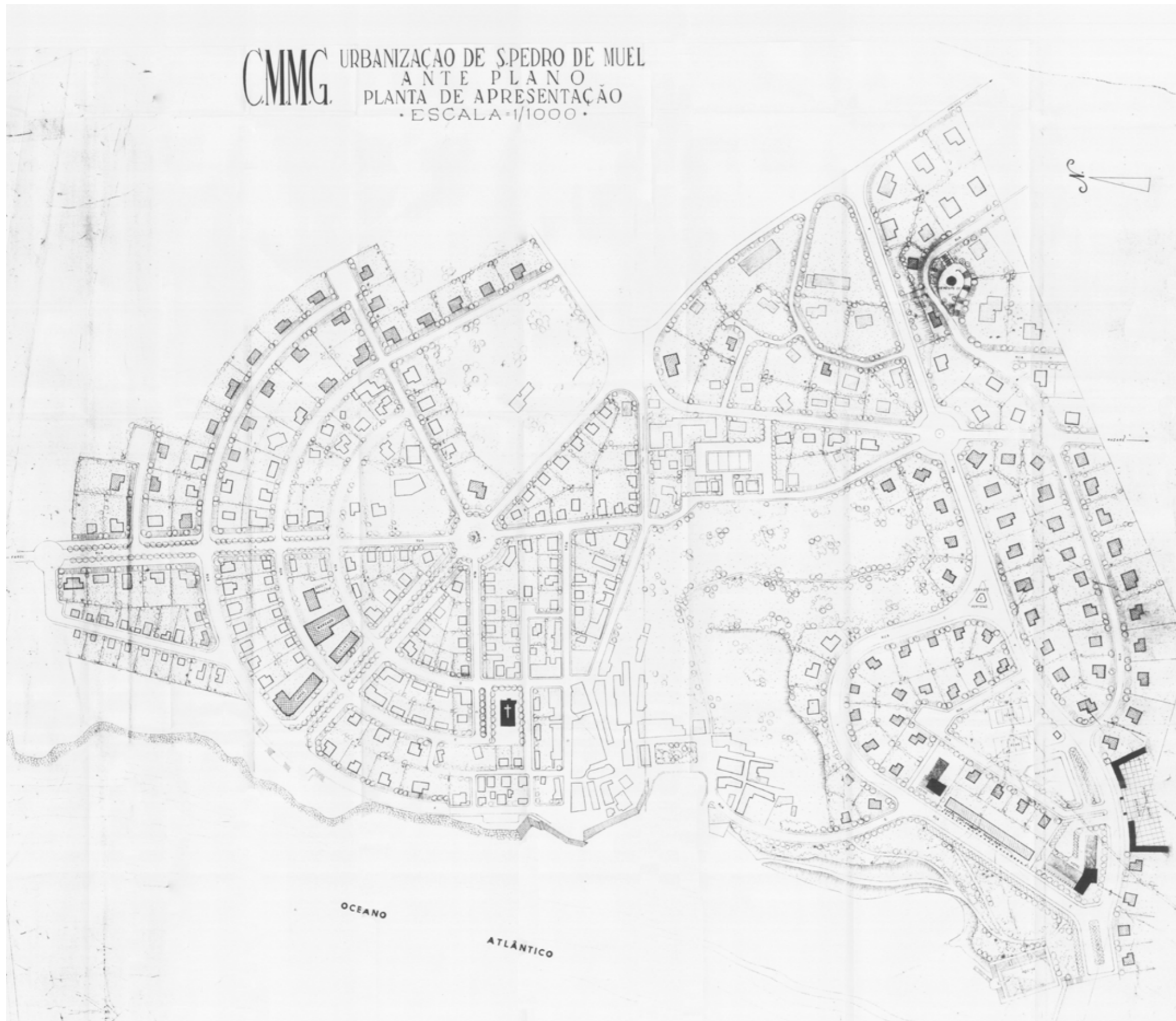
MMG URBANIZAÇÃO DE S. PEDRO DE MUEL PLANTA DE DIVISÃO EM LOTES



Anexo 3

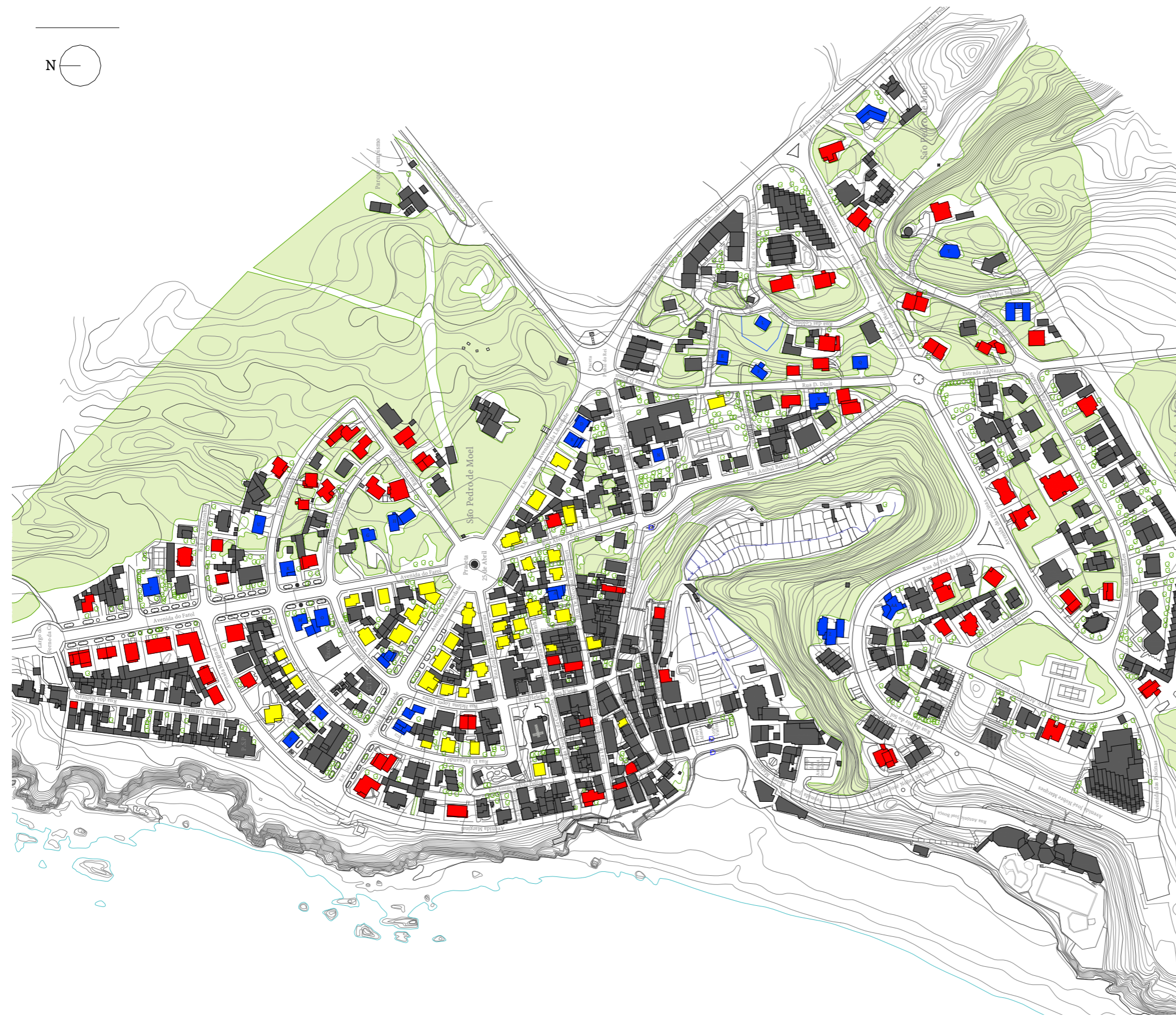
Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947.
Planta de Divisão em Lotes.

0m 50m 100m







Anexo 4

Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1962.
Planta de Apresentação.



Anexo 5

Cartografia de S. Pedro de Moel com a identificação das casas unifamiliares construídas entre 1947 e 1974, Planta tratada pela autora – base cedida pela Câmara Municipal da Marinha Grande.

-  Casas unifamiliares analisadas entre 1947-1974
-  Casas unifamiliares construídas entre 1947-1959
-  Casas unifamiliares construídas entre 1960-1974
-  Vegetação



SÃO PEDRO DE MOEL

UM REFÚGIO MODERNO . Volume 2



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Apresentada ao

Departamento de Arquitectura da FCTUC

Orientador: Professor Doutor Pedro Maurício Borges

Emmanuella Silva da Quinta

Coimbra, Julho de 2010

SUMÁRIO

Formato de catalogação	5
Planta de localização das casas analisadas	10
Fichas de análise	
Ficha A: Casa Joaquim Silva	11
Ficha B: Casa Marques Roldão	12
Ficha C: Casa Aníbal Abrantes	13
Ficha D: Casa Floriano Silva	14
Ficha E: Casa Manuel Augusto Rosa	15
Ficha F: Casa Augusto Roldão	16
Ficha G: Casa João Franco Frazão	17
Ficha H: Casa João Simões	18
Ficha I: Casa José Malta	19
Ficha J: Casa Joaquim Correia	20
Ficha K: Casa Alberto Barreto	21
Ficha L: Casa Joaquim Byrne	22
Ficha M: Casa Armando Alho	23
Ficha N: Casa Helena Gameiro	24
Ficha O: Casa José Rodrigues	25
Ficha P: Casa Henrique Marques	26
Ficha Q: Casa M ^a Filomena Carrega	27
Ficha R: Casa João Matos e Silva	28
Ficha S: Casa Luiz Olavo Oliveira	29
Ficha T: Casa Edilásio Silva	30
Ficha U: Casa Joaquim Lourenço	31
Ficha V: Casa Rogério Venâncio	32
Ficha W: Casa Ernesto Borges	33
Ficha X: Casa Paulina Giralt Rius	34
Ficha Y: Casa António Reis	35
Ficha Z: Casa Victor Gallo	36
Ficha AA: Casa Waltrand Franz	37

Nome e constituição do catálogo geral

O catálogo diz respeito aos projectos descritos ao longo da monografia (volume 1). Apesar de se terem consultado os cento e noventa e seis processos que foram deferidos pela Câmara Municipal da Marinha Grande entre 1947 e 1974, neste catálogo apenas se apresentam os casos pertinentes para o acompanhamento do texto e identificação do objecto de estudo específico, ou seja, o Moderno em S. Pedro de Moel. Esses projectos podem ser identificados na planta de localização das casas analisadas, e consultados nas fichas de análise individuais onde se identifica o edifício, desenvolve a sua caracterização arquitectónica e apresentam os desenhos e algumas fotografias. O título de cada ficha resulta do nome próprio e do apelido do requerente original.

Ordenação

Os projectos estão cronologicamente ordenados pela data de realização do primeiro projecto, apesar de, em alguns casos, a construção das moradias resultar de (subtis) projectos de alterações posteriores, que não colocam em causa a sua validade. Na sua ordenação recorre-se às letras do alfabeto, para que na planta de identificação das casas se distinga facilmente os edifícios analisados nas fichas, da totalidade de edifícios erguidos no período balizado.

Requerente / actual proprietário

O requerente é sempre aquele que entrou com o pedido de licenciamento original na Câmara Municipal da Marinha Grande. Sempre que foi possível identificou-se o actual proprietário.

Autor

Na maior parte dos projectos foi possível apurar o seu autor pelas memórias descritivas ou folhas de desenho. Ocasionalmente encontraram-se processos em que não foi possível identificar um nome na assinatura ou por não haver processo no Arquivo não se conhece o autor, e por isso indica-se autor incógnito.

Data de projecto e construção

Nem sempre foi possível apurar os anos de projecto e construção. No único caso em que não existiam quaisquer datas (ficha O), posicionou-se o projecto cronologicamente de acordo com dados empíricos recolhidos no Arquivo Municipal da Marinha Grande. Para as datas de projecto seleccionou-se aquela que constava nas memórias descritivas ou nos desenhos. A data de construção, como não existe documentação precisa, determinou-se aproximadamente pela data de alvará de licença à qual se adicionou o prazo indicado no requerimento para pedido de licenciamento de obra.

Área de implantação do edifício e da propriedade

A área de implantação do edifício equivale ao valor da área bruta de implantação da habitação calculada a partir da cartografia de S. Pedro de Moel, cedida pela Câmara Municipal da Marinha Grande. O mesmo método foi utilizado para o cálculo da área da propriedade. No entanto a falta de limites físicos em alguns terrenos pode incitar a um maior erro de cálculo.

Localização

A localização que se indicou foi sempre a que se refere à toponímia actual, isto porque, à época da construção das casas muitas das ruas ainda tinham uma designação esquemática (ex.: Rua A, Rua B, etc.), como se pode verificar nos anexos 3 e 4 do Volume 1.

Implantação/enquadramento

A implantação/enquadramento refere-se ao padrão de inserção do edifício relativamente ao lote que o inclui.

Tipologia

Reporta-se à análise da forma do edifício.

Distribuição funcional

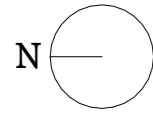
Modo como as diferentes zonas e compartimentos da casa se distribuem.

Caracterização



Para uma caracterização geral do edifício apontou-se o número de pisos, o tipo de cobertura, de aberturas e materiais de caracterização exterior e interior mais relevantes.

Desenhos

Sempre que foi possível apresentaram-se os desenhos originais dos arquitectos ou desenhadores projectistas (recolhidos no Arquivo Municipal da Marinha Grande). Em dois casos (ficha K e O), em que os processos não constavam no arquivo, foi necessário pedir cópia dos levantamentos levados a cabo pela equipa de arquitectos responsável pelos projectos de remodelação e ampliação dos respectivos edifícios. Para executar as fichas H e T foi necessário pedir cópias dos projectos aos proprietários das casas. Os desenhos da ficha E foram executados pela autora a partir de levantamentos esquemáticos in situ e de desenhos parciais existentes no Arquivo.



Planta de localização das casas analisadas –
base cedida pela Câmara Municipal da Marinha Grande.

-  Casas analisadas
-  Vegetação



Ficha A

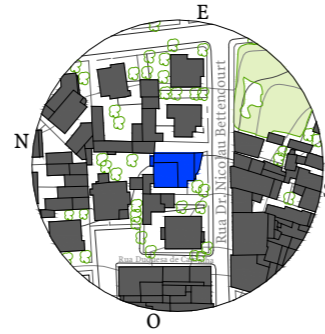
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Joaquim Ferreira Silva / Nuno Silva
2. Autor
Camilo Korrodi
3. Data de projecto
1950
4. Data de construção
1950
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 120m²
6. Área da propriedade
490m²

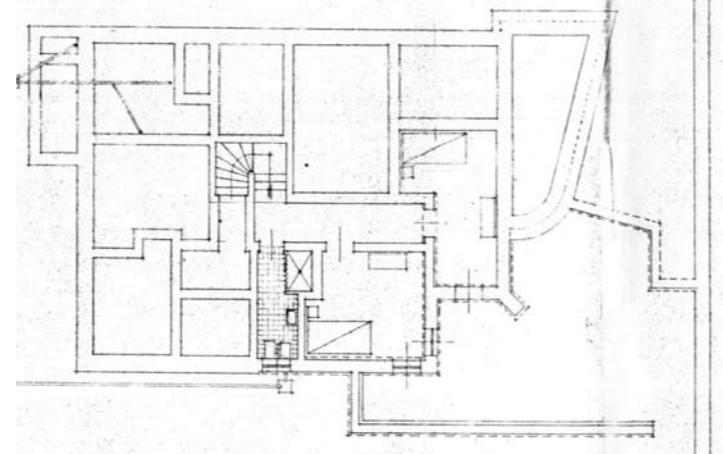
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua Dr. Nicolau Bettencourt
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada ao fundo do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional ou tipologia
Átrio de entrada dá acesso directo à sala comum. As três zonas que compõem a casa distribuem-se a partir de um corredor central. A partir deste, à esquerda (O), estão distribuídos os quartos e casas de banho. À direita do corredor (E) encontra-se a sala comum que comunica com a cozinha, a copa e a despensa, ou seja a zona de serviço. Na cave, aproveitada do desnível do terreno, encontra-se o quarto da criada, o quarto de hóspedes e uma casa de banho.
5. Caracterização
 - 5.1. Nº de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Telhado de duas águas "tradicional"
 - 5.3. Aberturas
Grande envidraçado entre a sala comum e a varanda a sul
 - 5.4. Materiais
Pedra rústica no embsamento.
Reboco liso nos paramentos exteriores.
Uso de cor (vermelho vivo) nas abas da cobertura, grade e platibanda.

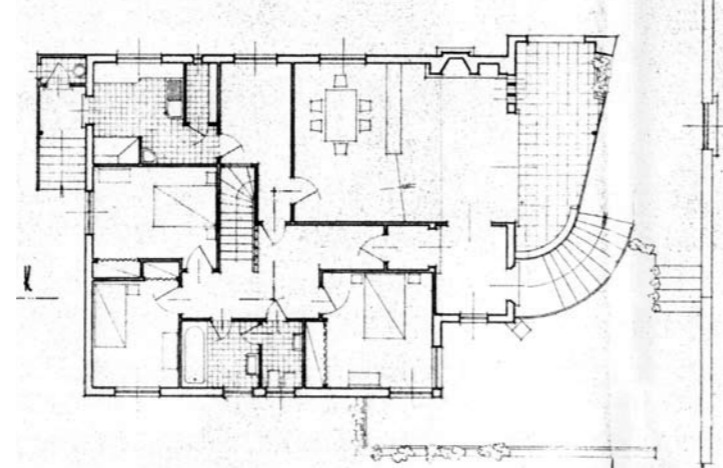
Desenhos



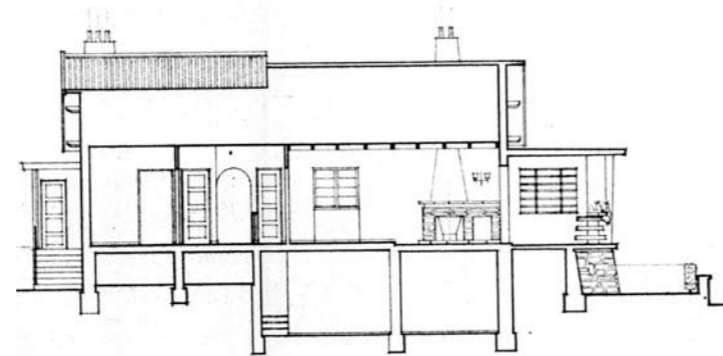
Planta de implantação



Planta piso -1



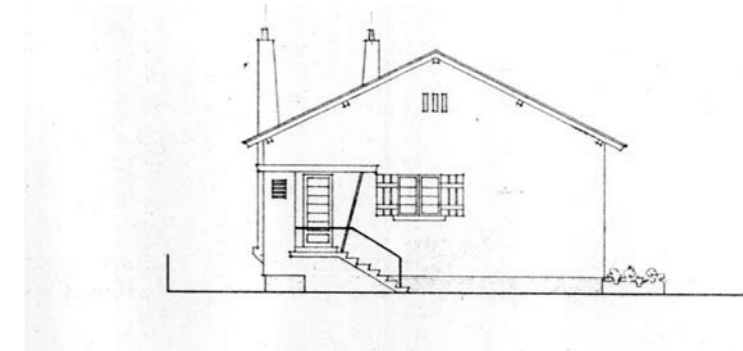
Planta piso 0



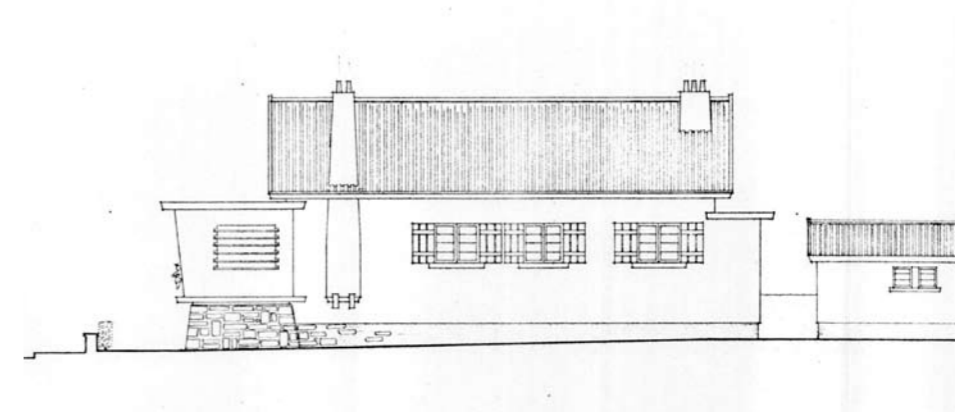
Corte longitudinal



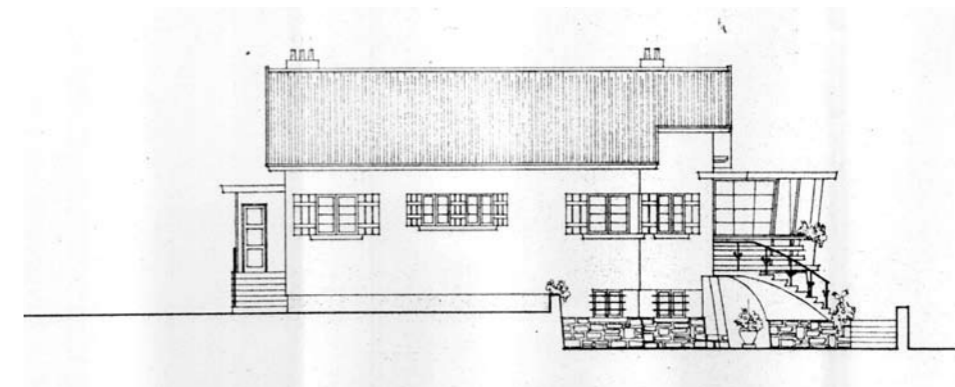
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral direito



Alçado lateral esquerdo
Escala

C
A
S
A

J
O
A
Q
U
I
M

S
I
L
V
A



Ficha B

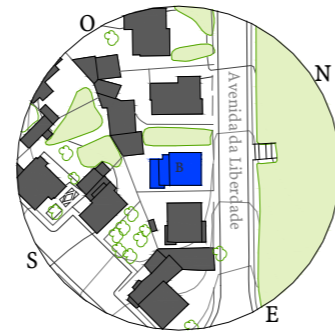
Identificação do edifício

1. Requerente
José Marques Roldão
2. Autor
João José Tinoco
3. Data de projecto
Março de 1952
4. Data de construção
Julho de 1952
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 100m²
6. Área da propriedade
Cerca de 550m²

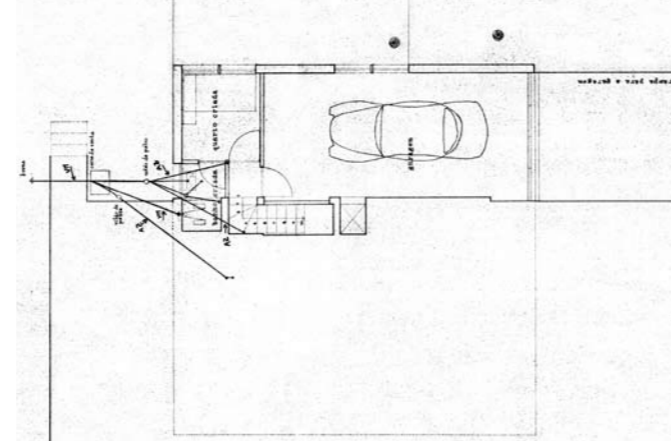
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Av. da Liberdade (NE)
2. Implantação/enquadramento
Isolada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta (quadrado de 10m×10m)
4. Distribuição funcional
Corredor ao centro, zona social a SE, zona íntima a NO e zona de serviço no piso inferior por baixo da zona íntima. Ao nível da rua o edifício assume a volumetria de apenas um piso, mas interiormente a habitação desenvolve-se em três níveis: no nível mais baixo, criado pelo desnível do terreno, encontra-se a garagem, e o quarto e casa de banho da “criada”; no nível seguinte, à cota do terreno, encontra-se a zona social da casa com a cozinha, sala comum, hall de entrada e varanda; o último nível é composto pela zona íntima, constituída por 3 quartos (pais, filhos e hóspedes) e por uma casa de banho comum.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de 2 águas com caleira central
 - 5.3. Aberturas
Embora as aberturas tenham uma configuração quadrangular, nos alçados nascente e poente é ensaiada uma tentativa de janela em comprimento, fazendo uma reentrância na fachada que simula uma abertura, não o sendo na realidade.
 - 5.4. Materiais
Grelha a sul.
Reboco areado.
Placas de fibrocimento “lusalite”.
Seixos rolados na fachada principal.
Pedra da região, na lareira.

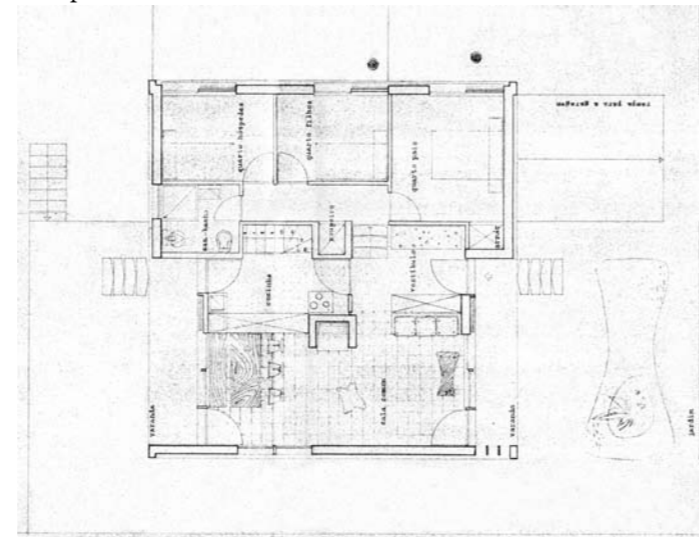
Desenhos



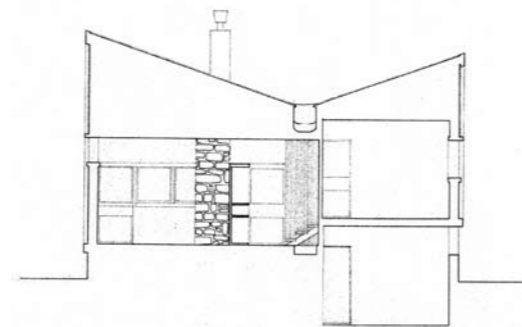
Planta de implantação



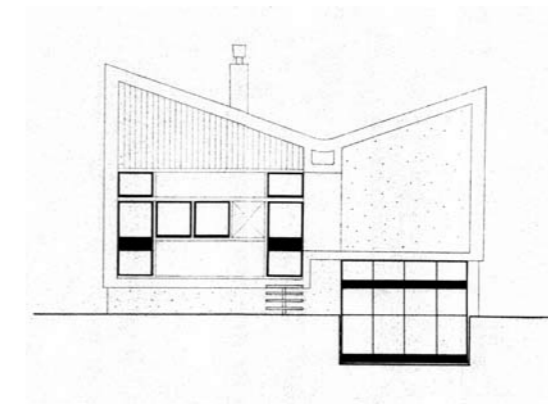
Planta piso -1



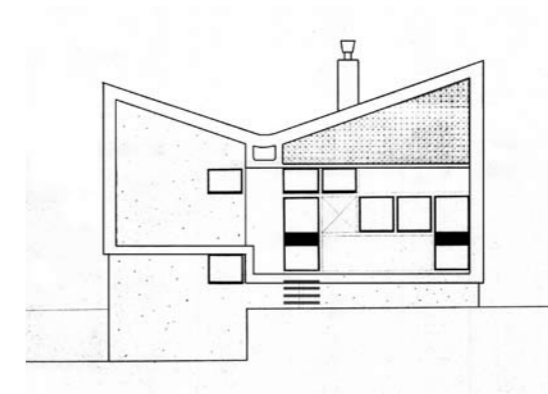
Planta piso 0



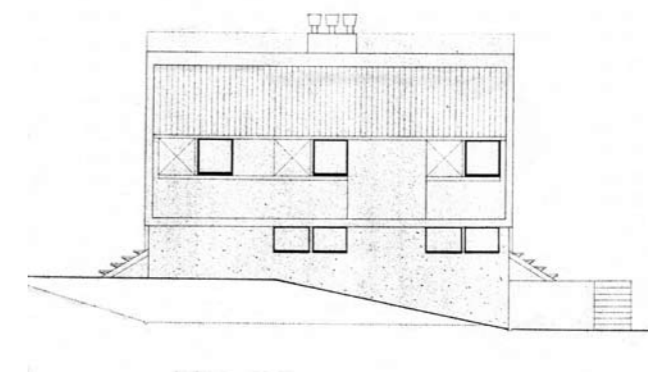
Corte Sudeste-Noroeste



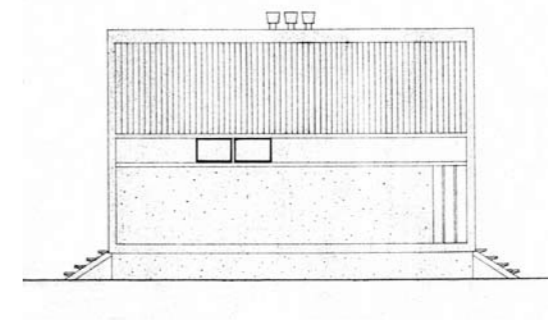
Alçado Nordeste



Alçado Sudoeste



Alçado Noroeste



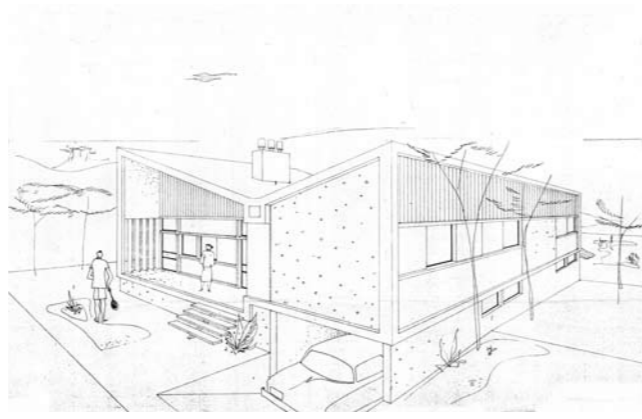
Alçado Sudeste
Escala



C
A
S
A

M
A
R
Q
U
E
S

R
O
L
D
Ã
O



Ficha C

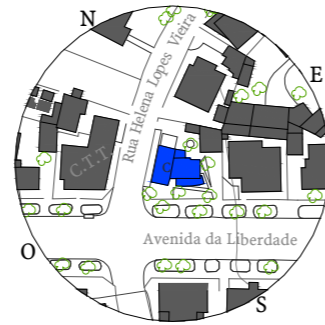
Identificação do edifício

1. Requerente
Aníbal Henrique Abrantes
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
Maio/Junho de 1952
4. Data de construção
1953
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 150m²
6. Área da propriedade
Cerca de 550m²

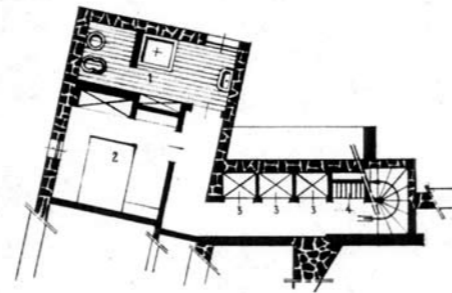
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Av. da Liberdade (SO) e Rua Helena Lopes Vieira (NO)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada ao meio do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional
Divisão funcional em dois volumes distintos: um volume é de dormir o outro é social. A entrada, ao centro, divide as duas zonas da casa. À sua esquerda, encontra-se o volume íntimo com três quartos e uma casa de banho distribuídos ao longo de um corredor que preenche a fachada sudeste deste volume. À direita da entrada encontra-se a sala comum e a cozinha. Existe ainda uma cave com quarto e casa de banho da “criada”, despensa e garrafeira.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de uma água em cada volume
 - 5.3. Aberturas
“Janelas dos quartos constituídas para jogos de três peças: um em madeira, outro com réguas (serve de persiana) e outro envidraçado.” (In memória descritiva).
Grandes envidraçados na zona da sala comum.
Pequenas janelas quadrangulares nos quartos, imitam uma janela em comprimento.
Janelas verticais nos topos, sul e norte, do volume íntimo.
Pequenas aberturas em círculo nas zonas de circulação.
 - 5.4. Materiais
Fundações e paredes da cave, em pedra
Paredes de elevação, em blocos de cimento.
Lintéis, cintas gerais, pérgola e respectiva grelha de sustentação em betão armado.
Cobertura em telha lusa.

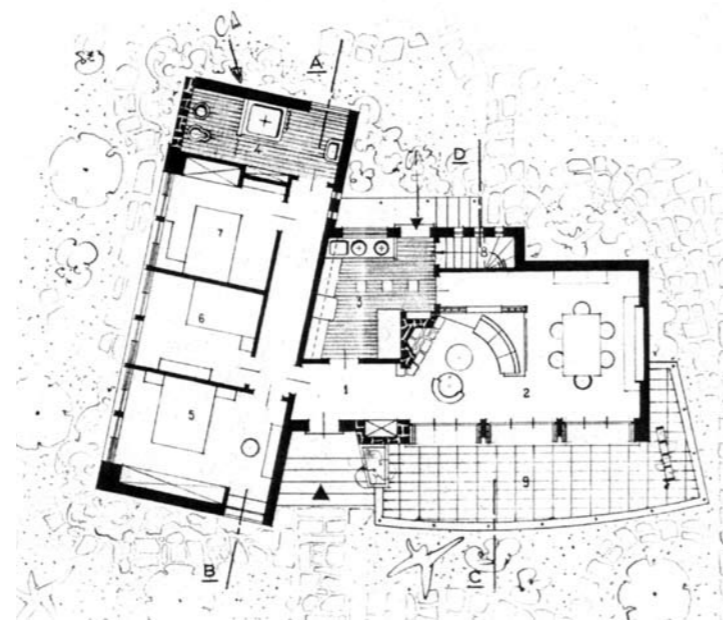
Desenhos



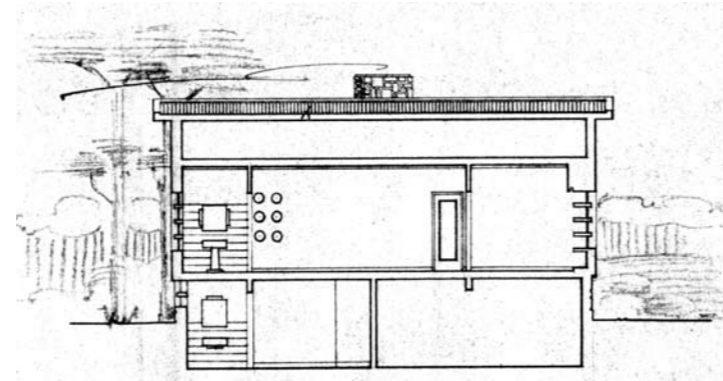
Planta de implantação



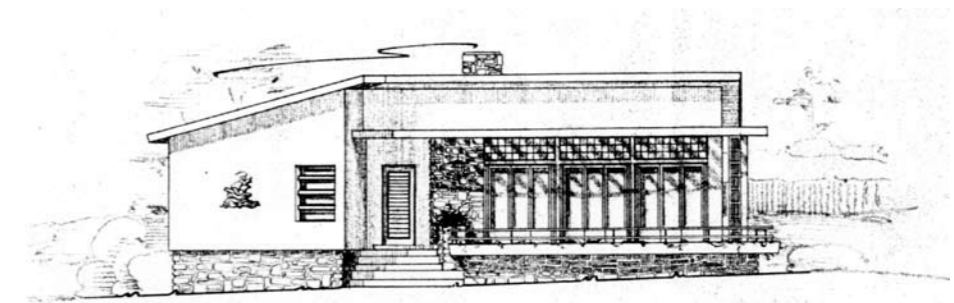
Planta piso -1



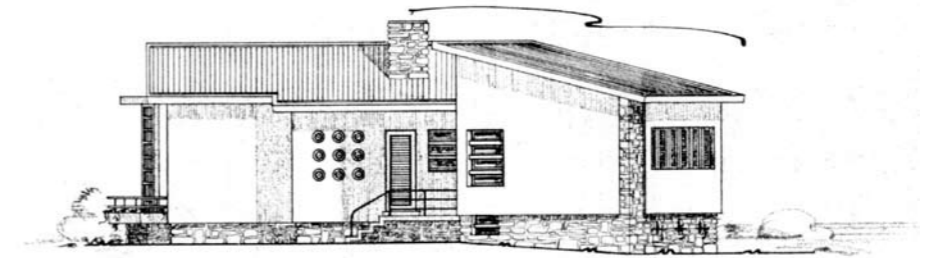
Planta piso 0



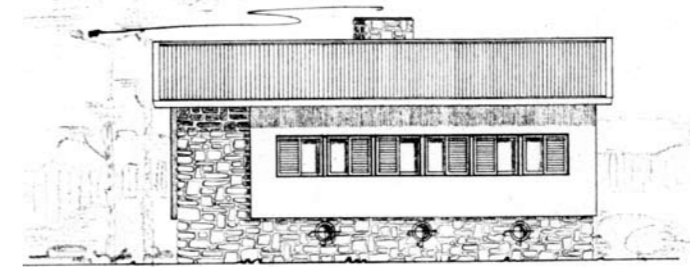
Corte AB



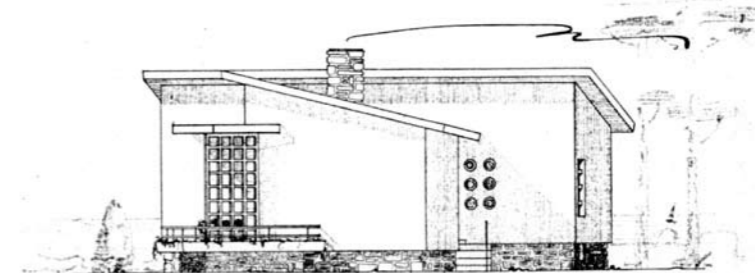
Alçado principal



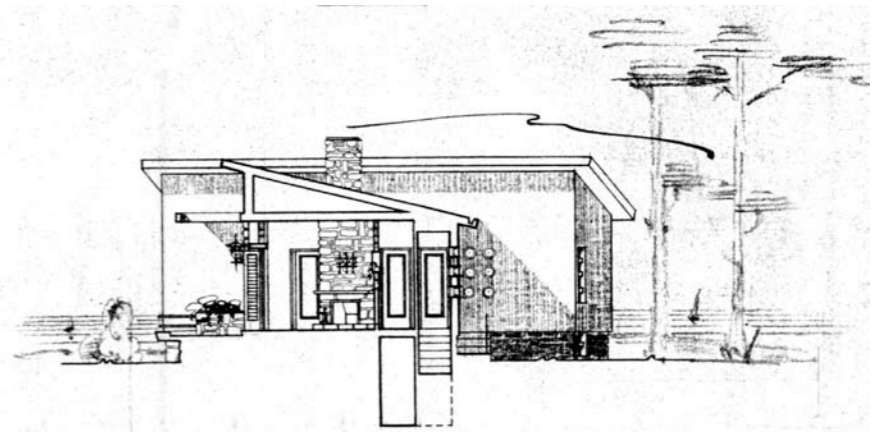
Alçado posterior



Alçado lateral Noroeste



Alçado lateral Sudeste



Corte CD
Escala



C
A
S
A

A
N
Í
B
A
L

A
B
R
A
N
T
E
S



Ficha D

Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Floriano Ferreira Silva / Falkenberg Santos e Teresa Santos
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
Dezembro de 1952
4. Data de construção
1953
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 140m²
6. Área da propriedade
Cerca de 360m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Av. da Liberdade (NE)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional

A casa encontra-se dividida em três níveis. Ao nível do piso -1 existe a garagem, a despensa, o quarto e casa de banho da "criada". No piso 0, dividido em duas zonas funcionais, existe a zona social com a entrada, a sala comum e a cozinha. A partir da sala comum acede-se à zona íntima, onde se encontram dois quartos e casa de banho comum dispostos em torno de um pequeno vestíbulo. No prolongamento da sala comum, no primeiro piso, existe um "mezanine" que serve de apoio à sala comum e dá passagem a um quarto e casa de banho de hóspedes.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

3 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura de uma água

5.3. Aberturas

Grandes envidraçados na sala comum.

Janelas em comprimento nas restantes divisões.

5.3. Materiais

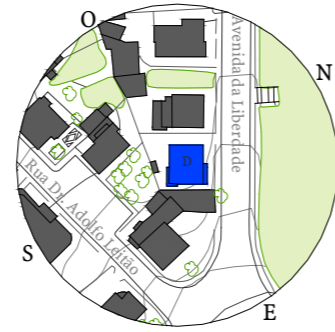
Fundações, paredes de elevação, parte da fachada principal e lateral, em pedra (aparelhada quando usada à vista).

Lintéis, cimalha (cornija), varandas, cinta que envolve o edifício, escadas e lajes, em betão armado.

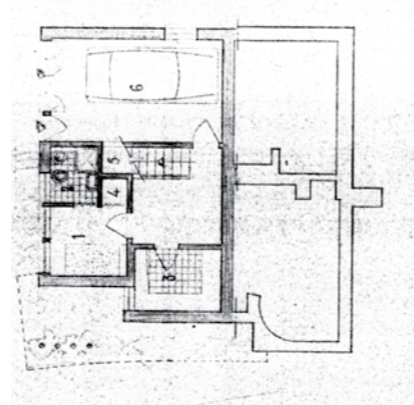
Cobertura em telha lusa.

Tijolo de vidro, na zona da entrada principal.

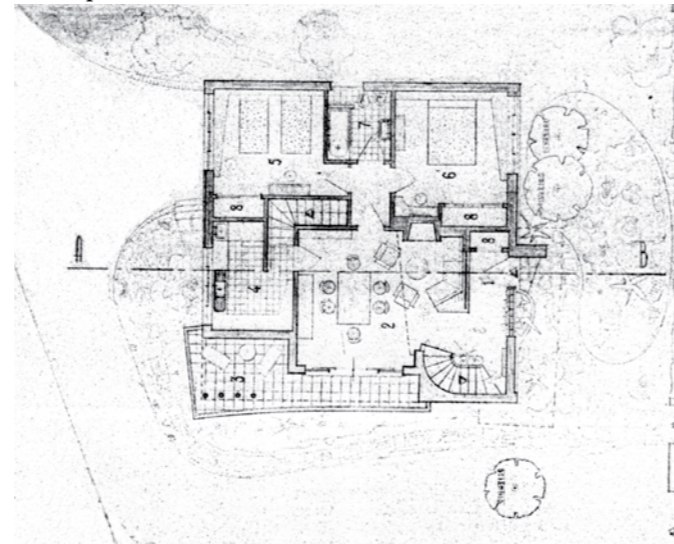
Desenhos



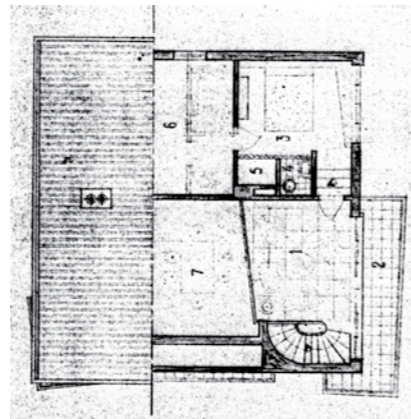
Planta de implantação



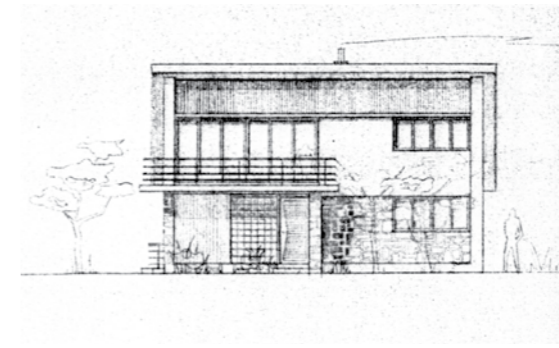
Planta piso -1



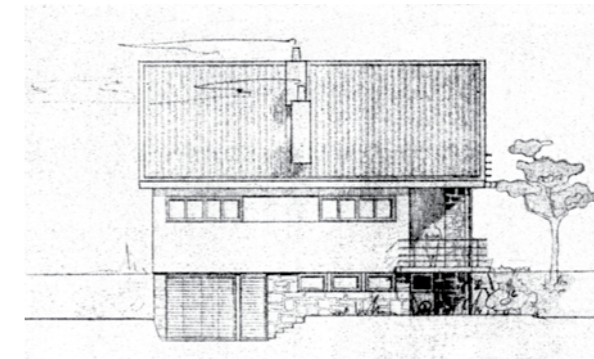
Planta piso 0



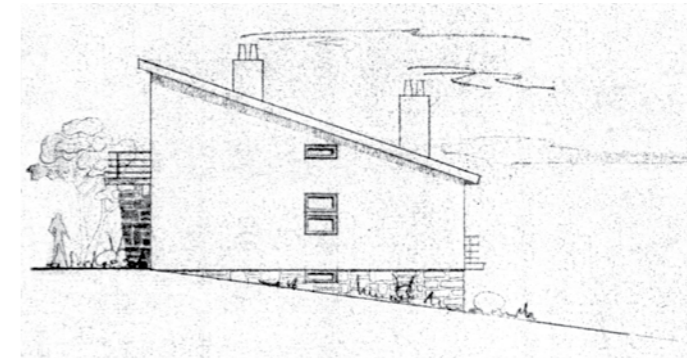
Planta piso 1



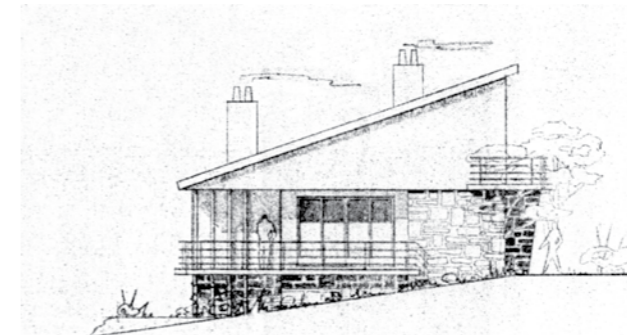
Alçado principal



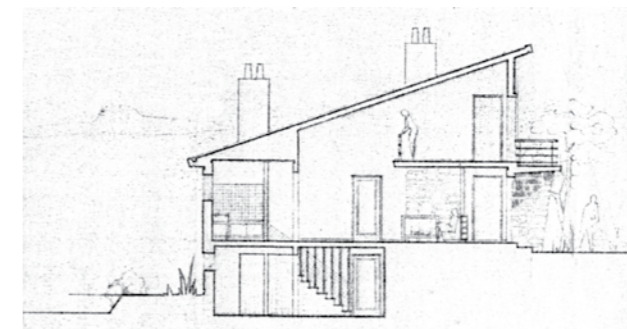
Alçado posterior



Alçado lateral Noroeste



Alçado lateral Sudeste



Corte AB
Escala

C
A
S
A

F
L
O
R
I
A
N
O

S
I
L
V
A



Ficha E

Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Manuel Augusto Rosa / Maria Helena Rodrigues Lopes Rosa e filhos
2. Autor
João Pedro Mota Lima
3. Data de projecto
1953
4. Data de construção
1954
5. Área de implantação do edifício
96m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1300m² (embora não existam limites físicos que comprovem este valor)

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua D. Dinis (O) e Rua dos Pinheiros (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional

A entrada na casa faz-se lateralmente no piso 1, a partir da qual se acede directamente à sala comum à direita e à cozinha à esquerda. Do lado oposto à entrada, tem-se acesso à zona íntima onde se encontram os três quartos e casa de banho comum distribuídos ao longo do corredor central. Paralelamente ao corredor, encontra-se a escada de acesso ao piso inferior, onde se encontram mais três quartos e casa de banho comum alinhados verticalmente com os do piso 1 e ainda um quarto e casa de banho que, aquando da sua construção, serviam para a “criada”. Existe ainda uma garagem à qual se acede pela frente da casa.

5. Caracterização

- 5.1. N.º de pisos
2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura de duas águas com caleira central

5.3. Aberturas

Grandes envidraçados na sala comum.

Pequenas janelas em comprimento, nas zonas de serviço e dos quartos do piso 0.

Janelas rectangulares, nos quartos do piso 1.

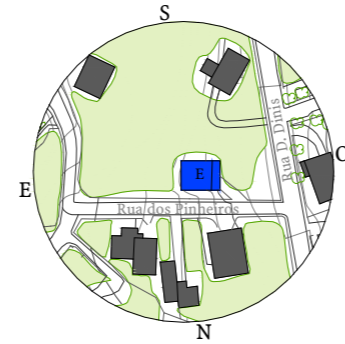
A zona da escada é marcada por aberturas zenitais.

5.4. Materiais

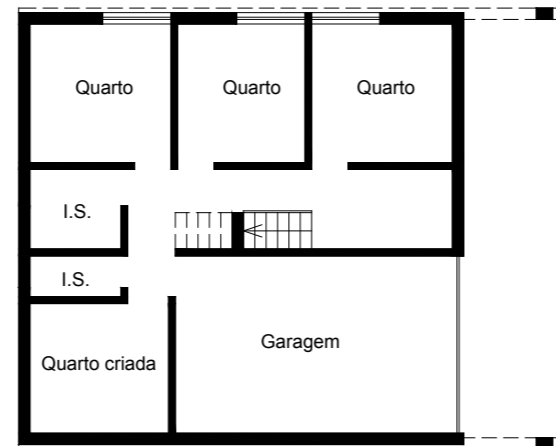
Fundações e paredes exteriores, do piso 0, em pedra rústica local.

Paredes exteriores pintadas, em diferentes tons, consoante o plano de parede que representam.

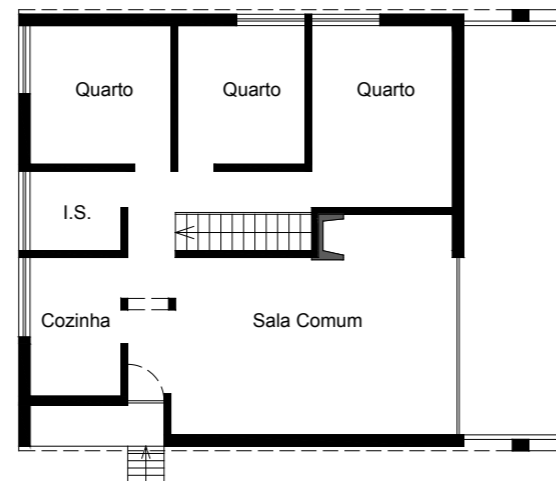
Desenhos



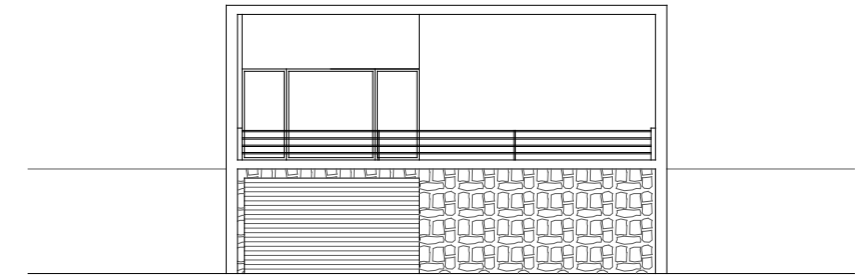
Planta de implantação



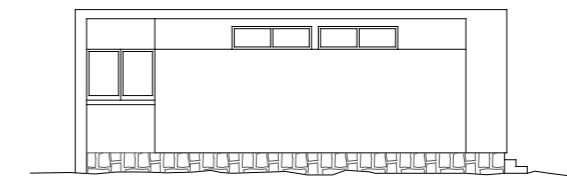
Planta piso 0



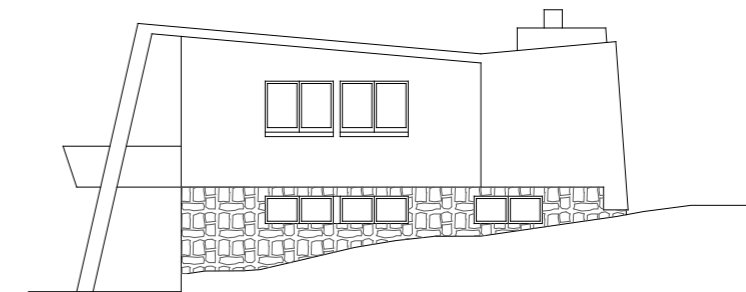
Planta piso 1



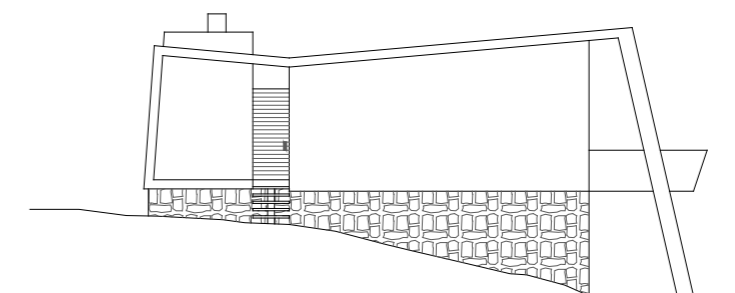
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral Sul



Alçado lateral Norte
Escala



C
A
S
A

M
A
N
U
E
L

A
U
G
U
S
T
O

R
O
S
A



Ficha F

Identificação do edifício

1. Requerente
Augusto Roldão
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
05 De Setembro de 1953
4. Data de construção
Maio de 1955
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 150m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1700m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua D. Dinis (O)
2. Implantação/enquadramento
Isolada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional

A casa funciona em três núcleos: social (sala comum), íntimo (três quartos e casa de banho) e de serviço (cozinha e vestíbulo das escadas). A entrada na casa faz-se a partir do hall, localizado ao centro do piso térreo. Daí acede-se directamente ao quarto e casa de banho da “criada” e a um corredor que faz a distribuição para a garagem, a despensa, arrumos, quarto e casa de banho do “chaufer” e ainda a uma saída para uma escada exterior. A escada que conduz ao piso superior ocupa parte do hall e vai sair no centro do piso de cima. Daqui acede-se às três áreas da casa: a área de serviço, a sudoeste, a social, a noroeste e a íntima a nordeste.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura de duas águas com caleira central

5.3. Aberturas

Grandes envidraçados nos quartos, sala comum e hall de entrada no piso 0.

Pequenas aberturas nas zonas de serviço.

5.4. Materiais

Estrutura corrente: fundações e alvenarias de elevação, em pedra.

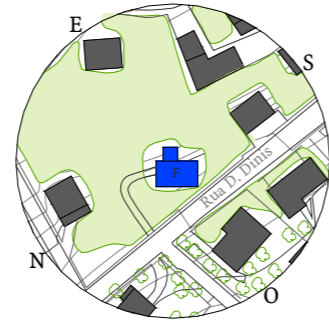
Laje do primeiro piso, em betão armado.

Uma série de elementos são construídos em “cimento armado”.

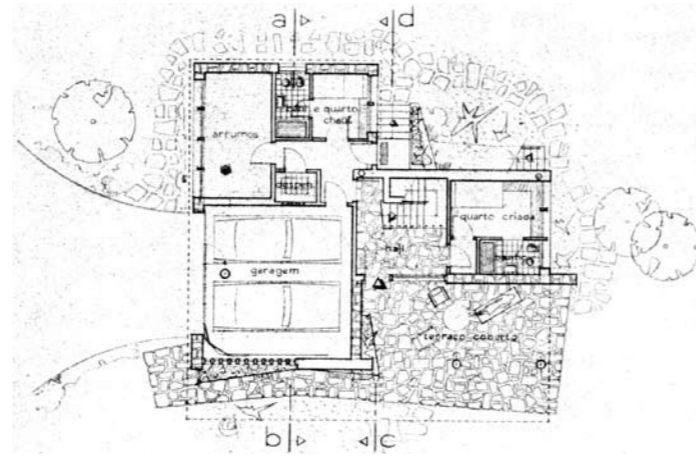
Cobertura, em placas de fibrocimento ondulado.

São descritos vários materiais na memória descritiva: pedra rústica, vidro, tijolo de vidro, reboco liso, madeira...

Desenhos



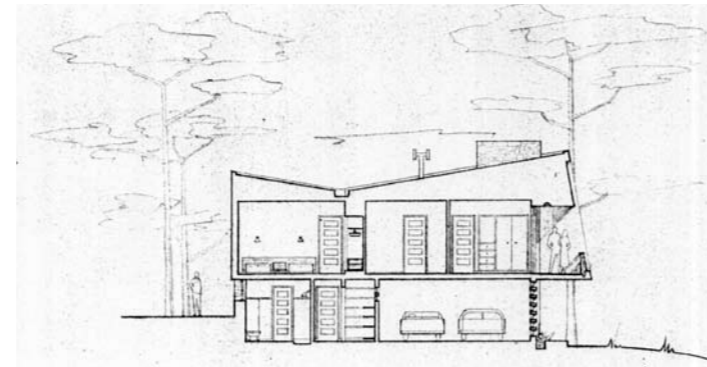
Planta de implantação



Planta piso 0



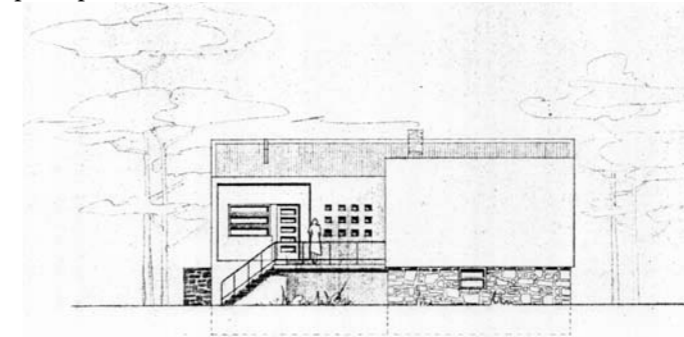
Planta piso 1



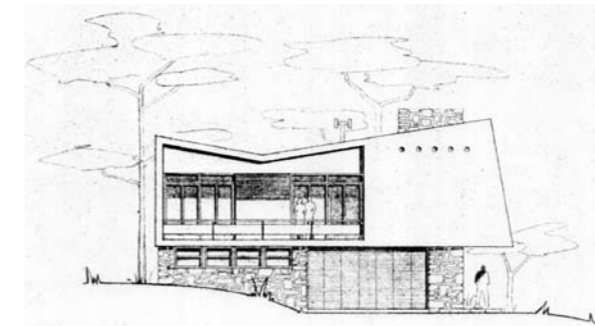
Corte AB



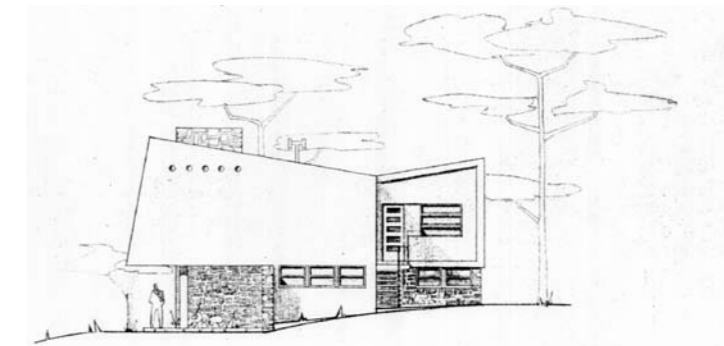
Alçado principal



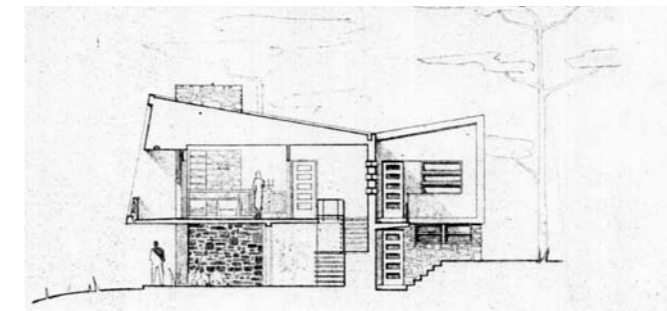
Alçado posterior



Alçado lateral Nordeste



Alçado lateral Sudoeste



Corte CD

Escala



C
A
S
A

A
U
G
U
S
T
O

R
O
L
D
Ã
O



Ficha G

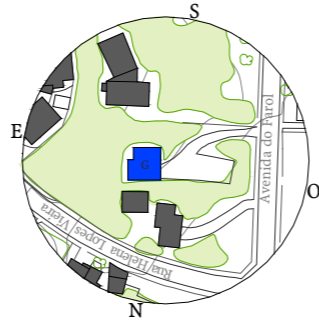
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
João Carlos Costa Falcão Franco Frazão / Eduardo Silva e Célia Ramadas
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
1º Projecto: 15 de Novembro de 1954; projecto de alterações: 1956
4. Data de construção
1956
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 120m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1600m²

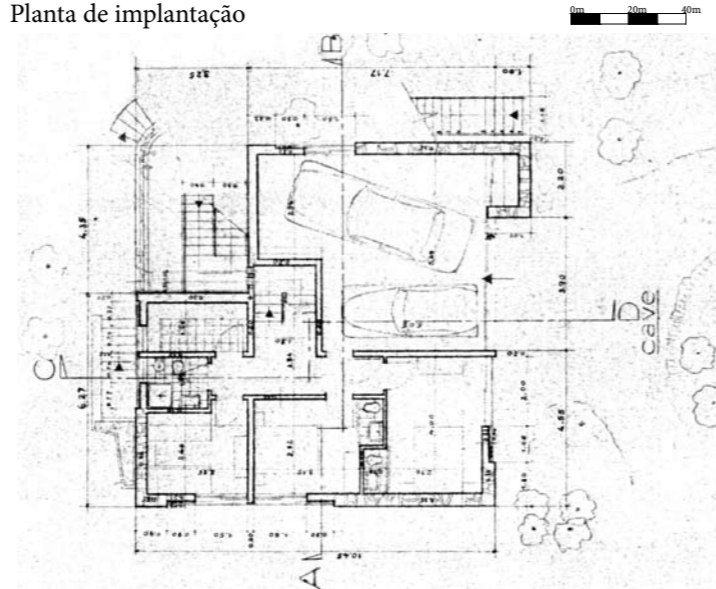
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Avenida do Farol (O)
2. Implantação/enquadramento
Isolada recuada, ao fundo do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
O desnível do terreno foi aproveitado para uma pequena arrecadação. No piso 0 encontram-se, a garagem, garrafeira, despensa, quarto e casa de banho da “criada” e dois quartos com lavatório e bidé, para os hóspedes. O piso 1 está dividido em três zonas: de serviço (cozinha e escada de serviço), social (sala comum) e íntima (três quartos e casa de banho).
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de duas águas com caleira central
 - 5.3. Aberturas
Grande envidraçado na sala comum.
Janelas rectangulares tentam imitar janelas em comprimento nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Utilização de diferentes materiais e cores (branco, cinza e vermelho).
Fundações em alvenaria de pedra
Paredes de elevação em pedra rústica e tijolo de burro.
Estrutura, em “betom [sic] armado”. Ou seja, aplicado nas lajes, cobertura, varanda e escadas.

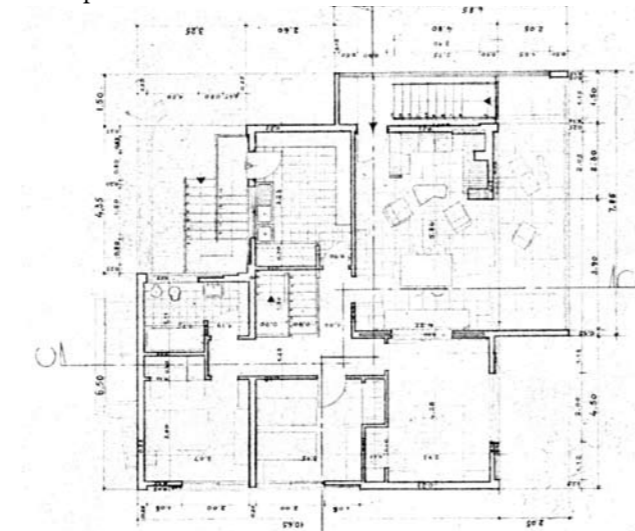
Desenhos



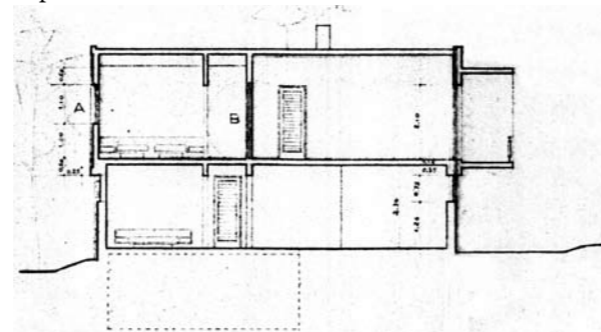
Planta de implantação



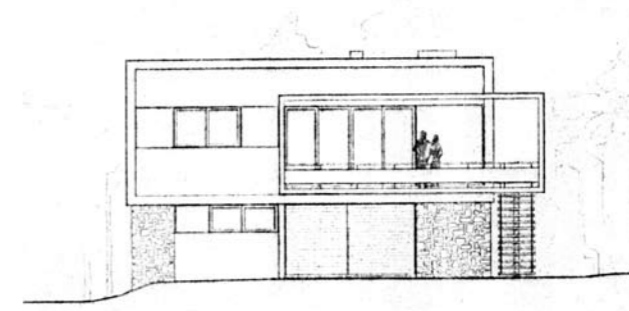
Planta piso 0



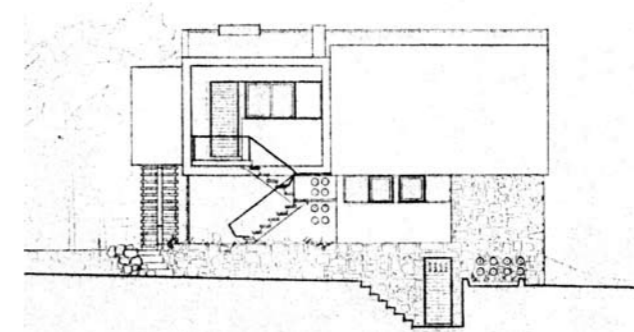
Planta piso 1



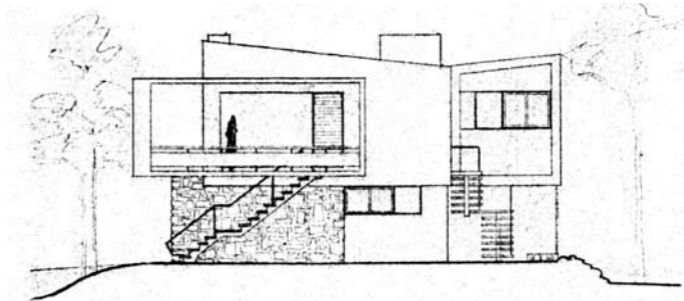
Corte AB



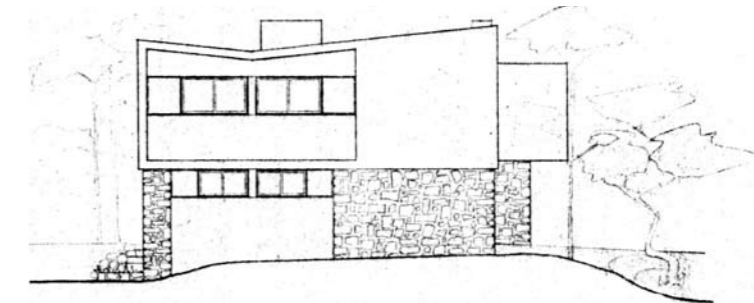
Alçado principal



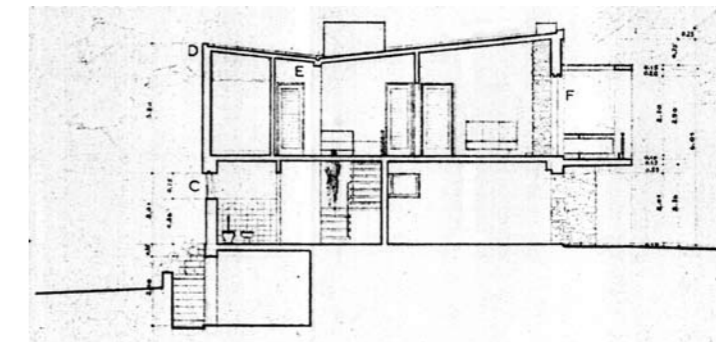
Alçado posterior



Alçado lateral Sul



Alçado lateral Norte



Corte CD
Escala



C
A
S
A

J
O
Ã
O

F
R
A
N
C
O

F
R
A
Z
Ã
O



Ficha H

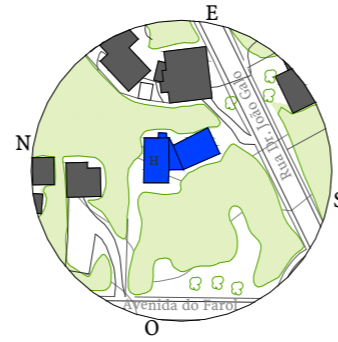
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
João Miguel dos Santos Simões / Fernando Ferreira Real e M^a João
2. Autor
João Pedro Mota Lima e Pinto e Cunha
3. Data de projecto
Não se obteve este dado
4. Data de construção
1953
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 270m²
6. Área da propriedade
Calcula-se 3177m² apesar de não existirem limites físicos em torno do terreno.

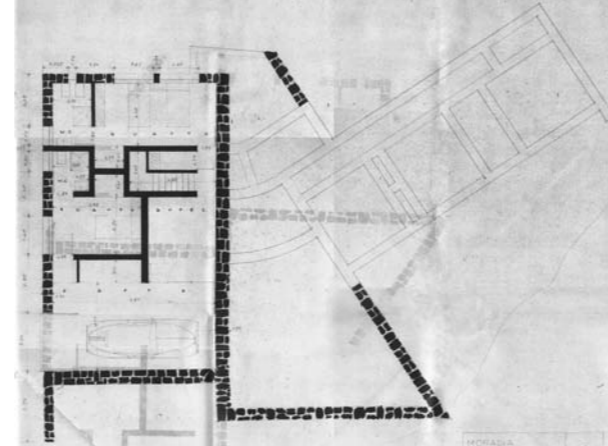
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Avenida do Farol (O) e Rua Dr. João Galo (SE)
2. Implantação/enquadramento
Isolada recuada, ao fundo do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional
Casa organizada em zonas/volumes distintos, separados pelo vestíbulo da entrada. No piso -1 encontram-se a garagem, os quartos para o motorista e para as “criadas”, as respectivas instalações sanitárias e uma zona destinada a arrumação, ou seja a zona de serviço. No piso 0 desenvolvem-se as zonas de estar e de dormir, sendo que à esquerda do vestíbulo da entrada acede-se a uma zona de estar que tem pé direito duplo e que faz a ligação ao terceiro piso. Associados à zona de estar, encontram-se os respectivos serviços, nomeadamente, a cozinha, a copa, a dispensa e a escada de acesso ao piso inferior. À direita do vestíbulo da entrada acede-se à zona de dormir organizada segundo um corredor que ocupa toda a lateral (NE) do volume ao longo do qual se distribuem os três quartos e respectivas instalações sanitárias. O terceiro piso resulta da inclinação da cobertura e é ocupado por um estúdio, um quarto e respectiva instalação sanitária.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
3 Pisos no corpo principal e 1 piso no volume íntimo.
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de uma água em cada um dos volumes
 - 5.3. Aberturas
“(…) a possibilidade de obter, através de largos vãos um largo campo visual sobre a paisagem existente.” In memória descritiva
As janelas rectangulares nos quartos estão compostas de forma a dar a ilusão de uma única janela em comprimento na fachada (SO).
Janelas em comprimento de diferentes alturas nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Fundações, paredes exteriores e muros de suporte são construídos em alvenaria de pedra da região.
Paredes interiores do primeiro piso e exteriores dos restantes pisos são executadas com blocos de cimento (0.2x0.25x0.4m). As paredes interiores do segundo e terceiro piso são edificadas em tijolo.
Telha lusa nas coberturas dos dois volumes e laje no vestíbulo de entrada, zona de lavagem e instalações sanitárias.
Caixilharia em madeira.
Pavimento dos quartos em madeira, da cozinha e instalações sanitárias em mosaico, zona de estar em tijoleira encerada e garagem e vestíbulo da entrada em massame revestido a cimento.

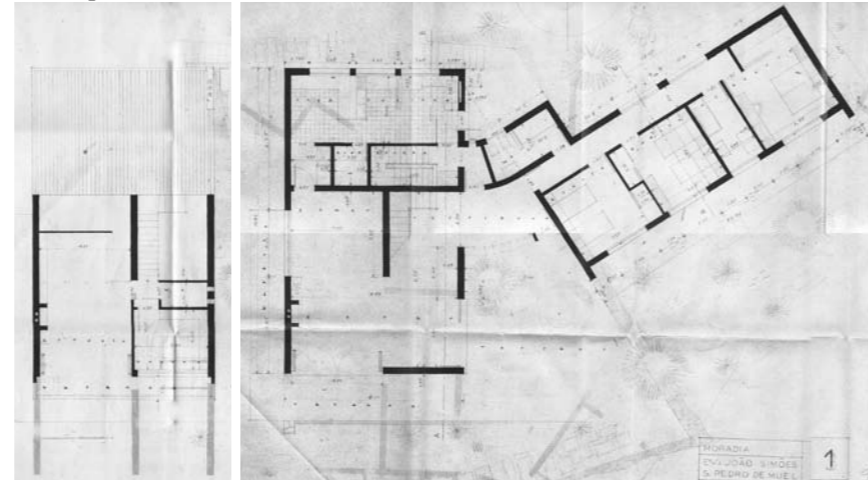
Desenhos



Planta de implantação

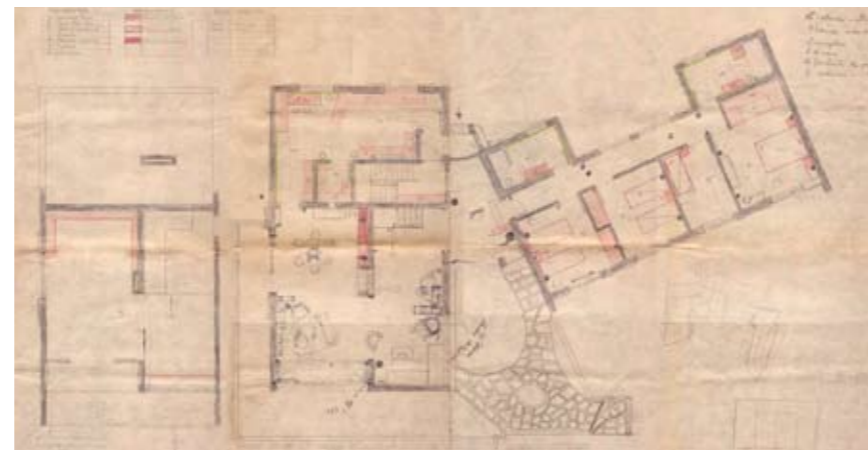


Planta piso -1

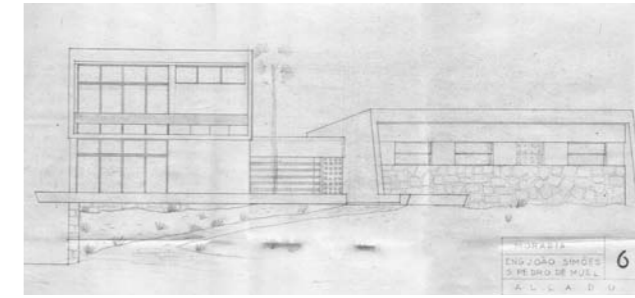


Planta piso 1

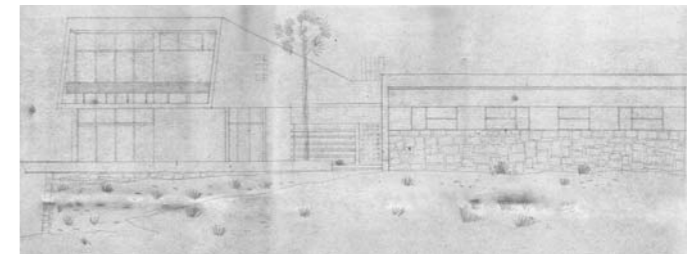
Planta piso 0



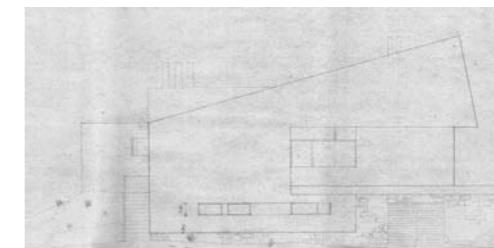
Planta de mobiliário



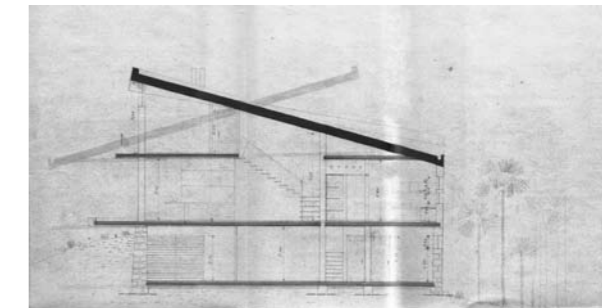
Alçado Oeste



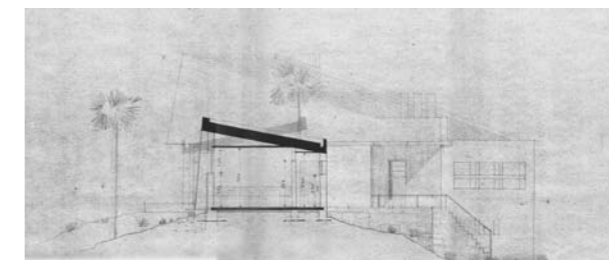
Alçado Sudoeste



Alçado Norte



Corte AB



Corte CD
Escala



C
A
S
A

J
O
Ã
O

S
I
M
Õ
E
S



Ficha I

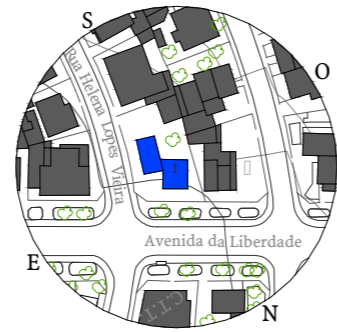
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
José Malta Júnior / Paulo Feijão
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
6 de Janeiro de 1956
4. Data de construção
1958
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 130m²
6. Área da propriedade
Cerca de 600m²

Caracterização arquitectónica

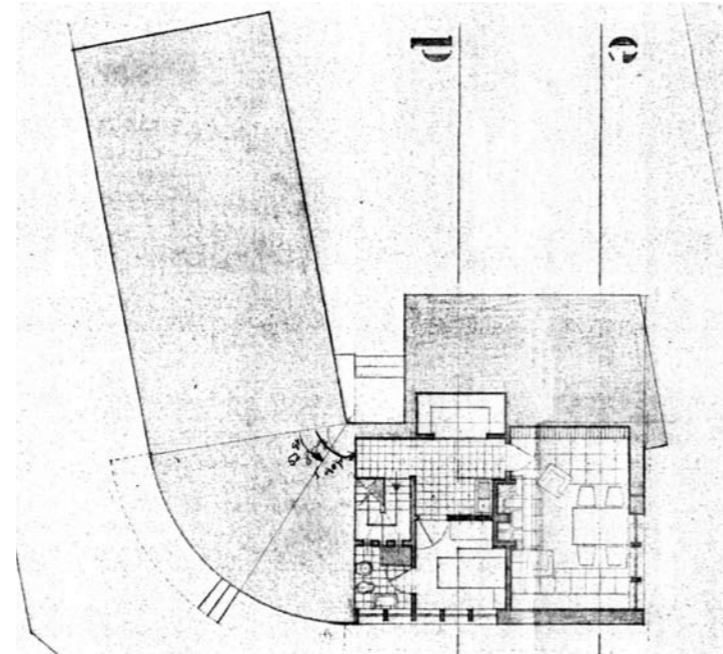
1. Localização
Av. da Liberdade (N) e Rua Helena Lopes Vieira (E)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, ao meio do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional
Os compartimentos estão distribuídos por dois volumes ligados por um pequeno triângulo onde se faz a entrada na casa. A partir da entrada, à esquerda, acede-se ao volume íntimo, onde se encontram três quartos e uma casa de banho, distribuídos ao longo do corredor que ocupa toda a fachada Oeste. O outro volume, acessível a partir da entrada, é o volume social e de serviço onde se entra directamente para a sala comum que dá passagem para a cozinha e à escada de serviço, onde existe o quarto e casa de banho da "criada", uma despensa e uma pequena sala, com "kitchenet", para petiscos.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
A cobertura nos dois volumes é de uma água.
A zona da entrada (volume de ligação) é resolvida com uma cobertura plana, sendo esta rasgada por cinco aberturas radiais.
 - 5.3. Aberturas
Grandes envidraçados na sala comum.
Janelas em comprimento nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Construção corrente na região.
As fachadas são pintadas em quatro tons diferentes.
Grelha em betão, no volume da entrada e no terraço.
Lusalite, nas fachadas, por cima das janelas.

Desenhos

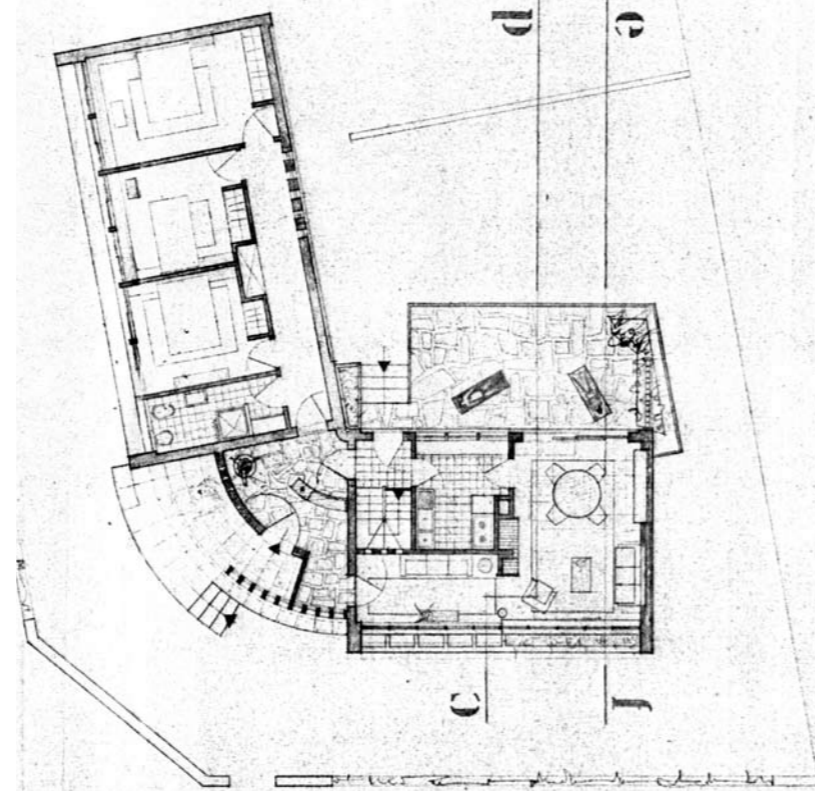


Planta de implantação

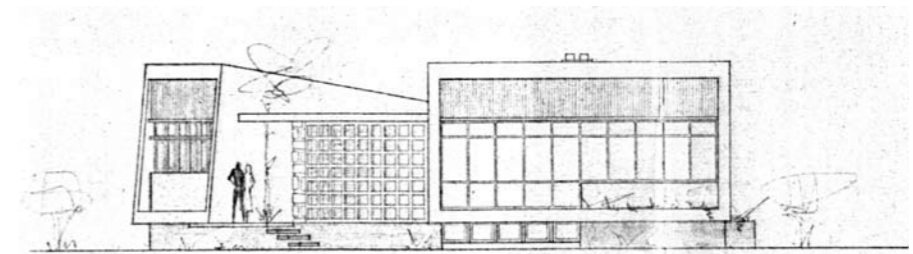
0m 20m 40m



Planta piso -1



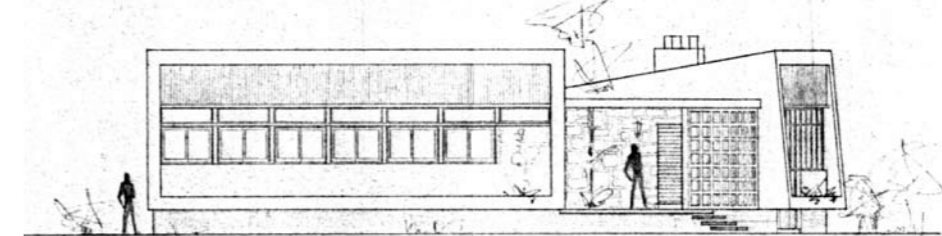
Planta piso 0



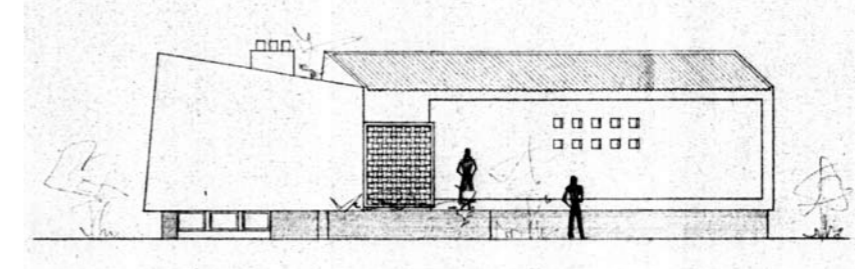
Alçado principal



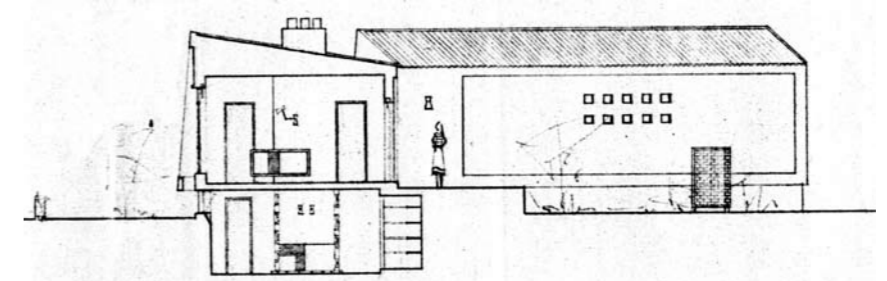
Alçado posterior



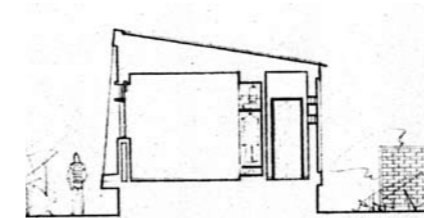
Alçado lateral Este



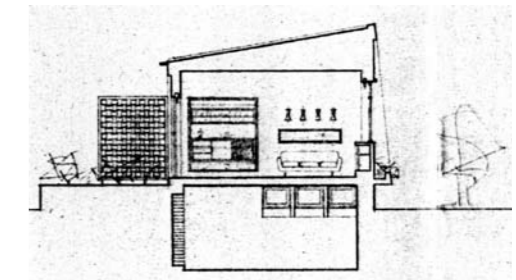
Alçado lateral Oeste



Corte CD



Corte AB
Escala



Corte EF

1m 5m

C
A
S
A

J
O
S
É

M
A
L
T
A



Ficha J

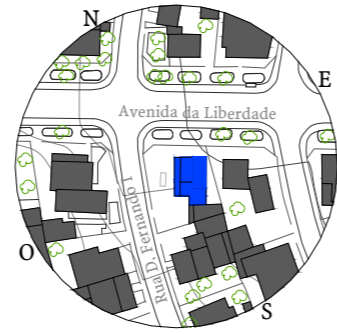
Identificação do edifício

1. Requerente
Joaquim Emídio Oliveira Correia
2. Autor
Maria Jesus Correia (arquitecta) e Jorge Barradas Correia (engenheiro civil)
3. Data de projecto
1956
4. Data de construção
1957
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 95m²
6. Área da propriedade
Cerca de 500m²

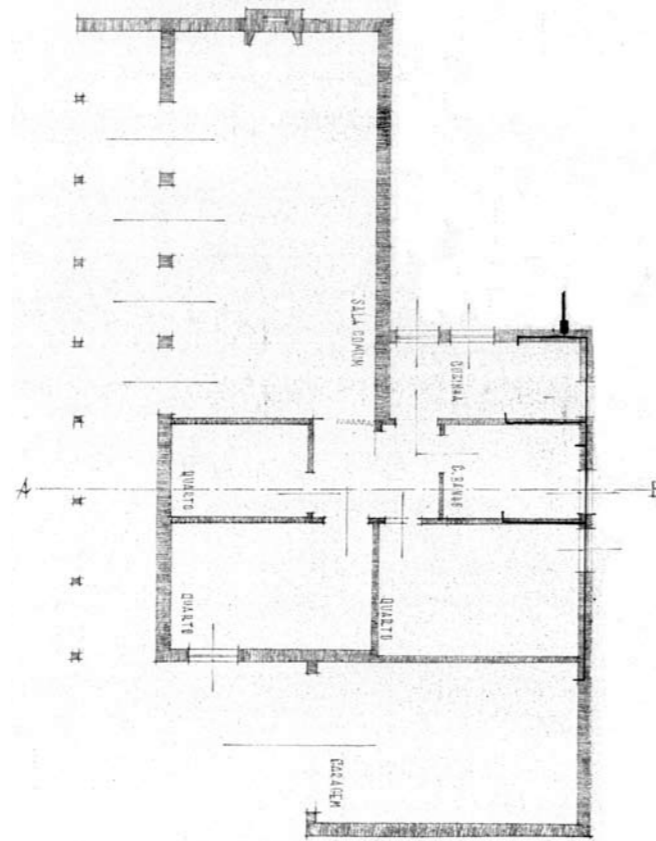
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua D. Fernando I (O) e Av. da Liberdade (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada, ao meio do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional
Entrada directa para a sala comum. À direita desta acede-se à zona íntima onde se encontram três quartos e uma casa de banho. Há ainda uma pequena cozinha associada à sala comum a nordeste e uma garagem que funciona como um volume independente.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
1 Piso
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de uma água
 - 5.3. Aberturas
Grandes envidraçados na sala comum.
Janelas rectangulares nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Revestimento da cobertura com placas de "lusalite" (possivelmente pintadas).
Paredes exteriores em blocos de cimento com pilares em betão.
Fachada principal revestida com madeira de pinho.
Seixo rolado, na fachada norte e chaminé.

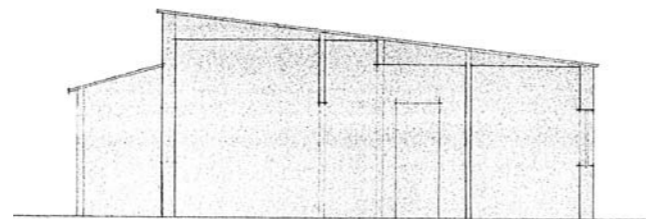
Desenhos



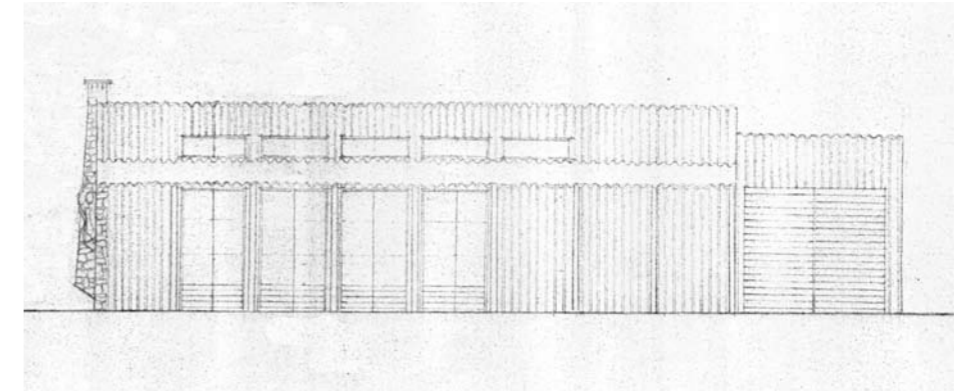
Planta de implantação



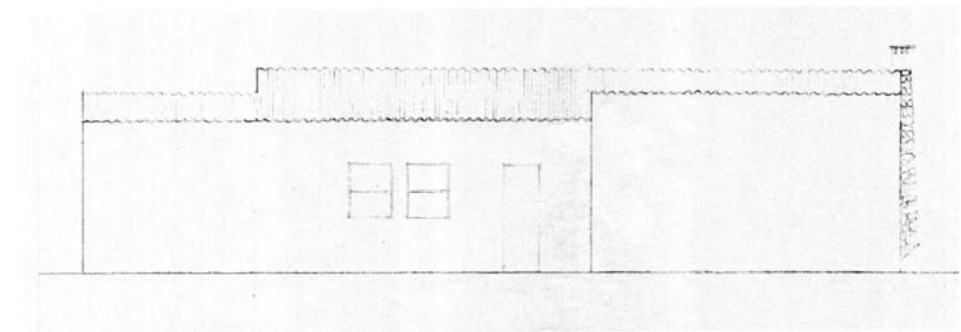
Planta piso 1



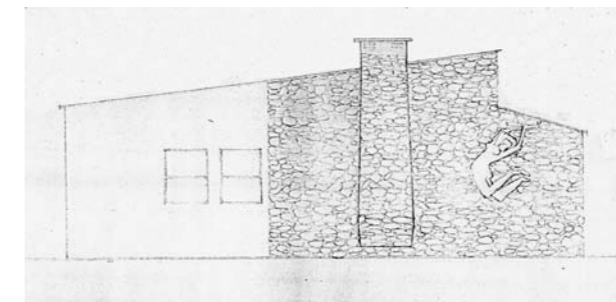
Corte AB



Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral Norte

Escala



CASA JOAQUIM CORREIA



Ficha K

Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Alberto Caldeira Moniz Barreto / Orlanda Marlene de Jesus Brás
2. Autor
Não se obteve confirmação do autor, mas aponta-se a autoria a José Bernardino Barros.
3. Data de projecto
Não se obteve este dado.
4. Data de construção
Apenas se pode afirmar que o projecto foi aprovado em 1957.
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 150m²
6. Área da propriedade
Cerca de 850m²

Caracterização arquitectónica

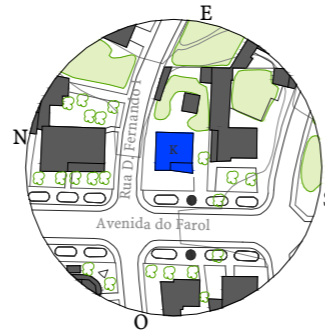
1. Localização
Avenida do Farol (O) e Rua D. Fernando I (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional

A entrada na casa faz-se no piso 1 ao qual se acede a partir de uma escada exterior. O hall dá acesso a um corredor central que faz a distribuição para os compartimentos da casa. Assim, têm-se à direita deste a zona íntima da casa onde se encontram os três quartos e à esquerda encontra-se a zona social e de serviços onde figuram, a sala comum, a copa, a cozinha e a sala de refeições. Uma escada de serviço oposta à escada de acesso principal permite o acesso directo pelo exterior à zona de serviços. O terreno terá sido terraplanado porque o piso térreo encontra-se mais baixo relativamente ao nível dos passeios circundantes. Este piso térreo, na altura da sua construção, ficou amplo, mas mais tarde foi modificado tal como o piso superior, edificando-se novos compartimentos que formam duas fracções com dois quartos, uma casa de banho, uma kitchenet e uma sala completamente independente do piso superior. O piso superior também sofreu algumas alterações, mas a distribuição manteve-se idêntica.

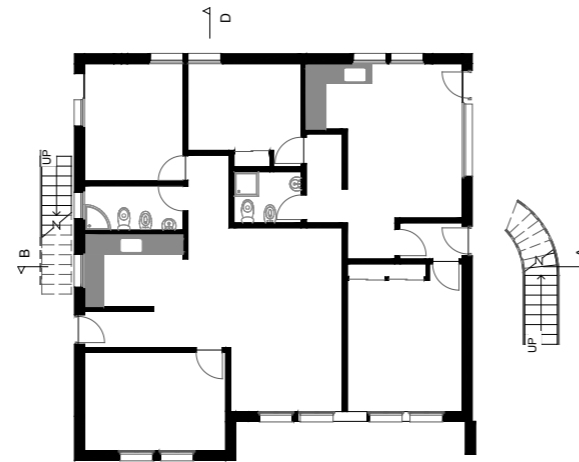
5. Caracterização

- 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
- 5.2. Cobertura
Cobertura de duas águas com caleira central
- 5.3. Aberturas
Janela sacada na zona da sala comum.
Janelas em comprimento nas restantes divisões.
Algumas janelas, rectangulares pequenas, de caixilho fixo.
- 5.4. Materiais
Pedra da região na construção do pilar da varanda.

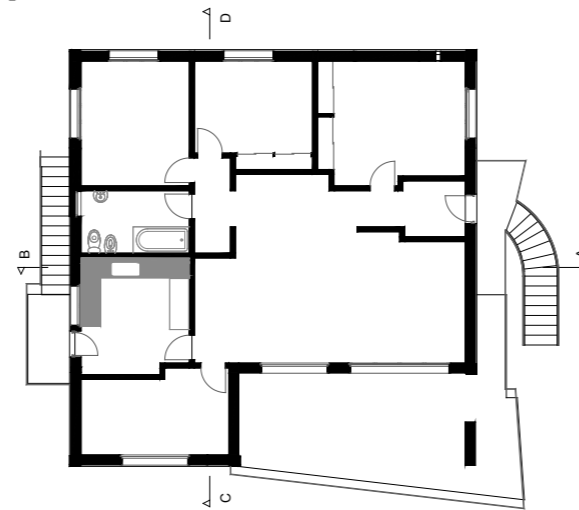
Desenhos



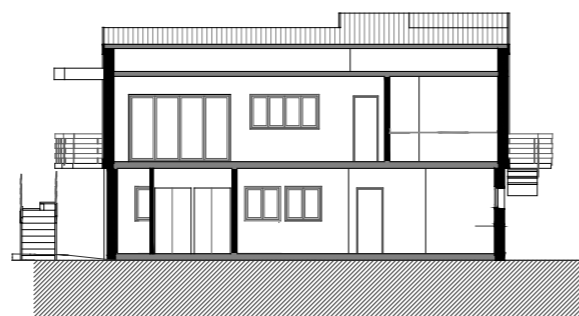
Planta de implantação



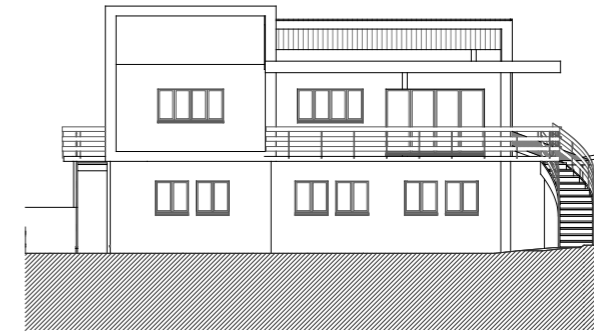
Planta piso 0



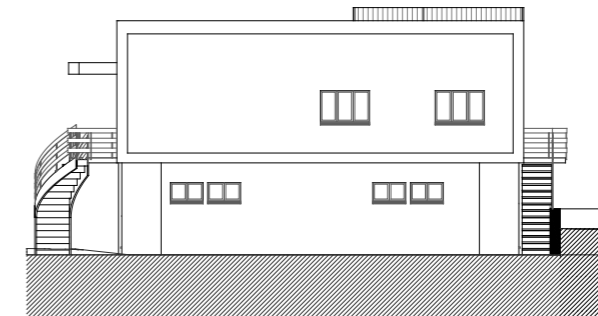
Planta piso 1



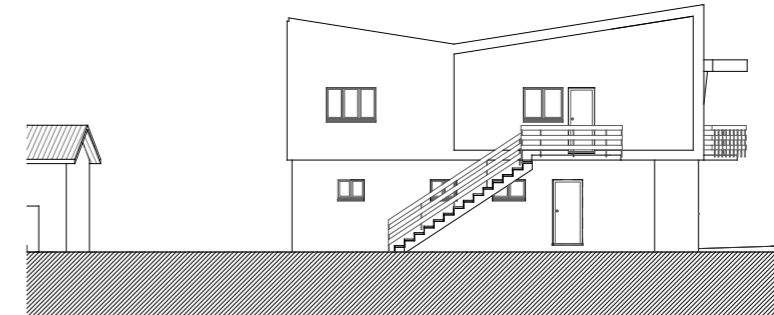
Corte AB



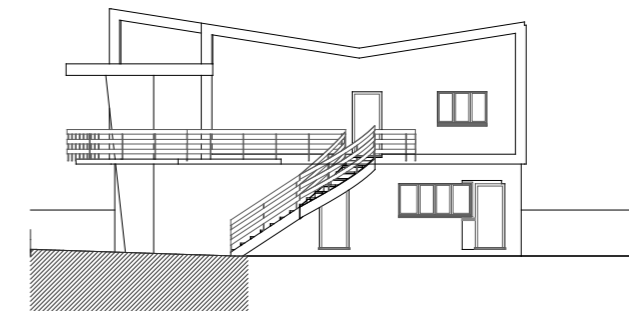
Alçado principal



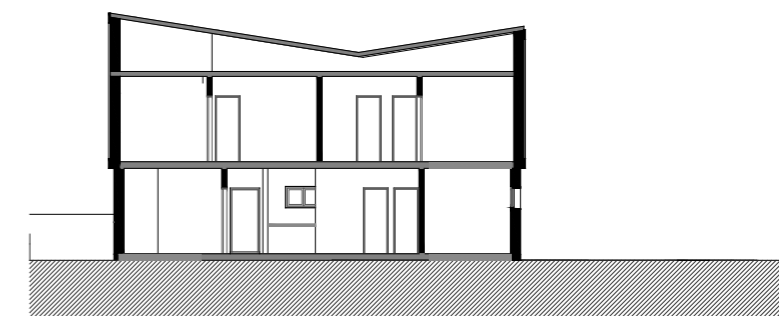
Alçado posterior



Alçado lateral Norte



Alçado lateral Sul



Corte CD
Escala

C
A
S
A

A
L
B
E
R
T
O

B
A
R
R
E
T
O



Ficha L

Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Joaquim Sousa Byrne / Gonçalo Sousa Byrne
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
Março de 1957
4. Data de construção
1959
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 100m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1000m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua das Colónias Balneares (E)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, na frente do lote ao centro
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional

A entrada faz-se pelo piso 0, mais ou menos ao meio da fachada, a partir desta têm-se acesso a uma garagem situada à esquerda e a um corredor que faz a distribuição para dois quartos e casa de banho comum, o quarto e casa de banho da “criada” e para uma pequena despensa. Da entrada situada no piso térreo acede-se a uma escada central que faz a ligação ao piso superior. Esta, divide as duas zonas da casa. Do lado esquerdo desta acede-se à área social, ou seja, à sala comum. Do lado direito, existe um corredor que faz a distribuição para os dois quartos e casa de banho comum. A entrada para a cozinha situa-se em frente à escada.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura inclinada de duas águas com caleira central, mas a inclinação é tão ligeira que parece uma cobertura plana.

5.3. Aberturas

Grandes aberturas nos compartimentos que ligam com a varanda (quarto e sala comum).

Janelas em comprimento nos restantes compartimentos.

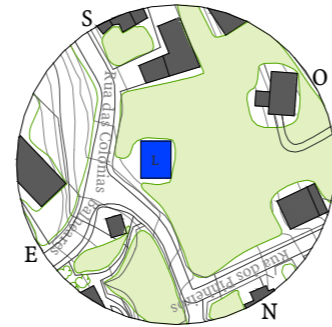
5.4. Materiais

Fundações e pilares em betão ciclópico.

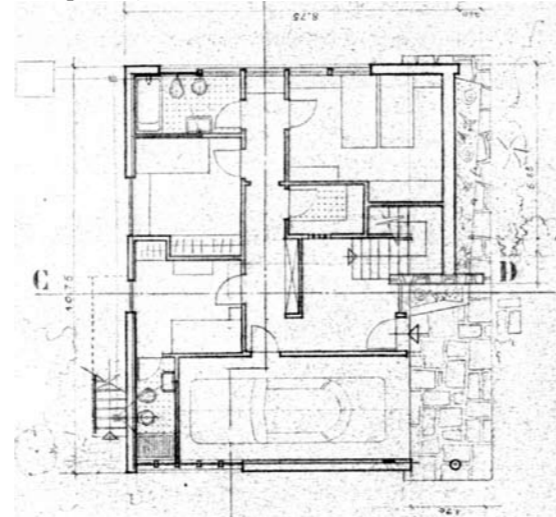
Cunhais e paredes exteriores do piso 0 em pedra aparelhada.

Impermeabilização da cobertura executada com “flynktote” e fibra de vidro.

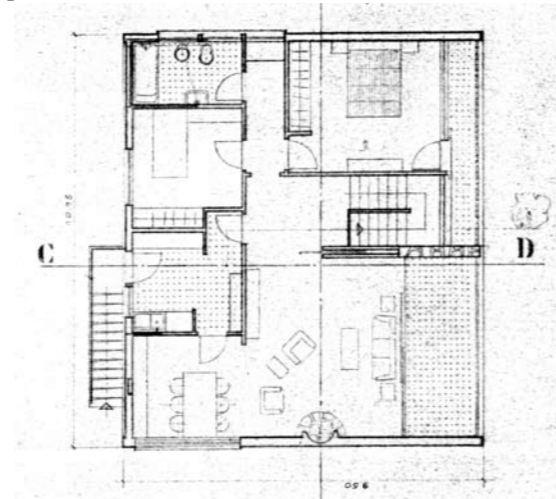
Desenhos



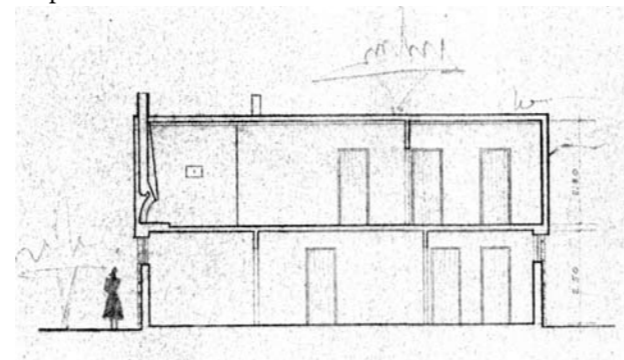
Planta de implantação



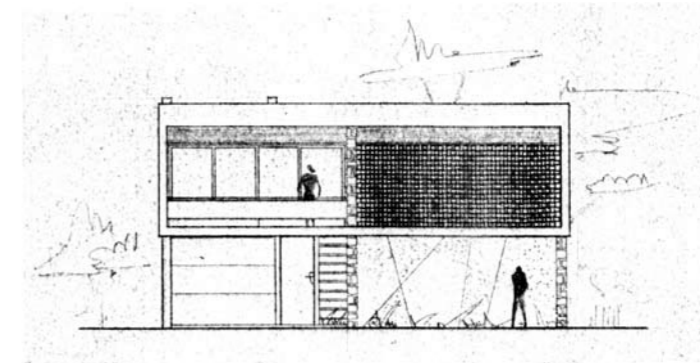
Planta piso 0



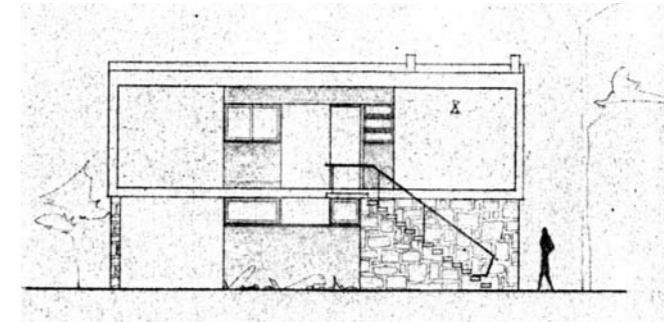
Planta piso 1



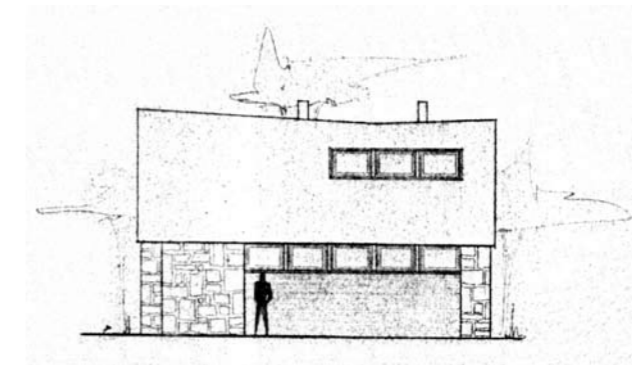
Corte AB



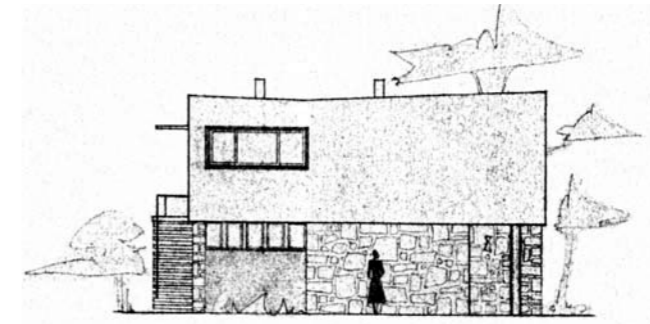
Alçado principal



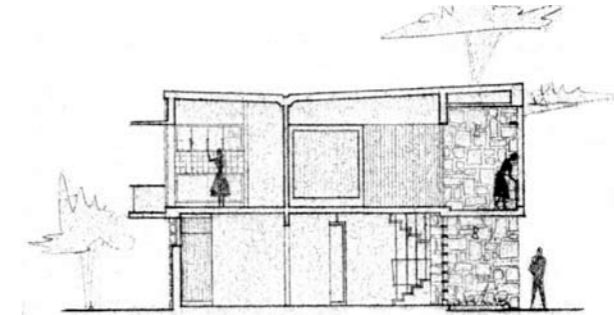
Alçado posterior



Alçado lateral Sudoeste



Alçado lateral Nordeste



Corte CD
Escala



C
A
S
A

J
O
A
Q
U
I
M

B
Y
R
N
E



Ficha M

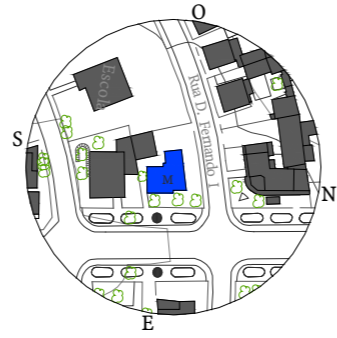
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Armando Santos Alho / Fernando Emídio Guedes Proença Lopes
2. Autor
José Bernardino Barros
3. Data de projecto
16 de Maio de 1957
4. Data de construção
Setembro de 1957
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 140m²
6. Área da propriedade
Cerca de 560m²

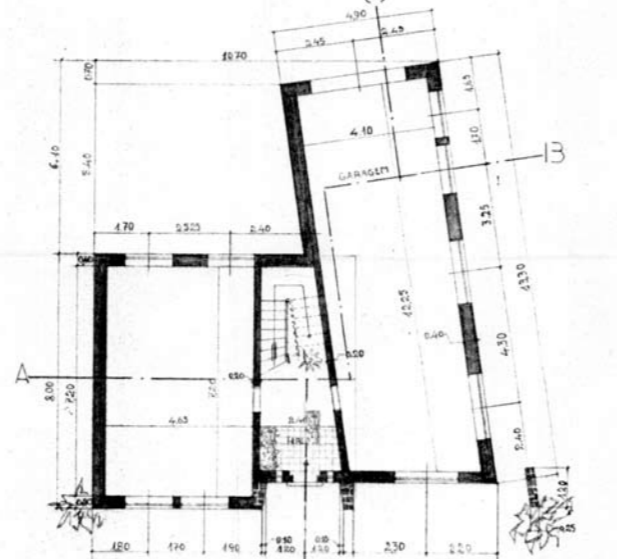
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Avenida do Farol (E) e Rua D. Fernando I (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, ao meio do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional
A entrada faz-se pelo rés-do-chão, ao nível da rua, e divide os dois corpos. No rés-do-chão, encontra-se a garagem e a arrecadação. No piso superior, num dos volumes, acede-se à área íntima onde se encontram os três quartos e a casa de banho. No outro lado do "L" encontra-se a área social, com cozinha, copa, sala de jantar e sala de estar.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de uma água em cada um dos corpos.
 - 5.3. Aberturas
Grandes aberturas na zona da sala de estar.
Aberturas rectangulares nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Fundações em alvenaria de pedra.
Paredes de elevação, em blocos de cimento.
Cobertura, em telha lusa.

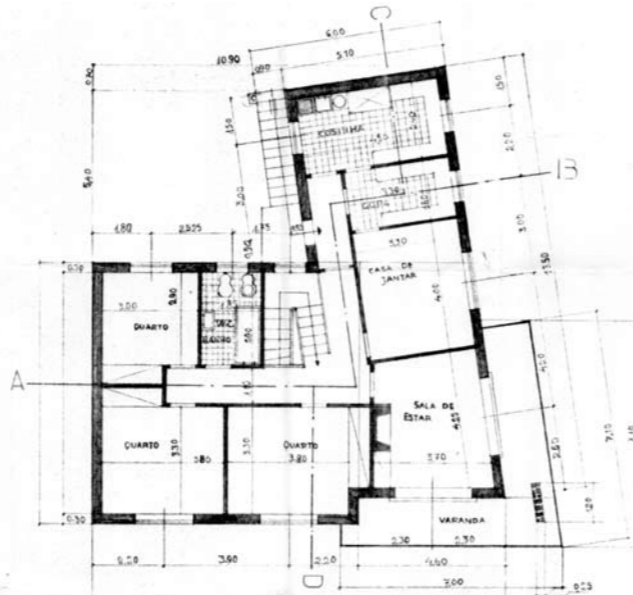
Desenhos



Planta de implantação



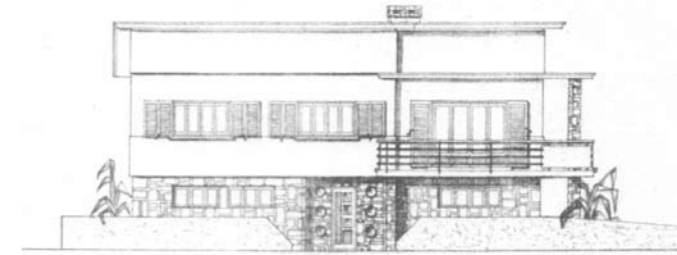
Planta piso 0



Planta piso 1



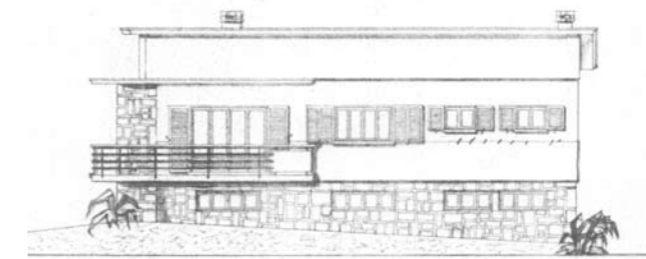
Corte AB



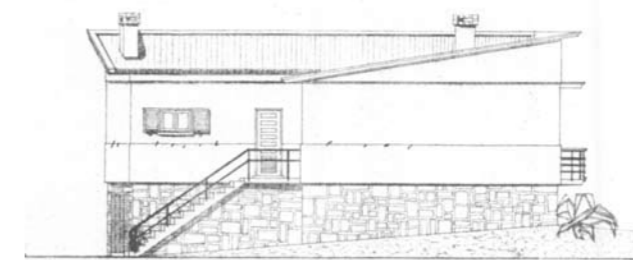
Alçado principal



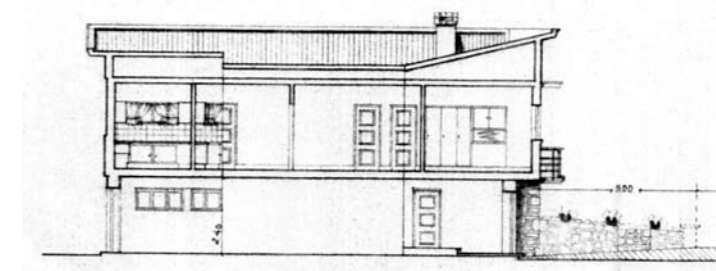
Alçado posterior



Alçado lateral Norte



Alçado lateral Sul



Corte CD
Escala



C
A
S
A

A
R
M
A
N
D
O

S
A
N
T
O
S

A
L
H
O



Ficha N

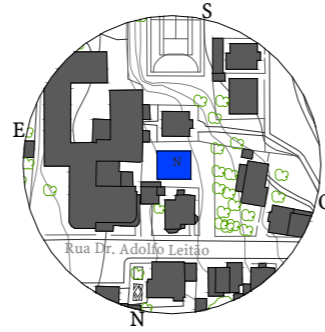
Identificação do edifício

1. Requerente
Maria Helena Birne Freire Gameiro e Maria Luiza Lorena Birne Gameiro-Viúva
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
Setembro de 1957
4. Data de construção
Fevereiro de 1958
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 107m²
6. Área da propriedade
Cerca de 300m²

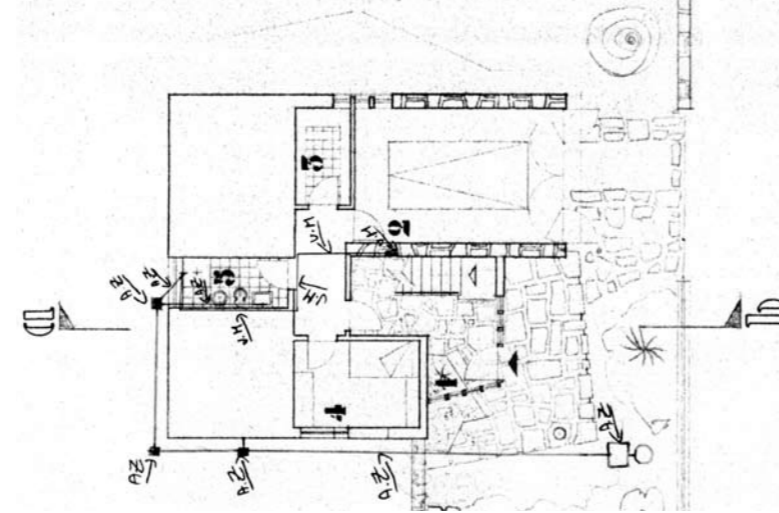
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua Dr. Adolfo Leitão (acesso por travessa perpendicular a esta rua)
2. Implantação/enquadramento
Isolada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
A entrada na casa faz-se pelo piso 0 no qual se encontram o quarto e casa de banho da “criada”, a despensa e a garagem à direita da entrada. Uma escada central faz a ligação entre a entrada no piso 0 e o piso superior. No topo das escadas, do lado esquerdo, encontra-se a zona social com a sala comum e a cozinha. Do lado direito da escada acede-se a um corredor, que faz a distribuição para os três quartos e casa de banho comum.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de duas águas com caleira central
 - 5.3. Aberturas
Grande envidraçado na sala comum.
Janelas rectangulares nos quartos a sul.
 - 5.4. Materiais
Estrutura corrente: alvenaria de pedra nas fundações e em algumas paredes de elevação no piso 0.
Cobertura em fibrocimento.
Acabamentos exteriores pintados com tratamento “snowcam”.

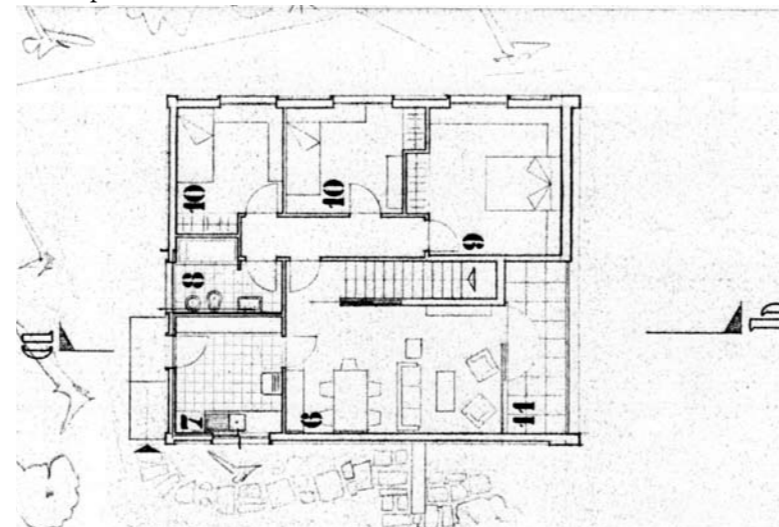
Desenhos



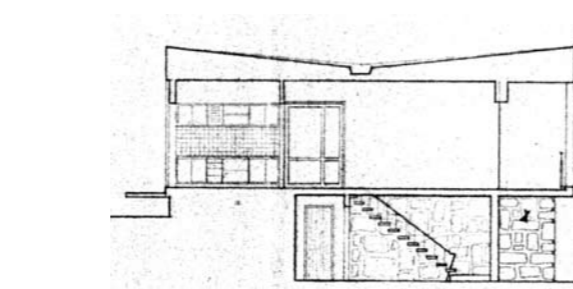
Planta de implantação



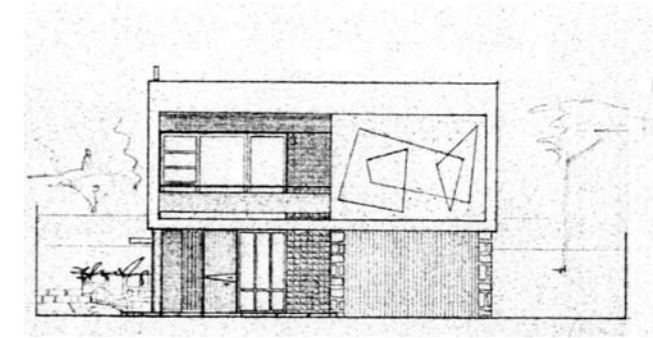
Planta piso 0



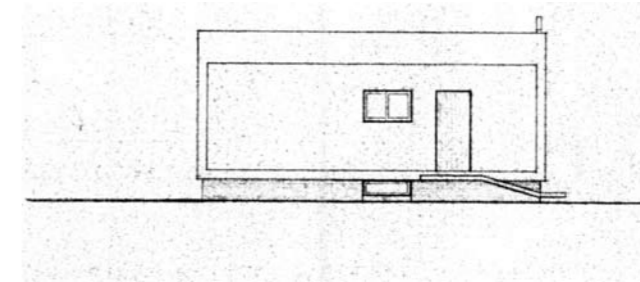
Planta piso 1



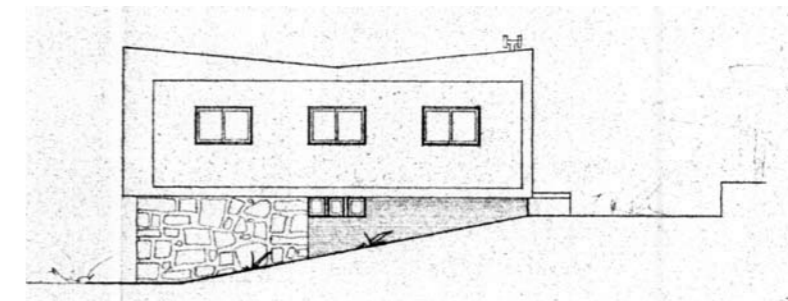
Corte AB



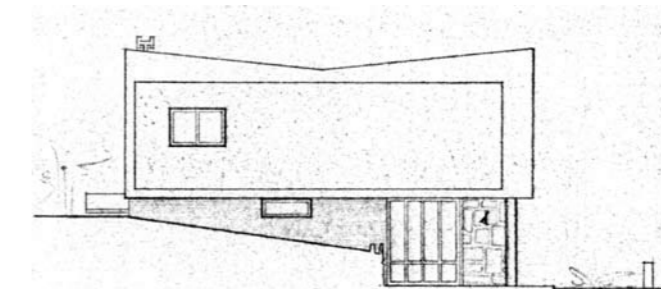
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral Sul



Alçado lateral Norte
Escala



C
A
S
A

H
E
L
E
N
A

G
A
M
E
I
R
O



Ficha O

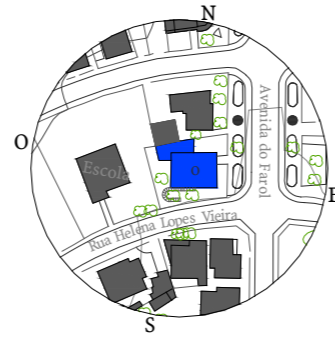
Identificação do edifício

1. Requerente / proprietário
Incógnito / José Carreira Rodrigues
2. Autor
Autor incógnito
3. Data de projecto
Data incógnita
4. Data de construção
Incógnita
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 170m²
6. Área da propriedade
Cerca de 550m²

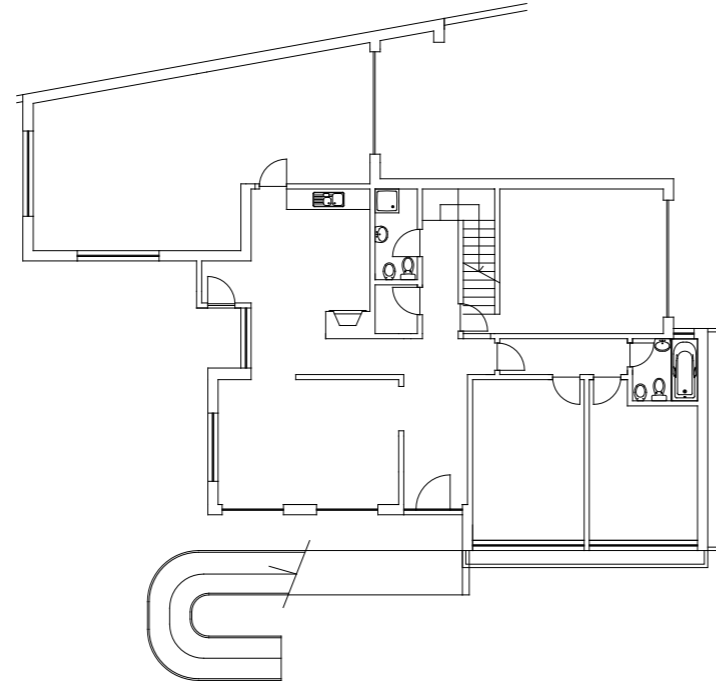
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua D. Helena Lopes Vieira (S) e Avenida do Farol (E)
2. Implantação/enquadramento
Isolada ao centro do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
Uma rampa de dois “lanços” com dobra em curva oferece a transição entre o nível térreo do jardim e o da entrada, que se encontra cerca de dois metros acima da cota do chão. A entrada na casa faz-se ao centro do alçado principal e divide as duas zonas da casa: social e de serviços, e a íntima. Do lado esquerdo da entrada acede-se à sala comum. Ao fundo à cozinha. À direita, o corredor de acesso aos quartos e casa de banho. Uma escada de serviço, ao lado da cozinha, faz a transição para o piso inferior que provavelmente, já muito alterado, contém uma fracção independente da de cima. Neste piso, com entrada independente, encontram-se três quartos, duas casas de banho e uma sala com kitchenet. A descrição é feita com base em levantamentos anteriores à última remodelação da casa, levada a cabo ao longo deste último ano.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de 1 água
 - 5.3. Aberturas
Grandes envidraçados na sala comum e no quarto, a Este.
Janelas em comprimento nas restantes divisões.
 - 5.4. Materiais
Placas de fibrocimento.
Fundações e paredes de suporte do piso térreo em pedra rústica.

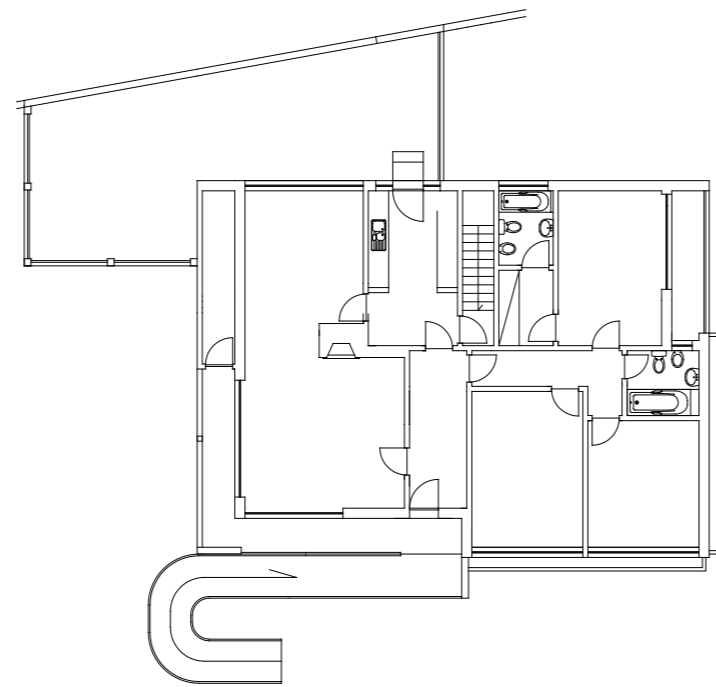
Desenhos



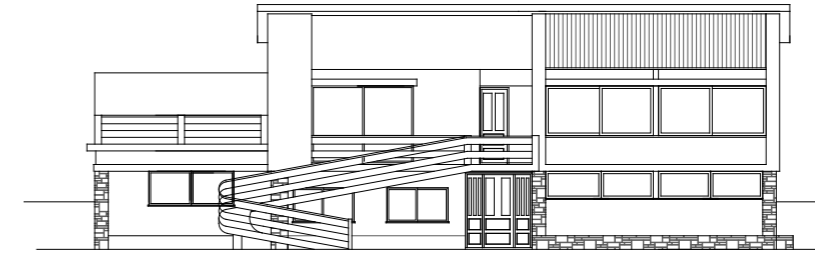
Planta de implantação



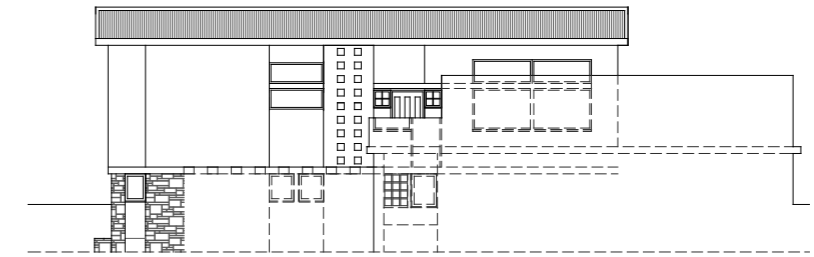
Planta piso 0



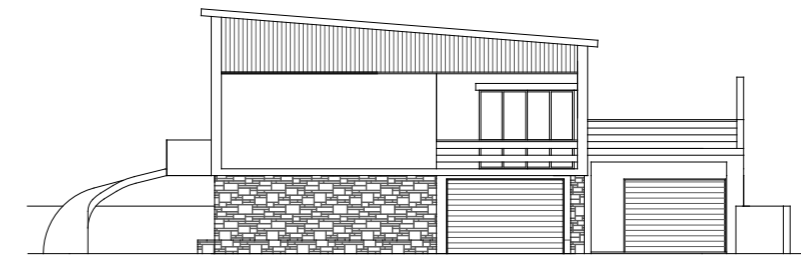
Planta piso 1



Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral direito



Alçado lateral esquerdo
Escala



CASA JOSÉ RODRIGUES



Ficha P

Identificação do edifício

1. Requerente
Henrique dos Santos Marques
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
Maio de 1958
4. Data de construção
Novembro de 1958
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 116m²
6. Área da propriedade
Cerca de 450m²

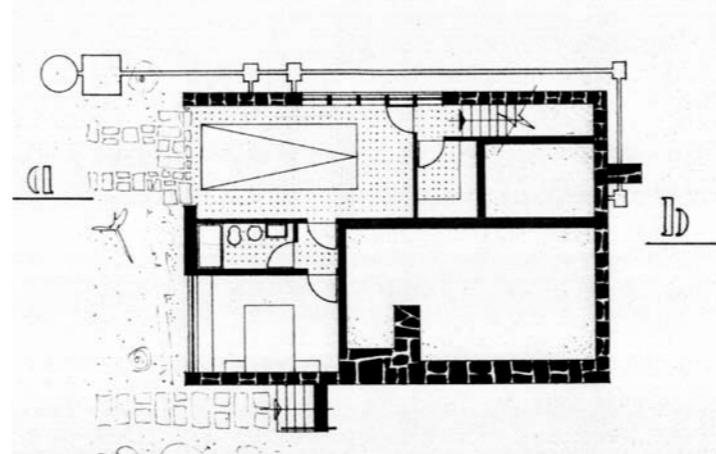
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Av. marginal (NO)
2. Implantação/enquadramento
Isolada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
Na cave encontra-se a garagem, o quarto, a casa de banho da "criada" e a despensa. Uma escada de serviço dá acesso à cozinha, que se encontra no extremo Este da casa. O piso principal, ao qual se acede lateralmente pelo centro da fachada Sudoeste, é composto pela sala comum, para a qual se entra directamente, a cozinha, os três quartos e a casa de banho, que estão isolados da sala por um vestíbulo reduzido e elevado do nível da sala comum.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de 1 água
 - 5.3. Aberturas
Grandes envidraçados na sala comum.
Janelas em comprimento nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Construção corrente: alvenaria de pedra, nas fundações, até ao nível da habitação.
Cobertura em fibrocimento.

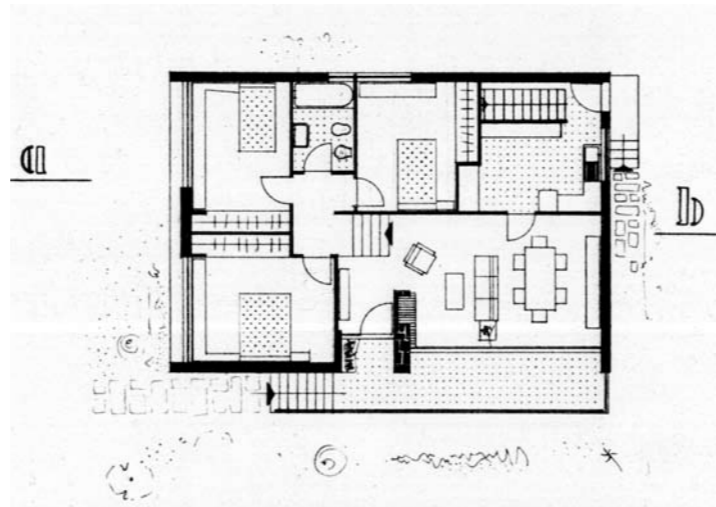
Desenhos



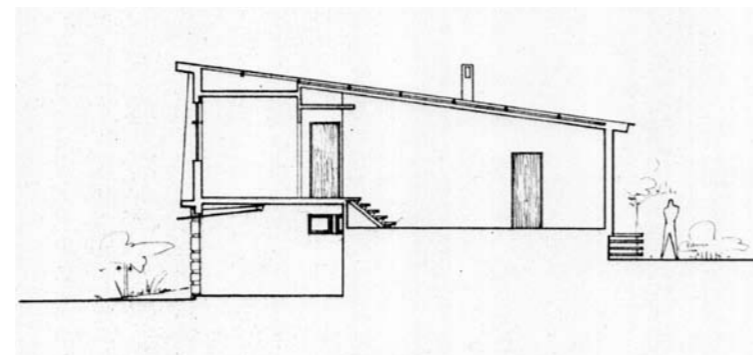
Planta de implantação



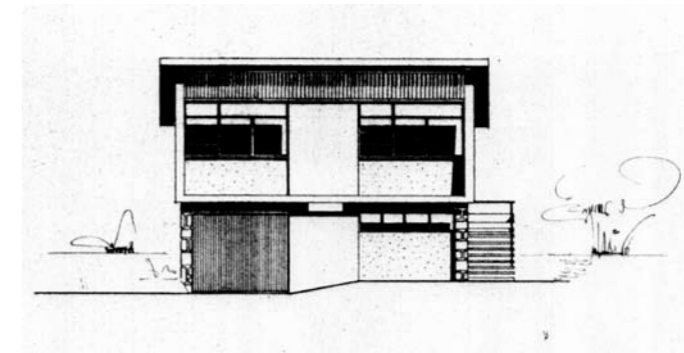
Planta piso 0



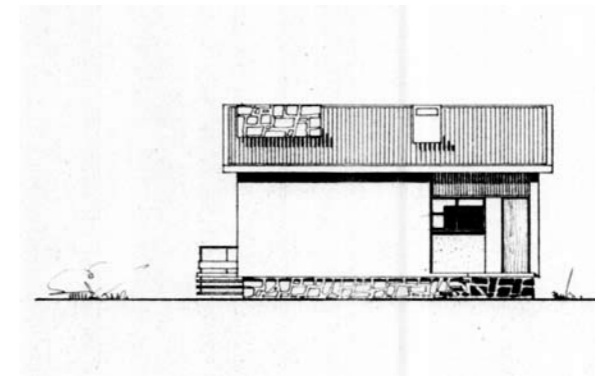
Planta piso 1



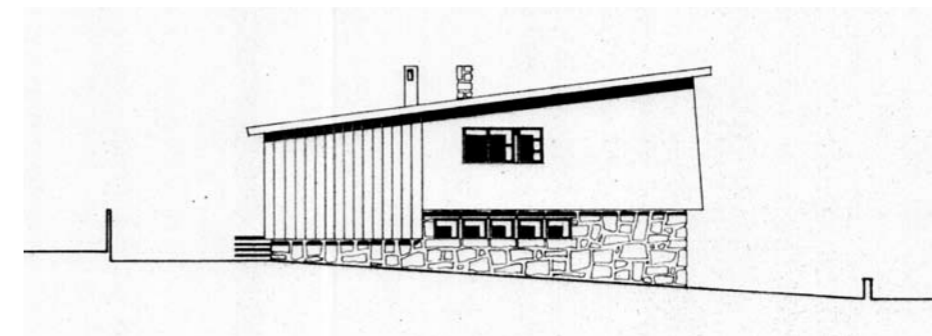
Corte AB



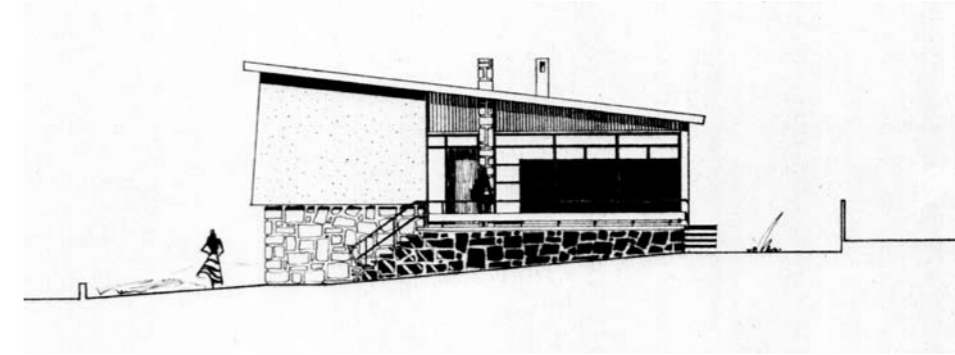
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral Nordeste



Alçado lateral Sudoeste

Escala



CASA HENRIQUE MARQUES



Ficha Q

Identificação do edifício

1. Requerente / cliente

Maria Filomena Quilhó Marçal Carrega, Ana Maria Quilhó Marçal Carrega e Maria Madalena Quilhó Marçal Carrega / Luís Marçal Grilo e Maria Filomena Quilhó Marçal Carrega

2. Autor

António Egêa

3. Data de projecto

28 de Novembro de 1958

4. Data de construção

Outubro de 1959

5. Área de implantação do edifício

Cerca de 150m²

6. Área da propriedade

Cerca de 950m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização

Rua D. Dinis (O) e Avenida das Piscinas (S)

2. Implantação/enquadramento

Isolada, recuada ao meio do lote

3. Tipologia

Compacta

4. Distribuição funcional

A entrada e circulação na casa é central. Assim, no piso 0 têm-se dois núcleos distintos: à esquerda da entrada têm-se uma zona íntima com dois quartos e casa de banho comum, isolados do átrio por antecâmara. Do lado direito, acede-se à garagem e a uma arrecadação. No piso superior repetem-se dois quartos e casa de banho comum em sequência vertical com a zona íntima do piso 0. A partir do átrio da escada acede-se ainda a duas zonas distintas: a social e de serviço onde se encontram a cozinha, o quarto e casa de banho da "criada". Existe ainda uma escada de serviço pelo exterior que faz acesso directo à cozinha.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura de uma água

5.3. Aberturas

Janelas verticais na sala comum.

Janelas (de três folhas) em comprimento no piso 0 e nas zonas de serviço.

Janelas (de três folhas) quadrangulares no quarto (O) e na sala (S) do piso superior.

Zonas de circulação são marcadas com sistemas de iluminação distintos. No átrio da entrada recorre-se a painéis de vidro rectangulares; já no patamar da escada, a solução passa por um painel de tijolo de vidro.

5.4. Materiais

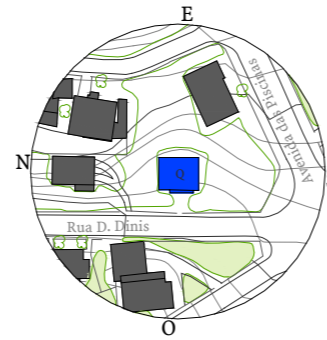
Fundações em alvenaria de pedra rija.

Paredes em alvenarias de tijolo bloco e tijolo furado.

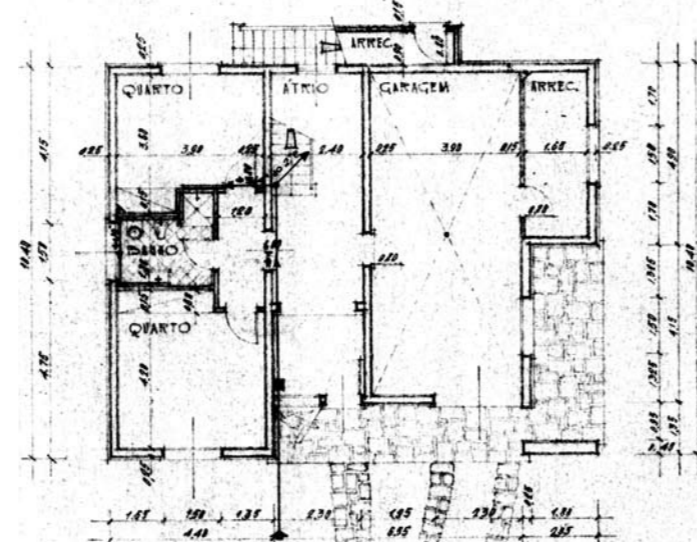
Cobertura em chapa ondulada de fibrocimento.

Pedra rústica da região, empregada no soco, soleiras, peitoris, muro da fachada, ombreiras do portão e lajedos irregulares.

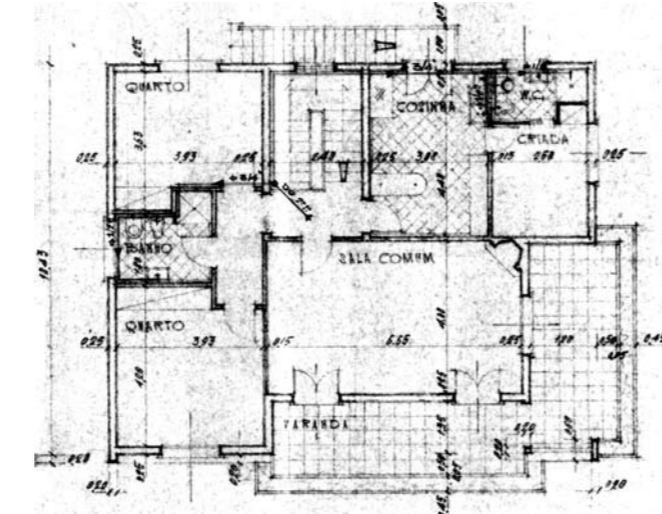
Desenhos



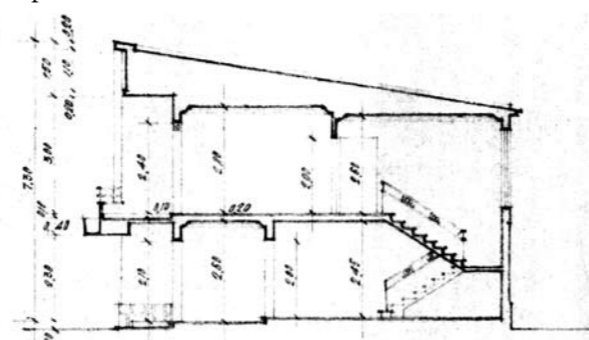
Planta de implantação



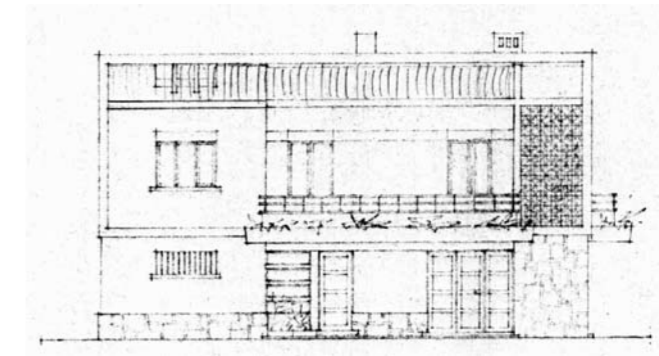
Planta piso 0



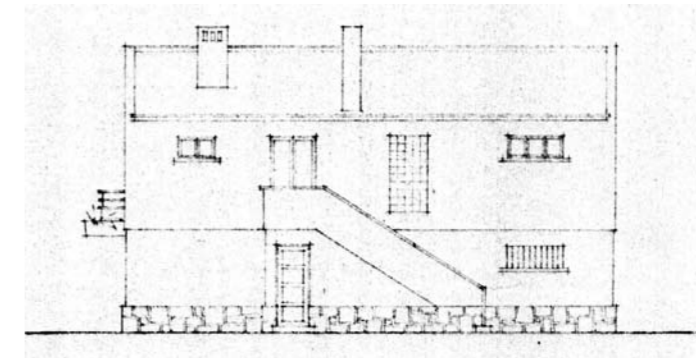
Planta piso 1



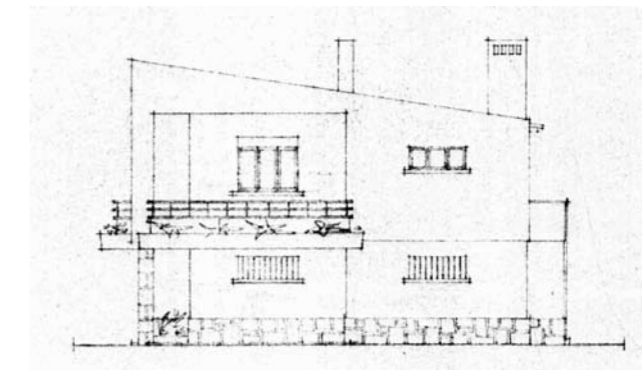
Corte transversal



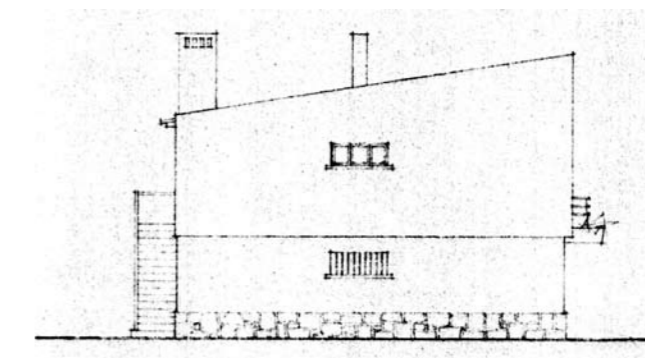
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral direito



Alçado lateral esquerdo

Escala



C
A
S
A

M^a

F
I
L
O
M
E
N
A

C
A
R
R
E
G
A



Ficha R

Identificação do edifício

1. Requerente / cliente
João Leal de Matos e Silva
2. Autor
José Luís Tinoco
3. Data de projecto
1º Projecto: 03/03/59, 2º projecto: 30/06/59 (análise feita a partir do 1º projecto)
4. Data de construção
Novembro de 1962
5. Área de implantação do edifício
163m²
6. Área da propriedade
3500m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Estrada de S. Pedro (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolada a meio do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional

A cave para garagem e instalação de pessoal é por excelência a zona de serviço. O piso principal encontra-se dividido em duas zonas que correspondem a dois volumes distintos, um social e outro íntimo. A entrada faz-se por um vestíbulo resultante da intersecção dos dois volumes. Na zona social encontra-se a sala comum, a cozinha, entrada e escada de serviço. A zona íntima é composta por três quartos e a casa de banho.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura plana

5.3. Aberturas

Grande envidraçado na sala comum.

Janelas verticais nos quartos.

Clarabóias na cobertura.

5.4. Materiais

A estrutura resulta da combinação de pilares de betão e paredes portantes de tijolo.

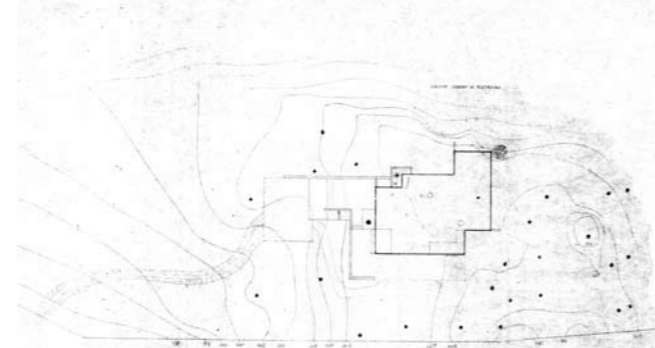
Cobertura em tijolo armado.

Reboco liso e pintado a branco.

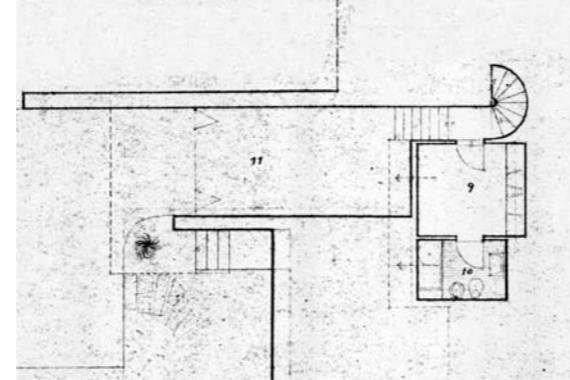
Pinho tratado no exterior da zona de entrada.

Nota: Devido à demolição da casa, não foi possível documentar a ficha com fotografias.

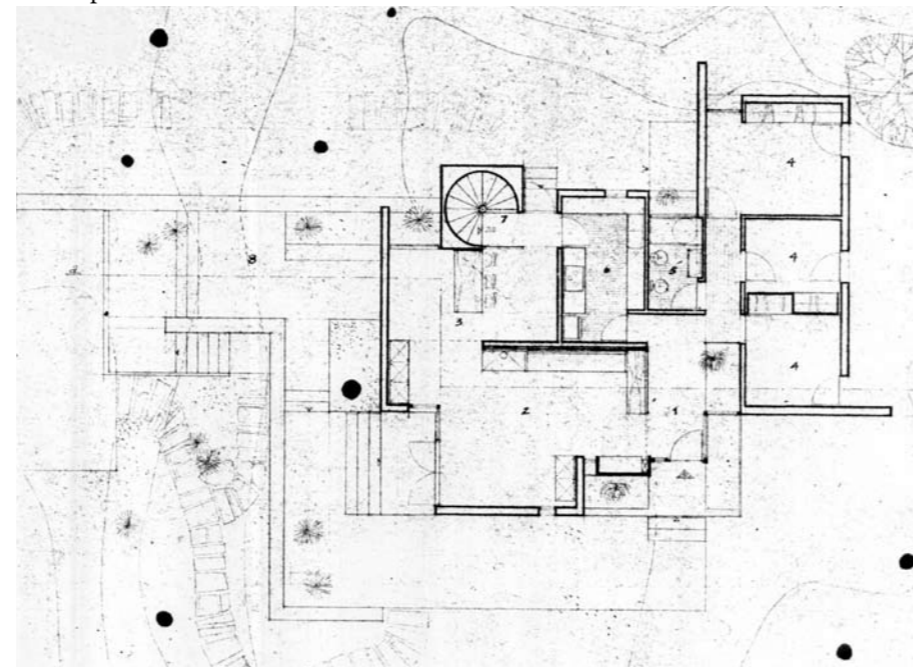
Desenhos



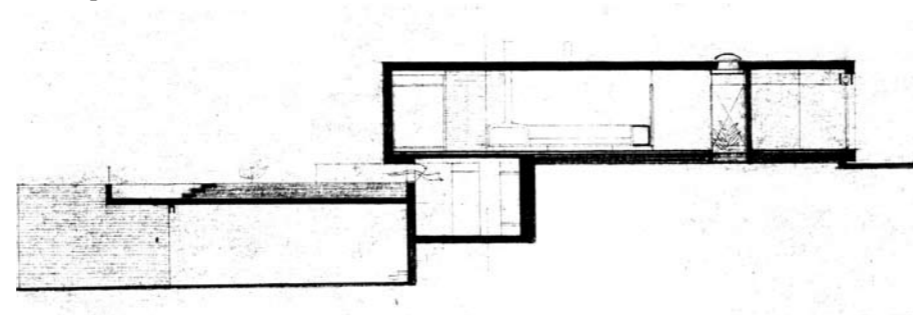
Planta de implantação



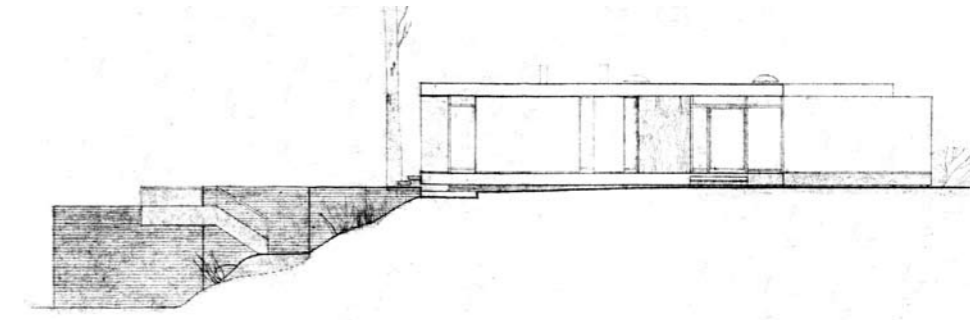
Planta piso -1



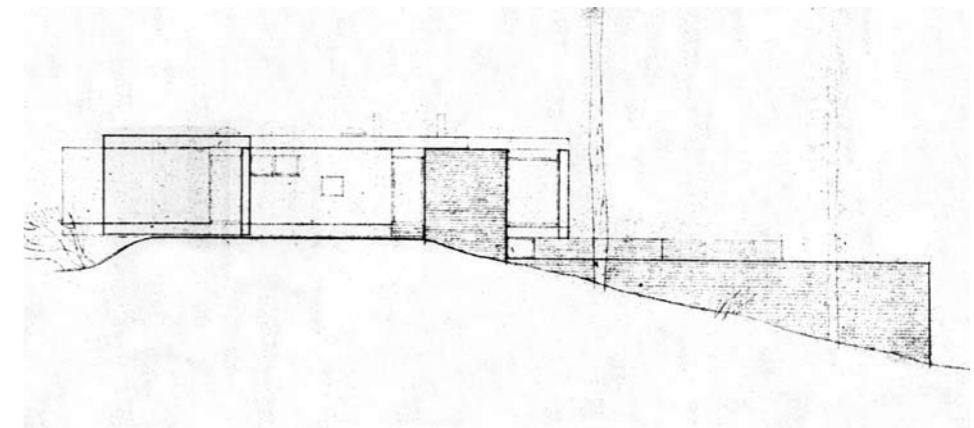
Planta piso 0



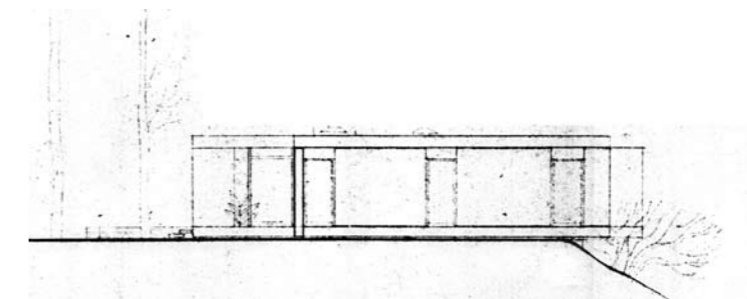
Corte AB



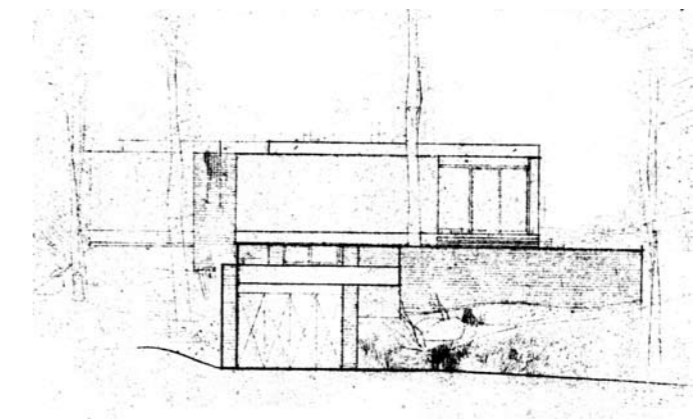
Alçado Sudoeste



Alçado Nordeste



Alçado Sudeste



Alçado Noroeste
Escala



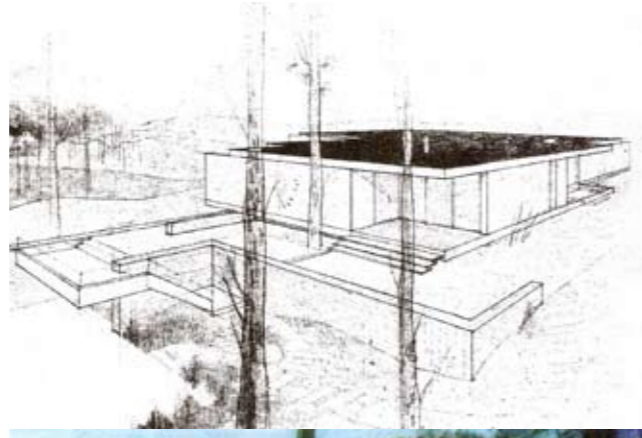
C
A
S
A

J
O
Ã
O

M
A
T
O
S

E

S
I
L
V
A



Ficha S

Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Luiz Olavo Freire Cortês Abreu Oliveira / Natália Moreira Duarte Carvalho de Abreu Oliveira e herdeiros
2. Autor
Autor incógnito
3. Data de projecto
12 de Novembro de 1960
4. Data de construção
1961
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 85m²
6. Área da propriedade
Cerca de 400m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua D. Fernando I (SE)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, no meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional

A entrada na casa faz-se a partir de um pequeno alpendre que dá entrada directa para o corredor central a partir do qual se acede aos restantes compartimentos do piso 0. À esquerda (NO) do corredor temos a despensa, a cozinha, a casa de banho e um escritório. À direita (SE) acede-se à sala de jantar. Ao fundo do corredor existe o vestíbulo das escadas que ligam o piso térreo ao piso superior. No primeiro andar, os compartimentos, (quatro quartos, uma casa de banho e sala de estar) dispõem-se em torno de um hall/corredor central.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura de uma água

5.3. Aberturas

Tentativa de reprodução/marcação da janela em comprimento (encontra-se em vários alçados).

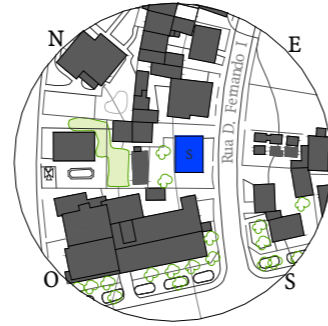
5.4. Materiais

Fundações e parede até ao piso superior, em pedra.

Cobertura em telha lusa.

Pavimento do alpendre executado com desperdícios de mármore.

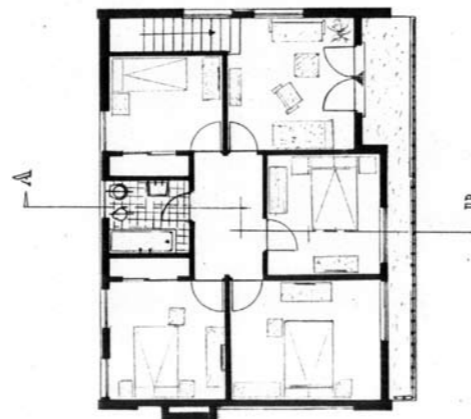
Desenhos



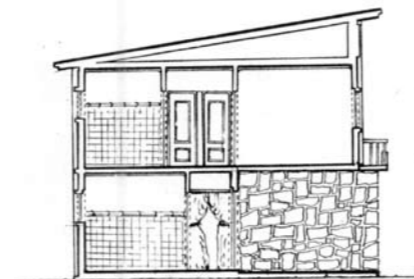
Planta de implantação



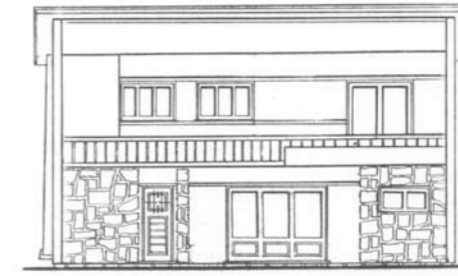
Planta piso 0



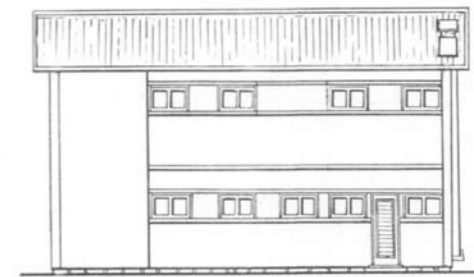
Planta piso 1



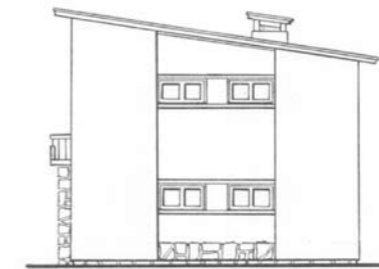
Corte AB



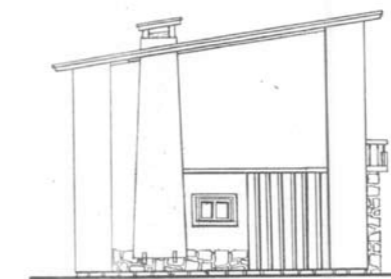
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral direito



Alçado lateral esquerdo
Escala



CASA LUIZ OLAVO OLIVEIRA



Ficha T

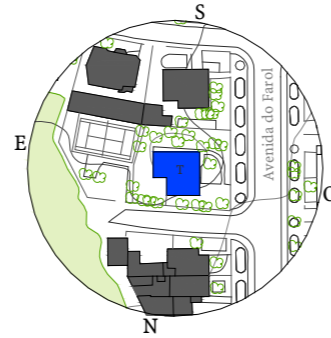
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Edilásio Carreira Silva / Manuel Mateus Frazão
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
1º Projecto 1960 (plantas e corte), alterações 1964 (alçados)
4. Data de construção
1961
5. Área do edifício
Cerca de 140m²
6. Área da propriedade
Cerca de 730m²

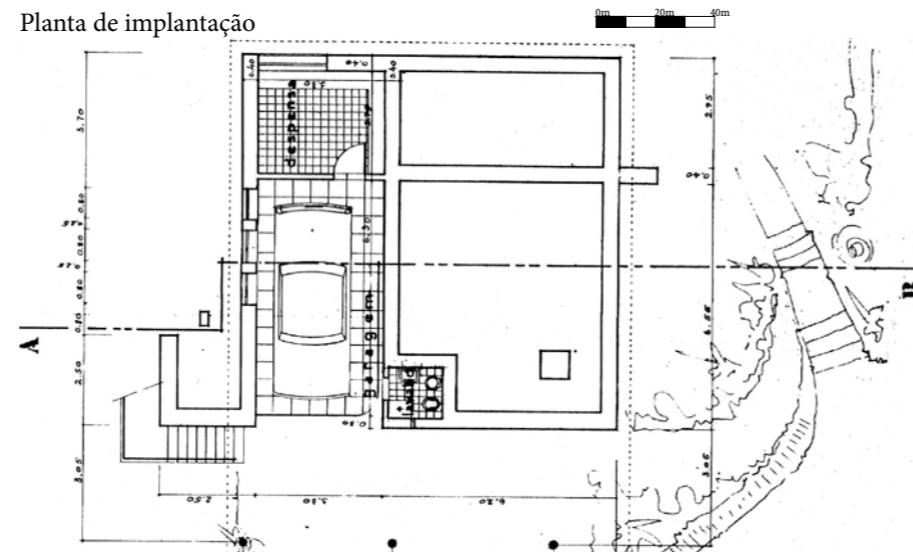
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Avenida do Farol (O) e Rua dos Medronhos (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada ao meio do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
A entrada faz-se a partir do hall situado junto à empena lateral sul. A partir deste acede-se a um pequeno vestíbulo que faz a distribuição para o quarto e casa de banho da “criada” atrás (S), para a sala de estar à esquerda (O) e a cozinha em frente (N). A partir da cozinha acede-se a um novo vestíbulo que faz a distribuição para uma casa de banho à direita (E), um quarto em frente (N), outro à esquerda (O) e à zona de comer da sala comum também à esquerda. Existe ainda uma entrada de serviço a partir das traseiras directamente para a cozinha. O desnivelamento do terreno foi aproveitado para uma cave com uma garagem, uma despensa e um lavabo, correspondente à metade posterior da casa. O acesso à garagem não é directo a partir da fachada principal. Tem que se passar por baixo da casa, numa zona com “pilotis” e só depois se vira para a garagem.
5. Caracterização
5.1. N.º de pisos
2 Pisos
5.2. Cobertura
Cobertura de uma água.
5.3. Aberturas
Nas fachadas laterais e posterior predomina o uso da janela em comprimento.
Grandes envidraçados na zona da sala comum e do quarto na fachada oeste.
O aproveitamento do pé-direito, gerado pela inclinação do telhado, é traduzido na fachada principal pela colocação de janelas junto à cobertura.
5.4. Materiais
Fundações, paredes de suporte do piso -1 e parede agregada à lareira, em pedra rústica.
Lareira em cobre.

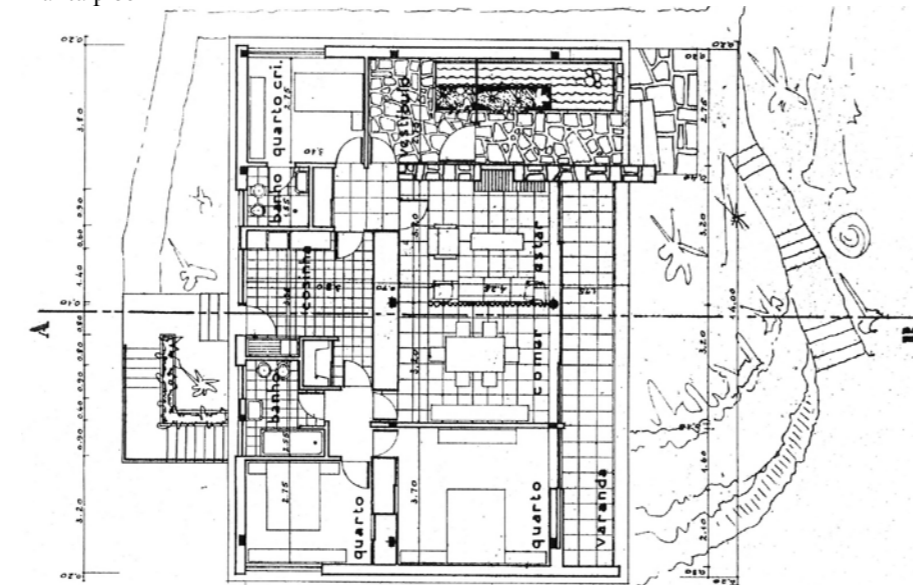
Desenhos



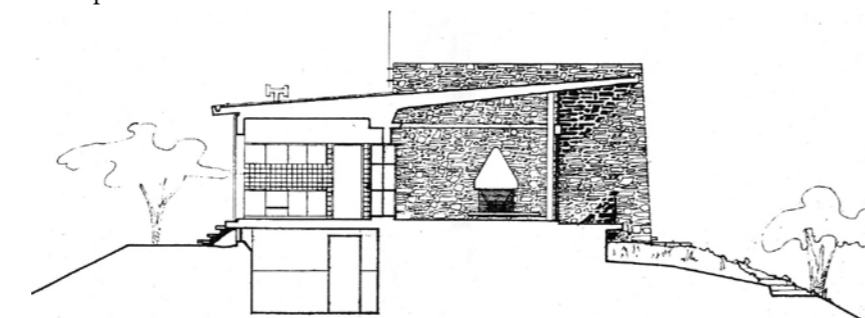
Planta de implantação



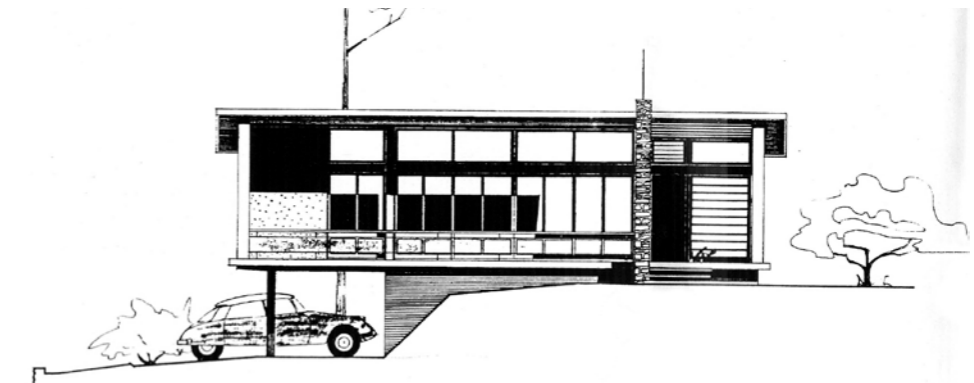
Planta piso -1



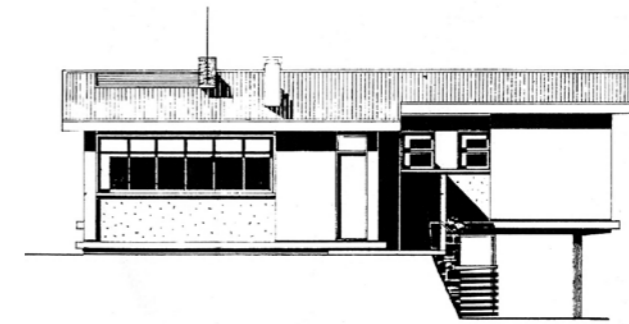
Planta piso 0



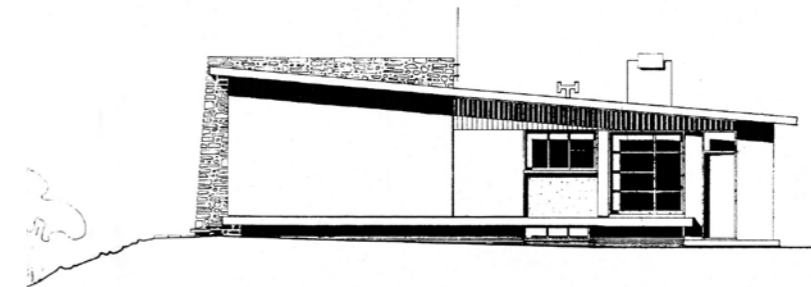
Corte AB



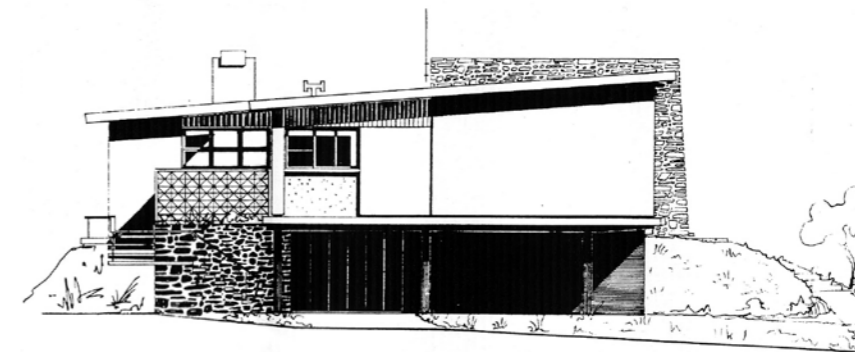
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral Sul



Alçado lateral Norte
Escala

C
A
S
A

E
D
I
L
Á
S
I
O

S
I
L
V
A



Ficha U

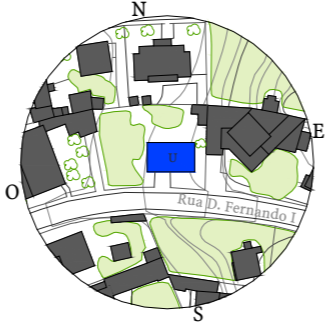
Identificação do edifício

1. Requerente / actual arrendatário
Joaquim da Silva Lourenço Júnior / Sílvie Shrubsall
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
1º projecto: Janeiro de 1960, 2º projecto de alterações: Junho de 1962
4. Data de construção
Setembro de 1962
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 160m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1050m²

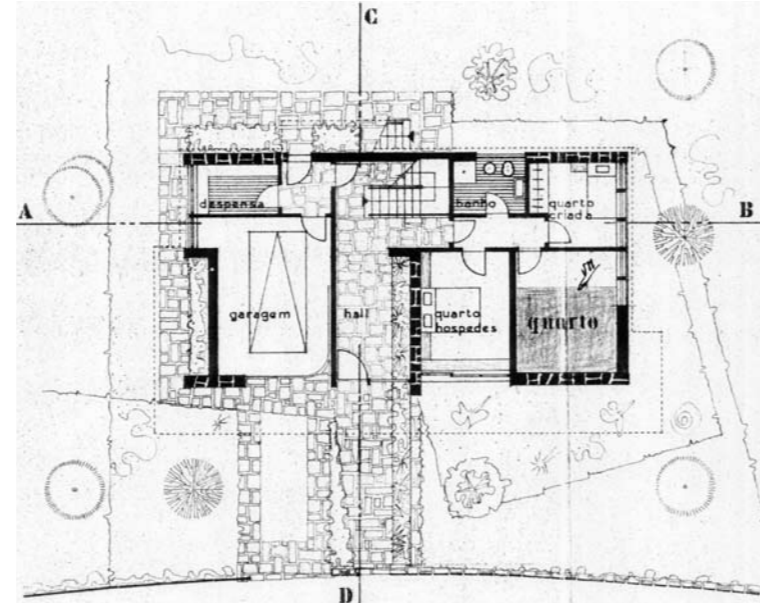
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua D. Fernando I (S)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, na frente do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
“E assim orientaram-se os quartos a nascente e sul, a sala a sul e poente e a cosinha [sic] a poente e norte” (in Memória descritiva)
A inclinação do terreno, posteriormente terraplanado, foi aproveitada para o piso 0, através do qual se faz a entrada na casa. Ainda neste piso acede-se à esquerda à garagem, à frente à escada de acesso ao piso superior e à direita a um corredor que faz a distribuição para o quarto (S) e quarto (E). No piso 1 a partir do vestíbulo da escada faz-se a distribuição para as diferentes áreas da casa: a de serviço a Oeste, onde se encontra a copa e cozinha, a área social corresponde à sala comum (S) e a área íntima onde se encontram os três quartos e a casa de banho. Todas estas áreas estão separadas do vestíbulo da escada, por portas.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de duas águas com caleira central com inclinação ligeira (quase se pode considerar cobertura plana)
 - 5.3. Aberturas
A sala comum é iluminada por largos envidraçados.
Janelas em comprimento nos restantes compartimentos.
 - 5.4. Materiais
Fundações e paredes com paramento à vista, em alvenaria de pedra.
Cobertura em fibrocimento.
Pavimento, do hall e varandas, com pedaços de mármore.

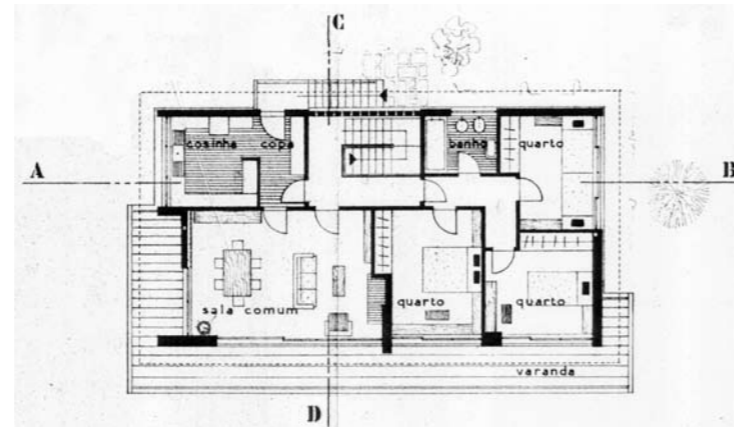
Desenhos



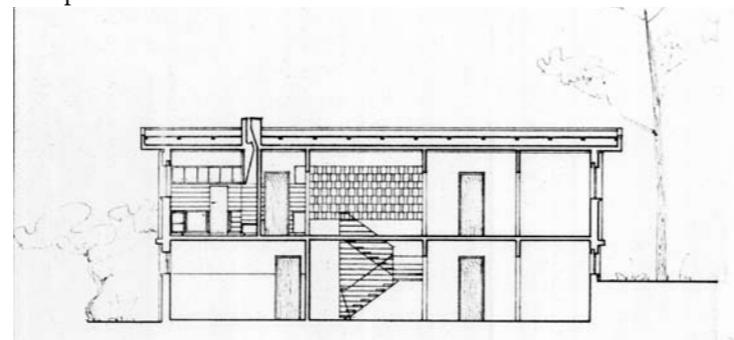
Planta de implantação



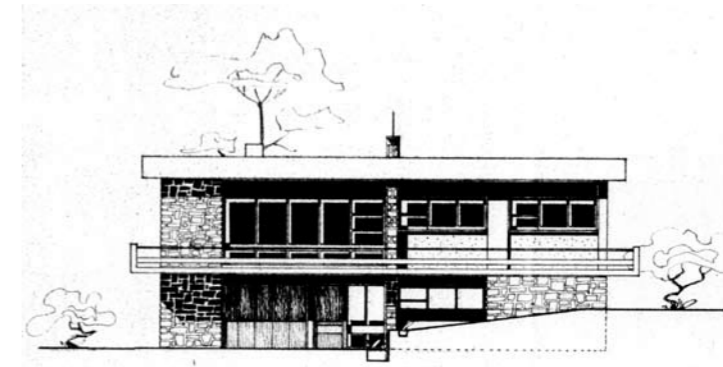
Planta piso 0



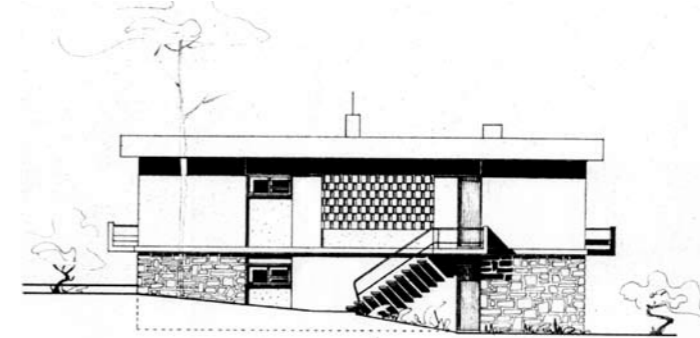
Planta piso 1



Corte AB



Alçado principal



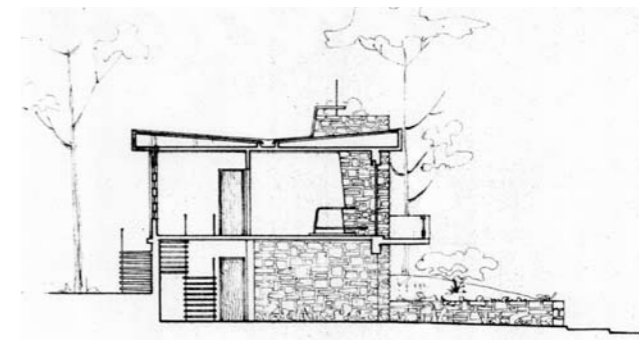
Alçado posterior



Alçado lateral nascente



Alçado lateral poente



Corte CD
Escala



C
A
S
A

J
O
A
Q
U
I
M

L
O
U
R
E
N
Ç
O



Ficha V

Identificação do edifício

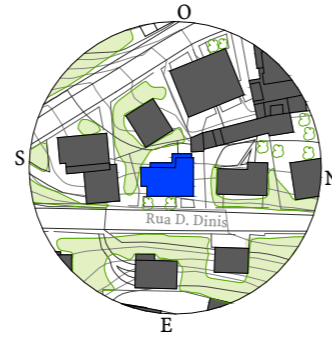
1. Requerente
Rogério Fernandes Venâncio
2. Autor
Jo. Ma. Reis
3. Data de projecto
1º Projecto - 1962
4. Data de construção
Agosto de 1965 (data do último projecto de alterações)
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 215m²
6. Área da propriedade
Cerca de 625m²

Caracterização arquitectónica

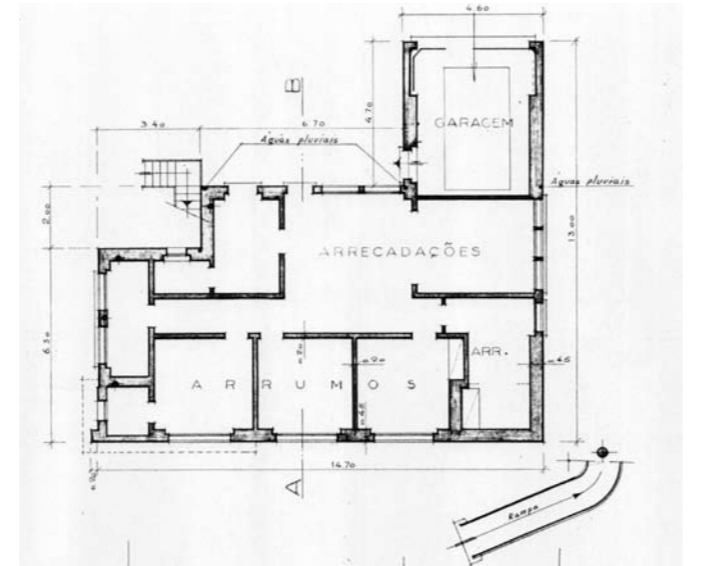
1. Localização
Rua D. Dinis
2. Implantação/enquadramento
Isolada, no centro do lote
3. Tipologia
Compacta
4. Distribuição funcional
Cave com garagem, arrecadação e arrumos. No piso superior, o corredor central divide dois núcleos: o primeiro contém os 3 quartos, a casa de banho, o quarto suite e a cozinha, o segundo núcleo contém o hall de entrada e a sala comum.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
A cobertura de uma água que se transforma em cobertura de duas águas com caleira central, na zona onde a sala comum se expande para fora do rectângulo em que a casa está compreendida.
Cobertura plana na zona da entrada.
 - 5.3. Aberturas
Grandes envidraçados na sala comum.
Tipos de janelas muito variados.
 - 5.4. Materiais
Grelhas nas varandas do quarto e da entrada.
Placas de "lusalite" na cobertura e fachada.

Nota: A casa não está documentada com fotografias porque sofreu demasiadas alterações relativamente ao projecto inicial apresentado em desenho.

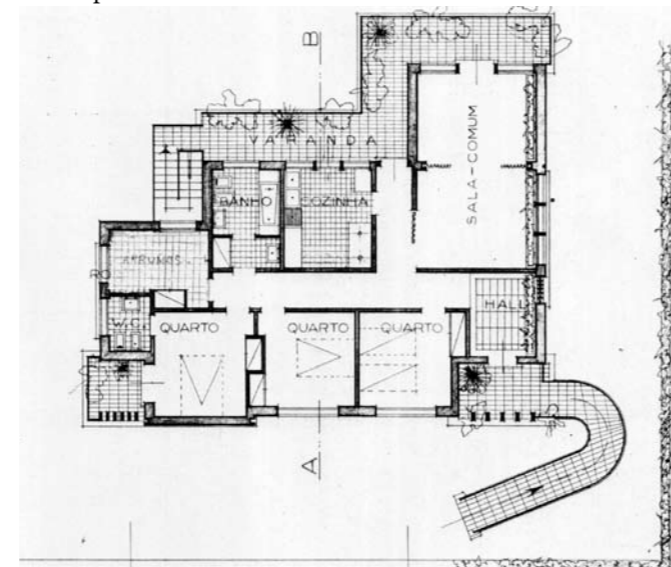
Desenhos



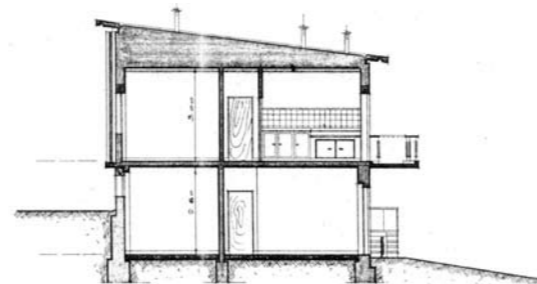
Planta de implantação



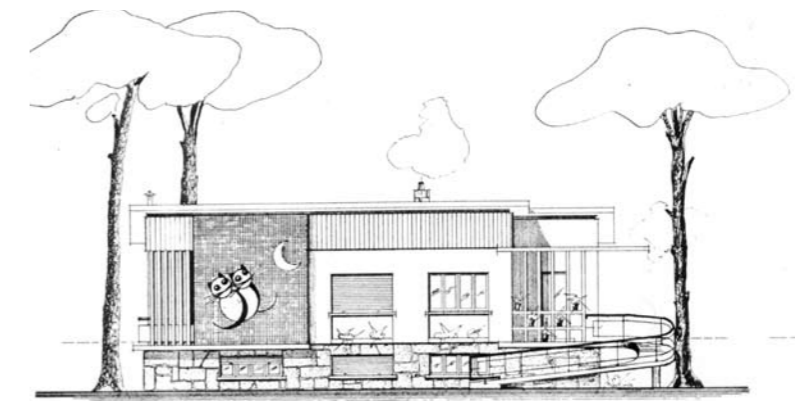
Planta piso -1



Planta piso 0



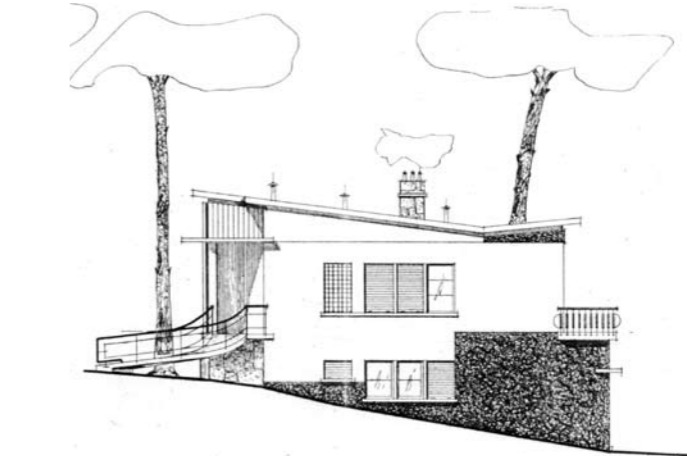
Corte AB



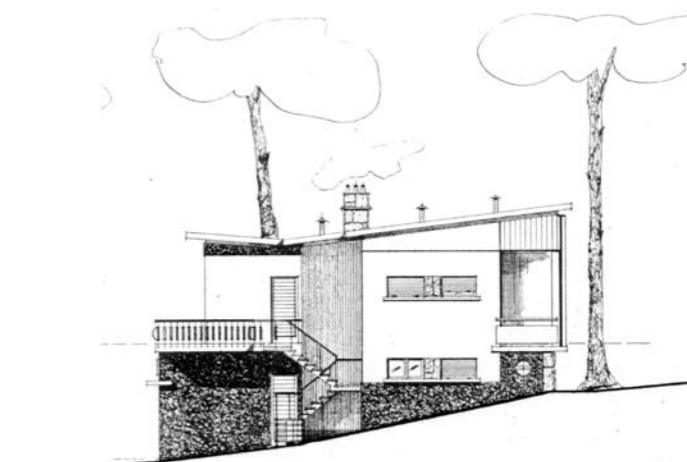
Alçado principal



Alçado posterior



Alçado lateral Norte



Alçado lateral Sul
Escala



C
A
S
A

R
O
G
É
R
I
O

V
E
N
Â
N
C
I
O

Ficha W

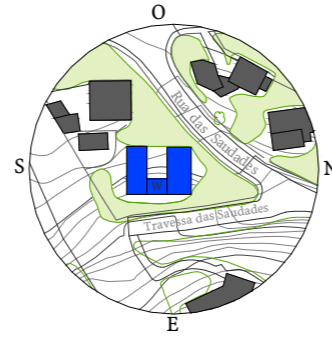
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Ernesto Borges / Francisca e Júlio Ferreira
2. Autor
Manuel Alzina de Menezes e Erich M. Corsépius
3. Data de projecto
30 de Janeiro de 1964
4. Data de construção
1964
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 280m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1300m²

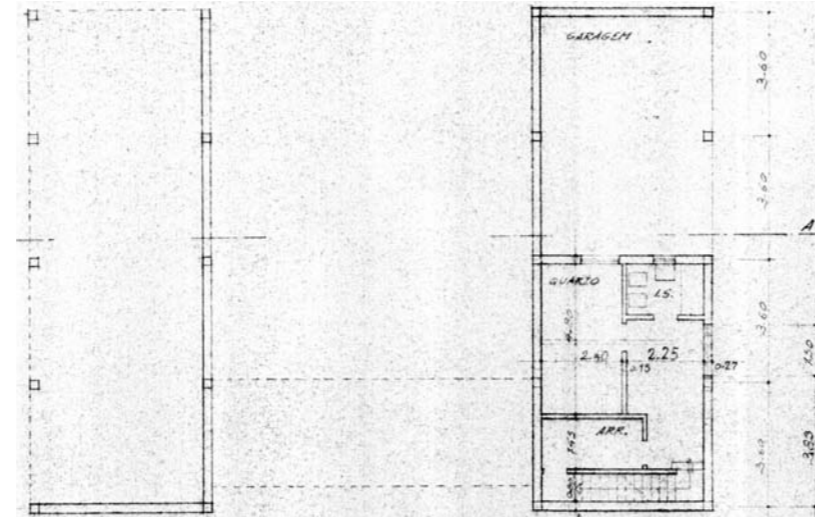
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua das Saudades (N) e Travessa das Saudades (E)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, ao meio do lote
3. Tipologia
Em U, com pátio
4. Distribuição funcional
A entrada faz-se por uma galeria de passagem, a partir da qual se acede a dois volumes independentes e opostos. Do lado direito (N) acede-se à zona social, onde se encontra a sala comum, a cozinha e escada de serviço que faz a ligação com o piso inferior da cave onde se encontram a arrecadação, o quarto e casa de banho da “criada” e a garagem. Do lado esquerdo (S) da galeria têm-se acesso ao volume privado onde a partir de um corredor (que ocupa a lateral Norte do volume) se acede aos três quartos e duas casa de banho, virados a sul.
5. Caracterização
 - 5.1. N° de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
As coberturas de uma água de pequena inclinação.
 - 5.3. Aberturas
Grandes envidraçados virados para o pátio na sala comum.
Pequenas janelas horizontais, junto ao tecto, pontuam o perímetro exterior dos volumes.
Janelas rectangulares nos quartos e cozinha.
 - 5.4. Materiais
Estrutura e vigotas das lajes do pavimento e cobertura construídos em betão armado.
Laje da cobertura resolvida com sistema de vigotas/vigas pré-esforçadas, preenchidas com blocos cerâmicos pré-fabricados.
Cobertura em telha.
Caixilhos em madeira tratada.
A galeria é revestida a madeira aparente.

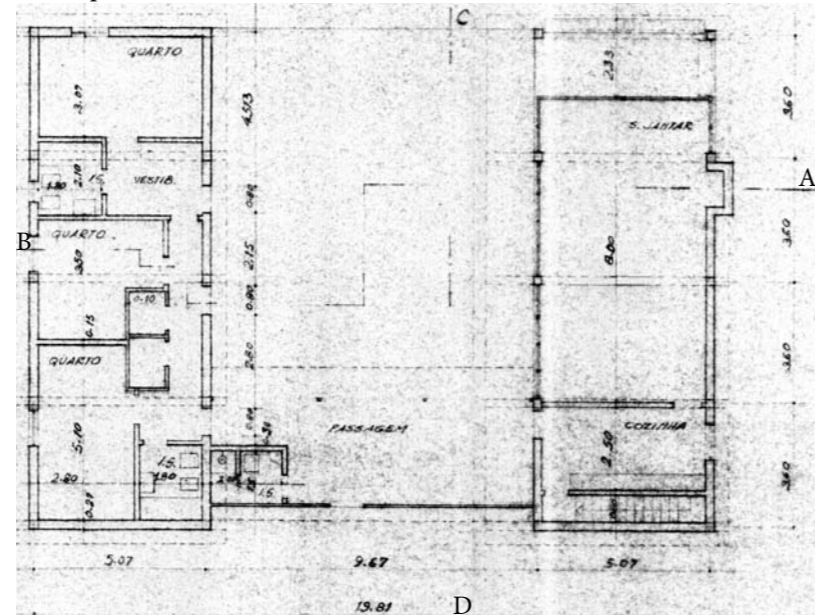
Desenhos



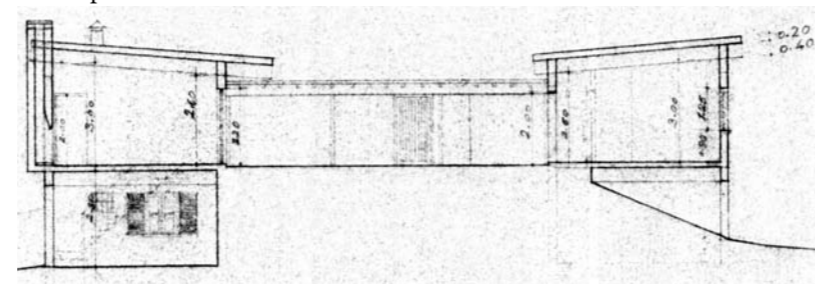
Planta de implantação



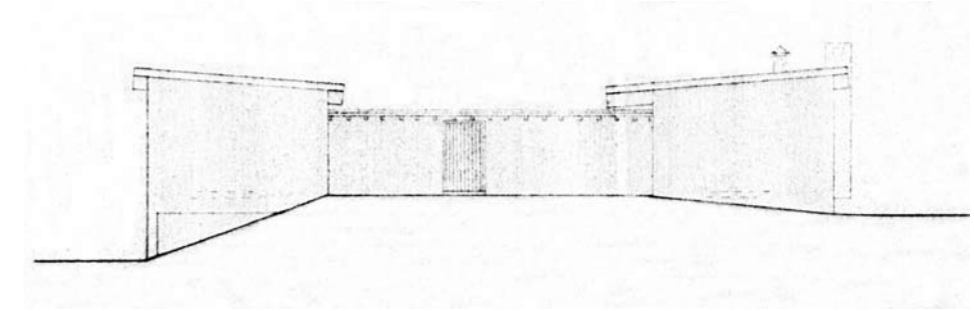
Planta piso -1



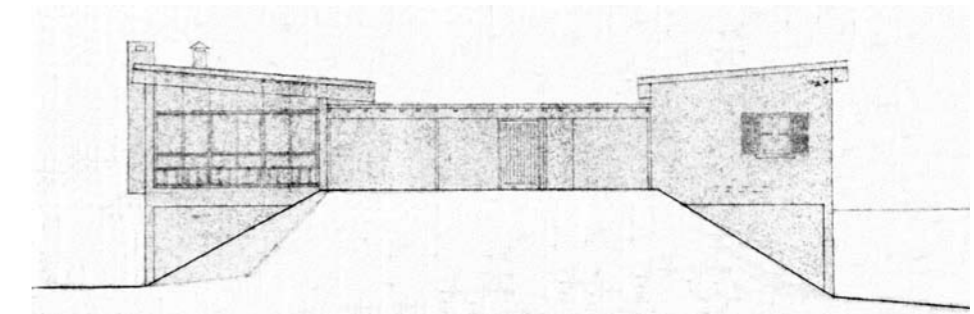
Planta piso 0



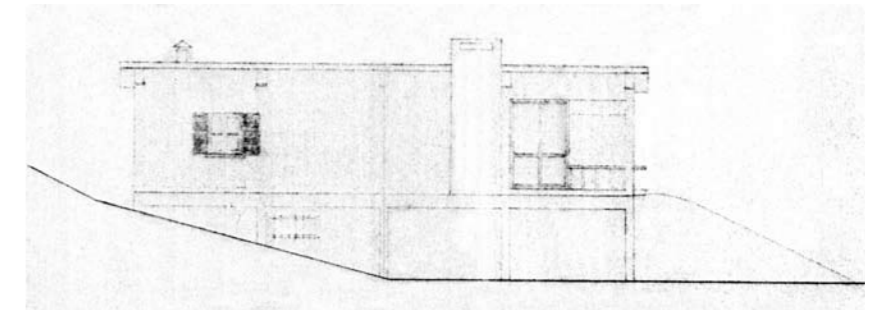
Corte AB



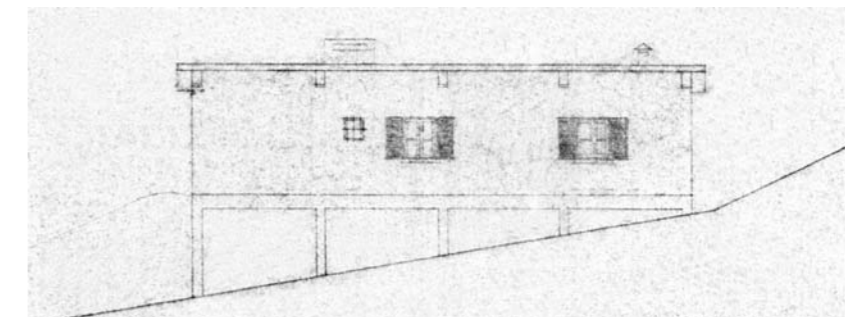
Alçado principal



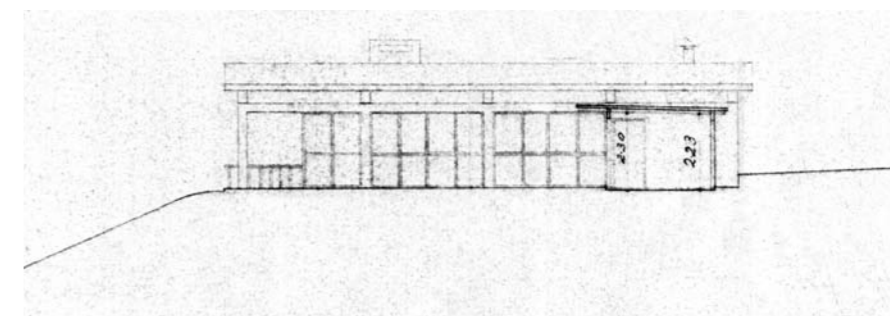
Alçado posterior



Alçado lateral direito



Alçado lateral esquerdo



Corte CD
Escala



C
A
S
A

E
R
N
E
S
T
O

B
O
R
G
E
S



Ficha X

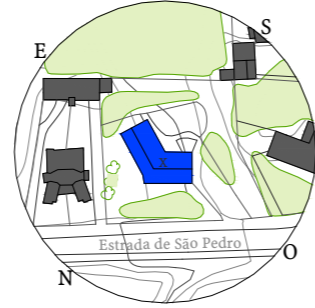
Identificação do edifício

1. Requerente / actual proprietário
Paulina Giralt Rius / Dina Silva e António Soares
2. Autor
António Dinis Baroseiro Júnior
3. Data de projecto
20 de Dezembro de 1964
4. Data de construção
Junho de 1965
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 280m²
6. Área da propriedade
Cerca de 2200m²

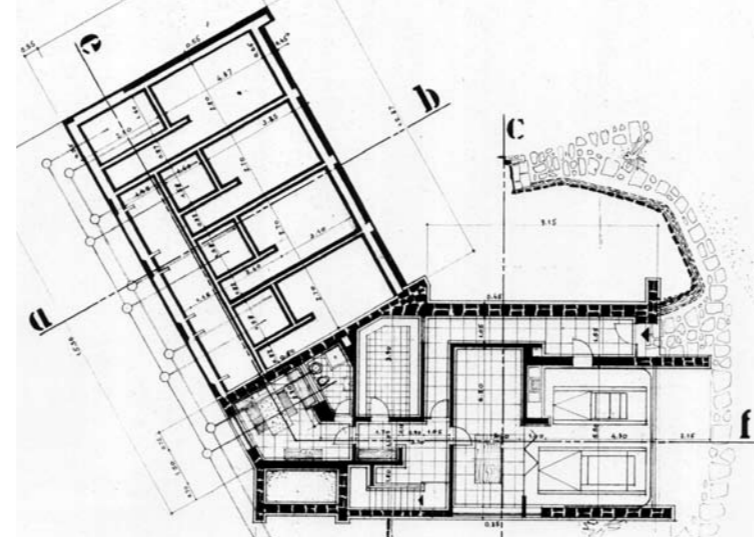
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Estrada de S. Pedro (NO)
2. Implantação/enquadramento
Isolada ao meio do lote
3. Tipologia
Em L, com ângulo obtuso
4. Distribuição funcional
Duas zonas distintas estão divididas em dois volumes diferentes. De um lado a zona social com a cozinha e a sala comum, do outro lado, a zona íntima com quatro quartos suite, aos quais se acede através de um corredor que preenche todo o alçado sudeste. O hall de entrada é o ponto central que liga as duas áreas da casa, através do qual se faz a distribuição destas. Existe ainda uma cave aproveitada do desnível do terreno, onde se encontram a garagem, sala de jogos/ engomar, despensa, lavadouro e quarto e casa de banho da "criada". O espaço da cave corresponde em planta à área do volume social.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura inclinada (tradicional) de duas águas
 - 5.3. Aberturas
Largos envidraçados na zona comum e quartos virados para o jardim traseiro (SO).
Janelas verticais no corredor (NE).
Janelas rectangulares/ em comprimento na cozinha.
 - 5.4. Materiais
Fundações e algumas paredes de elevação em pedra.
Cobertura em telha romana.
Paramentos exteriores rebocados e chapiscados – aspecto rugoso.

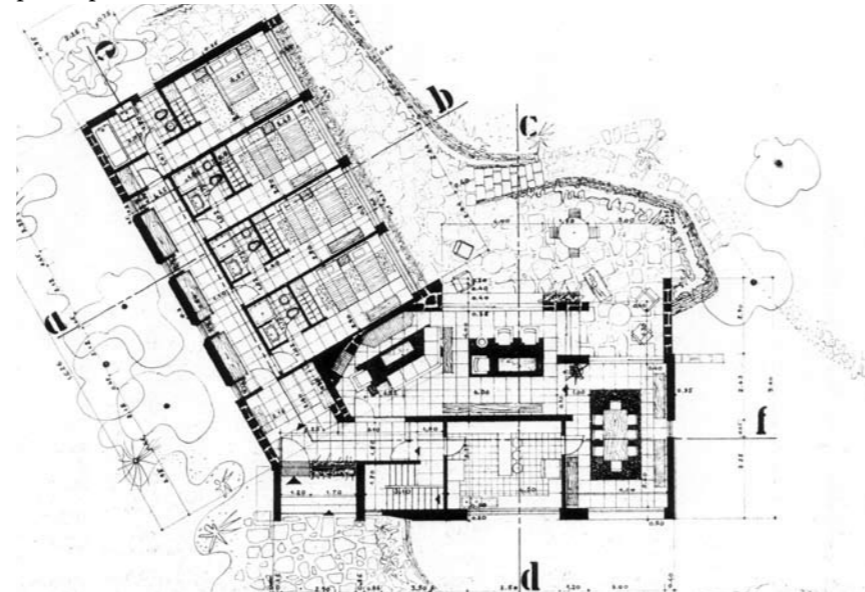
Desenhos



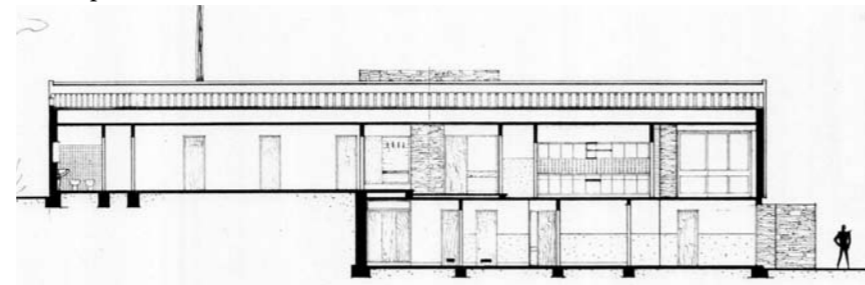
Planta de implantação



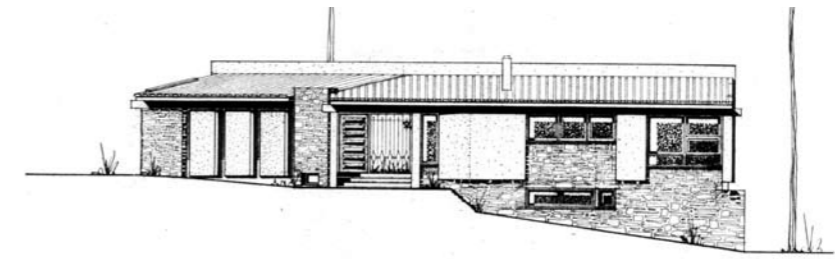
planta piso -1



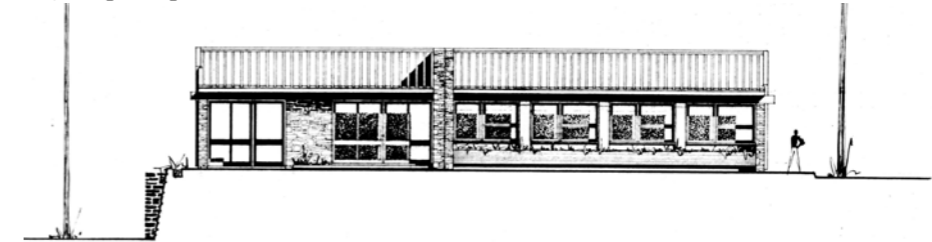
Planta piso 0



Corte EF



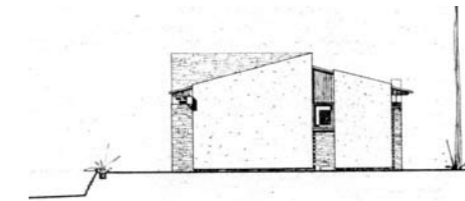
Alçado principal



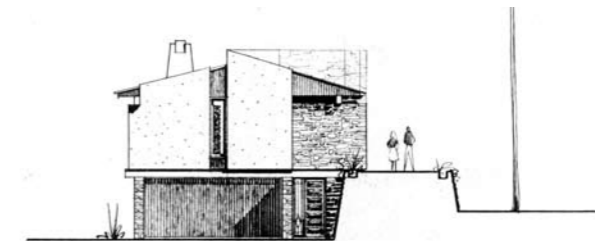
Alçado posterior



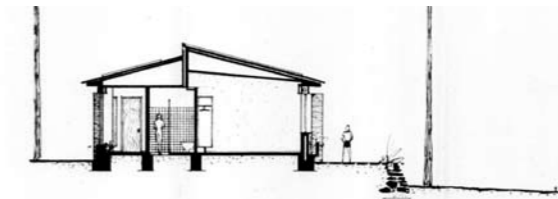
Alçado lateral Nordeste



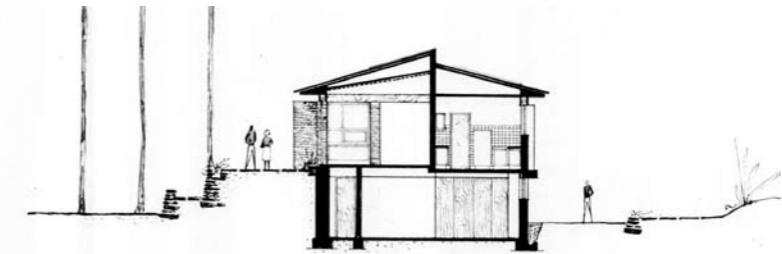
Alçado lateral Este



Alçado lateral Sudoeste



Corte AB



Corte CD
Escala



C
A
S
A

P
A
U
L
I
N
A

G
I
R
A
L
T

R
I
U
S



Ficha Y

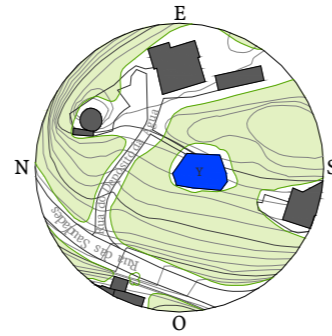
Identificação do edifício

1. Requerente
António Marques Reis
2. Autor
Frederico George
3. Data de projecto
15 de Julho de 1963
4. Data de construção
Junho de 1964
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 190m²
6. Área da propriedade
Cerca de 2300m²

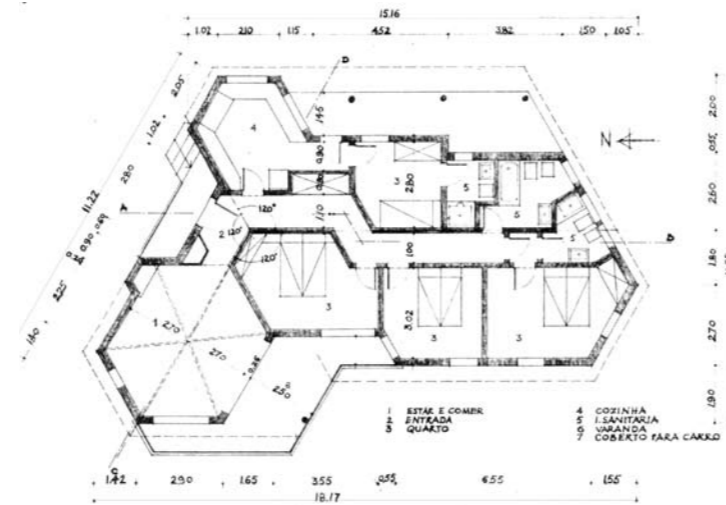
Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua do Depósito da Água (N)
2. Implantação/enquadramento
Isolado ao meio do lote
3. Tipologia
Em L
4. Distribuição funcional
Compartimentos distribuídos por três zonas: de estar e jantar, de quartos e de serviços. A primeira é constituída pela sala comum, hexagonal, que se estende para uma larga varanda, virada a sul. A segunda é composta por três quartos e está orientada a nascente. A zona de serviços comporta a cozinha e quarto e instalações sanitárias da "criada".
O declive do terreno foi aproveitado para um recinto onde se pode guardar o automóvel.
5. Caracterização
 - 5.1. N.º de pisos
2 Pisos
 - 5.2. Cobertura
Cobertura de quatro águas com intersecção num único ponto.
 - 5.3. Aberturas
Predomínio das janelas verticais.
Grande envidraçado entre a sala comum e a varanda.
 - 5.4. Materiais
Alvenaria de tijolo.
Telha tipo Campos.

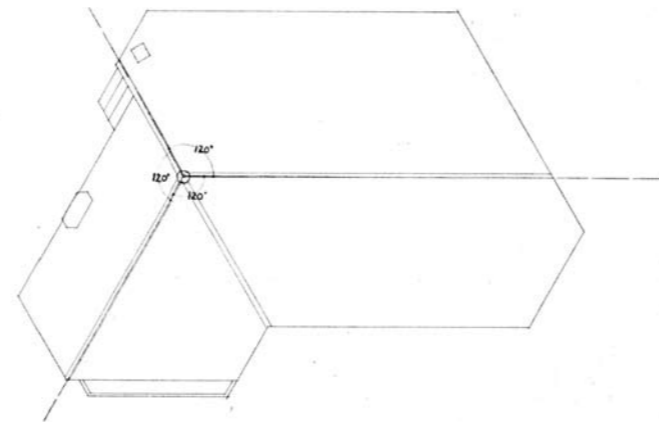
Desenhos



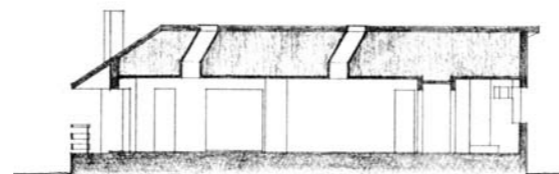
Planta de implantação



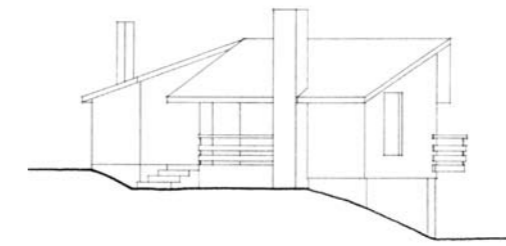
Planta piso 0



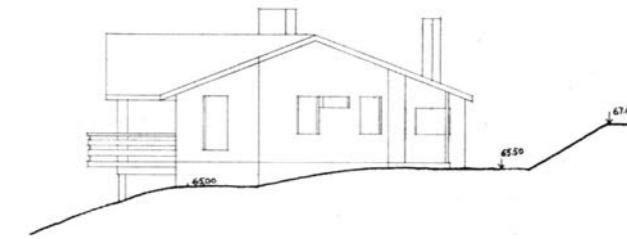
Planta de coberturas



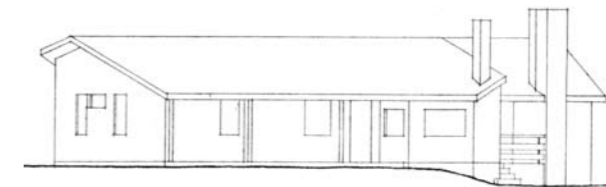
Corte AB



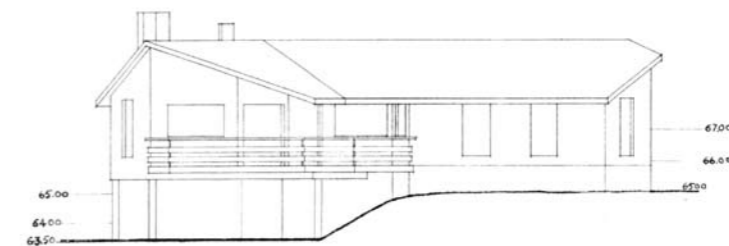
Alçado Norte



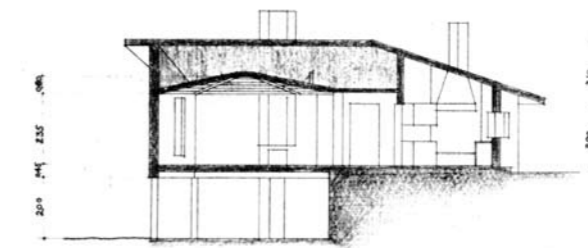
Alçado Sul



Alçado Nascente



Alçado Poente



Corte CD
Escala



C
A
S
A

A
N
T
O
N
I
O

R
E
I
S



Ficha Z

Identificação do edifício

1. Requerente
Victor Manuel de Noronha Santos Gallo
2. Autor
Arquitecto Manuel Tainha
3. Data de projecto
23 de Abril de 1969
4. Data de construção
Outubro de 1971
5. Área do edifício
Cerca de 380m²
6. Área da propriedade
Cerca de 1300m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua do Pôr-do-sol (S)
2. Implantação/enquadramento
Isolada, recuada ao centro do lote
3. Tipologia
Em U, com pátio.

4. Distribuição funcional

As peças da habitação dispõem-se em hemiciclo em torno do espaço central, o pátio. O objectivo é distribuir as divisões de acordo com a melhor exposição solar e panorâmica que se encontram em posições opostas. Assim têm-se na ala poente a entrada e os serviços, na ala sul a zona íntima, na ala norte a zona social e na cave as peças de apoio aos serviços (quarto das empregadas, despensa e arrumação). Existe ainda uma cobertura para abrigo de dois carros.

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 pisos

5.2. Cobertura

Cobertura plana

5.3. Aberturas

Fachada sul e norte das salas totalmente envidraçadas, tanto por grandes envidraçados como por janelas em comprimento.

Janelas de canto marcam zonas de viragem do volume.

Portadas envidraçadas envolvem todo o perímetro do pátio. Janelas em comprimento iluminam todos os quartos a Sul. Exteriormente não se percebem as divisões entre eles.

5.4. Materiais

Fundações, muro de suporte, estrutura, pavimentos e cobertura, em betão.

Paredes exteriores e interiores em tijolo.

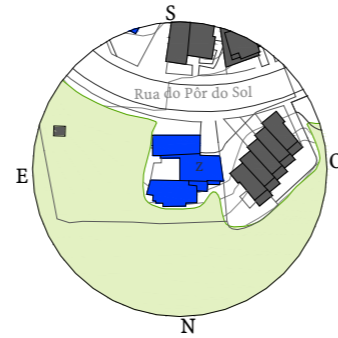
Cobertura revestida a chapa de zinco laminada.

As paredes exteriores em betão à vista (as estruturais) e as outras revestidas a tijoleira.

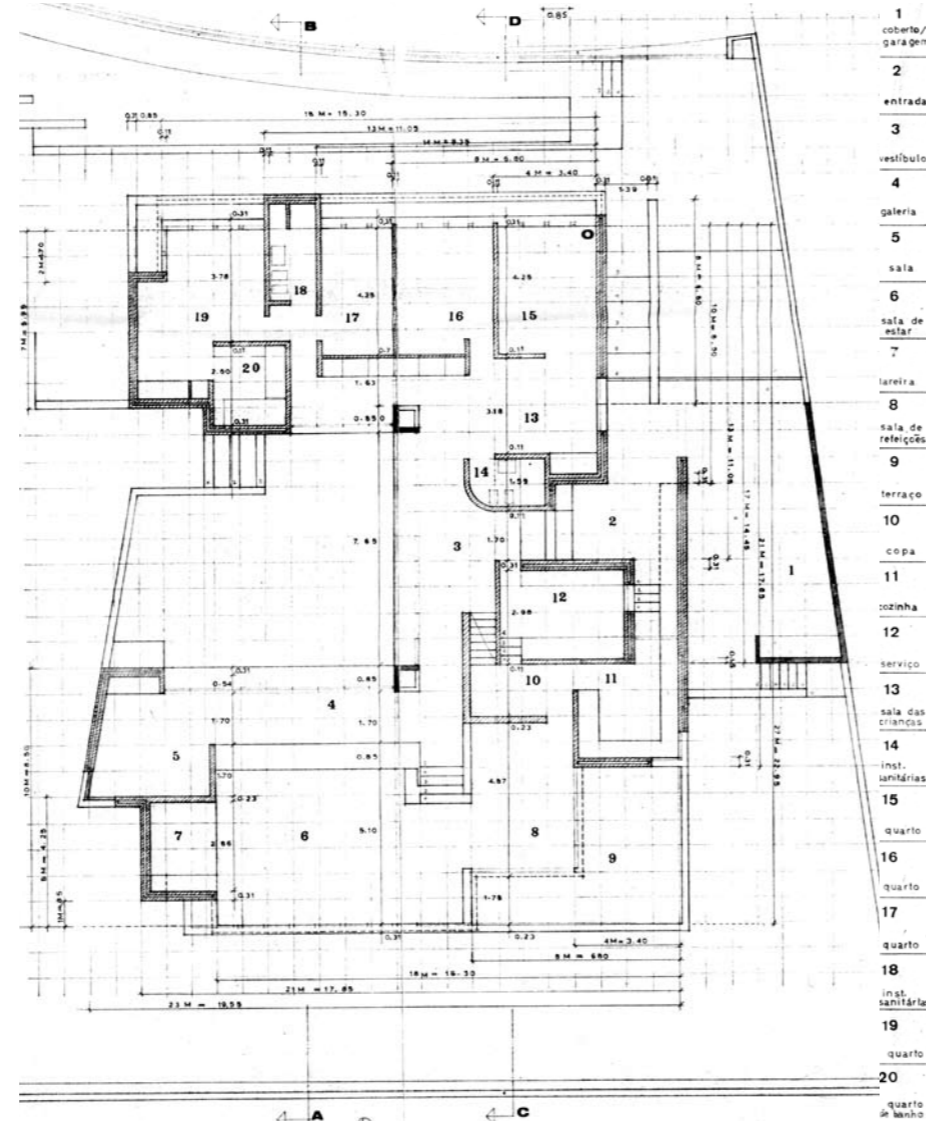
Janelas com caixilhos de madeira.

Pavimentos: quartos revestidos a alcatifa; instalações sanitárias e zonas de serviço com mosaico cerâmico; circulações, zonas sociais e terraço em tijoleira para encerar.

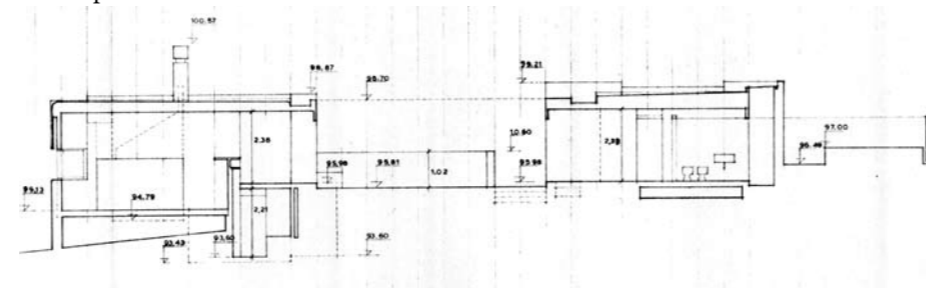
Desenhos



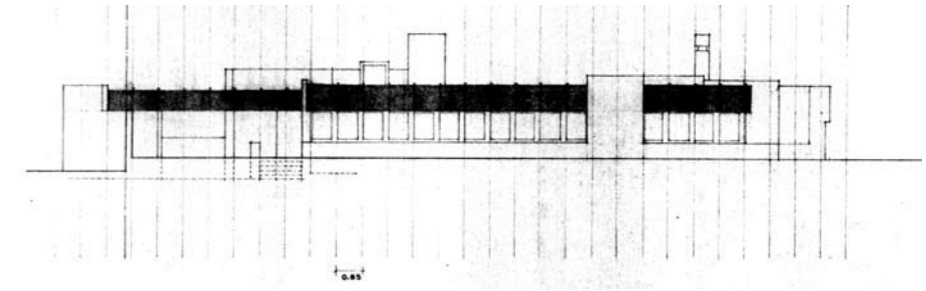
Planta de implantação



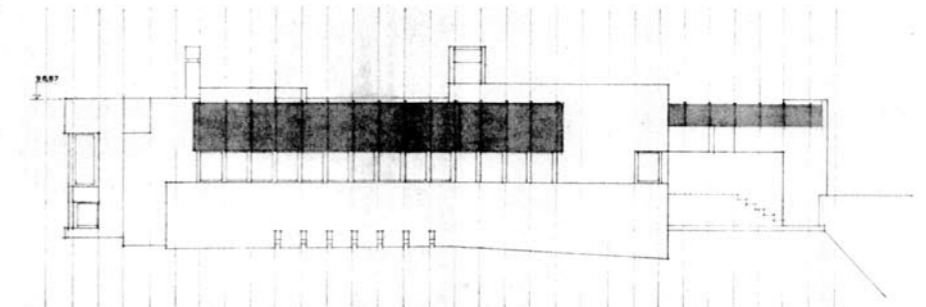
Planta piso 0



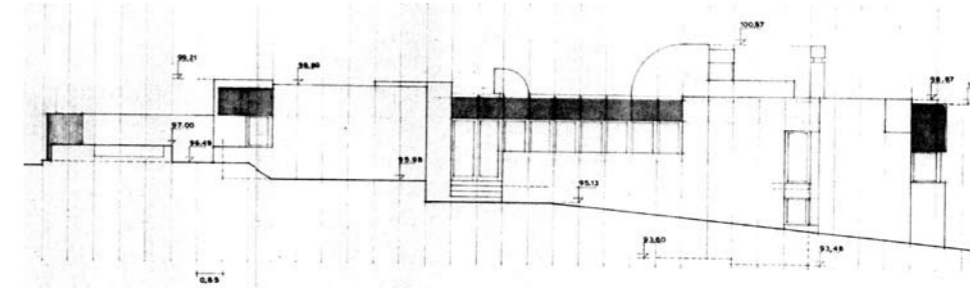
Corte AB



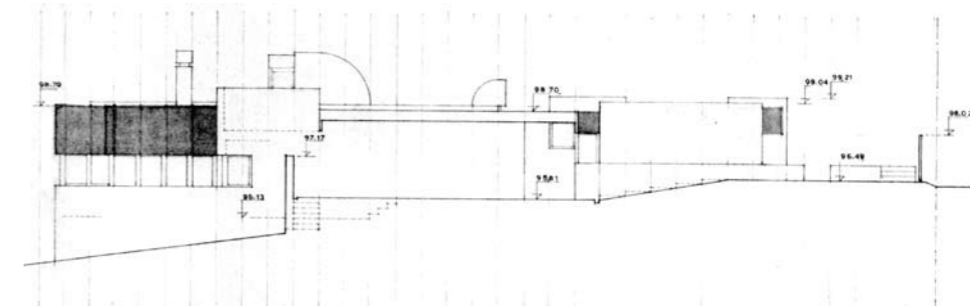
Alçado Sul



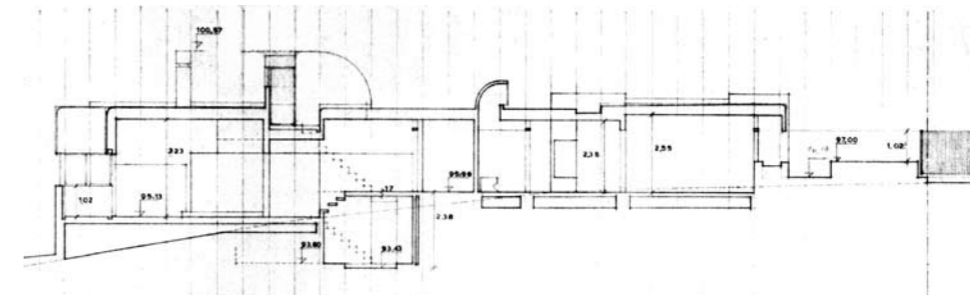
Alçado Norte



Alçado nascente



Alçado poente



Corte CD
Escala

C
A
S
A

V
I
C
T
O
R

G
A
L
L
O



Ficha AA

Identificação do edifício

1. Requerente
Waltrand Paula Wiebke Franz
2. Autor
António Abrantes
3. Data de projecto
12/03/1969
4. Data de construção
Março de 1969
5. Área de implantação do edifício
Cerca de 270m²
6. Área da propriedade
Cerca de 840m²

Caracterização arquitectónica

1. Localização
Rua do Pôr do Sol (N/E)
2. Implantação/enquadramento
Isolada na frente do lote
3. Tipologia
Em L com recortes
4. Distribuição funcional

A entrada na casa faz-se pelo piso 0 (cota da rua), onde se encontram, também, a garagem e uma sala de jogos. No piso superior (à cota do terreno existente), as áreas social e íntima estão perfeitamente divididas pelo hall e escadas. Assim à esquerda (SE) da escada acede-se aos quartos e casas de banho e à direita (NO) desta encontra-se a sala comum à qual se associam os compartimentos de serviços (cozinha e despensa)

5. Caracterização

5.1. N.º de pisos

2 Pisos

5.2. Cobertura

Cobertura de cinco águas a duas alturas distintas.

5.3. Aberturas

Grandes envidraçados na sala comum.

Janelas verticais e de dimensões

Janelas de duas folhas com portadas

5.4. Materiais

Vigas, pilares e laje da cobertura em betão armado.

Telha na cobertura.

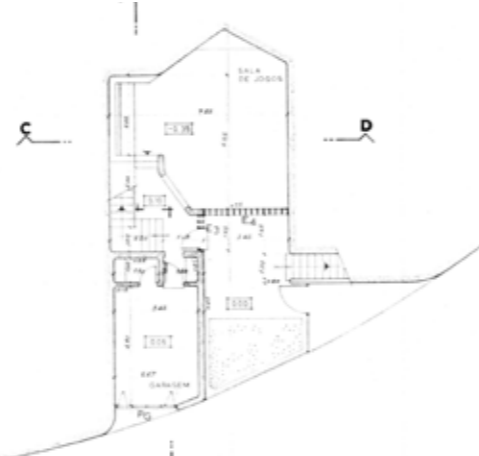
Paredes exteriores rebocadas e brancas.

Embasamento em pedra.

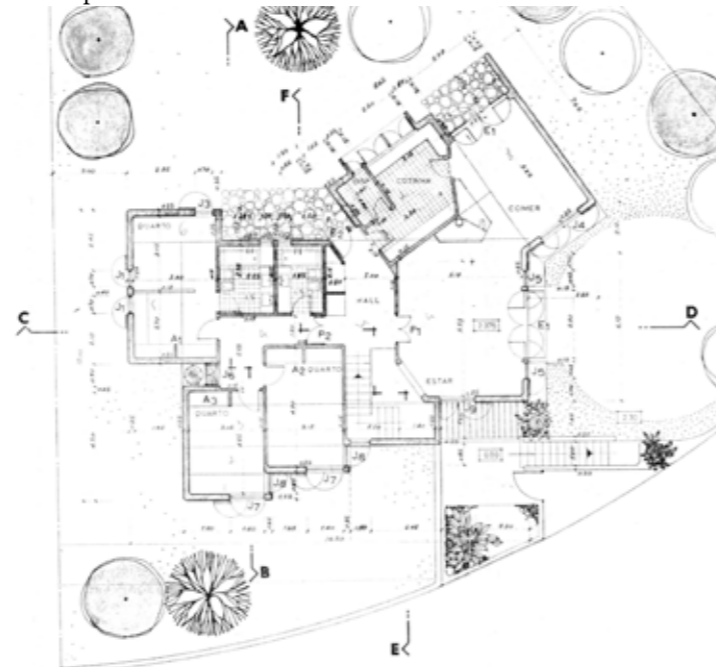
Desenhos



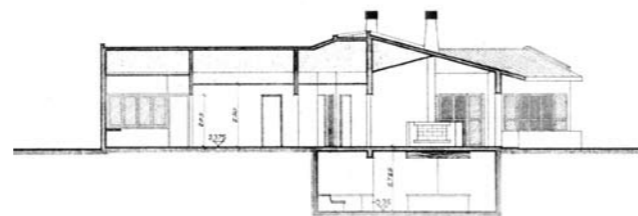
Planta de implantação



Planta piso 0



Planta piso 1



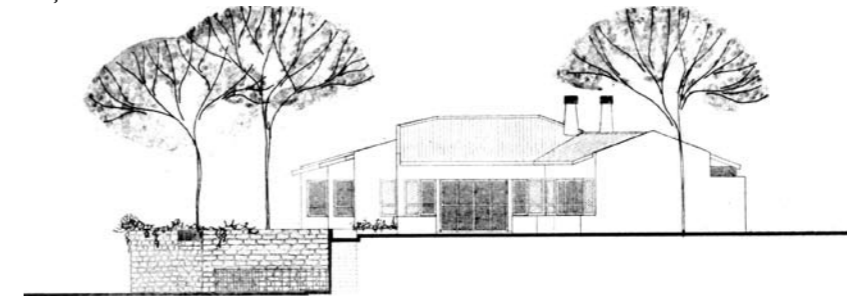
Corte CD



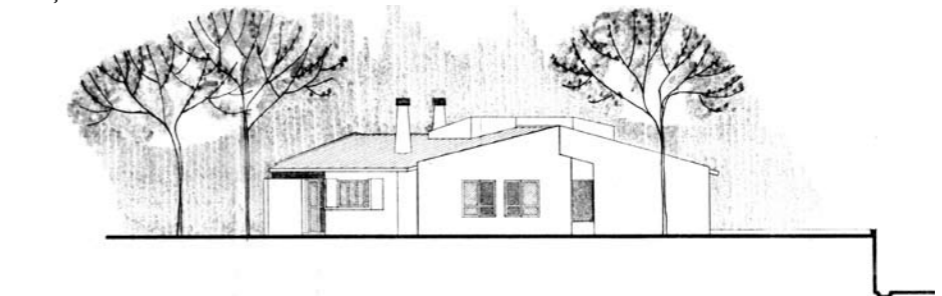
Alçado Nascente



Alçado Poente



Alçado Norte



Alçado Sul



Corte AB



Corte EF
Escala



C
A
S
A

W
A
L
T
R
A
N
D

F
R
A
N
Z

